UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TÊXTIL E MODA

EMERSON SILVA MENESES

Quem é esse rapaz que tanto androginiza?
Transgressões vestimentares nas homossexualidades não-hegemônicas

São Paulo

2019

EMERSON SILVA MENESES

Quem é esse rapaz que tanto androginiza?

Transgressões vestimentares nas homossexualidades não-hegemônicas

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 25 de junho de 2019. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução COPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de concentração: Têxtil e Moda

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Regina Garcia Vicentini

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

CRB 8- 4936

Meneses, Emerson Silva

Quem é esse rapaz que tanto androginiza? Transgressões
vestimentares nas homossexualidades não-hegemônicas / Emerson
Silva Meneses ; orientadora, Claudia Regina Garcia Vicentini. – 2019
147 f. : il

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-
Graduação em Têxtil e Moda, Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, Universidade de São Paulo
Versão corrigida

1. Moda - Aspectos sociais. 2. Homossexualidade. 3.
Gêneros (Gêneros sociais). I. Vicentini, Claudia Regina
Garcia, orient. II. Título.

CDD 22.ed. –. 391

Nome: MENESES, Emerson Silva

Título: Quem é esse rapaz que tanto androginiza? Transgressões vestimentares nas homossexualidades não-hegemônicas

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda.

Área de concentração: Têxtil e Moda

Aprovado em: 25/06/2019.

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Ronaldo Trindade
Universidade do Vale do Sapucaí

Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz
Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Profa. Dra. Beatriz Helena Fonseca Ferreira Pires
Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Cláudia Garcia, pela disponibilidade e coragem em abraçar um trabalho como este.

À banca de qualificação, professoras Elizabete Franco e Suzana Avelar, que apontaram de maneira cuidadosa contribuições significativas para a conclusão deste trabalho.

Aos professores, da USP e de fora dela, que contribuíram para minhas insônias produtivas: Ronaldo Trindade, Beatriz Pires, Julio Simões, Alessandro Silva, Márcia Merlo, Luiz Trigo.

Aos colegas que dividiram angústias.

Ao Teatro e às artes, que conseguem reproduzir a vida real até aos olhos dos desavisados.

Às bichas corajosas que admiro hoje mais do que nunca.

Aos entrevistados amorosos, Tulio, Gui, Ali, João e Vinny, que me permitiram entender um "tico" de suas vidas e mostraram ser “amor da cabeça aos pés”.

Aos meus amigos que me apoiaram incondicionalmente nesse período de pesquisas.

A Bruna de Carvalho pelo incentivo e pela amizade em todas as horas.

Ao meu pai, Elihu (em memória), por ter me presenteado com a liberdade e com ensinamentos para (me) questionar e buscar entender, e por ter dividido seus olhares.

À minha mãe, Nadja, embora além deste texto existam outras formas de agradecer.

Para agradecer a Martin Jayo, vou precisar de uma vida inteira.

Por fim, devo mencionar que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*"Quem é esse rapaz que tanto androginiza?
Que tanto me convida pra carnavalizar
Que tanto se requebra do céu de um salto alto
E usa anéis e plumas pra lantejoulizar
Que acena e manda beijos pra todos seus amores
E vive sempre a cores pra escandalizar"*

(Kledir Ramil, Androginismo, 1978)

RESUMO

MENESES, Emerson Silva. **Quem é esse rapaz que tanto androginiza?** Transgressões vestimentares nas homossexualidades não-hegemônicas. 2019. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2019. Versão corrigida.

O trabalho investiga as formas contemporâneas de disrupção da homossexualidade hegemônica no Brasil praticadas por gays efeminados, e em específico o papel das escolhas vestimentares como instrumento político de performance de homossexualidades contra-hegemônicas. A pesquisa se inicia por uma revisão de literatura por meio da qual procuramos colocar em perspectiva os vínculos entre moda e homossexualidade masculina ao longo da história do Brasil, evidenciando os diferentes sentidos historicamente atribuídos ao uso da moda como expressão de homossexualidades. Em seguida, procedemos a entrevistas pessoais em profundidade com cinco homens gays efeminados residentes na cidade de São Paulo, que não se encaixam no padrão heteronormativo hegemônico, com foco em seus usos vestimentares. Por meio da análise percebemos seu questionamento em relação às tentativas sociais de universalização, ou padronização, da performance de homossexualidade masculina. O estudo contribui para um melhor entendimento dos homossexuais masculinos contemporâneos que se opõem às coerções de uma masculinidade hegemônica.

Palavras-chave: Masculinidade. Homossexualidade masculina. Moda. Orientação sexual. Gênero.

ABSTRACT

MENESES, Emerson Silva. **Who is that boy that androgynizes that much?** Dress transgressions in non-hegemonic homosexualities. 2019. 147 p. Dissertation (Master of Science) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2019. Corrected version.

This research investigates the contemporary forms of disruption of hegemonic homosexuality practiced in Brazil by effeminate homosexuals, and particularly the role of dress as a political instrument of performance of counter-hegemonic homosexualities. The research begins with a literature review through which we try to put into perspective the links between fashion and male homosexuality throughout Brazilian history, emphasizing the different meanings that have been historically attributed to fashion as a homosexuality sign. Next, we conducted in-depth personal interviews with five effeminate gay men living in the city of São Paulo who do not fit into the hegemonic, heteronormative pattern, focusing on their dress uses. Through the analysis of the interviews we assess their questioning of social attempts of standardization of male homosexual performances. The study contributes to a better understanding of contemporary gay individuals who react to the coercions of a hegemonic masculinity.

Keywords: Masculinity. Male homosexuality. Fashion. Sexual orientation. Gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Túnica criada pelo estilista Jacques Esterel	16
Figura 2 - Moda unissex em 1970	17
Figura 3 - Edy Star promovendo o lançamento de seu disco	21
Figura 4 - Ney Matogrosso usando joias e lenços femininos	22
Figura 5 - Homem gay de São Francisco retratado com acessórios usados para comunicação não-verbal	24
Figura 6 - Reportagem do jornal Lâmpião da Esquina com Clodovil	25
Figura 7 - O ideal de perfeição masculina de Tom of Finland	26
Figura 8 - Edição comemorativa da revista Sui Generis com Renato Russo	29
Figura 9 - Johnny Luxo, personagem da noite clubber paulistana	31
Figura 10 - O rapper brasileiro Rico Dalasan, um exemplo de masculinidade contra-hegemônica	33
Figura 11 - Cena do espetáculo Cabaré Falocrático (Casa das Rosas, São Paulo, 2017)	40
Figura 12 - Cena do espetáculo Cabaré Falocrático (Galpão Folias, São Paulo, 2015)	41
Figura 13 - Tulio	47
Figura 14 - Tulio	47
Figura 15 - Tulio	48
Figura 16 - Tulio	49
Figura 17 - Guilherme	55
Figura 18 - Guilherme	56
Figura 19 - Guilherme	59
Figura 20 - Guilherme	60
Figura 21 - Alison	64
Figura 22 - Alison	66
Figura 23 - Alison	71

Figura 24 - João	72
Figura 25 - João	73
Figura 26 - João	75
Figura 27 - João	76
Figura 28 - João	78
Figura 29 - Vinícius	82
Figura 30 - Vinícius	83
Figura 31 - Vinícius	84
Figura 32 - Reprodução de conversa em aplicativo	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Tema e motivação da pesquisa	1
1.2 Justificativa da pesquisa.....	2
1.3 Problematização e objetivo	4
1.4 Estrutura da dissertação	5
 2 ENTRE DEMONSTRAÇÃO E DISSIMULAÇÃO: UM OLHAR HISTÓRICO PARA A RELAÇÃO ENTRE MODA E HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NO BRASIL	 6
2.1 Travestimento e sodomia na colônia e no império: vinculações entre vestimenta e sexualidade.....	6
2.2 O homossexual patologizado do final do século XIX e das primeiras décadas do XX: o "homossexualismo" e a roupa do doente	11
2.3 Desbunde e moda unissex.....	15
2.4 Anos 80: O bofe e a pintosa.....	25
2.5 Anos 1990/2000: Travesti não é bagunça (e bicha também não)	28
2.6 As bichas do século XXI: novos dândis?.....	32
 3 O PERCURSO DA PESQUISA	 36
3.1 Em busca de uma lente teórica.....	36
3.1.1 Foucault	36
3.1.2 Butler.....	37
3.2 Percurso metodológico.....	39
3.2.1 A escolha do objeto	39
3.2.2 Recorte empírico e temporal da pesquisa	41
3.2.3 Escolha dos entrevistados e estratégias de coleta de dados.....	42
 4 AGORA QUE SÃO ELAS!.....	 45
4.1 Tulio.....	46
4.2 Guilherme	54
4.3 Alison.....	64
4.4 João	72
4.5 Vinícius	81

5 CRUZANDO AS VOZES: OS ENTREVISTADOS E SEUS CORPOS VIADOS.....	91
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO CAMINHO PERCORRIDO À <i>FECHAÇÃO</i> DA PESQUISA (NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM!)	97
REFERÊNCIAS	102
ANEXO A - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO.....	110
ANEXO B - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	111

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tema e motivação da pesquisa

Esta pesquisa visa o estudo social e comportamental de homossexuais cisgênero ditos efeminados e orgulhosamente *queer*. O termo *queer*, conforme mencionaremos mais adiante, deriva de uma gíria em inglês empregada originalmente para designar de forma depreciativa minorias sexuais, tendo-se tornado com o tempo, um termo que categoriza identidades alternativas.

Essas minorias são hoje muito mais visíveis, ao menos para uma parte da sociedade, do que antes. Hoje as performances de gênero se multiplicaram e escaparam dos esquemas binários, inclusive nas relações profissionais-pessoais-políticas e nos ambientes estéticos que compreendem também a moda e seu consumo. As fronteiras binárias são constantemente atravessadas, e para muitos sujeitos o lugar social/estético confortável está nas fronteiras propriamente. Entre eles estão os sujeitos da nossa pesquisa. São viados, bichas, efeminados, pocs, termos todos estes outrora utilizados de forma pejorativa e hoje adotados também como forma de orgulhosa autodenominação. São homens que assumem uma estética ignorada pelo marketing e hostilizada pela sociedade, na medida em que é preterida em relação a uma imagem padronizada da população gay. Os grupos gays heteronormatizados, chamados "discretos" e/ou "padrão" na comunidade gay, atingem uma mais fácil aceitação em diferentes nichos da sociedade, ao contrário dos homossexuais que elegemos para nosso estudo.

O estudo deste grupo menos aceito pode jogar luz sobre as formas de transgressão a essa exigência comportamental/social/consumidora hegemônica. Estes homossexuais não hegemônicos compõem um grupo social que não se molda a um modelo pré-estabelecido e aceito, escolhendo confrontar esse modelo heteronormativo por meio da estética, do vocabulário adotado e do uso de roupa e/ou acessórios tradicionalmente, ou hegemonicamente, considerados femininos. Esse grupo encoraja-se por meio da espontaneidade, entendida nos termos de Ostrower (1977): "ser espontâneo apenas significa ser coerente consigo mesmo" (OSTROWER, 1977, p. 147). Para isso, há de se ter coragem frente às normas impostas diariamente, pois como nos lembra Castelo Branco (2017): "o mundo que nos cerca não é, exatamente, um tempo que incentiva formas de vida rebeldes e indóceis; pelo contrário, incentiva formas de vida conformadas e acomodadas" (CASTELO BRANCO, 2017, p. 115). Este autor, ao

analisar Foucault, também afirma que os sujeitos se engajam em um comportamento libertário voltado à experimentação e criação na vida cotidiana. Eles "realizam a atitude de modernidade", isto é, "um modo de relação com a atualidade; uma escolha voluntária feita por alguns; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, ao mesmo tempo, caracteriza um pertencimento e se apresenta como uma tarefa" (FOUCAULT, [1984] 2005, pp. 341-342). Mais precisamente, uma tarefa questionadora de masculinidades e comportamentos gays hegemônicos.

1.2 Justificativa da pesquisa

Percebemos nas últimas décadas um processo de crescente aceitação da homossexualidade na sociedade, inclusive na brasileira. O homossexual perde gradativamente seu caráter marginal e subalternizado e migra para papéis menos periféricos no mercado e na sociedade. Reflexo disso é a maior visibilidade dos gays nas ruas, sua inserção crescente nos meios corporativo e político, seu reconhecimento como mercado consumidor e sua introdução nos meios de comunicação de massa. Gays são personagens importantes nas telenovelas, participam de programas de TV ou mesmo tornam-se celebridades midiáticas, haja vista as celebridades gays do meio artístico, das mídias sociais, etc.

Essa transição na mudança do papel exercido pelo homossexual é refletida na sociedade, também, por meio da literatura e do teatro. Os personagens marginais gays de Plínio Marcos não são mais vistos como a única maneira de se exercer a homossexualidade. Os personagens homossexuais masculinos no teatro exercem atividades ditas respeitáveis, que os aproximam da imagem de aceitação na sociedade como, por exemplo, os retratados pelo autor teatral pós-modernista Daniel MacIvor. Os homossexuais masculinos outrora retratados no cinema como personagens doentios começam a dar lugar ao gay cuja imagem é aceita em comerciais de perfumes. É criada uma identidade homogênea de mais fácil compreensão e aceitação.

Entretanto, exatamente por essa maior aceitação, percebemos também a existência de uma "homossexualidade padrão", que flerta com a invisibilidade. A homossexualidade aceita é a homossexualidade do marketing, do mercado consumidor gay, da publicidade, da padronização, da normatividade dentro da homossexualidade. A homossexualidade passa a ser associada a determinados signos de comportamento e consumo, aos quais deve aderir para tornar-se aceitável. O homossexual aceito é aquele

que adere a uma determinada estética: o "homossexual inodoro" (HOCQENGHEM, 1980), o gay "discreto", masculino, palatável à sociedade heteronormativa, muitas vezes visto de uma maneira generalizada apenas como o sujeito branco, de classe média e detentor de um padrão econômico que lhe possibilita inserir-se mais facilmente na ideia de uma universalidade gay, com uma identidade única buscando incessantemente a legitimidade no contrato social (BUTLER, 1990). Temos assim uma aceitação da homossexualidade desde que haja "o cumprimento das expectativas com relação ao gênero e a um estilo de vida que mantêm a heterossexualidade como um modelo inquestionável para todos/as" (MISKOLCI, 2016, p. 45). Inclusive no que tange às escolhas vestimentares.

O conceito de masculinidade hegemônica (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013), referindo-se a um conjunto de práticas normativas sociais e culturais, nos ajuda a perceber as diferentes masculinidades e os contrastes ou relações entre as masculinidades chamadas hegemônicas, mais aceitas e desejadas, e aquelas subalternas, que não se encaixam nos padrões. As diferentes masculinidades e suas relações são "organizadas em sistemas tensos de hegemonia /subalternidade" (ALMEIDA, 2005, p. 122), o que cria não somente hierarquias de poder entre homens heterossexuais e homens gays, mas também dinâmicas de poder entre os próprios homens homossexuais, os quais, para os efeitos de nossa pesquisa, podemos considerar divididos em dois grupos: os gays hegemônicos, heteronormatizados e mais aceitos socialmente, e os efeminados contra-hegemônicos.

Temos percebido, no entanto, um movimento nas novas gerações que se opõe a esse padrão estabelecido e começa a questionar essas exigências sociais. Questiona-se esse padrão, inclusive, no que diz respeito ao consumo de moda: muitos homossexuais masculinos passam a utilizar peças de vestimenta femininas, as quais não seriam usadas por aqueles homossexuais masculinos padronizados e aceitos socialmente. Do ponto de vista comportamental, também se apropriam dos termos pejorativos ou ofensivos a eles historicamente dirigidos – autointitulando-se orgulhosamente bicha, viado, poc etc. – e fazem disso um dos pilares da cultura de resistência e de sua liberdade. Escancaram formas estéticas e comportamentais que não seriam um traço desejável em um homem heterossexual ou de um gay "discreto" e hegemônico, combatendo o machismo e misoginia de uma sociedade que necessita da constante afirmação do masculino. Enfrentam essa imposição de papéis associados a gênero na sociedade, e o fazem como uma maneira de resistência política em que o uso de moda assume papel importante.

Diante desse comportamento, a proposta desta pesquisa é estudar esta homossexualidade *contra-hegemônica* (homens orgulhosamente efeminados contestadores do padrão masculino normativo), com ênfase no seu comportamento e escolha de vestimentas como forma de questionar padrões, lidar com questões de aceitação/não-aceitação social e posicionar-se contra-hegemonicamente.

1.3 Problematização e objetivo

Dada essa discussão, a pesquisa propõe um estudo das rupturas frente às visões hegemônicas da homossexualidade masculina. Expliquemo-nos: na medida em que o *queer* sinaliza para o estranho e para a contestação, a pesquisa propõe o entendimento do embate entre um grupo gay contra-hegemônico – bichas efeminadas – e o segmento gay hegemônico – o "gay macho" (LEVINE, 1998), discreto e heteronormatizado.

Ao fazer isso, a pesquisa pretende questionar as transgressões no campo da moda que refletem uma perspectiva sociopolítica da homossexualidade não-hegemônica. Quer-se responder, em última análise, quais os mecanismos de performance dessa homossexualidade não-hegemônica, e qual o papel das escolhas de moda nesses mecanismos.

Desta forma, pode-se expressar o objetivo da pesquisa como sendo: *discutir os elementos contemporâneos de disrupção da homossexualidade hegemônica no Brasil praticados consciente e politicamente por gays orgulhosamente efeminados, investigando em específico o papel das escolhas vestimentares como instrumento político de performance de homossexualidades contra-hegemônicas.*

Importante salientar que não nos referimos em nossa análise ao travestimento ou à transgeneridade, ainda que por vezes os mencionemos. O que pretendemos é contribuir para o entendimento do uso de moda por gays não-hegemônicos – homens cisgênero efeminados, frequentemente chamados de viados, bichas, poc – como resposta e em desacordo às normas masculinizantes.

Também não nos referimos à arte *drag*, ao *crossdressing* ou ao não-binarismo. Não falamos de não-binarismo uma vez que nosso foco é centrado exclusivamente em homens cisgênero. Também não falamos de praticantes do *crossdressing*, na medida em que essa é uma prática de travestimento (GRUNVALD, 2016, p. 126) ao passo que os sujeitos objeto desta pesquisa, mesmo usando por vezes elementos de indumentária feminina de forma pública e aberta, não se autodenominam *crossdressers*. Por fim, não

há nessa prática qualquer preocupação com a busca da passabilidade ou mesmo a utilização da paródia do feminino que caracterizaria a arte *drag*.

1.4 Estrutura da dissertação

Para fazer frente a esse objetivo, a presente dissertação se encontra estruturada em mais 6 capítulos, além desta Introdução.

O capítulo 2, intitulado *Moda e homossexualidade no Brasil: um olhar histórico*, tem por objetivo colocar em perspectiva histórica as vinculações entre homossexualidade masculina e moda no Brasil. Trata-se de evidenciar os diferentes signos e sentidos atribuídos ao uso da moda como expressão de homossexualidades ao longo do tempo. Isto nos permite contextualizar e compreender melhor, historicamente, o objeto a ser focado no restante do trabalho, qual seja, a atual contestação por meio da moda de um padrão hegemônico de homossexualidade masculina. Do ponto de vista metodológico, este capítulo se fundamenta em uma revisão de literatura.

O capítulo 3 (*O Percurso da Pesquisa*) estrutura-se em duas partes. A primeira menciona um conjunto de referências que consideramos importantes para guiar a análise, tomadas de empréstimo de dois autores – Michel Foucault e Judith Butler – e possibilitando também conexões com outros autores. A segunda apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa, isto é, a maneira como se chegou à definição do objeto e as estratégias adotadas para a condução da pesquisa de campo, baseada principalmente em entrevistas com homossexuais masculinos – cinco ao todo.

Os capítulos 4 e 5 apresentam a análise propriamente dita. O primeiro deles (*Agora que são Elas!*) apresenta cada um dos cinco entrevistados e analisa suas escolhas vestimentares, e o seguinte (*Cruzando as vozes: os entrevistados e seus corpos viados*) procede a uma análise conjunta e uma discussão de resultados, ressaltando as diferenças e similaridades encontradas.

O capítulo 6 apresenta as considerações finais – ou a *fechação*, um temo mais em sintonia com os sujeitos e o tema da nossa pesquisa. Fazemos ali um breve retrospecto do percurso percorrido pela pesquisa e ressaltamos a relevância do trabalho no atual momento político brasileiro, para em seguida apresentarmos aquilo que julgamos serem as contribuições do trabalho, suas limitações e sugestões para trabalhos futuros.

2 ENTRE DEMONSTRAÇÃO E DISSIMULAÇÃO: UM OLHAR HISTÓRICO PARA A RELAÇÃO ENTRE MODA E HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NO BRASIL

A proposta deste capítulo é fazer uma revisão da literatura sobre homossexualidade na história do Brasil, destacando em particular as vinculações entre homossexualidade e moda em diferentes períodos.

Nosso intuito é entender como a moda, com sua "comunicação de sinais identitários por meio do vestuário e de outros objetos ou práticas" (GODART, 2010, p. 24), contribuiu para a construção de diferentes identidades de homossexuais masculinos em uma sociedade em geral assimilacionista, isto é, que tolera ou aceita a homossexualidade desde que esta se encaixe em determinados padrões heteronormativos, ligados à imagem do corpo masculino idealizado. Com isso, o capítulo abordará o papel dos códigos vestimentares, ao longo do tempo, na demonstração e na dissimulação de homossexualidade. Discutiremos como a moda serviu como instrumento de regulação do corpo homossexual masculino e mais tarde como foi subvertida como um instrumento político de luta pela visibilidade homossexual. O capítulo se encontra estruturado em 6 seções compondo um esboço de periodização, ao apontar, ao longo da história, diferentes momentos da relação entre moda e homossexualidades masculinas.

2.1 Travestimento e sodomia na colônia e no império: vinculações entre vestimenta e sexualidade

Pode-se dizer que as primeiras manifestações da relação entre moda¹, homossexualidades e travestimento no Brasil datam do período colonial e estão ligadas, em parte, às artes cênicas.

Em um contexto em que a presença de mulheres nos palcos teatrais era proibida ou não era bem-vinda, atores homens eram obrigados a se travestir para interpretar

¹Referimo-nos à moda, nesse período, também como instrumento de distinção de classes. Sob essa ótica, e remetendo a uma necessidade de poder por meio da demonstração de diferenças sociais, tomamos a observação de Mara Rúbia Sant'Anna (2016) sobre a marca de uma sociabilidade pautada na aparência. Para a autora, a ostentação, também por meio das vestimentas, além da posse de sujeitos escravizados - negros e indígenas -, marcava a situação social na colônia pois "essa sociedade tão sutilmente composta em suas hierarquias, sempre encontrou em seus trajes as primeiras formas de impor diferenças" (SANT'ANNA, 2016, p. 65).

papéis femininos. Essa prática de travestimento cênico remonta aos autos dos jesuítas com objetivo de catequizar indígenas, no século XVI, vindo a popularizar-se por meio do figurino de encenações comerciais a partir do século XVIII (TREVISAN, 2000).

Para além da cena catequizadora, é também aos jesuítas que devemos registros sobre os "desvios" de sexualidade e as práticas homoeróticas, inclusive entre os índios, desde o século XVI, como nos aponta Luiz Mott. De acordo com Mott (2008), em 1551 o padre jesuíta Pero Correia escrevia de São Vicente, litoral paulista, ao seu superior em Lisboa, dizendo que

"O pecado contra a natureza, que dizem ser lá [em África] muito comum, o mesmo é nesta terra, de maneira que há cá muitas mulheres que assim nas armas como em todas as outras coisas, seguem ofício de homens e têm outras mulheres com que são casadas. A maior injúria que lhes podem fazer é chamá-las mulheres. Em tal parte, lho poderá dizer alguma pessoa que correrá risco de lhe tirarem a vida às frechadas" (MOTT, 2008, p. 24).

Correia analisava assim pela primeira vez o modo de vida de mulheres homossexuais no Brasil. Essa seria, até onde sabemos, a primeira notícia sobre a presença de homossexuais, no caso femininas, na Capitania de São Paulo, presença esta que seria confirmada em outras partes do Brasil por outros cronistas durante o século XVI.

Lembremos que o pecado da sodomia era uma prática considerada abominável pelos colonizadores aqui recém-chegados, fortemente discriminada pelo catolicismo. Antes mesmo da visitação do Tribunal do Santo Ofício no Brasil, na passagem do século XVI ao século XVII, como lembrado por Zenaide Gregório Alves (2011), já cabia aos donatários o julgamento de homossexuais na colônia, marcando períodos de perseguições e intolerância aos sodomitas que mesmo sob ferrenha vigilância encontravam maneiras para a realização de seus desejos. Os termos usados nos processos da Inquisição, ao referirem-se aos homossexuais brancos, índios e negros entre os anos de 1591 e 1620, eram "somitigo, tibira e jimbanda" (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 55).

Sobre um dos inquisidores vindos de Portugal para o Brasil com o intuito de verificar os casos confessos ou denunciados de sodomia, Ronaldo Vainfas nos conta que os praticantes de tais atos encontravam-se até então "protegidos pela fraqueza da estrutura eclesiástica e pela quase total ausência da Inquisição até o fim do século XVI",

situação modificada com "a instrução de D. João III a Duarte Coelho, em 1534, autorizando-o a condenar e mandar executar, sem apelação nem agravo, os sodomitas de qualquer realidade que lhe viessem às mãos" (VAINFAS, 2010, p. 211).

No que diz respeito às vestimentas, estas por vezes denunciavam a prática homoerótica, ao menos aos olhos dos inquisidores, tanto no século XVI quanto no século XVII. Zenaide Alves nos relata que os "Homoeróticos [...] demonstravam afeto publicamente ou ainda se caracterizavam, assumindo a postura e *vestindo-se como o ser do sexo escolhido*" (ALVES, 2011, p. 7, grifo nosso).

Ou ainda, por meio dos estudos de Vainfas, sabe-se do desejo pela vestimenta feminina por um homem escravizado no relato a seguir:

"Francisco Manicongo, escravo de um sapateiro na Bahia do século XVI, denunciado por duas vezes, uma delas por um padre jesuíta, de "usar o ofício de fêmea" nas relações que mantinha com outros negros. Travesti, recusava-se a usar o vestido de homem que lhe dava seu senhor, preferindo trazer um pano cingido com as pontas amarradas por diante" (VAINFAS, 2010, p. 218).

Embora a historiografia tradicional costume retratar Manicongo como homem homossexual, parece certo que, hoje, a personagem não seria considerada como tal mas sim como uma travesti. Para Vainfas, Manicongo era um "*homem* que causava espécie circulando naqueles trajes pelas ladeiras de Salvador “ (VAINFAS, 2010 p. 220, grifo nosso). De forma semelhante para Mott (2005), Francisco era um "quimbanda [...] escravo na Bahia [que] certamente já vivenciava no continente negro sua orientação homoerótica" (MOTT, 2005. p. 14). Apenas mais recentemente sua identidade de homossexual masculino tem sido revista, e hoje a personagem tem passado a ser chamada de Xica Manicongo (VIEIRA, 2017), como forma de reconhecer-lhe uma identidade feminina silenciada por séculos. Seja como for, o registro torna possível depreender a adoção da vestimenta feminina por indivíduos de sexualidade dissidente desde o Brasil colônia, época em que as categorias atuais de identidade e orientação sexual estavam muito longe de se desenvolver.

O travestimento em embarcações que chegavam ao Brasil parecia ser, conforme Mott (2008), uma prática comum para o disfarce de homens e mulheres durante a viagem. Sobre um senhor na São Paulo do século XVII, diz Mott:

"O Procurador da Capitania de São Paulo, Vasco da Mota, alertou à Câmara que haviam desembarcado no litoral de São Paulo ‘mais de vinte homens que pareciam ser elementos perigosos: homens facinorosos e padres fugidos de seus misteres e mulheres em trajes de homens e leigos em trajes de frades’. Por este motivo,

requereu à Câmara que fosse proibida a passagem de tais indivíduos, ordem que aparentemente pouco valeu, pois a 1-4-1623 informava-se ao Conselho que ‘muitos forasteiros passavam por São Paulo a caminho de Vila Rica, frades, clérigos e mulheres em trajes de homens e homem em trajes de mulheres' (MOTT, 2008, p. 26).

Mas é nas artes cênicas que a relação entre moda, homossexualidade e travestimento se manifestará mais intensamente, nos primeiros séculos da história do Brasil. Até muito entrado o século XIX, por ser uma atividade extremamente marginal, a cena teatral no país caracterizou-se por ser um território eminentemente masculino, interdito a mulheres – ao menos as de "boa fama".

Somente após a chegada da Família Real portuguesa, em 1808, a cena teatral começa lentamente a ganhar valor sociocultural e passa a receber alguns poucos atores e atrizes de companhias estrangeiras, embora ainda carregasse em grande parte o caráter de marginalidade (MENESES e VIANA, 2017). Trevisan (2000) menciona as primeiras "atrizes francesas que chegaram ao Brasil para trabalhar em operetas, a partir de 1860, nos teatros das grandes cidades, especialmente no Rio de Janeiro" (TREVISAN, 2000, p. 232). Nesse período, segundo o autor, espetáculos com homens fazendo personagens de mulheres seguiam sendo numerosos, sobretudo quando se tratava de papéis cômicos.

Nos estudos de Almeida Prado (1999), encontramos mais registros a respeito da prática do travestimento cênico no Brasil nos séculos XVIII e XIX. Eram em geral espetáculos teatrais de má qualidade e de certa forma amadores, encenados por negros e mestiços, escravos alforriados ou não, além de diferentes grupos sociais tais como estudantes, professores, funcionários públicos e militares. Lembremos que a atividade teatral era menosprezada pela classe dominante da época, como relatado por Trevisan (2000).

A indumentária feminina usada nos palcos não é uma evidência de homossexualidade, entretanto pode em alguns casos ser vista como uma chance de exercer essa homossexualidade em público, ao menos em atividade artística, estendendo-se do século XVIII até o século XIX. Trevisan (2000) em um capítulo dedicado à cena travestida da época, nos conta que "consagrada no ambiente teatral, a prática profissional do travestismo ocorria num contexto social nada inocente de disseminação da pederastia, que com certeza lhe adicionava conotações não exclusivamente profissionais" (TREVISAN, 2000, p. 238).

O fenômeno do travestimento em cena ocorria não apenas nos grandes centros, mas também em localidades menos importantes (TREVISAN, 2000, p. 237), como por exemplo na pacata e pouco expressiva São Paulo, como observa o viajante francês Auguste de Saint-Hilaire em sua "Viagem à Província de São Paulo", de 1819: embora houvesse mulheres atuando em palcos, estas não eram detentoras de boa reputação: "Os atores eram todos operários, a maior parte mulatos; as atrizes, mulheres públicas. O talento destas últimas corria parrelhas com a sua moralidade" (ALMEIDA PRADO, 1999, p. 26). A questão moral no ambiente teatral sempre foi colocada à prova: segundo Trevisan (2000), "tudo leva a crer que, geralmente relegadas à reclusão do lar, as mulheres do período colonial poderiam, *ipso facto*, gozar de má fama ao se exporem à curiosidade pública do alto de um palco" (TREVISAN, 2000, p. 232). O autor acrescenta que em determinados momentos da história brasileira, às atrizes seria pedido atestado de saúde que comprovasse não terem elas contraído doenças venéreas (TREVISAN, 2000).

Enquanto isso, na vida fora dos palcos, o guarda-roupa masculino da passagem entre os séculos XVIII e XIX caracterizava-se em geral pelos tons escuros e era pensado para traduzir a elegância e distinção dos senhores que almejavam uma "nobreza local" (RASPANTI, 2013). De acordo com essa autora, os homens usavam

"[...] calções e gibões de cetim, linho e tecidos adamascados, roupetas de gorgorão, casacas de seda, camisas brancas, coletes de veludos, lã fina ou sedas, meias e ligas de seda, gravatas e roupas de baixo com rendas, lenços de seda e algodão da Índia, capas, sapatos e botas com fivelas de ouro e prata, botões de metais preciosos, chapéus de lã." (RASPANTI, 2013, p. 187).

Tudo isso sob o calor dos trópicos, mas seguindo à risca a moda francesa. Fazemos menção a isso para destacar que o poder masculino não se incomodava em ver à época homens usando também peças com acabamento em "bordados, fitas, brocados, telas e até lantejoulas" (RASPANTI, 2013, p. 187) materiais que em épocas seguintes viriam a ser considerados estritamente feminino.

Ao longo do século XIX, a partir da renúncia masculina a esses elementos, a moda masculina se "apagaria" em relação à moda feminina, abrindo mão de todo "excesso" vestimentar (RAINHO, 2002). Deixar-se-iam de lado a partir de então a ornamentação e o esplendor das roupas, contribuindo para a articulação de uma nova aparência tida como adequada à masculinidade. Sendo assim, qualquer ousadia em desviar-se da imagem mais discreta apontada como correta, e qualquer flerte com algo

entendido como mais feminino, sofreria punições. Surge então, a partir do século XIX, uma normalidade vestimentar "cada vez mais regulamentada pelo Estado, através da legislação e de instituições especializadas destinadas ao controle do espaço público urbano (envolvendo em especial pobres, as classes "perigosas" e os desviantes em geral)" (SANTOS, 1997, p. 147). De acordo com este autor, ainda que a legislação não proibisse explicitamente o travestimento, o "Código Criminal do Império do Brasil permite algum tipo de interpretação que nos faz pensar a questão da inversão da indumentária como um caso relacionado à moral e ao decoro público, estando, portanto, sujeita à ação policial" (SANTOS, 1997, p. 154).

O médico higienista Pires de Almeida (1843-1913), sobre quem discorreremos mais detalhadamente a seguir, reportou no século XIX, exemplos de pederastas célebres, alguns deles artistas, que faziam uso desta última indumentária, que flertava com o feminino. Entre eles o chapeleiro Traviata, em meados do século XIX, "efeminado ao extremo, sempre mostrando seu rosto bexigoso pintado de branco-pérola e carmin" (TREVISAN, 2000, p. 239), e o ator Telles, que se apresentava com rapazes acrobatas de sua trupe no Rio de Janeiro, especializada em comédias de Martins Pena. "Uranista provecto", Telles cercava-se de "artistas noviços, aos quais vestia de dama nos espetáculos", fazendo-se acompanhar deles também nos "seus aposentos particulares" (TREVISAN, 2000, p. 239).

Percebemos com isto que as formas indumentárias há muito tempo têm uma vinculação com o gênero e a sexualidade, desempenhando, desde o Brasil colonial, um papel na compreensão do outro e na construção e/ou compreensão de identidades homossexuais.

Por meio dos exemplos aqui relacionados, comprova-se ser a moda, historicamente, um importante elemento na construção de identidades tanto dos indivíduos como dos grupos sociais (GODART, 2010) que continuaremos a analisar.

2.2 O homossexual patologizado do final do século XIX e das primeiras décadas do XX: o "homossexualismo" e a roupa do doente

Nos séculos XIX e XX, a homossexualidade (então chamada de homossexualismo), inclusive as formas vestimentares associadas a ela, ingressam na agenda das ciências médicas, passando a ser vistas como transtorno ou patologia.

Estudos de caráter científico, como os do médico brasileiro José Ricardo Pires de Almeida, descrevem os modos de agir, de comportar-se dos homossexuais, com grande atenção dispensada ao seu modo de vestir-se.

A homossexualidade passa a ser não mais vista principalmente como pecado, mas sim como tema de estudos médicos e também legais. Como escrevem Pretes e Vianna (2008), "o sodomita saiu de cena e em seu lugar o 'degenerado sexual' torna-se um perturbador da 'moral e dos bons costumes'" (PRETES e VIANNA, 2008, p. 313). Informações precisas sobre a vida dos homossexuais masculinos no Brasil império são raras, todavia, ao investigarmos pormenores médicos e policiais, encontramos algumas tentativas de padronização para o entendimento desses indivíduos.

Em 1872, o médico Francisco Ferraz de Macedo (1845-1907) desenvolve um dos primeiros trabalhos que abordam a homossexualidade masculina sob essa nova ótica, intitulado *Da Prostituição em Geral e em Particular em Relação à Cidade do Rio de Janeiro, Profilaxia da Sífilis* (GREEN e POLITO, 2004). Percebemos aqui o teor do discurso médico que conectaria a homossexualidade à doença, à prostituição e à perversão. Por meio dos comentários de Green e Polito a esse texto, percebemos a riqueza de detalhes da preocupação de Ferraz de Macedo em relação ao vestuário homossexual. Ele acreditava haver uma característica comum entre os homossexuais masculinos:

"[...] Assim, se virmos um rapazito com andar sereno, grave, com os passos curtos acompanhados de movimentos do tronco e dos membros superiores; com as pernas um pouco abertas e o bico do pé muito voltado para fora; enfim, se virmos um rapaz arremedar no andar uma dama (cantoneira bem entendido); que tenha estudado ao espelho os movimentos semilascivos do corpo e que os ponha em prática quando passeia, com o fim de excitar e atrair as vistas e desejos dos transeuntes: podemos suspeitar que é um rapaz infame que passa" (FERRAZ DE MACEDO, *apud* GREEN e POLITO, 2004, p. 28) .

E o médico continua a detalhar a imagem do homossexual masculino, agora destacando aspectos de moda, para além dos modos:

"Assim, não é raro encontrarmos pelas ruas da cidade, especialmente nas portas dos teatros, quando há espetáculo, rapazes de 12 a 20 anos, *trajando fina bota de verniz, calça do mais fino tecido unida ao corpo, feita assim expressamente para*

*desenhar-lhe as formas, paletot² justo, elegante e curto; fina camisa bordada, tendo para ornato olhos de mosca de brilhante³ e pendente lencinho de seda de cor (geralmente vermelho ou azul); chapéu alto de castor branco, colocado por cima da frisada e perfumada cabeleira; cavour⁴ de custoso pano forrado de seda, pendendo do braço; rica bengala, luneta relógio e corrente de ouro, luvas de pelica e aromático charuto de Havana: eis o que completa o arreamento de um bagaxa⁵ dos mais encantadores, dos mais frequentados do Rio de Janeiro" (FERRAZ DE MACEDO, *apud* GREEN e POLITO, 2004 pp. 28-29, grifos nossos).*

Percebemos que nessa descrição há um recorte de classe, sugerindo que o homossexual masculino mais visível do Rio de Janeiro do final do século XIX, ainda que se prostituísse (o que nos é indicado pelo termo "bagaxa") teria nível socioeconômico condizente com a manutenção de gostos tão refinados. Ao mesmo tempo, o médico estudioso do "homossexualismo" parece entender que essa era a forma vestimentar apropriada para seduzir e arregimentar parceiros. Interessa-nos, porém, perceber o possível tom político dessas escolhas indumentárias. Ao adotar essa maneira no vestir-se para explicitar sua sexualidade, num contexto em que a homossexualidade era socialmente condenada e recebia a repressão dos órgãos do Estado, a escolha vestimentar do homossexual não estaria calcada apenas na "caça" de parceiros sexuais, mas também possivelmente na necessidade de explicitar por meio da moda sua identidade social além de ser reconhecido para pertencer a um grupo.

Além de médicos, juristas tentavam caracterizar a homossexualidade categorizando-a como um desvio passível de tratamento, também utilizando para tanto a análise dos modos de vestir. Percebemos claramente esse tópico no trabalho de Edmur de Aguiar Whitaker, intitulado *O Crime e os Criminosos à Luz da Psiquiatria e da Psicologia*, de 1942, que apresenta um estudo sobre diferentes grupos de criminosos, entre eles homossexuais. Descreve um jovem de 20 anos, cujo nome não é revelado, apenas suas iniciais, que, para facilitar suas práticas sexuais, trajava uma "calça alta, não apresentando abertura anterior e sim lateralmente, simulando bolsos, porém sem fundo", o que fazia supor a facilidade que o acusado criava para ter o pênis tocado. O próprio jovem acusado dizia que aquele modelo escolhido e confeccionado se tratava "de moda

² Paletó em francês.

³ Pequeno broche.

⁴ Capa ou capote sem mangas.

⁵ Quando usado como adjetivo, o termo "bagaxa" significa lascivo, obsceno, torpe. Como substantivo, é sinônimo de prostituta(o).

apenas", mas Whitaker não parece acreditar que a moda da época seria tão inovadora, uma vez que percebia que, se o jovem desabotoasse "os suspensórios posteriormente, a parte respectiva da calça cai, deixando as nádegas à mostra" (WHITAKER, 1942, *apud* GREEN e POLITO, 2004, p. 103).

O código penal de 1890 coibia práticas homossexuais entre homens, reservando para as roupas um lugar explícito entre os instrumentos de controle. Em seu capítulo VII ("*Do uso de Nome Suposto, Títulos Indevidos e Outros Disfarces*") o artigo 379 se relaciona diretamente às formas vestimentares, ao proibir "disfarçar o sexo, tomando trajes impróprios do seu, e trazê-los publicamente para enganar", dispondo como pena aos homens que se vestissem com roupas femininas "prisão celular por quinze a sessenta dias" (BARBOSA, 2014, p. 78).

Talvez, entre os homossexuais brasileiros mais famosos do século XX, aquele que melhor conseguiu desafiar os padrões de gênero utilizando vestimentas femininas tenha sido Madame Satã. É sabido que Madame, o pernambucano João Francisco do Santos (1900-1976), era uma "bicha viril" (GREEN e POLITO, 2004). Tinha certo gosto para moda, e uma estética questionadora de padrões da masculinidade. Em sua ficha policial, de uma ocorrência de 1946, um comissário de polícia o descreve dizendo que, embora vestido modestamente, e aqui imaginamos que as vestimentas possam ser entendidas como masculinas, ele [...] "é pederasta passivo, usa sobranceiras raspadas e adota atitudes femininas" (GREEN e POLITO, 2004, p. 145), explicitando o incômodo causado sobre a não conformidade com padrões de masculinidade instituídos.

Finalizamos esta seção dizendo que a moda nos séculos XIX e primeira metade do XX não foi usada apenas como elemento para criminalização dos homossexuais, aqui retratados em um pequeno número. Como realçado por Green e Polito, ao mencionarem Pires de Almeida, ela até foi pensada como uma forma de auxiliar na "cura" da homossexualidade. O médico José Ricardo Pires de Almeida incentivava, em seu livro *Homossexualismo*, de 1906, que os invertidos (isto é, aqueles que "nasciam" homossexuais ao contrário dos perversos, que depois de terem sido "normais" por algum motivo se tornavam homossexuais) passassem por um tratamento que consistiria em "provocar o coito do invertido com mulheres *vestidas de homem*"⁶ (ALMEIDA, 1906, p. 255, grifo nosso) como uma forma de profilaxia. Vemos aí o uso da moda

⁶ Na transcrição, manteve-se a grafia original.

como instrumento de "intervenções terapêuticas ou de normalização", para usar a expressão de Foucault (FOUCAULT, [1976] 1988, p. 67).

2.3 Desbunde e moda unissex

Na passagem entre as décadas de 1960 e 1970, ao contrário do que prevalecera no período anterior, a moda parece se colocar, em certa medida, a serviço de um questionamento dos papéis tradicionais de gênero. As fronteiras entre os itens da moda "masculina" e os da "feminina" se tornam menos rígidas e a masculinidade tradicional é posta à prova. A moda unissex⁷ se apresenta para a sociedade, ou ao menos era o que a indústria e as revistas de moda tentam articular.

O mundo ocidental vivia a chamada revolução sexual, desafiando os códigos de comportamento tradicionais relacionados aos gêneros. Em parte desencadeada pelo surgimento da pílula anticoncepcional, que catalisou movimentos de liberação feminina, e em parte também pela maior participação da mulher no mercado de trabalho, verificava-se uma redefinição no papel da mulher e nos códigos de comportamento social relacionados à sexualidade.

No contexto de mudanças trazidas pela revolução sexual, em que os códigos de comportamento relacionados à sexualidade se viam desafiados, a proposta unissex preconizava que homens e mulheres dividissem seus guarda-roupas sem maiores diferenciações, e sem cores ou formas reservadas a apenas um dos gêneros. Calças boca de sino, estampas vistosas e cores fortes poderiam ser usadas indistintamente por homens e mulheres.

Se historicamente homens e mulheres vinham tendo papéis sociais marcadamente diferentes, as fronteiras entre esses papéis começaram a tornar-se menos rígidas. O fenômeno se refletiu na indústria da moda: se na vida social as diferenças entre gêneros estavam se tornando menos rígidas, não havia por que manter a velha rigidez na indumentária: as roupas dos homens podiam tornar-se um pouco menos "masculinas" e as das mulheres, menos "femininas".

Nesse contexto o termo "unissex" parece surgir na indústria da moda por volta de 1969, cunhado, ao que tudo indica, pelo estilista francês Jacques Esterel, que desenhou naquele ano uma coleção composta de saias e túnicas (figura 1) que, ao ser

⁷ "Unissex": que pode ser usado tanto por homens quanto por mulheres (refere-se especialmente à moda, como tipo de roupa, calçado, corte de cabelo etc.).

desfilada, em janeiro de 1970, teria deixado "atônitos mais de dois mil jornalistas especializados vindos de todo o mundo".⁸ As túnicas criadas por Esterel destinavam-se a serem usadas indistintamente por homens e mulheres (MENESES e VICENTINI, 2017).

Figura 1 - Túnicas criadas pelo estilista Jacques Esterel

Fonte: Agência Farabola/acervo pessoal

O conceito de moda unissex não tardou a desembarcar no Brasil, trazido pela indústria da moda. Em abril de 1970 ele era objeto de um artigo de capa, na revista Realidade. Importante veículo jornalístico da época, publicada pela editora Abril entre 1966 e 1976, esta revista costumava abordar temas polêmicos, inclusive relacionados à sexualidade, influenciada pela contracultura dos anos 1960. Sofreu censura no período militar, e hoje costuma ser considerada uma importante fonte de pesquisa para a vida cultural brasileira no período (FARO, 1999; MORAES, 2007; PEREIRA, 2015).

Assinado pela psicanalista e escritora Carmen da Silva (1919-1985), o artigo associava a tendência, de forma inequívoca, à emergência de novos padrões comportamentais: "*A moda unissex vem abolir definitivamente os gêneros*

⁸ O Estado de S.Paulo, 27/01/1970, p. 20

ultrapassados [...] deixando de pé apenas o essencial, que é o gênero humano". Tinham ficado para trás os tempos de rigidez, em que *"os homens cediam o assento às mulheres, levantavam-se para cumprimentá-las, tiravam-nas para dançar nos bailes [...]"*. Ao menos, esse parecia ser o desejo de muitos. Distinguir os gêneros pela roupa fora importante nessas *"épocas passadas, quando dois códigos diferentes regiam os respectivos comportamentos"*, mas *"atualmente não há nenhuma vantagem em distinguir os sexos à primeira vista: para que, se somos irmãos gêmeos?"* (SILVA, 1970, p. 74), dizia Silva, refletindo uma visão que emergia na vida cultural brasileira no período.

As imagens que ilustravam o artigo da revista Realidade nos dão uma ideia da proposta. *"Pelas roupas já não será possível dizer quem é quem"*, explica Carmen da Silva (SILVA, 1970, p. 74), e de fato o que vemos é uma estética que transita entre os gêneros, ou se mostra indiferente a eles. A ideia de borrar os contornos e literalmente fundir os gêneros ficava ainda mais explícita na imagem de capa da revista (figura 2).

Figura 2 - Moda unissex em 1970

Fonte: Revista Realidade, ano 5 n.49, abril de 1970

É claro que a tendência dependeria, como a própria Carmen Silva sugere, de um embate social em torno da aceitação desses novos comportamentos, associados tanto aos papéis de gênero quanto ao uso de moda. Novamente a sociedade normativa teria de dar o seu aval: "*Sem dúvida, no mundo ainda tem muita gente [...] apegada ao passado e querendo perpetuá-lo à força*", diz a autora. E complementa: "*Não faltarão cocorocas que pretendam manter seus esquemas mentais bem organizadinhos na base de velhos rótulos*" (SILVA, 1970, p. 74). A aceitação da moda unissex estaria relacionada, nesse sentido, ao grau de consolidação dos novos comportamentos de gênero, e à reação dos segmentos mais conservadores da sociedade em relação a eles (MENESES e VICENTINI, 2017). Hoje em dia, pode-se dizer que esse corpo masculino vestido de unissex, com características mais andróginas, na verdade nunca chegou a sair totalmente das revistas de moda para as ruas, não tendo atingido a moda masculina realmente.

A própria homossexualidade começava a ampliar terreno para além das páginas policiais e teses médicas e, no Brasil, Green e Polito (2004) nos mostram como a sociedade masculina, especialmente a heterossexual, passou a entender o papel homossexual neste período: em maio de 1968, também na revista Realidade, era publicado um artigo sobre a homossexualidade masculina.

Como chamam a atenção Green e Polito, ainda que o artigo em questão (ALMEIDA, 1968) em parte insistisse em antigas teses em que a caracterizavam como doença, o que chama a atenção é que, entre os homossexuais entrevistados, nenhum deles "supôs-se como portador de uma 'doença'" (GREEN e POLITO, 2004, p. 156). A matéria, contudo, lançava um olhar sobre os homossexuais que foi recebido como preconceituoso, fazendo com que, nos dois números seguintes da revista, cartas de leitores, assinadas por leitores homossexuais, já criticassem a fragilidade da matéria. O número seguinte, de junho de 1968, trazia reclamações como a do leitor Lauferson Souza, de São Paulo, cuja análise permite ver uma tentativa de assimilação dada a necessidade de subalternizar os homossexuais efeminados:

"Sr. Diretor: É profundamente lamentável que REALIDADE divulgue erroneamente o sentido do homossexualismo (sic). O assunto, considerado por muitos como tabu, ressurgiu camuflado e irreal, pois é falso comparar o homossexual em seu verdadeiro sentido com a 'boneca deslumbrada'". (Revista Realidade, ano III n. 27, 1968, p. 6)

Ao mesmo tempo, o *gay power* despontava nos Estados Unidos e reverberaria no Brasil em seguida, contribuindo para o nascimento de um movimento gay politizado brasileiro. Entre os fatores convergentes do surgimento do *gay power* no Brasil, James Green (2000) destaca:

"(...) o espaço social conquistado pelos 'bichas' e 'bonecas' na década de 1960, a difusão de ideias a partir do movimento gay internacional, o desenvolvimento de uma crítica brasileira ao machismo e à homofobia e a influência dos movimentos políticos e sociais de esquerda sobre os principais líderes" (GREEN, 2000, p. 396).

E Green também ressalta o que pode ter sido o estopim para a luta por direitos e resistência: o desejo pela identidade gay. Diz ele: "o surgimento de um movimento político gay era também resultante da consolidação de uma nova identidade 'entendida'". (GREEN, 2000, p. 396). Vale esclarecer que "entendido" é uma gíria popularizada entre gays e lésbicas na década de 1970 para designar a população homossexual.

Mas foi realmente a partir das notícias vindas da imprensa internacional que os brasileiros começavam a entrar em contato com a luta pelos direitos democráticos para a comunidade gay pelo mundo. Até então a imprensa brasileira tinha por hábito a piada jocosa e a visão preconceituosa sobre a hoje chamada comunidade LGBT⁹, visão essa que subalternizava os membros de diversas minorias.

Como importante contraponto, o jornal *Lampião da Esquina* nascerá em 1978, justamente dessa necessidade de fortalecer os direitos de uma comunidade gay. De acordo com Green (2000), muito da imagem mais positiva do homossexual brasileiro que se desenvolveria a partir daí se deve a essa iniciativa e também ao jornalista Celso Cury que lança uma coluna no jornal *última Hora*, intitulada *Coluna do Meio*. A coluna fez sucesso imediato com bom humor falando sobre personalidades e locais, como bares e saunas, do mundo gay. Depois dela, Cury criaria a famosa coluna *Correio Elegante*,

⁹ Optamos neste trabalho por usar a sigla LGBT (que reúne as iniciais de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros/transexuais/travestis), por ter sido essa também a escolha de estudos relevantes publicados recentemente, como os do livro "História do Movimento LGBT no Brasil" (Green et al., 2018). Essa tem sido também a sigla adotada pelo Estado brasileiro em políticas públicas, a exemplo do Plano Nacional de Promoção de Cidadania e Direitos Humanos de LGBT. Todavia, estamos cientes da existência de outras variantes para a sigla, como LGBTI, LGBTQIA, LGBTQIA+, etc., que têm procurado incluir um leque maior de identidades e orientações.

um precursor dos atuais aplicativos de encontros ou *pegação*, inspirando outros jornalistas a oferecerem colunas destinadas ao público gay.

A ambiguidade da figura masculina dos anos 60 e 70 é percebida também quando levamos em conta que, em plena ditadura, apesar das tentativas de controle sobre corpos e sexualidades em nome da moral, vários locais de homossociabilidade conseguiam emergir. Os centros urbanos ofereceriam bares, boates e espaços de *pegação* aos homossexuais. Esses espaços permitiam uma grande liberdade no uso de moda. No documentário *São Paulo em HiFi*, de 2013, dirigido por Lufe Steffen, vários entrevistados declaram suas experiências nas boates gays de São Paulo na época. Mesmo no auge da repressão e policiamento de costumes imposta pela ditadura militar de 1964-1985, as boates gays ofereciam espaço para a livre expressão de homossexualidade, e as escolhas vestimentares decerto cumpriam um papel:

"Era uma sensação libertária indescritível. [...] A gente usava umas calças de boca larga. E era aberto aqui (aponta para a pélvis). A gente andava com o pentelho à mostra. Porque tinha um pano que cobria o pentelho e a gente, frequentemente, tirava o pano para ficar com o pentelho (à mostra); sobretudo quando ia para a boate dançar. Isso em 1972! " (João Silvério Trevisan, *in*: SÃO PAULO EM HI-FI, 2013)

No campo das artes, o cenário não era diferente. "À sua maneira, artistas brasileiros – como Caetano Veloso, o grupo musical Secos & Molhados, com seu vocalista Ney Matogrosso, e o grupo teatral Dzi Croquettes, liderado pelo coreógrafo Lennie Dale –, em sua composição visual e postura cênica, expressaram esse estilo batizado nos Estados Unidos de 'genderfucker'" (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 75). Seus modos de vestir encorajavam jovens a ostentar mais livremente suas orientações sexuais por meio de formas indumentárias. O cantor, ator e dançarino Edy Star, tido como o primeiro artista popular brasileiro a declarar-se homossexual publicamente (em 1973), dialogava com a estética *glam*¹⁰, usando, num corpo masculino, plumas, saltos, joias e maquiagem como na figura 3.

¹⁰ Glam: diz-se de um fenômeno nascido na Inglaterra em 1971, onde jovens, muitos ligados ao rock, vestiam-se de forma extravagante e erótica usando plumas, glitter, paetês e saltos plataforma.

Figura 3 - Edy Star promovendo o lançamento de seu disco

Fonte: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-primeiro-gay-a-gente-nunca-esquece>

Também Ney Matogrosso, que havia surgido em 1973 como vocalista do grupo Secos & Molhados, utilizava a moda como uma maneira de comunicação atingindo o público por meio de uma "estética glitter" comum em grupos ingleses de rock, como nos conta Trevisan (2000). Ney Matogrosso, segundo Trevisan, "ora de rosto maquiadíssimo, peito nu e longas saias, ora cheio de penas, com chifres enormes na cabeça e minúsculo tapa-sexo, [...] se notabilizou pelo rebolado frenético e pela voz de contralto" (TREVISAN, 2000, p. 289), ainda assim mantendo características físicas marcadamente masculinas (figura 4).

Figura 4 - Ney Matogrosso usando joias e lenços femininos

Fonte: Imagem divulgação

Percebemos aqui que a moda é quem "proporciona aos indivíduos e aos grupos os sinais para que eles construam sua identidade. [...] De um ponto de vista histórico, a moda emerge, portanto, do desmoronamento das estruturas sociais tradicionais e de seus âmbitos normativos" (GODART, 2010, pp. 34-35), permitindo que até em grupos já transgressores, como o dos homossexuais, as normas possam ser revistas.

Possivelmente por influência desses artistas, "roupas justas e cores como o vermelho e o rosa, assim como bolsas e adornos, [que] eram tabus na indumentária masculina" (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 75), foram para as ruas em uma afronta à masculinidade hegemônica. Ana Maria Bahiana relata que "o gesto definitivo do desbum era um homem se vestir de rosa" (BAHIANA *apud* SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 75). A pesquisadora continua o raciocínio dizendo que, "uma peça que fosse já causava rebuliço, e essa peça em geral era uma camiseta bem justa". (BAHIANA *apud* SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 75).

Por outro lado, não podemos esquecer que é na segunda metade dos anos 70 que uma outra estética gay também se fortalece com a criação da hipermasculinização do homem gay. Paralelamente à androginia, os anos 70 também testemunharam, na direção oposta, o aumento de grupos homossexuais, que procuravam performar uma virilidade máxima, por exemplo por meio de músculos e bigodes, dando criação ao chamado "gay macho" (LEVINE, 1998), contrastando com a "bicha louca" (PERLONGHER, 1992).

Nascido nas comunidades S&M (sodomasoquistas) gays americanas, esta estética "leather"¹¹ criou reflexos em bares e clubes da cidade de São Paulo, influenciando subjetividades e corporalidades gays ainda no final dos anos 70. Este homossexual em específico, hipermasculinizado, "vestia roupas de couro ou jeans (calças justas de lenhador ou uniformes policiais), acompanhando camisas brancas" (CAMARGO, 2017, p. 162).

O convívio dessas duas formas de homossexualidade – de um lado o homossexual andrógino, de outro o hipermasculinizado – seria relativamente livre de amarras normativas na comunidade gay brasileira do final dos anos 70. A moda muito contribuía para uma "explosão" de liberdade: por meio dela é estabelecido um código, não somente de vestimenta, mas de comunicação e possível aproximação sexual entre homossexuais.

Nos Estados Unidos, o fotógrafo Hal Fischer, por meio de um apurado olhar antropológico sobre a moda, em especial sobre o homossexual masculino, propunha uma interpretação do uso da indumentária como forma de comunicação entre os gays dessa época, expondo a todos, no livro *Gay Semiotics* ([1977] 2015), o que parecia até então um segredo do gueto homossexual. Tratava-se de um trabalho artístico-antropológico que parodiava a publicidade e as revistas de moda, como vemos na figura 5, em que a foto vem acompanhada da indicação sobre a finalidade de uso de cada item ou acessório de moda. Nesta imagem em particular, o uso de brinco e lenço do lado esquerdo indicaria que o sujeito estaria disposto a atividade sexual ativa ("*left: aggressive*"); já o brinco e chaveiro do lado direito indicariam preferência pelo papel passivo ("*right: passive*").

¹¹ Couro, símbolo das práticas masoquistas.

Figura 5 - Homem gay de São Francisco retratado com acessórios usados para comunicação não-verbal

Fonte: Fischer (1977, p. 7)

Era o início de uma celebração orgulhosa do ser gay. Nas palavras do próprio fotógrafo, em entrevista a Rosenberg (2015), "naquele momento, todos os tipos de presença gay que se tornaram públicos foram celebrados", enaltecendo o *gay power* da década e afirmando a ultrapassada invisibilização dos gays para a sociedade e a saída dos mesmos dos guetos aos quais até então eram destinados".

Essa liberdade gay nos Estados Unidos, em particular na cidade de San Francisco, reverberou no Brasil encorajando a já mencionada imprensa homossexual surgida na época. No final da década de 70 a homossexualidade por aqui viveu uma "verdadeira explosão discursiva" (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 79).

Com isso, a moda dos homossexuais também ganhou holofotes. Uma edição de 1978 do jornal *Lampião da Esquina*, vista na figura 6, entrevistou o estilista Clodovil Hernandez, tecendo considerações sobre masculinidade, homossexualidade e moda.

Figura 6 - Reportagem do jornal *Lampião da Esquina* com Clodovil

Fonte: grupodignidade.org.br

Esta e outras entrevistas, nesta e em outras publicações, denotam uma maior exposição homossexual conquistada nesta época, de inquestionável importância para a mobilização futura de luta por direitos homossexuais. Mesmo jornais e revistas do segmento editorial *mainstream* também passaram, no final da década de 70, a reconhecer a importância do assunto: a revista *IstoÉ* de dezembro de 1977 trouxe na capa a manchete "O poder homossexual", indicando que o assunto começava a ser debatido por toda a sociedade de forma relativamente aberta.

2.4 Anos 80: O bofe e a pintosa

Os anos 80 foram marcados por uma valorização da masculinidade entre os homossexuais, com uma grande acentuação da polaridade entre os dois segmentos que, como visto, já coexistiam no Brasil desde a década anterior: o bofe, "gay macho" cada

vez mais aceito socialmente, e a “bicha pintosa”, efeminada, mais discriminada, ambos caracterizados por diferentes usos da moda.

O movimento gay americano parece ter iniciado esse culto ao "gay macho" já a partir dos anos 70. Como lembrado por Simões e Facchini, "de meados dos anos 1970 em diante, o movimento gay norte-americano deixou de flertar com a androginia. [...] Estilos de indumentária e apresentações corporais passaram a celebrar um culto crescente ao 'macho'" (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 47). Muito provavelmente, da mesma maneira que assimilamos a luta homossexual a partir da luta gay americana, é possível que tenhamos assimilado também a busca por uma imagem gay de "perfeição" masculina.

Essa masculinidade era estampada imagetivamente na figura de homens de "bigodes, cabelos curtos, músculos definidos" (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 47). Como bem lembrado por estes autores, tal imagem, exemplificada aqui na figura 7, pode ser ilustrada a partir do trabalho do desenhista finlandês Tom of Finland (1920-1991), em que a virilidade e a agressividade são valorizadas. A contrapartida era certa estigmatização dos homossexuais efeminados. Como dito por Florence Tamagne referindo-se a este tipo de homossexual (clone), "o gay não era então nada diferente do que um *male impersonator*, um homem travestido de homem. Ele era, finalmente, muito queer" (TAMAGNE, 2013, p. 439), não sendo sua aparência nada senão uma atuação de gênero.

Figura 7 - O ideal de perfeição masculina de Tom of Finland

Fonte: <http://www.brain-magazine.fr>

A aids, a partir dos anos 1980, pode ser considerada um fator que contribuiu decisivamente para essa valorização da imagem masculina entre homossexuais, a partir de uma "matriz heteronormativa" (BUTLER, [1990] 2017) que hierarquiza as sexualidades e suas expressões, assim como as performances de gênero, tendo a heterossexualidade como o padrão. A necessidade de livrar-se do estigma trazido pela epidemia reforçou a necessidade de criação de uma imagem vigorosa e hipermasculinizada, para maior aceitação na sociedade. Na comunidade gay dos anos 80, "a epidemia de aids disseminou a vigilância corporal entre homossexuais, assim como a autoperitagem, o que contribuiu para a adesão a tecnologias corporais como a musculação" (MISKOLCI, 2015, p. 273).

O homossexual com mais chances de ser socialmente bem aceito passou a ser aquele que, por meio de uma estudada virilidade, "passa por" heterossexual. À indumentária cabe, em boa parte, o papel de ressaltar os atributos físicos deste homem e "disfarçar" sua homossexualidade. Mesmo sendo o começo da década de 80 um período de celebração no Brasil, uma vez que deixávamos uma ditadura militar, é nele também que percebemos um retrocesso na liberação sexual dos anos 70. O vírus da aids trazia consigo uma nuvem de pânico e conservadorismo. Um ataque aos homossexuais – as primeiras vítimas do vírus à época – regulava a vida e o comportamento sexual dessa comunidade (SCALZO, 2009).

Nessa época, a violência contra homossexuais e mais ainda contra os "visivelmente" homossexuais – seja por conta das vestimentas ou de modos de vida – se proliferou com o aval das autoridades. Borges (2016), descreve o trabalho de higienização feito na cidade de São Paulo durante a gestão de Paulo Maluf à frente do governo do Estado (1979-1982). Com o intuito declarado de agir contra traficantes e assaltantes na capital, a ação era coordenada pelo delegado José Wilson Richetti, que havia assumido a Delegacia Seccional do Centro e criado a Operação Limpeza. Entretanto, o que os jornais da época noticiavam era a prisão de homossexuais, travestis, prostitutas e demais pessoas cuja aparência e modos de vestir, aos olhos da força policial, pudessem estar ligadas a sexualidades dissidentes.

O jornal *Lampião da Esquina*, em edição de 1979, descrevia a vida homossexual nas adjacências da Praça da República, no centro da cidade de São Paulo, espaço tradicional de sociabilidade homossexual. Na reportagem, intitulada *Uma praça chamada República*, Eduardo Dantas descreve as formas vestimentares dos frequentadores, ressaltando que os arredores da praça, em especial a rua Vieira do Carvalho e o largo do Arouche, eram "loais considerados mais nobres, mais classe

média, onde o pessoal vai mostrar sua nova camisa Pierre Cardin ou o sapato bico fino que está na moda" (DANTAS, 1979, p. 06). É nestas áreas que, a partir do ano seguinte, se concentraria a perseguição mais acirrada por parte de Wilson Richetti.

Nesse contexto, é razoável derivar que a valorização da atitude extremamente masculinizada tenha sido influenciada pela necessidade de livrar-se do estigma de homossexual. Tratava-se de criar uma imagem masculina o suficiente para uma maior aceitação na sociedade, utilizando-se inclusive da moda para dissimular homossexualidade. O gay efeminado, identificado por trejeitos e criativas formas vestimentares, não parece ser bem visto ou quisto. Uma clara necessidade de passabilidade heterossexual por meio de uma idealizada – e quiçá inalcançável – masculinidade ditaria as formas comportamentais já à época.

Enquanto isso, a moda dos anos 80 também se rendia de certa forma ao conservadorismo, valorizando-se menos a ousadia típica dos anos 70, e mais a ostentação e a valorização de *status* social, afinada com a tendência yuppie dos 80. O homossexual passa a ser aceito como gay por meio de uma política de nomeação assertiva e de uma higienização imagética, em que a moda contribui. A aceitação tende a ser, porém, específica a uma homossexualidade ideal. O próprio termo "gay" passa a ser usado para denominar um tipo de homossexual bem específico: o homem em geral branco e com poder aquisitivo, em oposição a termos depreciativos tais como bicha ou viado, destinados aos demais segmentos homossexuais menos valorizados, o que se acentuaria na década de 90.

2.5 Anos 1990/2000: Travesti não é bagunça¹² (e bicha também não)

A partir dos anos 90 há um fortalecimento da identidade trans/travesti dissociada da homossexualidade e o nascimento do orgulho gay pós-aids. Artistas brasileiros bradavam o orgulho gay assumindo-se publicamente. Renato Russo e Cazuza são exemplos de uma geração de artistas que contribuiriam para o enfrentamento da estigmatização frente à epidemia da aids, fortalecendo uma geração homossexual que encarava uma nova forma de lidar com a homossexualidade.

Na década de 90 começava, mais de uma década depois do jornal da Lâmpião da Esquina (publicado entre 1978 o 1981), a circulação nacional de uma importante revista

¹² "Travesti não é bagunça!" foi uma frase proferida pela travesti e militante Luana Muniz que se popularizou ao ser veiculada durante o programa Profissão Repórter da TV Globo em 2010.

voltada ao público gay, chamada Sui Generis, a qual tratava de diversos assuntos, tais como moda, cultura e comportamento. Um artigo publicado em um dos números nessa revista, assinado por André Hidalgo celebrava o orgulho homossexual nascente (HIDALGO, 1995). Esta edição em específico, chamada "Edição Pride", com Renato Russo na capa, era dedicada ao orgulho gay (figura 8).

Figura 8 - Edição comemorativa da revista Sui Generis com Renato Russo

Fonte: acervo pessoal

O tom era claro e direto: "Se você ainda não relaxou, aprenda a se divertir. Saia de casa desencanado, nem ligue se vai ouvir desaforos de algum aleijo. Não dá mais para ficar se sentindo 'inferior'. Essa postura ficou para trás, em algum lugar dos anos

80. Você está nos anos 1990, meu bem. É tempo de gozar (com camisinha!). E sentir orgulho disso!" (HIDALGO, 1995, p. 23).

Caminhava-se para uma maior aceitação social dos tópicos homossexuais, o que incluía um maior entendimento por parte da população de que associar a doença apenas à comunidade gay não fazia mais sentido.

Artistas brasileiros assumidamente homossexuais entravam nas casas da população por meio da TV, tornando mais generalizado o que havia se iniciado nos anos 70 com a arte de Ney Matogrosso. Aos poucos, a caracterização televisiva do homossexual começava a se afastar dos personagens caricatos e com carga preconceituosa (MORENO, 1995, 2001). Na TV, aos poucos os personagens homossexuais deixavam de restringir-se aos papéis cômicos, até se tornarem palatáveis à sociedade que os aceitava sob uma norma de inteligibilidade (heteronormativa) estabelecida nas novelas. Um dos exemplos mais emblemáticos é o dos personagens Jefferson e Sandrinho, criados por Silvio de Abreu na novela *A Próxima Vítima*, de 1995. Em entrevista para a revista *Sui Generis*, em outubro de 1995, o autor da novela diz: "O que a televisão puder fazer para que a sociedade aceite esse fato deve ser feito (...). Quanto mais se discutir o tema de maneira natural, melhor" (SOUZA, 1995, p. 32).

Também nesta época, um mercado segmentado se desenvolve com mais força, com investimentos na chamada cena GLS¹³. Como destaca Nunan (2003), há o aumento expressivo de produtos e serviços oferecidos ao segmento homossexual, com a criação de bares, clubes, festivais de cinema, lojas, feiras de moda alternativa. Porém, ainda segundo Nunan, embora o número de estabelecimentos tenha crescido, esta maior visibilidade comercial não necessariamente significava aceitação social. Qual homossexual, pensando em diferentes identidades homossexuais, alcançaria essa legitimidade? Como Nunan detalha, "aceitar homossexuais como consumidores não é a mesma coisa que aceitá-los como cidadãos" (NUNAN, 2003, p. 197).

Na verdade, era um determinado grupo homossexual (branco, classe média, viril, heteronormatizado, padronizado) que se via aceito pelo seu poder de consumo, inclusive de moda, e a partir de uma estética palatável para a sociedade – leia-se, de acordo com o padrão heterossexual. Os gays masculinos aceitos/normificados cujas vidas são reguladas pelas estruturas sociais (BUTLER, [1990] 2017) seriam aqueles que "são

¹³ A sigla utilizada na época se referia a gays, lésbicas e simpatizantes. A reivindicação por GLBT, incluindo as travestis viria mais tarde e, posteriormente, se transformaria em LGBT e variantes mais recentes.

muito sadios, muito generosos, muito sóbrios, muito *masculinos* [...] em resumo, que são, apesar da reputação de que gozam as pessoas de seu tipo, ‘desviantes cavalheiros’, pessoas tão gentis quanto nós mesmos" (GOFFMAN, 1963, p. 95).

Na vida noturna, porém, a década de 90 foi também a chamada década da montagem¹⁴, em que esses limites da homossexualidade socialmente aceitável eram desafiados. Homossexuais lotavam clubes – como os paulistanos Nation, Massivo, Sra. Krawitz, Hell's Club, Columbia, B.A.S.E., Gent's, Tunnel, Mad Queen, Latino, Blue Space (PALOMINO, 1999) – ousando "montar-se", isto é, vestir o que deles jamais seria esperado. A noite de São Paulo proporcionou a muitos a expressão de suas ousadias extravagantes no modo de vestir (figura 9), criando assim "territórios por meio das roupas e da composição da aparência" (MESQUITA, 2015, p. 3).

Figura 9 - Johnny Luxo, personagem da noite *clubber* paulistana

Fonte: reproduzido de Palomino (1999)

¹⁴ Montação, na década de 1990, designa o exagero no vestir-se para a ida aos clubes.

Para um público gay menos extravagante, mais próximo do "gay-macho", "gay padrão" ou "discreto", a cidade também oferecia clubes e bares apropriados. Este público era formado pelas chamadas "barbies", gays aos quais muitos associam as cuecas brancas da marca Calvin Klein, deixadas à mostra nos clubes, "como a roupa íntima fetiche" (TAMAGNE, 2013, p. 452). Outras roupas e acessórios típicos das barbies eram o coturno, a calça Levi's 501 de botão, carteiras com corrente, *dog tag* (colar de identificação usado por soldados), boné Calvin Klein e a camiseta justa (em geral branca ou preta, que seria tirada em algum momento da festa ou no clube) e, por vezes, camisa xadrez (PALOMINO, 1999). Como observa Trindade (TRINDADE, 2004, p. 164), as barbies eram herdeiras dos bofes, homens musculosos da década anterior.

Esses dois segmentos – barbies e *clubbers* – diferentes tanto no uso da moda quanto no grau de aceitação social, inseriam-se de forma distinta no que Gayle Rubin chama de "pirâmide hierárquica de respeitabilidade", em cujo topo residem os homens heterossexuais, e em cuja base estão "as classes sexuais mais desprezadas" (RUBIN [1984], 2017, p. 83). Para Rubin, os ditos gays discretos (grupo em que as barbies se encaixariam) "encontram-se no limite da respeitabilidade", situando-se em estrato relativamente superior da pirâmide, ao passo que nas partes inferiores está uma vasta gama da população LGBT: travestis, transgêneros, homossexuais efeminados etc. Segregação semelhante, entre bichas pobres e outros homossexuais não tão menosprezados, já havia sido mencionada por sinal por Fry (1982), apontando uma dicotomia que se manterá nas fases seguintes do nosso histórico.

2.6 As bichas do século XXI: novos dândis?

Se ao longo desse processo o homossexual efeminado, identificado por seus traços e por suas criativas formas vestimentares, em geral não foi socialmente bem aceito ou quisto, localizando-se em estratos inferiores da pirâmide de respeitabilidade, este homossexual nem sempre aceitou se invisibilizar. É o que parece tornar-se claro no início do século XXI, em que vemos, cada vez em maior número, homossexuais contra-hegemônicos orgulhosos de seus traços efeminados, modos de vida e escolhas vestimentares. Se a bicha pintosa da década de 1980 era marginalizada, e o homossexual não-hegemônico dos anos 90 tinha sua aceitação restrita aos territórios de montagem do ambiente *clubber*, surgem agora bichas novas, orgulhosamente efeminadas, que fazem questão de desafiar os valores

heteronormativos arraigados na sociedade, inclusive entre os gays "machos" ou padrão, em espaços diversos.

É claro que o surgimento destes sujeitos não implica a desapareição dos perfis anteriores. Pintos dos anos 80 e gays dos 90 continuam presentes; há convivência intergeracional e até influências mútuas, como também houvera em fases anteriores, mas os tempos são de surgimento e fortalecimento de uma nova geração de bichas.

São indivíduos que assumem uma estética frequentemente hostilizada pela sociedade, na medida em que é preterida em relação à imagem padronizada, "discreta", dos gays aceitos. Questionam e desafiam esse padrão inclusive no que diz respeito ao consumo de moda: muitos utilizam peças de vestimenta feminina, as quais não seriam usadas por aqueles homossexuais masculinos padronizados e aceitos socialmente.

Ao depararmos com esses sujeitos, cuja indumentária parece tão excêntrica em relação aos padrões da sociedade normativa (figura 10), parece cabível interpretá-los a partir de uma analogia com a figura do dândi e também com a estética *camp*¹⁵.

Figura 10 - O *rapper* brasileiro Rico Dalasan, um exemplo de masculinidade contra-hegemônica

Fonte: <http://www.revistapublicitta.com.br/acao/gente/tnt-apresenta-o-rapper-rico-dalasan/>

O *camp* está presente, por exemplo, na fotografia de moda de David LaChapelle, na estética rebuscada de Almodóvar, na literatura de Caio Fernando Abreu e na estética

¹⁵ O termo *camp* (do inglês, "levantar acampamento" ou "acampar") está relacionado a uma atitude de estranhamento e provocação questionadora dos valores tradicionais. Podemos defini-lo como um comportamento ou interpretação exagerada; ou ainda um adjetivo que significa algo muito artificial. Susan Sontag em seu artigo *Notes on camp* (1964), diz: "o *camp* é comumente relacionado ao exagero, à afetação, a uma estética especial que ironiza ou ridiculariza o que é dominante".

da moda de Gaultier (LOPES, 2016). Para Susan Sontag, trata-se de "uma visão do mundo em termos de estilo – mas um estilo peculiar. É uma predileção pelo exagerado, por aquilo que está 'fora', por coisas que são o que não são" (SONTAG, 1987, p. 322).

Sua apropriação pelo gay efeminado contemporâneo está no uso de uma estética que questiona a régua heterocisnormativa, a qual tenta legitimar corpos e comportamentos sempre a partir de uma inteligibilidade heterossexual. O *camp* carrega em sua imagem um questionamento de normas, com bastante ironia, podendo evidenciar-se, por exemplo, em um uso das vestimentas e outros adornos corporais por parte de gays efeminados que tomam as convenções socialmente impostas e as subvertem para livrarem-se de amarras virilizadoras.

Para Susan Sontag, o *camp* traz "uma visão cômica do mundo" (SONTAG, 1987, p. 333). Mas embora Sontag afirme que a estética *camp* seria descompromissada da política, parece razoável pensar que sua apropriação pelo gay efeminado contemporâneo é um ato político. Por meio do "exagero" aparentemente frívolo nos maneirismos e na indumentária, estes sujeitos soam claramente políticos uma vez que se opõem às normatizações da sociedade. A figura destes homossexuais carrega em si o oposto dos traços de virilidade de masculinidade esperados dos do gay aceito, o que funcionaria como uma poderosa ferramenta para a construção das subjetividades homossexuais não hegemônicas contemporâneas. A estratégia política consiste em buscar ridicularizar o que é dominante. Uma frase de Sontag, nos parece exemplificar bem o sentimento que estes homens efeminados e suas inconformidades indumentárias propositadamente causam na sociedade: "Sinto-me fortemente atraída pelo *camp* e quase tão fortemente agredida" (SONTAG, 1987, p. 319).

E além do *camp*, as novas bichas também têm um componente dândi. O termo dândi é historicamente usado para referir-se ao homem de exacerbada preocupação estética, que valoriza o refinamento em seus modos de viver, aí incluído o uso de moda.

Devemos lembrar que os dândis, historicamente, enquanto personagens reais, caracterizam-se em sua maioria pela discrição, podendo aderir contudo, em alguns casos relativamente excepcionais, a comportamentos mais extravagantes no vestir-se. Este é o caso de Oscar Wilde, um dândi que por meio da arte, ironia e feminilização, para além da moda, aproxima-se, ainda que em outra época, ao que aqui chamamos de novos dândis. Ambrose (2011) em citação sobre Wilde num livro sobre ícones gays, descreve esse uso extravagante da moda pelo famoso dândi, dizendo que ele e suas escolhas vestimentares provocavam a ira das classes respeitáveis "com seu casaco de veludo

bordejado com galão, calças até os joelhos, compridas meias de seda pretas, camisa macia folgada com largo colarinho mole, luvas lavanda e cravo verde" (AMBROSE, 2011, p. 108).

É nesse aspecto que ao gay efeminado contemporâneo, ou nova bicha do século XXI, podem ser atribuídos traços de dandismo, associados a uma exploração de identidade fluida entre o "parecer masculino e feminino ao mesmo tempo". (MIRÒN, 2015, p. 42). De acordo com Echavarren (2010), o dândi carrega uma pecha de excentricidade e também de originalidade, causando um mal-estar em comparação ao modo burguês de vestir. Nosso questionamento então é sobre um paralelo possível: o gay hegemônico poderia ser comparado ao burguês mencionado por Echavarren, já o contra-hegemônico seria o dândi contemporâneo, que não se encaixa na norma e causa um estranhamento, um incômodo aos que precisam da norma como forma de inteligibilidade e aceitação.

É sobre esse novo dândi e sua estética com traços de *camp* que se centrará nossa análise empírica, no capítulo 5. O dândi contemporâneo ao qual nos referimos é caracterizado pela excentricidade de ostentar sua feminilidade num corpo masculino, com sua grande preocupação com a aparência, um reformador dos gostos estéticos masculinos, mesmo que essa preocupação com a aparência masculina seja contra-hegemônica. Ele, de certa forma, "elege seu corpo como obra de arte para encontrar o sentido da sua própria existência" (MIRÒN, 2015, p. 44); por meio de sua aparência e de suas escolhas vestimentares tenta "contestar uma escala de valores, uma hierarquia de gostos" (MIRÒN, 2015, p. 44), hierarquia esta que também é de respeitabilidade. Enfim, um "desvirilizador" orgulhoso e provocativo que adota a estética *camp* e nela acredita, dado que "o camp é o dandismo contemporâneo" (ECO, 2014, p. 411).

3 O PERCURSO DA PESQUISA

O objetivo deste capítulo é apresentar as escolhas teóricas e os procedimentos metodológicos que embasam a pesquisa empírica empreendida em seguida. Para tanto, o capítulo se divide em duas partes. Na seção 3.1, nos referimos às escolhas teóricas. Em seguida, na seção 3.2, apresentamos um breve relato sobre a maneira como se chegou à escolha do objeto, detalhamos o recorte empírico e temporal da pesquisa, e apresentamos as estratégias adotadas para a condução da pesquisa de campo, baseada fundamentalmente em entrevistas com homossexuais masculinos não-hegemônicos.

3.1 Em busca de uma lente teórica

Esta seção tem por objetivo situar de forma sucinta os principais conceitos que selecionamos para auxiliar a análise a ser empreendida mais adiante, no capítulo 4. São duas elaborações teóricas principais, a saber: a discussão sobre corpo, poder e formas de subjetivação desenvolvida por Michel Foucault (1976) e o conceito de performatividade de gênero, proposto por Judith Butler (1990).

Esses autores – Foucault e Butler – definem a estrutura da seção, na medida em que a cada um deles é dedicado um item. No entanto, convém salientar que não temos aqui o objetivo de apresentar uma revisão, mesmo que resumida, do pensamento teórico de cada um desses autores. Muito pelo contrário, trata-se apenas de introduzir preliminarmente um conjunto de conceitos que consideramos úteis para nossa discussão, e cuja discussão continuará sendo feita de forma concomitante com a própria análise, de forma permeada por reflexões de outros autores. Optamos por fazer dessa forma – anunciar aqui os conceitos principais para em seguida entremear sua apresentação com a própria análise –, ao invés de desenvolver um capítulo de referencial teórico mais extenso e com formato mais tradicional.

3.1.1 Foucault

Em "História da sexualidade I - A vontade de saber", Foucault ([1976] 1988) discorre sobre os valores morais repressores que se tornaram dominantes a partir da era vitoriana, no século XIX, e suas consequências sobre a sexualidade. Se por um lado a moral vitoriana valorizou uma sexualidade contida, puritana e muda, que nega ou

invisibiliza tudo o que esteja fora dos valores conservadores, de outro lado isso também fez com que as "sexualidades ilegítimas" acabassem encontrando espaços para evidenciar-se. Foucault rejeita assim a "hipótese repressiva": seja na literatura ou em discursos como o médico e o policial, as sexualidades dissidentes sofrem uma verdadeira explosão discursiva, pois nunca estiveram tão presentes como quando se passou a propor silenciá-las.

Talvez se trate em última análise de algo semelhante ao que podemos testemunhar atualmente, quando o gay que ganhou status de socialmente aceito é aquele – e apenas aquele – que reproduz determinadas características e modos de vida muito específicos de uma norma hegemônica. Em um possível paralelo com o raciocínio de Foucault, entendemos que a menor aceitação social de que gozam outras homossexualidades acaba por proliferar mais discursos sobre elas, ainda que sejam discursos reguladores.

Nosso propósito seria, então, entender as homossexualidades não aceitas e suas expressões: os códigos de comportamento ou formas de subjetivação daqueles corpos viados que não se submetem às normas de aceitação, "sob pena de cometer faltas que o expõem a um castigo" (FOUCAULT, [1994] 2004, p.215), que pode ser tanto a abjeção, o rechaço, quanto a violência física. A forma do vestir destes homossexuais poderia ser uma ferramenta política para a construção de territórios de existência, tanto coletiva como individualmente – e isto constitui uma hipótese a ser explorada no capítulo 5.

Interessa-nos entender a partir desta discussão, em suma, se homossexuais efeminados, menos inseridos em contextos sociais hegemônicos, podem ser agentes que, por meio de escolhas na expressão de suas homossexualidades, iniciam um processo de questionamento da identidade gay hegemônica em direção à construção de uma homossexualidade mais socialmente reprimida e mais perturbadora do *status quo*.

3.1.2 Butler

Butler, em Problemas de Gênero (1990) afirma que há uma norma social já instalada para que o sexo e o gênero dos sujeitos estejam sempre em total conformidade. Ao afirmarmos ser o sujeito, ao nascer, um menino ou uma menina, o comprometemos à qualificação e impomos a expressão dele esperada. No dizer de Butler, a sociedade tenta traçar um plano a ser seguido, e que por vezes é transgredido.

Para Guacira Lopes Louro, há "uma matriz heterossexual [que] delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões" (LOURO, [2004] 2016, p. 17).

É a partir dessas transgressões, mencionadas por Butler e Louro, que nossa leitura do uso de moda por homossexuais efeminados pode dar-se. Nossa pesquisa refere-se a homens que, embora cisgênero, transgridem as imposições imagéticas e o comportamento indicado para o gênero masculino. Os ritos sociais que expressariam a masculinidade são questionados por estes sujeitos, as bichas efeminadas. Com isso, ressaltamos aqui a questão política e estratégica que nos interessa dos estudos de Judith Butler.

Os atributos de gênero para Butler, não são “expressivos”, no sentido de que expressam, demonstram ou revelam uma identidade preexistente. Eles são “performativos”, na medida em que precedem e efetivamente constituem a identidade. Neste aspecto, a distinção entre expressão e performatividade é crucial (BUTLER, [1990] 2017, p. 243). É neste sentido que, ao longo do presente trabalho, falamos em expressão quando nos referimos à expressão de homossexualidade ou outras orientações sexuais, e em performatividade e performance quando nos referimos aos atos performativos de masculinidades ou identidades de gênero.

O ato político dos sujeitos aqui pesquisados estaria exatamente em fugir das atribuições de rótulos às identidades, que as entendem como expressões de algo preexistente, bem como da necessidade de conformidade de performances de gênero, entendendo o corpo como um espaço político para a construção de subjetividades e afirmação de valores.

Interessa-nos analisar a resposta política de homossexuais não normatizados, dada por meio de maneiras desviantes – pelo menos aos olhos da maioria – de se vestir.

Referências como performatividade e heteronormatividade originárias da teoria *queer* e em especial de Butler, nos auxiliarão na medida em que nos fazem observar que não existe apenas uma forma de performar homossexualidade (ou masculinidades e feminilidades). O homossexual masculino que pretendemos estudar, homem cisgênero cuja construção da subjetividade e imagem está na transgressão e inconformidade vestimentar, parece lutar mesmo sabendo que para a sociedade "as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade" (BUTLER, [1990] 2017, p. 42). Focaremos nesse desempenho social da adoção de um estilo vestimentar que desestabiliza a maneira como a sociedade

entende a masculinidade por meio de um ativismo do corpo vestido que cria contradições e ressignificações para "fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória" (BUTLER, [1990] 2017, p. 244).

Enfim, as considerações históricas, objeto do capítulo 2, e as teóricas, apontadas aqui, nos permitem reunir elementos para estruturar a análise do nosso objeto de estudo.

Estamos diante de sujeitos – homossexuais não hegemônicos – que, mesmo sob a constante vivência de violências simbólicas e por vezes físicas, sendo frequentemente ridicularizados e xingados de bichas e viados – termos cujo sentido se aproxima do sentido original, pejorativo, de *queer* – respondem a essas estruturas de poder. Trata-se de sujeitos que, do ponto de vista de Foucault, não apenas questionam o poder, mas também o utilizariam para sua própria existência, para a criação de sua identidade e subjetividade. Do ponto de vista de Butler, respondem por meio de uma performatividade de masculinidade que envolve transgressão às normas estabelecidas de gênero, em especial por meio do vestir.

3.2 Percurso metodológico

3.2.1 A escolha do objeto

Como visto no capítulo 1, nosso objeto de investigação está voltado às práticas contemporâneas de disrupção da homossexualidade hegemônica no Brasil por parte de gays efeminados, investigando em específico o papel das escolhas vestimentares como instrumento de expressão de homossexualidades contra-hegemônicas. Pretendemos jogar luz sobre as formas de transgressão e resposta não-hegemônica às exigências comportamentais impostas pela sociedade hegemônica heterossexual em relação aos grupos LGBT, em particular ao segmento G, e também sobre o papel que o uso de moda desempenha nessa resposta.

Os sujeitos do nosso estudo não têm como objetivo parodiar performances de gênero. Falamos do sujeito que decidiu "botar a cara no sol"¹⁶, o sujeito "*não recomendado à sociedade, pervertido, mal amado, menino malvado, [...] menino indecente, viado*"¹⁷, que decidiu questionar imposições da masculinidade hegemônica e

¹⁶ Bordão criado em 2015 que viralizou a partir de um vídeo do Youtube foi criado por Natasha Martory.

¹⁷ Letra da música Não recomendado, de Caio Prado.

consequentemente a homossexualidade masculina padrão, encontrando no uso de moda um instrumento para tanto.

A primeira aproximação e o interesse inicial por esses sujeitos se deu em 2015, durante um fazer artístico, quando, antes mesmo de iniciar o mestrado, o pesquisador integrou o elenco do espetáculo teatral "Cabaré Falocrático", com direção de Dagoberto Feliz e roteiro dramaturgico de Helder Mariani. O espetáculo era um cabaré poético-teatral baseado em poemas de Glaucio Mattoso e Horácio Costa, autores importantes na história da militância gay na cidade de São Paulo e no país. Com apresentações entre 2015 e 2017 em diferentes teatros e espaços culturais na capital e interior de São Paulo, o elenco era composto por homens cisgênero cujo figurino evocava a mistura de peças do vestuário masculino e feminino, como forma de demonstração, performance ou expressão de homossexualidade. (figuras 11 e 12)

Figura 11 - Cena do espetáculo Cabaré Falocrático (Casa das Rosas, São Paulo, 2015)

Fonte: foto divulgação

Figura 12 - Cena do espetáculo Cabaré Falocrático (Galpão Folias, São Paulo, 2017)

Fonte: foto divulgação

A partir daí iniciou-se a observação do papel da moda e das formas vestimentares como uma maneira de expressão gay, inclusive para além do palco.

Atores, em especial gays, e suas maneiras de vestir foram os primeiros a serem observados informalmente. Daí passamos às suas redes de convívio de não-atores, e à desconstrução da ideia que apenas nas áreas artísticas haveria uma liberdade no vestir.

Para que a pesquisa não se transformasse num ambiente fechado de interação apenas com conhecidos, a aproximação com outros homens cisgênero potencialmente sujeitos do estudo foi iniciada. Ao fazer isso, começamos a organizar de maneira mais formal e estruturada o recorte empírico da pesquisa.

3.2.2 Recorte empírico e temporal da pesquisa

Ainda que essa observação informal, que permitiu a aproximação com nosso objeto de estudo, tenha se iniciado em 2015, a estruturação mais formal da pesquisa começou a tomar corpo em 2017/2018, definindo, do ponto de vista temporal, um recorte para a pesquisa: a análise se baseará em observações e dados coletados nesse período.

Esse momento específico em que a pesquisa toma forma nos parece de grande relevância. Discursos conservadores, inclusive de costumes, têm se fortalecido em vários segmentos da sociedade brasileira, e a luta pelos direitos da comunidade LGBT se acirra. Nesse contexto, a luta de grupos mais marginalizados, não-hegemônicos, em relação à sua orientação sexual parece se problematizar. Assim, estudar as estratégias de afirmação política destes grupos assume, ao nosso ver, uma especial relevância.

Outro aspecto a ser mencionado com relação ao recorte empírico e temporal é a escolha da cidade de São Paulo como *locus* para a coleta de dados. Consideramos necessário restringir a pesquisa a homossexuais paulistanos por questões práticas, relacionadas aos recursos disponíveis para a coleta de dados e aos prazos envolvidos na realização de uma pesquisa de mestrado. Assim, a análise esteve circunscrita à cidade de São Paulo.

3.2.3 Escolha dos entrevistados e estratégias de coleta de dados

A coleta de dados baseou-se fundamentalmente em entrevistas em profundidade, realizadas presencialmente de forma semi-estruturada. Um roteiro de tópicos, construído com base no apresentado no capítulo 2 (contextualização histórica) e na seção 3.1 do presente capítulo (escolha de uma lente teórica), foi pensado de forma a dar abertura aos entrevistados para expressarem livremente suas visões e acrescentarem tópicos não previstos.

A busca por entrevistados se deu em um espaço contemporâneo e importante na vida homossexual: o espaço virtual. Inspirando-nos pela leitura de Miskolci (2017) e pela perspectiva de Butler ([1990] 2017), em que o sujeito se constrói na e pela linguagem, chegamos à conclusão de que um início interessante seria o de seguir o que poderíamos chamar de "catálogo " das categorizações performativas gays no espaço virtual: as *hashtags* utilizadas em redes sociais para autointitulação. Essa categorização, disponível nas redes sociais virtuais, auxiliou sobremaneira a aproximação ao grupo de estudo. São categorias como: *#feminina*, *#afeminada*, *#efeminada*, *#bicha*, *#bixa*¹⁸, *#viado*, *#poc*. Importante salientar que estes termos de busca são criados pelos próprios integrantes das redes sociais, como forma de autodescrição e identificação. Não podemos ignorar que "nossos mundos sociais estão se tornando digitais" (KOZINETTS,

¹⁸ Nas redes sociais, as grafias "bicha" e "bixa" costumam ser usadas indistintamente.

2014, p. 9) e mediações de comunicações por meio tecnológico facilitam as relações contemporâneas.

O uso de *hashtags* não somente permitiu a identificação dos entrevistados e aproximação aos mesmos, mas também teve um papel relacionado à ética na pesquisa, haja vista que permitiu que nos referíssemos aos entrevistados sempre da mesma maneira com que eles se autoidentificam, dado que usam um "self digital" (KOZINETTS, 2014, p.10) para sua autorrepresentação. Fizemos uso assim de “comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão” (KOZINETTS, 2014, p. 62) do grupo estudado e para um engajamento com ele.

Este uso da "netnografia" como técnica de observação, mais disseminado segundo Kozinets (2014) em pesquisas de marketing e consumo, há tempos vem se fazendo presente também nas ciências sociais, permitindo um diálogo entre o mundo social e suas interações virtuais. No nosso caso, as informações coletadas sobre os entrevistados nas redes serviram de complemento às entrevistas e análises posteriores, auxiliando tanto na abordagem como na interpretação dos dados.

A busca netnográfica por meio de *hashtags* nos levou ao encontro de comunidades virtuais no Facebook além de nos permitir resultados imagéticos no Instagram.

Há inúmeras comunidades virtuais criadas e utilizadas para a troca de mensagens entre participantes, tais como *V de viadão*, *Revolta da Lâmpada*, *VYADO*, *Mamba Negra*, *Dando*, *Popporn*, etc. que organizam festas, performances, encontros e debates políticos sobre questões de inclusão LGBT. Estas comunidades serviram, juntamente com as *hashtags*, para a identificação de possíveis entrevistados, ao mesmo tempo em que a análise de textos e imagens postadas pelos indivíduos, nos auxiliaram a identificar a aderência ao perfil desejado: homens cisgênero, gays, efeminados, questionadores de normas por meio de imagem e uso de moda.

A título de exemplo, em setembro de 2018, entre as *hashtags* utilizadas no Instagram pela comunidade gay, a *hashtag* #gay reunia 59,6 milhões de fotos sendo em sua maioria homens barbados, sem camisa. Em #gayhot, 3,9 milhões seguindo o mesmo padrão anterior. Em #bicha, havia 34,5 mil fotos com homens musculosos, alguns barbados, e muitas fotos e vídeos de conteúdo humorístico, entretanto ali já era possível observar algum teor político. Na *hashtag* #bixa havia 10.900 publicações, seguindo o mesmo perfil de #bicha. Em #efeminada havia apenas 27 publicações. Uma delas de aquele que se tornaria um de nossos entrevistados. Em #efeminado encontramos 54

publicações, entre as quais a maioria era de tom político e nenhuma de tom jocoso ou piadista.

Por esse processo fizemos contatos individuais, por meio de redes sociais, com 12 possíveis entrevistados, dos quais 7 acabaram não participando da pesquisa por não se mostrarem interessados ou disponíveis para conceder entrevista pessoalmente. Cinco aceitaram o convite para uma entrevista pessoal, número que consideramos adequado dado o prazo de que dispúnhamos para a execução da pesquisa de mestrado. Assim chegamos a Tulio, Guilherme, Alison, João e Vinícius, nossos entrevistados.

Nos encontros, busquei vestir-me da maneira mais discreta possível. As roupas escolhidas foram também bastante heteronormativas, dado que gostaria de saber qual tratamento me seria dispensado: seria eu um objeto de desejo ou um homem cisheteronormativo a ser criticado?

As cinco entrevistas foram realizadas pessoalmente, entre 28 de junho e 23 de agosto de 2018. Com a devida permissão dos entrevistados, elas foram gravadas para posterior transcrição e análise. A cada entrevistado foi oferecida a possibilidade de manter sua identidade em sigilo no presente trabalho, caso assim preferisse. Todos eles, no entanto, optaram por colocar “a cara no sol”¹⁹, permitindo que suas identidades fossem reveladas. Os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido cujo texto é reproduzido no Anexo A.

A análise individual das entrevistas é apresentada no capítulo 4, para em seguida fazermos uma análise cruzada, comentando os resultados, no capítulo 5. As transcrições integrais das gravações encontram-se anexadas ao trabalho, no Anexo B.

¹⁹ Bordão que viralizou nas redes sociais a partir de um vídeo postado pela travesti Natasha Martory em 2015. No vídeo, ela incentivava que viados, travestis e transexuais saíssem de casa sem maquiagem, dizendo: “bicha bonita não se esconde”; “põe a cara no sol, viado”.

4 AGORA QUE SÃO ELAS!

Neste capítulo, apresentamos os participantes da pesquisa – cinco ao todo – utilizando para tanto o que eles nos disseram nas entrevistas concedidas, e também nossas observações durante os encontros e a observação de suas postagens nas redes sociais, sejam elas imagens ou textos. As informações, bem como as imagens e textos reproduzidos no capítulo, foram utilizados com o consentimento do respectivo entrevistado.

Nossos entrevistados, como veremos, se utilizam da moda conscientes de que ela é também uma forma de regulação dos corpos. Sabem que “subestimar a roupa e a moda como declarações políticas seria recusar ver a história [...]” (GARBER, 1993, p. 23, tradução nossa). Questionam um corpo masculino padronizado e heteronormativo, e sabem que ao renunciarem a privilégios da masculinidade hegemônica enfrentarão violências e deverão saber administrá-las. Entretanto, não parecem se opor ao desejo de, onde quer que passem, criarem questionamentos tais como:

Quem é esse rapaz que tanto androginiza?
Que tanto me convida pra carnavalizar
Que tanto se requebra do céu de um salto alto
E usa anéis e plumas pra lantejoulizar
Que acena e manda beijos pra todos seus amores
E vive sempre a cores pra escandalizar (...)
(Kledir Ramil, Androginismo, 1978)

Salientamos que, como estratégia, os encontros se realizaram em lugares públicos – café, padaria, restaurante – para assim nos certificarmos de que as escolhas vestimentares de transgressão aconteciam de fato no dia-a-dia, e não apenas em fotos com a intenção de criar imagens subversivas apenas para as redes sociais.

A partir deste momento, deixemos que o desejo de escandalizar, ou não, seja esmiuçado pelos próprios sujeitos. Acima de tudo, a observação de suas provocações em relação à masculinidade hegemônica nos serão valiosas. Lembremos que os homens efeminados que observaremos, embora tenham passado boa parte de suas vidas – em geral, desde a infância – enfrentando a necessidade de mostrar "macheza", decidiram abdicar dessa virilidade. Ao fazerem isso, acabam por "criticar as concepções dominantes do que é ser homem, mulher, masculino ou feminino". (MISKOLCI, 2016, p. 63).

Daqui até o final do capítulo, ouçamos Tulio, Guilherme, Alison, João e Vinícius. A palavra é deles.

4.1 Tulio

Meu primeiro entrevistado foi Tulio Souza Costa, 27 anos, graduado em Design de Moda pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) em 2013. Cheguei até Tulio pela busca em redes sociais com as *hashtags* #queer, #afeminada e #bicha, usadas em seu perfil no início de suas publicações no Instagram. A mesma operação seria realizada na busca por outros entrevistados. Suas fotos no Instagram eram em festas, exposições, dentro de casa, em bares, mas em especial uma foto me fez querer entrevistá-lo. Tulio usava um vestido rosado em seda, de corte oriental (figura 13), muito parecido ao do figurino feminino de *Amor à Flor da Pele*, um icônico filme do diretor chinês Wong Kar-Wai.

Na foto ele aparecia usando o vestido atravessando uma rua de São Paulo, tendo a tiracolo uma bolsa também feminina. A foto foi tirada por uma outra pessoa, em setembro de 2017 e podia fazer parte de algum tipo de performance. Entretanto, o que ele fazia mesmo era performar uma masculinidade contra hegemônica sob os olhos dos passantes. Em outubro de 2017 ele aparece com um outro vestido de mesmo corte e tecido, mas em outra cor (lilás), *tagueando-se*²⁰ no Skorprios Bar Drinks (figura 14). O bar fica no centro de São Paulo, mais precisamente na rua Nestor Pestana.

²⁰ Taggear ou taguear é o verbo proveniente do inglês (tag) usado nas redes sociais para marcar fotos e locais.

Figura 13 - Tulio

Fonte: imagem cedida pelo entrevistado

Figura 14 - Tulio

Fonte: imagem cedida pelo entrevistado

A descoberta do bar como um local de festas, com um público com desejos de transgressões vestimentares e enfrentamentos, me foi útil e seria utilizada também para investigação de outros possíveis sujeitos para a pesquisa. Outras fotos o mostravam em bares do bairro de Santa Cecília, sem necessariamente estar numa festa, mas apenas entre amigos, em mesa na calçada (figura 15).

Figura 15 - Tulio

Fonte: imagem cedida pelo entrevistado

Enviei uma mensagem pelo Facebook explicando meu trabalho de pesquisa e convidando-o para uma entrevista. Dei esse passo pensando na etnografia online e nas preocupações éticas para essa aproximação apontadas por Kozinets (2014). Como resultado deste contato online inicial, Tulio se prontificou de imediato e já ali mencionou seu interesse em desenvolver ele também um trabalho de pesquisa acadêmico, dizendo que ter contato com esse universo seria útil a ele também.

Nos encontramos numa tarde, em um café na rua Maria Antônia, endereço movimentado do centro da cidade. A entrevista já se iniciava de forma espontânea quando pedi permissão para gravar a conversa. Essa espontaneidade se repetiria nos encontros com os outros entrevistados. Pedi que se apresentasse, e enquanto ele o fazia eu observava o entorno para presenciar (ou não) olhares de julgamento que pudessem ocorrer e cuja pergunta a respeito estava pautada no questionário por mim pré-

estabelecido. Poderia assim verificar se os espaços arquitetônicos ainda poderiam ter o desejo de regulação e controle sobre os corpos, em especial sobre aquele corpo viado.

Tulio viera ao local marcado vestindo uma blusa feminina em tecido leve, que deixava seus pelos do peito à mostra, um *mule* nude²¹ e uma saia plissada bege com bastante brilho, de comprimento abaixo do joelho, além de brincos compridos de desenho minimalista. O cabelo era mais curto do que nas fotos do início de nosso contato. O conjunto demonstrava esteticamente aquilo que aqui chamo de transgressão vestimentar, uma transgressão aos códigos vestimentares masculinos tradicionais, em que signos femininos se fortalecem ao conviverem com traços marcadamente masculinos. Se contrapunha ao esperado das vestes de um homem em público, levando em consideração o que Butler nomeia de matriz (heterossexual) de inteligibilidade (BUTLER, [1990] 2017).

Nas redes sociais, Tulio postou o *look* da entrevista batizando-o como "executiva de sucesso" (figura 16).

Figura 16 - Tulio

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

²¹ Termo usado para designar algo que não acrescente cor. Neste caso, o nude deve ser o tom da pele de quem o veste.

Tulio diz sempre ter tido um interesse pela moda, embora na escolha por um curso de graduação tenha se inclinado também para os cursos de Filosofia e Arquitetura antes de optar por Design de Moda. Mora em São Paulo desde 2012, exceto por um intervalo de um ano em que esteve em Portugal. Trabalhou inicialmente em uma confecção, na área de estilo e desenvolvimento, mas em seguida rompeu relação com a indústria de moda. Em 2016 passou a dedicar-se à pesquisa de artes e atualmente trabalha em uma editora de livros, numa área com ênfase em pesquisa bibliográfica.

Tulio sentiu necessidade de deixar a cidade natal, Herculândia, no interior paulista. Diz ele que a cidade lhe causava "transtornos mentais". Indago as razões, e sua explicação remete a um *modus* masculino não aceito: "eu era uma figura muito estranha na cidade". Sua explicação retoma por vezes cobranças próprias e também criadas pelo entorno. Tulio foi criado num ambiente evangélico, ligado à Assembleia de Deus. Conta que se descobriu homossexual aos 12 anos, assumindo-se publicamente 5 anos mais tarde. Sobre esse enfrentamento ao sair do armário, ele diz:

"(...) eu fiquei com um menino na praça, de madrugada, e aí chegou nos ouvidos do pastor e aí ele falou: 'Olha, a gente precisa conversar. O seu pecado é moral. E do jeito que está não pode ser!' Aí ele me deu a opção de ou aceitar um tratamento ou sair da igreja. E eu decidi sair. Eu tinha 16 anos. Aí automaticamente eu me assumi pra minha família. Então, eu falo que eu sou um dos primeiros jovens da minha geração que se assumiu na cidade. E como eu sempre fui uma pessoa muito descarada (risos), eu nunca tive muito medo das coisas, das pessoas. Então foi aí que comecei a explorar a coisa da roupa e de tudo!"

Na igreja ele já vinha tentando se destacar usando o que chamou de "acessórios diferentes": "colares de bolas, pulseiras, munhequeira". Depois de assumir-se publicamente ele encontra na moda uma forma de explorar sua identidade. Durante este período ele afirma que tentava lidar de forma consciente, embora intuitiva, com estruturas normativas de uma cidade mais tradicional. Fazia isso por meio de escolhas de moda e da informação de moda advinda de sites e revistas. Ao chegar em Londrina, para iniciar seus estudos na UEL, percebe que o comportamento de moda que lhe parecia transgressor na sua cidade natal não "daria mais conta" de chocar ou desobedecer aos valores hegemônicos, dado que a informação de moda era muito mais expandida entre seus novos pares na universidade. Diz ele: "O que eu fazia em Herculândia, agora naquela cidade [Londrina] não tinha mais relevância. Então, isso me deu uma abertura para experimentar mais. E aí, querido, foi... "

Tulio também conta que "eu nunca me achei bonito, nunca me achei sensual, sempre me achei o patinho feio", e que isso também contribuiu para a construção de seu uso de moda. Eu questiono os parâmetros de beleza que o levavam a essa conclusão, e Tulio afirma que seguia os parâmetros típicos masculinos (hegemônicos), por isso não percebia em seu próprio corpo um sentido de beleza masculina tradicional, o que o levou ao extremo oposto: um efeminamento estético, um cultivo do estranho, uma necessidade de embelezamento hiperbólico. Diz usar elementos como lantejoulas, paetês e *looks* com salto alto, com a finalidade de criar interesse e olhares para si a partir de uma estética exagerada. A partir de então ele se viu não mais como Tulio e sim como Tulíssimo, o hiperbólico, carregando em si o que Judith Butler, em entrevista a Del Aguila (2008), chama de "um certo ar queer". O que pode ser lido também como um flerte com o *camp*.

Em sua fala, ele explicita ter procurado novas formas de expressão de beleza masculina, já que, como mencionado, considerava fora de seu alcance a expressão de beleza masculina mais convencional. Tulio diz ter 'inventado tudo', "uma beleza, uma autoestima, uma outra coisa", e considera que enquanto estava em Londrina causava no outro o choque e a repulsa por conta de sua imagem. Isto se dava da seguinte forma, em suas palavras, "ou as pessoas iam me amar (...) ou iam achar só uma figura estranha".

Hoje as nuances entre o masculino e o feminino lhe interessam mais ainda do que naquela época. O uso da barba, ferramenta de privilégio masculino, aliada às vestimentas femininas, foi pensado como um diálogo com a vida real, cotidiana. Tulio considera que essa mistura de elementos femininos e masculinos permitiu que ele pudesse encontrar uma forma de entrar no mundo do trabalho, no meio corporativo. Ele relata ter perguntado na editora em que trabalha, antes de ser contratado, se havia um código de vestimenta. A resposta foi recebida como positiva e libertária: havia certa liberdade no vestir entre os funcionários. Desta forma, embora se utilize da mistura de peças femininas e masculinas, Tulio procura ter o "bom senso" de adaptar-se ao meio corporativo, usando peças que respeitam os códigos vestimentares ali presentes. Diz ele: "Eu sei como me vestir no meu trabalho [...]. Eu uso todos os signos que eles usam". E exemplifica com dados que dialogam com o modo mais tradicional no vestir-se: "Por exemplo: eu uso saia. A minha saia sempre vai ser abaixo do joelho, eu não uso saia acima do joelho. Porque é uma coisa que eles aceitam".

Esse relato parece bastante peculiar se alinhado com o começo de nossa conversa onde ele relata sua relação tradicional com a religião. Tulio foi evangélico por

anos. A congregação à qual ele pertencia era conhecida por seguir regras rígidas de vestimenta. E continua explanando sobre as proibições de moda corporativa impostas aos homens, comprovando a possibilidade de ressignificação do uso das roupas femininas na construção corpórea masculina.

"As bermudas? Uso. É um crime mostrar a canela na indústria [referindo-se aos escritórios], mas é uma bermuda de alfaiataria. Quando a pessoa olha, pensa: Nossa! Ele está bem vestido! Então eu fui pegando todas essas brechas e me infiltrando por elas".

Quando perguntado sobre as relações com outras bichas, Tulio é direto: "não existe relação com as outras bichas!". Mas logo revê seu discurso. "Na verdade, hoje existem relações. [...] Esses dias eu estava pensando nisso, inclusive. Era como se antes eu usasse a imagem para repulsar as pessoas, e hoje eu uso a imagem para me aproximar das pessoas". Ao dizer isso, concorda que sua imagem, embora exotificada, permite a criação de interesse por parte de outros.

Sobre a presença dos gays padrão normativos, ele diz: "Eu sinto que essas pessoas ficam num lugar tão cômodo que não precisam fazer mais nada". Entretanto, também indica uma busca, mesmo que mínima, de aceitação por meio de signos de masculinidade, não tão potentes quanto a busca feita pelos gays heteronormativos; isso se manifesta quando, falando sobre beleza e privilégios de masculinidade cis, ele diz: "Eu fico muito mais bonito com barba". Interessante pensar que Tulio não necessariamente desdenha ou ignora sua capacidade de performar masculinidade, mas para ele seus traços masculinos acabam por se realçar exatamente ao decidir vestir uma indumentária mais feminina.

Sobre essa potencialização inversa da masculinidade, uma vez que se dá pelo uso excessivo de códigos femininos, ao ser questionado ele diz: "Porque aí que começa o jogo. Eu fui percebendo que quanto mais feminina era minha roupa mais ressaltava o que eu tinha de masculino. E, quanto mais masculina era minha roupa, mais ressaltava o meu lado feminino".

Sobre normas, classificações e a necessidade de normatização ditadas pela sociedade, ele diz o seguinte, confirmando sua busca por uma performatização de masculinidade e homossexualidade contra-hegemônica:

"Categorizar é uma forma de dominação. Então, chegou um momento, quando foi bem essa coisa do não-binário, a galera

estava me colocando nesse lugar. Aí eu falei, ok, acho que eu sou. Aí depois eu falei, não, acho que eu não sou. Mas aí perguntavam: você é trans ou você é cis? Gente...o que é isso? [...] Aí eu falei, gente, não tem nada a ver, o que eu sou é: um homem que quer se vestir com essas coisas!".

Quando indagado sobre violências simbólicas (BOURDIEU, 1998), Tulio responde: "Os olhares eu abstraí totalmente, radicalmente; os xingos também. Até que eu tenho sentido um pouco nos últimos anos. Mas é raro. É uma coisa tão estranha para eles que não tem esse repertório para...".

E continua, parecendo querer explicar à sua maneira intuitiva o que Butler diz sobre a necessidade do entendimento a partir da matriz heterossexual. Tulio diz que as indagações alheias sobre sua imagem são: "É uma travesti peluda? É uma mulher de barba? É um homem de batom?".

Ainda sobre violências, ele também relata ter sofrido tentativas de agressão física na rua algumas vezes, porém entende que, como sua locomoção não se faz a pé, isso o protege de alguma maneira. Tulio se locomove pela cidade de bicicleta (foi assim que chegou para a entrevista), e conta que, sempre que vai ser insultado, "é tão rápido que não dá tempo". Certa vez, usando um vestido levemente transparente na rua, ele diz ter sido insultado várias vezes durante o trajeto de bicicleta. Entre inúmeros insultos, o mais interessante foi ter sido chamado de "lésbica do caralho". "Genial! Eu postei na hora! Isso é o *queer*... quando não existe categoria, mesmo! É maravilhoso!".

Entretanto, a violência sofrida como um ser abjeto o atinge para além do discurso leve e distante. Aqui tomamos emprestado o conceito de corpos abjetos de Butler ([1990] 2017), que diz sobre as violências físicas e simbólicas sofridas por aqueles a quem não é dada a liberdade de serem quem são. Ou ainda a explicação de Kristeva, para quem o abjeto é "aquilo que perturba a identidade, o sistema, a ordem, o que não respeita fronteiras, posições, regras" (KRISTEVA, 1982, p. 4). Tulio nos conta de um dia em que "tentei entrar no Shopping Light, mas eles me proibiram de entrar... exceto se a entrada fosse feita pelo elevador de serviço". Ao passar por essa tentativa de controle como a de um dispositivo disciplinar (FOUCAULT, [1976] 1988), ele acrescenta que "nesse dia eu fiquei muito mal [...]. Mas é bom quando isso acontece, porque eu acho que eu quase me sinto mais vivo, sabe? Dá outro sentido para o que eu faço, que é: eu preciso fazer mais! Eu preciso continuar fazendo. Eu preciso disso".

Durante várias passagens da entrevista, atentei ao fato de que, sempre que Tulio se referia a algum homem como sendo "bonito", tratava-se do estereótipo gay padrão,

isto é, aquele que reproduz todos os signos de beleza masculina hegemônica: músculos, virilidade, vestimenta masculina. Ele, no entanto, se considera um ativista pelo reconhecimento de outro tipo de masculinidade: "Eu me sinto muito ativista. Porque você estar na rua, 11 horas da manhã, assim (*aponta para o corpo vestido femininamente*), isso pra mim é ativismo. É as pessoas olharem e isso ficar comum pra elas. Esse é o meu trabalho". E afirma sua visão política dentro da estrutura gay que busca o padrão normativo tentando exotificar tudo que o contradiz: "O papel que eu me propus a fazer é de estar na vida desse jeito. Eu acho que é um papel muito importante também".

4.2 Guilherme

Guilherme Takahashi foi o segundo entrevistado. Antes do nosso encontro, já havia chegado a ele por meio do Instagram, seguindo o rastro de *hashtags* (#LGBT, #LGBTI+, #maquiagem, #make-up, #gay), para depois descobrir que o jornalista e advogado de Maringá, no Paraná, de 31 anos, vivendo em São Paulo há 5, tem também um canal no Youtube onde fala sobre maquiagem, e um blog, chamado "Garotos de Saia"²², com assuntos ligados a beleza e moda. Em seus vídeos, postagens, fotos e na entrevista que me concedeu, Guilherme se declara orgulhoso do seu modo de vida, como ilustrado por exemplo na fala: "Sinto um prazer enorme em levantar de manhã, me maquiar, me vestir e sair para encarar a vida".

Quando fiz meu primeiro contato, convidando-o a nos encontrarmos para uma entrevista, ofereci a possibilidade de manter sua identidade em sigilo. Ele, no entanto, respondeu orgulhosamente: "Claro que topo! É um dos meus temas favoritos. E pode por meu nome porque a gente tem que fazer política com a cara no sol!". Parecida com essa, por sinal, foi a resposta de todos os entrevistados da pesquisa: ofereci a cada um a possibilidade de anonimato, e todos a recusaram.

Guilherme (ou Gui, como também gosta de ser chamado) conta na entrevista que sua decisão de vir para São Paulo foi movida por uma necessidade profissional. Veio à cidade para trabalhar com *styling*, como assistente de produção de moda, já tendo trabalhado antes com moda no Paraná. Kursou Jornalismo de Moda na Escola São Paulo e, a partir daí, começou a colaborar para o site de moda FFW. Após esse período

²² <http://garotosdesaia.com/>

começou uma carreira numa empresa que atua com e-commerce de beleza, a Beleza na Web, onde trabalha atualmente.

Antes de encontrá-lo pessoalmente, analisei seu blog. No dia 8 de julho de 2018, um dos seus *posts* era usado para apresentar sua participação em outro canal do Youtube (*Missão Abraço*) e o que mais chamava a atenção era a maneira como ele explicitava sua relação com a masculinidade contra-hegemônica. Ali ele contava sobre sua "infância de criança viada" e sua relação desde cedo com "marcas de luxo e preconceito". Estes elementos voltariam a aparecer na nossa conversa sobre as roupas, acessórios e maquiagem feminina que utiliza cotidianamente (figura 17).

Figura 17 - Guilherme

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Sua autodescrição como "criança viada" nos remeteu a Cornejo ([2010] 2016) e suas questões sobre a escolarização de meninos efeminados, seus consequentes apagamentos e as relações sociais desses corpos masculinos efeminados com a necessidade da patologização do corpo efeminado e das performances de gênero por

parte da sociedade. A partir desse tema, a entrevista pôde ser feita questionando a performatividade de diferentes masculinidades, desde a infância.

Começamos falando sobre os modos de performatização de sua masculinidade, apontando que em novembro de 2016, ao relatar suas escolhas vestimentares em seu blog, Gui dizia: "Desde que descobri a seção de roupas femininas e topei ser eu mesmo, nunca mais parei de comprar na arara delas. Sim, leva um tempo para você se sentir confortável, perder a vergonha e se esbaldar. Mas uma vez que acontece, é uma delícia!". Guilherme usa vestimentas femininas cotidianamente, e por meio delas se filia a um tipo de masculinidade marcadamente contra-hegemônico (figura 18).

Figura 18 - Guilherme

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

No dia que nos encontramos ele "ousava" vestir uma calça jeans *skinny*, uma camiseta listrada, um robe feminino verde, um *scarpin* de verniz bege, além de estar maquiado com sombra em tom prateado e usar bastante máscara de cílios; carregava também uma bolsa feminina a tiracolo. Fez o trajeto a pé, de aproximadamente 10 minutos, de sua casa até o local marcado, um café no bairro de Santa Cecília. Ele também usa o termo "ousadia", ao dizer em seu blog: "até hoje me acho ousada quando

peço para a vendedora da loja alguma peça de menina, mesmo que ela não fique chocada e nem dê a mínima para o que eu vista". E continua contando sobre o olhar de crítica das pessoas que, de certa forma, legitima sua existência. Diz causar frequentemente "fofoquinhas e burburinhos", na forma de comentários como "a bichinha vai provar o blazer de paetês!", e outros parecidos.

Gui nos conta que as escolhas vestimentares femininas de um homem cis não são feitas com total facilidade, ou sem certo constrangimento. Guilherme diz já ter sido "barrado no provador". Confirma o que também já havia descrito em seu blog, "Fui a uma loja em um shopping prestigiado de São Paulo e quis provar algumas peças: [...] um short de couro caramelo e uma bermuda de alfaiataria azul Klein. Pedi para a atendente para ir ao provador e ela disse 'sinto muito, mas nós só temos provadores femininos e a loja não permite que homens entrem'." Na situação relatada, além de as roupas serem generificadas, como os corpos ao nascer (BUTLER, [1990] 2017), o espaço físico também exercia o poder sobre o que poderia ou não ser vestido. Uma universalização heterossexista que indica a norma, inclusive em espaços arquitetônicos (MISKOLCI, 2016), como por exemplo, um provador de loja. Era claro que ali, no provador de uma loja feminina, era um homem gay que desejava provar uma peça, e o poder heteronormativo impedia o uso do espaço generificado.

Ele relata sua reação ao episódio: "Nunca me senti tão homem na minha vida!" (risos). Naquele momento, diz ter decidido não reagir por ter um perfil "mais reservado e quieto", mas esclarece: "acho importante também afrontar de forma incisiva o preconceito e o machismo. A gente tem que se lembrar que muitos dos direitos LGBT não foram conquistados só com conversa, arco-íris e coração. Também precisamos lutar"; e confidencia: "passar por essas experiências foi incômodo, mas ainda não se compara a muitas coisas que se ouve na rua".

Questionado sobre este último ponto – sua relação com os insultos e violências simbólicas – Gui contou que

"leva tempo para se acostumar, ficar forte e aguentar o preconceito. Já passei e ainda passo por isso. Tem homofóbico que grita do caminhão, tem olhares conservadores de desaprovação no metrô, tem cochicho com a colega seguido de risadinha, tem cotovelada no amigo e apontamento com o queixo. Mas chega uma hora em que você fica com a casca grossa e liga um belo foda-se".

Perguntado sobre diferenças no tratamento em diferentes lugares, e em especial nos espaços de sociabilidade que criou, diz: "eu sei que existe uma bolha, e toda vez que eu saio dessa bolha eu fico um pouco em choque. [...] Hoje eu me cerquei de pessoas e de amigos que são muito esclarecidos... são muito mais liberais, muito mais de esquerda. Quando eu saio desse eixo, eu vejo pessoas com mentalidade muito diferente, muito retrógrada, de extrema direita e com uma intolerância muito grande".

Sobre as violências que sofre a partir da decisão de vestir-se de forma contra-hegemônica, Guilherme diz: "Eu trabalho no Jaguaré, quase Osasco, na Avenida Jaguaré, então, ir montada todo dia para Avenida Jaguaré, fazer uma baldeação de ônibus na avenida Rio Pequeno, tipo, as pessoas olham! Não tem como!" Apesar disso, corajosamente faz questão de se visibilizar frente aos outros como homossexual contra-hegemônico, o que me lembra Rancière quando diz, "aquele que não tem nome não pode falar". (RANCIÈRE, 1996, p. 36).

Todavia, Guilherme confessa sua preocupação com possíveis violências em espaços públicos ao relatar,

"É interessante que, agora que eu estou com cabelo mais comprido, as pessoas me confundem muito mais com mulher. Eu comecei a sentir que a violência homofóbica é menor [que a sofrida por mulheres] e às vezes eu fico até com medo do assédio masculino. Já aconteceu, e eu fico com medo. Tento ser o menos responsivo possível porque eu não sei qual vai ser a reação desse cara, se ele descobre que eu não sou mulher".

Ao relatar essas experiências, Guilherme admite ter alcançado uma certa passabilidade feminina, ainda que involuntária, devido a seus traços físicos andróginos e principalmente pela adoção de roupas que acentuam uma feminilidade. A situação nos faz pensar na necessidade social de determinar gêneros binariamente: demonstra que os entendimentos binários se solidificam a ponto de não haver a possibilidade de, ao observá-lo, repensar as possibilidades criativas de transição entre os pólos "homem-mulher, masculino-feminino, hetero-homo" (MISKOLCI, 2016).

Em junho de 2018, Gui postou no Instagram fotos de uma viagem ao México. Era uma viagem de trabalho: uma ativação de produtos de uma marca de beleza, sendo que ele e uma equipe participavam do lançamento dos produtos da marca. Em uma das fotos, tirada durante uma pausa rápida no trabalho (figura 19), Guilherme usa um terno de corte tradicional, porém estampado com garças e de tecido acetinado – algo que o faz ser visto, e vendido, como peça feminina.

Figura 19 - Guilherme

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Quando questionado sobre sua forma de lidar com os códigos vestimentares corporativos, Guilherme responde: "se estivesse trabalhando no Bradesco, por exemplo, eu não sei se conseguiria (vestir-se dessa maneira)", porém explica que atualmente tem uma liberdade maior: "É de boa, porque eu trabalho numa indústria que é mais tolerante". Para comprovar essa liberdade que usufrui, conta: "Eu uso salto umas 3, 4 vezes por semana". Entretanto, ele logo repensa o argumento e diz que, se não usufrísse dessa liberdade, tentaria criar formas de vestir que pudessem expressar parte de sua identidade mesmo que não tão claramente, se fosse obrigado a trabalhar em algum lugar de códigos vestimentares mais rígidos, uma vez que sempre encontra uma maneira de usar maquiagem, em quaisquer ambientes, sem a preocupação de adaptar-se ao meio. Essa provavelmente seria uma ferramenta em ambientes mais ortodoxos, diz. Aqui parece contradizer Crane (2006), que indica a necessidade de adaptação dos códigos vestimentares de acordo com os ambientes.

Entre suas poucas tentativas de moldar-se ao papel social masculino esperado, destaca um episódio: "Este ano eu fui padrinho de casamento, e ao usar o terno, eu não me reconheci!", e continua explicando que fez isso por suas amigas, também presentes no casamento, "porque eu sei que qualquer coisa que eu usasse – referindo-se ao que

usualmente veste –, chamaria mais atenção do que elas". Ainda assim, Gui confessa que não abriu mão da maquiagem e de manter o cabelo solto, como forma de se manter minimamente “fiel à minha imagem” (figura 20).

Figura 20 - Guilherme

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Afirma que foi com sua chegada a São Paulo que houve uma ruptura na sua maneira de vestir. Morando com os pais em Maringá, Guilherme se sentia bastante tolhido em relação ao uso de maquiagem e a escolhas vestimentares femininas. O que considera natural, já que "eu venho de uma família japonesa, muito tradicional e conservadora".

Guilherme diz ter um irmão também gay, "porém bastante heteronormativo". Esclarece que o irmão, ao seguir uma homossexualidade com signos de masculinidade padrão, não sofria o mesmo controle dos pais. Sua fala expõe que a homossexualidade seria mais aceita, em família, do que a feminilidade num corpo viado. Isso aparece explicitado na fala da mãe por ele reproduzida: "Você não precisa ficar saindo com essa sapatilha!", e continua contando que "ela às vezes fazia uma chacota, um mini *bullying* contra mim". A fala revela o quanto subverter as normas impostas ao gênero, para

encontrar espaços de singularidade, requer esforço e incomoda. Isto me faz pensar em Butler, para quem todos os corpos são generificados desde sua existência social. De acordo com a autora,

"O gênero é a contínua estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser." (BUTLER, [1990] 2017, p. 69).

É possível entender que o incômodo provocado pelas escolhas de uma aparência efeminada em Guilherme – algo que ocorre também com outros entrevistados – nasce da falta de percepção que "a feminilidade e a masculinidade não são produtos dos corpos masculinos e femininos e que não há conexão natural entre corpos femininos e feminilidade ou corpos masculinos e masculinidade" (ENTWISTLE, 2000, p. 178, tradução nossa).

A relação com os pais modificou-se com o tempo, depois de conversas e uma aceitação maior da feminilidade que ele sempre expressou. Relata uma violência simbólica ao dizer que as atitudes tomadas pela mãe eram com a intenção de protegê-lo, entretanto em suas palavras esse ato "era uma das maiores opressões" que ele sofria, por vir de alguém tão próximo. Se a violência parte "de um estranho na rua, que é homofóbico, você manda a pessoa se foder e segue", porém, "quando se tem isso constantemente, entre seus familiares, isso é mais complicado".

O pai de Guilherme "faz ainda algumas caras de desaprovação, mas ele nunca foi muito incisivo". E continua com a fala que diz sobre a tentativa de normatização sobre seu corpo viado, na construção de um gay clone da masculinidade hegemônica, dizendo, "meu pai tentou forçar uma masculinidade tanto em mim quanto no meu irmão". E exemplifica: "Nós ficávamos muito sempre dentro de casa, e algumas vezes meu pai nos trancou no quintal de casa, para que pudéssemos brincar lá, de bola, futebol ou alguma coisa", assim remetendo à reprodução do entendimento que o espaço exterior estaria destinado aos homens, e o interior às mulheres. Além disso, o relato nos remete à necessidade histórica de silenciamento de homossexualidades, por meio da criação de uma masculinidade forjada a partir da competição viril e do esporte na produção do corpo do menino-macho (CORNEJO, [2010] 2016).

Quando indagado sobre os tipos de homens com os quais ele costuma se relacionar amorosamente e sexualmente, ele diz que tem uma preferência por "caras mais heteronormativos". Questiono essa busca pelo gay-macho e a resposta que recebo

é que, durante certo período, ele havia procurado por homens que "lidavam melhor com a própria feminilidade", mas ele não se sentia atraente o suficiente para esses efeminados. Conclui que atrai mais os heteronormativos porque "existe uma fetichização do afeminado". Guilherme afirma sempre ter percebido/sentido olhares e tratamentos que o objetificam, por ter sido sempre "a bicha mais pintosa e a criança viada". Importante dizer que, mesmo consciente desse olhar do outro, não houve da parte dele tentativas de heteronormatização com mudanças comportamentais embora lhe tenha restado a dúvida sobre "se o preço que se pagava por essa feminilidade, valia a pena".

Depois de mais algum tempo de entrevista, acaba por confessar que em determinado momento, mais precisamente no primeiro ano de vivência em São Paulo, ele encontrou "um cara" num momento em que ainda se via bastante inseguro. "No final do encontro, ele questionou porque eu usava tanta maquiagem, tanto rímel", diz ele, e confidencia: "Na época eu não era hábil o suficiente para explicar. Me senti muito desconfortável". E prossegue: "Esse era o questionamento que eu ouvia em casa: tudo bem ser gay, mas por que você precisa se maquiar, se vestir assim?". Evidencia assim as pressões por normatização do próprio meio homossexual.

De acordo com Guilherme, ser uma bicha efeminada o leva para um lugar solitário. Diz ele que "o preço que pago é a solidão, embora valha a pena". Esse preço cresce de forma proporcional à aparência mais feminina: "Agora que estou com o cabelo mais comprido, eu sou muito mais rejeitado dentro do meio gay". E esmiúça a explicação se referindo ao uso de aplicativos de encontros, ferramenta comum entre gays: "Se você entrar hoje em qualquer aplicativo gay de pegação, Grindr, Hornet, Scruff qualquer um deles, você vai ver uma quantidade enorme de 'Eu não curto afeminado, asiático, gordo, *whatever!*'. E continua: "E o que me incomoda muito, quando a pessoa vem com um discurso de 'eu-curto-afeminados', é que é através de uma fetichização e de uma objetificação". "Eu te juro, antes de perguntarem meu nome, eles perguntam se eu uso calcinha".

Sua bio de apresentação no instagram diz: "Gui Takahashi, moda, beleza e viadagy". Desde sua apresentação, que demonstra um orgulho LGBT, até sua resposta a meu contato inicial, recusando o anonimato porque preferia pôr "a cara ao sol", Guilherme manifesta seu lado político. "Ser viado é um ato político, faz as pessoas entrarem em contato com essa realidade, questionarem suas crenças e coloca rosto e nome em um preconceito insustentável. É comum ter medo do desconhecido, portanto,

trazer à luz nossa realidade tira a obscuridade da homossexualidade e do espectro de gêneros", diz ele em uma postagem de 2017 em seu blog.

Sobre o uso da maquiagem diz: "Foi todo um processo. Eu comecei passando máscara de cílios, depois de dois anos comecei a comprar maquiagem para a pele, depois comecei a usar sombra e lápis. Foi uma construção ao longo do tempo". Ao dizer isso também indica a fluidez da identidade que está em constante construção.

"Eu, para sentir o melhor de mim mesmo, preciso estar de maquiagem. Porque para mim, a maquiagem tem um significado muito diferente do que tem para muitas mulheres. Para muitas mulheres, a maquiagem pode ser um aprisionamento. Para mim, é o oposto. A maquiagem me dá liberdade. Ela me faz transitar por outras nuances do espectro de gênero. A maquiagem me faz sentir mais autônomo; mais dono do próprio corpo. Se eu fosse ceder à todas as pressões sociais; eu não usaria maquiagem. Ou roupas femininas".

Esta última fala me remete ao fortalecimento do corpo e de sua ligação com o espaço, em relação aos corpos sociais como dito por Foucault:

"Mascarar-se, maquiar-se, tatuar-se não é exatamente, como se poderia imaginar, adquirir outro corpo, simplesmente um pouco mais belo, melhor decorado, mais facilmente reconhecível: tatuar-se, maquiar-se, mascarar-se é sem dúvida algo muito diferente, é fazer com que o corpo entre em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis" (FOUCAULT, [1966] 2013, p. 12).

Houve, na adolescência de Gui, uma única tentativa de auto-apagamento e silenciamento da sua homossexualidade contra-hegemônica, por meio de uso de roupas largas e mais masculinizadas. Ele relembra sua tentativa de disfarce do próprio efeminamento ao dizer que usava apenas camisetas e calças largas, "para me cobrir e me esconder; para não ser percebido". Sabia, naquele momento, o que era ser observado por outros meninos como um corpo viado, distante do ideal dos outros corpos masculinos. Sabia o que era "ser olhado por alguém da cabeça aos pés, (...) ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro (...) " (FOUCAULT, [1966] 2013, p. 10).

Hoje, adulto, Guilherme evidencia toda a força de um corpo viado, enfrentando uma sociedade que ainda privilegia o "como ser" ao invés do "ser", com desenvoltura necessária para dizer: "Moda e beleza se tornaram meus exercícios diários de autoestima. É durante aqueles minutos na frente do espelho que me cuido e exerço

minha escolha de ser quem quero ser. Para a maioria da população esse processo é uma garantia. Para as bichas, é uma conquista".

4.3 Alison

Alison Carvalho sugere que nosso encontro seja em um restaurante próximo à sua casa, na região central de São Paulo. Nos encontramos e ele veste calça jeans escura *skinny*, blusa feminina plissada de seda azul, de manga comprida e aberturas laterais que deixam o ombro a mostra (figura 21), brinco de argola grande nas duas orelhas, um quimono de tom escuro, sapato de salto Anabela feito de palha, e carrega uma bolsa a tiracolo.

Figura 21 - Alison

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Nascido em uma família evangélica no bairro de Santo Amaro, zona sul da cidade de São Paulo, Alison iniciou os estudos em Biomedicina aos 17 anos, na

universidade Anhembi Morumbi, desistindo do curso dois anos depois. Saiu de casa aos 19 anos para morar só. Inicia então uma carreira profissional em lojas de *shopping center* e reinicia estudos no Senac, no curso de Marketing.

Hoje, com 23 anos, mora no bairro de Santa Cecília. Tendo frequentado desde a infância uma igreja evangélica, hoje participa de uma igreja inclusiva chamada Comunidade Cristã Nova Esperança, onde ministra louvores. Esta instituição religiosa tem entre seus membros homens e mulheres gays cis, além de transgêneros gays e héteros. Diz sempre ter tido um interesse pela moda para além do consumo, o que lhe proporciona hoje ministrar cursos de *visual merchandising* em uma escola profissionalizante. Questionado se há muito aquelas eram suas escolhas vestimentares, responde: "[No passado] era um pouco menos", e explica: "Eu era feminino, sempre fui feminino desde muito cedo. Era uma criança muito gay!", querendo dizer que carregava trejeitos e parecia estar confortável com eles, mas ainda não ousava na forma de vestir, o que seria especialmente difícil no universo masculino religioso, cristão, de onde Alison provém.

Quando Alison começa a relatar sua história, e a contar como a moda dialogava com sua vida pessoal, o primeiro exemplo dado é sobre o uso de brincos e os questionamentos de sua mãe. De acordo com ela, "usar um brinco em uma orelha é para gays, e nos dois lados é demais!", conta Alison rindo. Para a mãe de Alison, os códigos vestimentares e seus signos estão ligados às homossexualidades e a suas posições sociais, tal como explorado por Hal Fischer (1977). Para essa mãe, assim como para grande parte da sociedade, inconformidades vestimentares não são compreensíveis, dado que o gênero é visto como uma estratégia de sobrevivência em que homens são (devem/deveriam ser) "masculinos" e mulheres são (devem/deveriam ser) "femininas". Usar brincos, nesse entendimento heterossexista, retiraria parte da masculinidade de Alison.

A abertura ao diálogo possibilitada por essa observação sobre brincos foi a oportunidade que Alison teve para assumir a sua homossexualidade para a mãe. A resposta materna foi que, em seu caso, "faltava oração para a cura".

Alison, se intitula como um gay andrógino. Diz "sou viado mesmo e isso não vai mudar", e continua dizendo sobre suas dificuldades no "mundo gay". Diz ele que "o mundo gay é árduo, mas o mundo gay cristão é pior". "Mesmo assim eu sigo plena", afirma, e menciona reiteradas vezes a religião como forma de demonstrar as muitas

possibilidades de locais de sociabilidade homossexual, em especial locais religiosos, antes inimagináveis.

Enquanto conversa, Alison usa muito expressões femininas ligadas ao universo gay – tais como loka, plena, linda, bonita, menina, miga etc. – inclusive, algumas vezes, quando fala de si próprio. Entretanto, sempre se refere a si mesmo no masculino quando não usa essas gírias. Não há nenhum tipo de dúvida quanto ao gênero (masculino) com que prefere ser tratado; mesmo que a performatividade de gênero, dadas suas escolhas vestimentares, possa vir a confundir esteticamente (figura 22).

Figura 22 - Alison

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Questionado sobre as ocasiões em que escolhe vestir-se dessa maneira, ele diz:

"Isso é a minha vida. Eu acordo colocando um tamanquinho, amarro meu cabelo, ponho um blusão com um short jeans, um brinçã e saio na rua. Hoje em dia eu me sinto tão bonita, tão confiante que a rua olha. (...). Meus amigos comentam: Para, bicha! Todo mundo tá te olhando, dá um pouco de homem pra gente! "

Comprova assim como a roupa pode vir a ser usada como uma ferramenta de socialização em grupos e subgrupos. Ainda, como "a roupa é, ao mesmo tempo, um operador de socialização, um mecanismo de controle social e *um veículo de libertação da tirania dos condicionantes culturais*" (LANZ, 2015, p. 173, grifo nosso).

Isso nos leva a questioná-lo sobre sentimentos de vulnerabilidade, haja vista as violências que pode vir a sofrer, ao que responde, "Se eu vejo alguém comentando ou falando alto, provavelmente ele quer alguma coisa. A gente olha (referindo-se aos outros) ou porque a gente deseja ou porque a gente repudia". Ao mencionar o repúdio sofrido por heterossexuais a partir de sua presença homossexual efeminada, acaba por nos remeter a Butler, para quem a heterossexualidade surgiria a partir da homossexualidade repudiada. Diz Butler,

"A renúncia requer a própria homossexualidade que ela condena, não como seu objeto externo, mas como sua mais preciosa fonte de sustentação. Paradoxalmente, o ato de renunciar à homossexualidade fortalece, pois, a homossexualidade, mas ele a fortalece precisamente na condição de poder de renúncia" (BUTLER, 1997, p. 143, tradução nossa).

Questionado sobre os locais de sociabilidade, ele declara não frequentar exclusivamente locais gays. Para além da igreja que já mencionara, relata que "uma vez eu fui pra uma balada hétero-embuste²³". Tratava-se de uma festa no bairro de Vila Madalena, em São Paulo. Conta que vestia uma calça "bem justinha, um salto, uma argola (referindo-se aos brincos) e uma *cropped* rosa, (...) toda menininha", e dançava funk. Diz ter sido insultado por um cliente que o chamava de viado, porém sua única resposta foi: "Glória a Deus!", ignorando o xingamento. Talvez até não simplesmente o ignorando, mas aceitando o termo opressivo com a intenção, consciente ou não, de subverter as estruturas masculinas hegemônicas.

A fidelidade de Alison a seu gosto por roupas femininas me pareceu notável, considerando que como observa Lanz,

"Pouquíssimas pessoas, geralmente consideradas não convencionais e 'excêntricas', conseguem ficar imunes à pressão social por conformidade aos códigos de vestuário. A maioria fica completamente embaraçada, sem saber o que fazer, ao descobrir erros ou problemas com a roupa que está vestindo. Estar trajado de maneira inapropriada para a ocasião faz com que a pessoa se sinta altamente insegura e vulnerável" (LANZ, 2015, p. 173),

o que mostra quanto das escolhas vestimentares está ligado aos processos de interação social, além do quão corajoso Alison é ao enfrentar um universo tão pouco receptivo às suas escolhas, tanto entre heterossexuais quanto entre homossexuais heteronormativos.

²³ Termo usado para referir-se ao homem heterossexual de comportamento machista e homofóbico.

Durante a entrevista, por várias vezes repete, "eu sou um garoto". Em uma das vezes, continua a frase: "Vou continuar sendo um homem, mas sou um gay andrógino". Alison crê na sua força política, ao dizer que

"ao me colocar assim, eu estou dando minha cara a tapa por outras pessoas também. Aquelas que tem medo de usar uma roupa feminina. Medo de um *skinhead* te espancar. Eu não tenho esse medo. Eu não posso perder minha liberdade de andar, de me expressar. Eu escolhi ser assim. Ser gay não é uma escolha. Vestir-me assim, é minha escolha".

E conclui: "você precisa ser você", o que podemos entender como uma negação da necessidade de seguir as imposições, inclusive de códigos de vestimenta heteronormativas.

Sobre o seu "efeminamento", ele diz: "É incrível, é a força, é o poder!". Aproxima-se, ao dizer isso, da fala de Louro sobre o termo *queer*, adotado por alguns grupos homossexuais e por vários de meus entrevistados, em suas perspectivas de contestação:

"Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante" (LOURO, [2004] 2016, p. 39),

o que, claramente, Alison faz ao decidir vestir-se em oposição aos gays que preferem a assimilação da sociedade heteronormativa. Lembremos ainda que, como dito por Louro, "*Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora" (LOURO, [2004] 2016, p. 39); fala essa com a qual concordamos plenamente quando acreditamos ser o efeminado um *gay-queer* que contesta aquela homossexualidade padrão e "*não-estranha*".

"Se me olharem com nojo...", diz Alison, referindo-se a ser um gay efeminado, "tá tudo bem!". Assegura não se sentir incomodado pelos olhares de reprovação: "Eu não sou obrigado a me retrair". Pude, aliás, observar isto na entrevista, durante a qual olhares eram a ele destinados. "Eu tô plena. Por que eu vou ligar para quem está me olhando?" "Se alguém me chamar de viado na rua, eu sou viado mesmo!". Estas falas referem-se à maneira como a homossexualidade é repudiada o tempo inteiro, em prol de um fortalecimento da heterossexualidade e da heteronormatividade. Todavia, como nas palavras da própria Butler, "a homossexualidade não é abolida, mas conservada, ainda

que conservada precisamente na proibição imposta sobre a homossexualidade" (BUTLER, 1997, p. 142, tradução nossa).

Há uma maneira mais fácil de compreensão (ou não-compreensão) sobre corpos como o de Alison. A régua cis-heteronormativa cria medidas facilitadoras de entendimento, ao tentar normatizar esses corpos designando-os como corpos trans, já que de um corpo masculino aquele não é o comportamento esperado, nem mesmo no modo de vestir. Como comprovação dessa colocação, Alison diz: "eu não sou trans", e explica, "eu fiquei uma vez com um garoto que falou: se você quiser colocar peito, eu não me importo. E eu respondi: Eu não quero pôr peito, amor. Eu só sou gay!". Isto comprova a confusão da matriz heterossexual de inteligibilidade sobre um homem efeminado. E mais, como Sedgwick afirma:

"O movimento gay nunca foi a fundo para atender aos assuntos relativos aos meninos afeminados. Há uma razão desonrosa para essa posição marginal ou estigmatizada à qual, inclusive, os homens gays adultos que são afeminados têm sido relegados no movimento social." (SEDGWICK, 1993, p. 157)

Nosso entrevistado namora um rapaz de 25 anos, e se relacionava anteriormente com um "*sugar daddy* maravilhoso" como se referiu ao antigo parceiro de 37 anos, cuja aparência de virilidade máscula contribuiu para que se sentisse atraído. Nas palavras de Alison "o boy era extremamente machinho". Questionado sobre a aparência de seus parceiros, diz que prefere o "homenzinho". Conta ter encontrado o atual parceiro pelo aplicativo Tinder mesmo já tendo perdido as expectativas no uso de aplicativos.

Quando perguntado sobre o perfil dos homens que o procuravam para encontro nos aplicativos de pegação, responde: "Nerds, gordinhos, negros, afeminadas": uma gama de corporalidades e possibilidades de desejo, formada por corpos muitas vezes considerados deslocados (MISKOLCI, 2017). Entretanto Alison não menciona nenhuma tentativa de objetificação ou fetichização por parte dos interessados. Quando questionado sobre seu interesse em outros homens efeminados, não se mostra entusiasmado. Responde, entre risos, que ao flertar com outro gay efeminado, provavelmente diria, "Amore, para, eu não vou te emprestar meu salto".

Por causa de sua forma de vestir, diz não poder frequentar "qualquer buraco". E concorda com a necessidade de adaptação aos ambientes, contradizendo sua fala anterior de liberdade total ao vestir-se: "Em alguns lugares é necessário que eu seja um pouco menos exagerado". Atentemo-nos para o uso de adjetivos no masculino, como já

apontado. Entendemos, a partir de sua fala sobre possíveis adaptações, que essa seja uma estratégia de sobrevivência para evitar o embate diário que possa vir a colocar sua segurança ou vida em risco, assim como estão as vidas de vários membros da comunidade LGBT.

"Eu sempre fui muito feminino", diz sobre seu próprio corpo: "eu tenho mais bunda, coxas definidas". "Eu me sinto muito lindo depois disso", diz referindo-se ao uso de brincos e tatuagens delicadas. Alison acredita que a feminilidade já presente em alguns aspectos do seu corpo tenha sido acentuada a partir dos signos femininos de vestimenta e pequenas modificações corporais, tais como as tatuagens e piercings.

Questiono novamente sobre possíveis imposições externas de uma transgeneridade uma vez que há uma confusão causada pelo efeminamento da estética, ao que ele responde: "Um gay andrógino não é uma travesti. As pessoas precisam saber dessa diferença". Ressalta aqui a afirmação desafiadora de um corpo andrógino (ROMANO, 2009) assim como a rotineira confusão na (má) compreensão social a respeito de orientações e identidades sexuais.

Durante a entrevista, os garçons do restaurante observam atentamente Alison. Uma garçonete, que provavelmente o encontra com mais frequência, passa e nos diz: "Oi, lindas!". Trocamos olhares, e ele diz: "As pessoas acham que eu sou travesti. Mas eu não sou não. Tá na cara que eu não sou um transgênero. Mas eu sempre vou ter que explicar (...)". Quem sabe haja aqui, como nos grupos heteronormatizados, alguma preocupação em reforçar um certo privilégio masculino distanciando-se da figura feminina da travesti.

Seja como for, segundo Alison, ter que dar essas explicações constantemente "é mais difícil quando o teu corpo mostra a feminilidade toda hora" (figura 23).

Figura 23 - Alison

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Questionado então, no final de nossa entrevista, sobre essa necessidade de sempre explicar aos outros sobre sua aparência, diz, "As pessoas sempre precisam de um rótulo. Eu sou um gay andrógino"; e sempre que repete isso, nos remete a Sontag e seu Notas sobre o Camp, de 1964, onde diz:

"O andrógino é certamente uma das grandes imagens de sensibilidade Camp. (...) Ao lado do gosto pelo andrógino, há no Camp uma coisa que parece muito diversa mas não é: uma predileção pelo exagero das características sexuais e das afetações da personalidade." (SONTAG, 1987, pp. 322- 323).

Ainda sobre sua aparência andrógina, Alison explica: "isso é difícil para as pessoas (entenderem)". Muito provavelmente porque as binaridades sempre estão presentes como facilitadoras do entendimento do outro. O que parece, obrigará a continuar explicando as escolhas vestimentares inconformistas de gênero por mais algum tempo.

4.4 João

João Pedro Scatigno, 22 anos, veio para a entrevista no centro velho de São Paulo, mais especificamente no Centro Cultural Banco do Brasil, vestindo uma camisa masculina de sarja verde militar, uma bermuda ampla xadrez em tons terrosos, cuja forma se assemelhava muito a uma saia godê, uma meia arrastão, um par de tênis e alguns acessórios (brincos grandes e corrente de prata). Tinha um corte de cabelo bastante curto, algo quase militar, e exibia um bigode espesso (figura 24). Ao chegar, todos os garçons do café, os clientes das mesas ao lado e o segurança do local olhavam. Ele sequer notou estar sendo observado.

Figura 24 - João

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

João conta que é natural de São Sebastião, no litoral norte paulista, e vive na capital há 3 anos. Antes de mudar-se para São Paulo viveu em Curitiba, onde iniciou seus estudos em Psicologia. Desistiu. Quando resolveu morar em São Paulo, iniciou estudos em Moda, na FMU. Durante a entrevista conta que decidiu manter segredo sobre a troca de curso, contando aos pais sua decisão apenas um ano depois. "Eu sempre

tive esse medo, sabe?", diz sobre a aceitação dos pais pelo fato de estar fazendo o curso de Moda. "*O que meu pai vai achar?*", dado que esse não seria um curso destinado a "homens de verdade".

A lacuna geracional entre ele e o pai parece também dificultar o diálogo. "Meu pai tem 68 anos. Minha mãe, 48. Eles têm 20 anos de diferença".

"Eu não queria ser (gay)", conta João, "porque tudo que estava à minha volta falava que isso era errado". E não faltaram tentativas de apagamento: "Eu tentei... namorei meninas. A primeira eu tinha 15 anos; a última com 17 anos". João ficou pela primeira vez com um menino aos 18 anos, longe da família e da cidade natal, quando estudava em Curitiba. Ele nos conta que, a partir daí "despiroquei mesmo: comecei a pintar a unha, usar maquiagem, usar as roupas que eu queria" (figura 25). Por meio das redes sociais, publicizava ao mesmo tempo sua estética viada e o relacionamento gay. Assim, sua saída do armário para a família foi feita por meio das fotos publicadas nessas redes sociais. Só depois disso o assunto seria mencionado em conversas com os pais.

Figura 25 - João

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Sobre essa dificuldade de falar de sua homossexualidade para a família, João diz: "Eu sou de uma cidade muito pequena, e isso (a homossexualidade) sempre foi visto de uma forma muito errada. Meu pai [era na juventude] um surfista bronzeado, de tanquinho e 'tattoos'". Ao contar isso ele silencia, dando a entender que naquele ambiente, o modelo masculino calcado na heterossexualidade compulsória e na heteronormatividade não dariam espaço ao entendimento de sua sexualidade: "Eu tenho dois irmãos, por parte de pai, que também são do tipo machão. Nunca tive ninguém na minha família com quem eu me identificava, nunca me senti encaixado. Eu sempre tinha algo que eu precisava esconder de todo mundo. Eu sempre sentia isso e nunca me sentia à vontade".

Ao descrever os homens da família, acaba por desenhar a imagem da respeitabilidade sexual descrita por Gayle Rubin ([1984], 2017), em que o homem branco, heterossexual, viril, ocupa o topo de uma pirâmide de respeitabilidade. João conta que tentou reproduzir esse padrão: "Tentei reproduzir essa masculinidade do meu pai e dos meus irmãos. Mas eu vi que era algo forçado. Algo que não estava em mim, sabe? Eu surfava, fazia esporte, o que meu pai queria que eu fizesse, mas eu sempre senti que não era algo que eu fazia por mim". Em suma, via-se obrigado a uma "atuação de gênero" (BUTLER, [1990] 2017), calcada na masculinidade hegemônica. Uma atuação que tende a desvalorizar tudo aquilo que flerta com o universo feminino, que subordina homens gays mais femininos, hierarquiza relações de gênero, marginaliza masculinidades que não atinjam os parâmetros estabelecidos e inferioriza todos aqueles que não atingem e/ou buscam tal masculinidade hegemônica.

Em certa altura da conversa, olha para as próprias mãos e se desculpa, dizendo: "Eu preciso fazer as unhas". Imediatamente complementa: "Eu estou sempre de anel e de unhas pintadas". E confidencia, divertindo-se, "É algo que meu pai odeia!". É assim que João aprendeu a confrontar a heteronormatividade e a masculinidade hegemônica.

Tendo começado aos 19 anos a performar sua masculinidade não-hegemônica, usando vestimentas e acessórios femininos, João se diz disposto a continuar fazendo-o "cada vez mais" (figura 26), indo ao encontro de uma pauta política que João Silverio Trevisan preconiza: "A sociedade tem que aprender não com nossa *saúde forjada*, mas com nossa 'doença' – aquilo que ela considera doença, porque a assusta e coloca em crise" (TREVISAN, 2000, p. 511, grifo nosso), podendo-se interpretar "saúde forjada" como sendo a sujeição a regras heteronormativas sobre modos de vida e vestimentas "de homem".

Figura 26 - João

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Indago sobre o tipo de reação que as escolhas vestimentares de João suscitem nas ruas, e João exemplifica: "Vindo de casa até aqui, mexeram comigo três vezes na rua". Ele tinha ido até o local da entrevista a pé: "o primeiro [xingamento] foi ali perto do shopping Light. Eu passei por um vendedor de perfumes, ele bateu no meu peito e disse: tá de sainha?" João conta ter respondido. "Antes eu ficava quieto, mas agora..." Com um tom orgulhoso e corajoso, de não silenciamento frente às violências, continua relatando: "Eu tirei meu fone e disse: primeiro, você não encosta em mim; eu não te dei essa liberdade! E, o que está te incomodando em mim? O que você tem a ver com isso?", ao que o agressor responde com um pedido de calma: "Calma, era só um comentário!"

Embora frequentes, episódios como esse não parecem mais intimidar João, que conta ter respondido ao agressor: "Fica na tua que eu fico na minha!". "Aí eu coloquei meu fone e saí andando. Outros homens xingavam de longe. Eu nem escuto. Na verdade, eu caguei pra eles!", conta. Sua fala demonstra sua consciência sobre o uso da

moda para expressar posições políticas de ocupação de espaços. O que se pode entender aqui é que João exterioriza por meio do vestir – um vestir tão singular, quando comparado ao modo habitual no vestir masculino – seu lugar social e cultural nas masculinidades, e em especial na homossexualidade masculina (figura 27).

Figura 27 - João

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Essa é, porém, uma capacidade que precisou ser adquirida, construída por João com o tempo: "Antes eu passava de cabeça baixa na rua. Eu tinha vergonha. Medo de pegar metrô. Eu fiquei assustado no começo, confesso", diz sobre sua relação inicial com os enfrentamentos impostos pela cidade. E, mesmo hoje, certas estratégias de segurança se fazem necessárias: "Eu tento nunca sair sozinho. Eu nunca vou sozinho pra uma festa". E, mesmo quando decide ir sozinho, diz saber que "lá eu vou encontrar meus amigos".

Ao mencionar espaços de festas, João nos remete aos discursos de Foucault sobre espaços de liberdade onde o prazer possa ser vivido livremente. As heterotopias²⁴ de Foucault (2013) representariam locais, tais como os locais de festas LGBT mencionados por João, onde as práticas transgressoras das normas sociais são aceitas. Embora João relate suas experiências libertárias em tais espaços, nem mesmo ali é

²⁴ "As heterotopias" foi uma conferência radiofônica proferida por Foucault em 1966, no France- Culture.

possível estar totalmente imune a violências. Conta casos de abuso sexual praticados contra garotas e agressões aos garotos em festas de São Paulo; detalha que amigos foram agredidos no caminho para as festas por estarem vestidos de formas mais exuberantes do que o esperado do vestir masculino.

Detalha também, depois de mais algum tempo de conversa, ter, ele mesmo sofrido violências físicas: "Já levei garrafada na rua". E, ao contar o fato, afirma que as agressões foram motivadas pelas roupas que usava, pelo fato de por meio delas performar uma masculinidade e uma homossexualidade não aceitas. Esses relatos dados por João, embora infelizmente não surpreendentes, também nos fazem lembrar Butler ([1990] 2017): os questionamentos feitos à heteronormatividade por aqueles que decidem não se conformar às normas resultam em exclusão e muitas vezes punição.

Questionado sobre a necessidade de adaptação como forma de sobrevivência, diz: "Se eu for numa entrevista de emprego, se eu vou na casa da minha avó, em certos momentos eu penso que devo dar uma abaixadinha nesse *look*."

A menção à casa da avó reflete uma experiência real. Em uma reunião familiar, decidiu trocar o *look* habitual por algo mais discreto – um macacão preto. Entretanto encontrou brechas, ao apresentar-se com brinco, colar e "cheio de anéis". João explica essas brechas de inconformidade vestimentar, dizendo: "eu não consigo colocar uma camisa pólo, uma calça jeans e um tênis". Se existir essa necessidade de padronização, "eu misturo com outras coisas que façam me sentir mais à vontade". E diz fazer essas misturas com peças basicamente femininas: "eu adoro um brincão. Eu tenho sete argolas. Uma maior do que a outra. Colares e anéis".

Quando pergunto se essas adaptações não seriam um silenciamento, um apagamento parcial, ele diz: "Eu não gosto de me ofuscar por causa dos outros. Principalmente, hoje em dia, que eu vejo tanta gente se empoderando, usando as palavras que usam para diminuir o preconceito. É isso que a gente tem que fazer. Não dá pra ficar se diminuindo mais não. Eu cansei, de verdade". E encoraja outros homossexuais como ele, dizendo: "Quer sair de vestido? Saia de vestido. Quer sair de saia? Saia de saia!".

Ao usar seu corpo como suporte para uma performatização de masculinidade e homossexualidade contra-hegemônicas, e encorajar os outros a fazer o mesmo, usando o corpo e seus vestíveis como ferramentas de contestação de valores, João me parece fazer algo muito próximo da maneira como Mirón descreve o dândi e sua relação contestatória por meio da aparência. Diz essa autora sobre o dândi que ele contesta

"uma hierarquia de gostos, hábitos, comportamentos, uma visão de mundo: querem ser ou se imaginam diferentes, singulares, e pretendem afirmar-se pela atitude e aparência" (MIRÒN, 2015, p. 44).

João conta que por muito tempo se sentiu deslocado, ou isolado, ao fazer isso: "Eu não via outros meninos que se identificam como meninos mas gostam de usar roupas femininas. (Meninos) que têm trejeitos. Eu sou um menino feminino, mas eu me identifico como menino. Eu não tinha visto outros meninos que gostavam de usar saia, gostavam de usar maquiagem", diz, referindo-se à época em que viveu em São Sebastião, e mesmo em Curitiba. Mas continua: "Aqui em São Paulo eu vi muitos. Isso me deixou deslumbrado." E conta que isso lhe fez sentir pela primeira vez, um sentimento de acolhimento: "Olha, tem outras pessoas como eu; que gostam das coisas que eu gosto" (figura 28).

Figura 28 - João

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Em Curitiba, João conta que costumava encontrar-se com "outros viados, mas se eu saísse de maquiagem eles diziam: Ai, bicha! Você tá muito viado!", e continua, "Eu escutei isso até de ex-namorado. Ele não gostava que eu pintasse as unhas, porque eu ficava muito feminino", ilustrando a presença de coerções dentro da comunidade gay, como de um padrão de masculinidade/homossexualidade hegemônico.

A partir desse relato, pergunto com que tipo de homens João costuma se relacionar:

"Tem de tudo, confesso! Não é o visual que me atrai. Eu já namorei um que era *bear*, outro era *twink*. Eu não me envolvo com pessoas que me colocam pra baixo ou tentam me moldar de qualquer forma que seja. Quero alguém que me aceite assim e esteja ok comigo assim".

Sobre o uso de aplicativos como forma de encontrar parceiros, atualmente uma prática comum entre homossexuais diz, "eu parei de usar porque eu me sinto discriminado nos aplicativos. Eu gosto de postar fotos minhas em que eu estou maquiado, de saia, dando close na festa, sabe? Quando eu posto estas fotos; não ganho nenhum match, não vem nenhum cara falar comigo, se eu falo com alguém a pessoa não me responde porque eu sou muito afeminado". Em suma, João não performa o padrão de masculinidade desejada na rede: aquela idealizada, que exclui como abjetos os corpos masculinos efeminados. João cita exemplos de comentários que recebeu em aplicativos: "Você é muito bonito, mas é muito afeminado, me broxa!", ou: "Te achei muito gato, mas você é muito afeminado", o que corrobora a pesquisa de Miskolci sobre a imagética usada como uma maneira de atrair sujeitos desejantes. Diz ele:

"A maioria dos jovens usuários de aplicativos para dispositivos móveis em busca de parceiros sexuais e amorosos, apresenta-se em poses que parecem performartizar imagens fotográficas que circulam nos sites voltados a um público gay, inclusive pornográficos" (MISKOLCI, 2016, p. 260),

referindo-se a uma maioria da qual nosso entrevistado claramente não faz parte.

João continua nossa conversa comentando, entre risos, sua reação a um desses comentários recebido de um usuário do aplicativo: "Ah! Eu nem quero você, bem!", diz, desdenhando seu interlocutor virtual. Pergunto que tipo de homem havia enviado a mensagem que mereceu essa resposta, e ele responde ter sido "um cara padrão, forte, barbado, bonito, parecia até hétero. Se não estivesse no aplicativo poderia se passar por hétero". Novamente, como no entrevistado anterior, o "ser bonito" e o "ser padrão" (que se traduz por "passar por hétero") caminham juntos.

O "passar por hétero" podemos ver, é um exercício de socialização que faz com que os mais aplicados e bem-sucedidos sejam automaticamente mais desejados e aceitos, tornando-se o que já apontamos neste trabalho: clones gays de uma virilidade idealizada. Tal fato também nos remete à proposição de que uma vez que o homem gay

pode "passar por" homem heterossexual performando um ideal de masculinidade, o próprio homem heterossexual não seria o original do gênero e sua expressão, mas sim uma outra cópia (BUTLER, [1990] 2017).

João nos conta: "Eu já escutei muito: você podia ser menos gay, menos afeminado..." Mas retruca: "Eu não vou ficar tendo isso na cabeça de não poder ser eu mesmo", referindo-se por "eu mesmo" a sua masculinidade contra-hegemônica.

Sobre como consegue performar essa sua masculinidade, ele fala da importância de uma rede de apoio, formada por amigos: "Tem muita gente que não tem um meio onde possa estar confortável. Não é confortável em casa, ao redor dos amigos. E eu sou. Os meus amigos me empoderam. A gente sai na rua e eles falam: vai, viado!".

Sua fala nos remete a sua busca por singularidade ao mesmo tempo que objetiva o pertencimento ao seu grupo, como dito Joanne Entwistle sobre as formas de expressão da subjetividade. Diz a autora,

"Podemos usar vestimentas para articular nosso sentido de singularidade, para expressar nossa diferença dos outros, embora como membros de classes e culturas particulares, estejamos propensos a encontrar formas vestimentares que nos conectem aos outros também" (ENTWISTLE, 2000, p. 138, tradução nossa).

João continua falando da importância de uma rede de apoio: "Não é todo mundo que tem esse meio. Por muito tempo eu não tive. [...] Eu comecei a conhecer pessoas que gostavam das mesmas coisas que eu, e não necessariamente eram gays ou femininos ou gostavam de usar saia, mas entendiam tudo isso. Dos meus amigos, no rolê²⁵, só eu e mais dois usamos saia e maquiagem. Os outros não usam mas entendem".

E essa importância das redes de sociabilidade e apoio também se faz presente em outro evento relatado por João:

"Eu recebi uma mensagem de um menino de 16 anos que mora numa cidade pequena, que dizia que se identificava comigo, mas ele não conseguia se expressar na cidade dele, da forma que ele gostaria. Eu disse: bicha, se joga! Infelizmente numa cidade pequena você não vai achar tanta gente como você".

E conta que continuou encorajando o outro dizendo: "Eu também sou de uma cidade pequena e só me encontrei quando saí, mas pra você pode ser diferente. Se você quer fazer suas coisas, faça dentro do seu quarto com a porta trancada. Ninguém precisa

²⁵ nos passeios, ou nas festas.

saber por enquanto, até você se sentir confiante". João menciona assim os modos de negociações disponíveis.

Quase ao término de nossa entrevista, João tenta explicar seus modos de negociação para expressão de sua homossexualidade contra-hegemônica. "Eu achava que precisava estar cercado de gente que se vestia como eu, ou que gostasse exatamente das mesmas coisas. Eu pensava: você precisa ser amigo só de gays. Aí eu percebi que não era isso. Meus amigos são só pessoas que me respeitam". Ao declarar isso acaba por afirmar a possibilidade de convivência com um grande contingente de identidades distintas.

E finaliza nossa conversa posicionando-se politicamente, ao dizer: "Você tem que dar a cara a tapa. Quando eu visto algo que eu sinto que eu estou me moldando é sempre quando mexem mais comigo na rua, é sempre quando eu passo de cabeça baixa. Quando eu estou vestindo algo que eu gosto e como eu quero, eu tô de cabeça erguida, na minha e nada que falarem vai me afetar". E acrescenta: "Se o fato de eu sair assim te dá coragem pra sair assim também, isso sim me dá muito prazer".

4.5 Vinícius

Encontrei-me com Vinícius (Vinny) Pariz no café de um cinema na Augusta. Eu chegara até ele por meio das *hashtags* #gay, #viado, #bicha, #efeminada, #pride, #gaypride, #LGBTQ, #LGBTI+, presentes em seu Instagram. Vinny chegou vestindo um casaco Adidas com flores (pequenas margaridas) bordadas, calça jeans *skinny*, tênis Converse de bolinhas brancas, pulseiras e anéis com pedraria Swarovski, e cabelos longos e lisos que contrastavam com uma negra barba espessa. Com 33 anos de idade, homossexual efeminado orgulhosamente assumido – ou, em suas palavras, viado –, ele nos conta ter estudado Comunicação Empresarial na graduação e ter se pós-graduado em Criação de Imagem de Moda. Também trabalhou, por um período, na Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo.

O próprio Vinny, antecipando tópicos da entrevista, resolve explicar suas escolhas vestimentares, e sua relação, enquanto homem cisgênero, com a moda:

"Eu tenho alguma coisa de sentimental com essas roupas que me lembram o feminino. É uma coisa especial, isso. Eu gosto. Roupas que me lembram o feminino são as roupas de sair. Quando eu visto uma saia e uma camiseta escrito 'bem gay' [referindo-se à roupa que usa na figura 29], eu acho que é meio luta".

Figura 29 - Vinícius

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Cerca de dez anos atrás, Vinny tentou moldar-se a uma masculinidade mais hegemônica e a uma homossexualidade mais padrão. Quando indagado sobre a razão, ele conta que achava necessário "virar homem para pegar homens". Corrobora assim a estigmatização das homossexualidades efeminadas: via-se obrigado a performar uma masculinidade mais hegemônica reproduzindo-a como modelo disponível de aceitação.

E continua "Eu realmente peguei mais caras quando eu estava mais heteronormativo", o que atribui ao "machismo e preconceito que existe interno" (referindo-se à comunidade gay). Detalha também a estética heteronormativa que performou, à época, no universo gay: "Um cabelo curto, e vestir nada com florzinhas e bolinhas ou pulseirinhas; evitar trejeitos e qualquer código gay". Questionado sobre o que ele chama de código gay, responde: "Então, numa conversa eu não ia falar uma

gíria gay; alguma coisa como 'Ai, bi', porque os caras falavam: obrigado, não vai rolar! E o cara levantava, ia embora e me deixava sozinho".

Mas performar essa homossexualidade hegemônica não era uma tarefa fácil: "Eu era esteticamente o que ele queria, mas quando abria a boca, eu não era o que ele queria. Aí eu falei, não adianta eu fazer isso porque eu vou viver num armário, vou sofrer. E eu não quero isso, ser abandonado no meio de um café ou de qualquer lugar".

Nessa saída do armário – do armário em que tentava viver como homossexual padrão – o uso de moda foi um instrumento importante: "Eu deixei o cabelo crescer, eu assumi o que eu sou, a roupinha que eu quero usar, a pulseirinha que eu quero usar, só que isso me afastou ainda mais dos caras." (figuras 30 e 31). Na figura 30, Vinny nos mostra o *look* formal que usou para comparecer ao casamento de uma amiga.

Figura 30 - Vinícius

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Figura 31 - Vinícius

Fonte: Imagem cedida pelo entrevistado

Seu relato mostra a necessidade na comunidade gay de reprodução do clone, do gay macho (LEVINE, 1998), mesmo havendo uma infinidade de identidades homossexuais. Ele nos permite também pensar na fluidez dessas identidades (HALL, 2001). Mas nos mostra, principalmente, o quanto homens gays de masculinidade hegemônica continuam subalternizando, ou tratando como abjetos, corpos viados que não consigam performar o padrão hegemônico. Não sem que haja uma resposta a isso.

Vinny é usuário de aplicativos de encontros. Pergunto como se dá a interação com parceiros ou possíveis parceiros, ele responde:

"Grindr, Scruff, esses aplicativos açougue em que você é só carne [...]. [[Neles] eu recebo mensagens do nada: 'Oi, você é muito bonito, mas eu não gosto de efeminados'. Ou 'Oi, você é muito bonito, mas corta esse cabelo! ', ou 'Me manda foto!', e aí por algum motivo, uma luz que bate na minha unha, alguém dispara: 'Você passa base na unha? Eu não saio com caras que passam

base na unha!' [...] Os textos são muito cruéis. Eu acho que não é gosto, é uma repulsa, uma coisa patológica".

Dias depois da entrevista, Vinny me envia por whatsapp um exemplo de conversa em um aplicativo mostrando uma reação sua a esse tipo de abordagem (figura 32).

Figura 32 - Reprodução de conversa em aplicativo

Fonte: Imagem enviada pelo entrevistado

A necessidade de exposição da virilidade e a consequentemente subalternização dos efeminados afeta Vinny como uma realidade violenta. Ele conta que "sempre tem a diminuição do homem feminino dentro da comunidade", o que nos lembra um recente texto de Leandro Colling: "A homossexualidade se constitui não apenas como uma expressão da sexualidade, mas a norma política que todos deveriam seguir dentro de um modelo bastante rígido" (COLLING, 2018, p. 517).

Vinny traz à tona outros preconceitos na comunidade gay. Diz ele: "Eu sou gordinho. Afeminado e gordo. [...] Eu vou tentando, eu converso com os caras, mas isso [as características mencionadas] me afasta muito". Expõe assim as demandas sociais que impõem adaptações físicas e comportamentais para tornar-se mais aceitável. O vestir não é a única, mas ocupa um papel importante entre elas.

Expõe também outros controles impostos pela comunidade gay por meio da régua de comportamento heteronormativo: "Parece que se um cara sai comigo e eu estou muito feminino, ele também vai ser colocado nessa caixa: 'olha lá o bonitão saindo com o viado!'".

O que Vinny acaba por fazer muito se assemelha ao que o movimento *queer* diz sobre a "crítica à emergente heteronormatividade" (MISKOLCI, 2016, p. 25). Consciente da tendência, de ter seu corpo relegado à abjeção enquanto corpo gay contra-hegemônico, Vinny diz: "O Vinicius de cabelão e pulseiras é viado, bicha! E a partir daí todos os adjetivos pejorativos. Isso foi me cansando, mas eu não desisti. Eu não desisto. Quando eu quero botar uma saia eu boto. Eu sou feliz assim. Tenho a minha vida".

Em alguns momentos da entrevista, Vinny manifesta seu incômodo com as expectativas nele depositadas pela sociedade e mesmo por outros gays: "O que querem que eu faça? Que eu cuspa no chão, que eu coce o saco?", diz, fazendo referência por meio desses estereótipos ao padrão de masculinidade comportamental do homem heterossexual ou daqueles que repetem seus modos. Preciado (2009) faz uso de uma imagem análoga: "O mijar-em-pé entre homens é uma atividade cultural que gera vínculos de sociabilidade compartilhados por todos aquele que, ao fazê-lo publicamente, são reconhecidos como homens" (PRECIADO, 2009, p. 16, tradução nossa). Ao não compartilhar este tipo de signo, Vinny não alcança esse reconhecimento.

Mesmo fugindo à "matriz heteronormativa" (BUTLER, [1990] 2017), e mesmo sujeito a constante vigilância, Vinny diz interessar-se por gays padrão: "Eu acho bonito também, os homens sarados... o padrão da cultura gay". E embora veja esse tipo de homem com interesse, diz não pretender mais repetir esse modelo para si: "Eu vou sair cada vez mais do armário [...] [pois] não era isso que eu queria".

A conversa acaba derivando para a infância de Vinny, que ele classifica como "horrível". Ele me conta que sempre teve trejeitos, e "foi horrível porque eu estudava num colégio tradicional da zona norte de SP. Um colégio católico em Santana. Meu pai tinha poder aquisitivo de colocar os filhos no melhor colégio da zona norte, e foram anos apanhando na escola católica". Vinny diz ter sofrido *bullying* "dos alunos homens e dos professores, que fingiam que aquilo não acontecia". Diz Vinny sobre os sentimentos e sofrimentos desse período: "Eu sofria de bronquite, e pelos ataques fui internado várias vezes. Até que eu falei para os meus pais que o momento em que eu tinha mais paz era quando eu estava no hospital", pois assim estaria longe dos ataques.

Se na infância e adolescência a escola funcionou para Vinny como "instituição empenhada na reafirmação e no êxito dos processos de incorporação das normas de gênero e da heterossexualização compulsória" (JUNQUEIRA, 2015), na vida adulta esse papel continuou sendo exercido em outras instâncias, por meio de outras violências

cotidianas. "Na rua sempre teve. Tem até hoje. Meu cabelo foi crescendo, fui ficando mais feminino e as pessoas começaram a gritar: Viado! Viado tem que morrer!". Ciente das violências que o cercam, Vinny diz: "O gay que é como eu sempre está em alerta. 24 horas. Eu nunca estou tranquilo".

Mas hoje, apesar de Vinny entender ser ofendido e menosprezado nas ruas também por suas escolhas vestimentares, mesmo assim decide continuar os enfrentamentos diários frente às tentativas de silenciamento e abjetificação. Esta postura de Vinny nos remete a Butler (1997), que diz:

"[...] ao ser chamado por um nome se oferece também a alguém, paradoxalmente, uma certa possibilidade de existência social, iniciando-o na vida temporal da linguagem, uma vida que excede os propósitos prévios que animavam esse nome" (BUTLER, 1997, p. 2, tradução nossa),

o que acaba por despertar uma resposta ao insulto, resposta esta que é um ato político, ao significar uma recusa à subordinação e à dominação. Ainda mencionando Butler, o que Vinny faz ao responder, verbalmente ou corporalmente, ao insulto é a percepção de que "a fala possa ser devolvida ao falante de uma forma diferente, que pode citar-se contra seus propósitos originais e produzir uma inversão de seus efeitos" (BUTLER, 1997, p. 14, tradução nossa).

Ainda sobre violências cotidianas e suas respostas a elas, Vinny nos diz: "A maioria das vezes eu ignoro isso. Às vezes eu xingo, mas eu tenho um milésimo de segundo pra saber se essa pessoa não está sozinha. Então se forem 3 motoqueiros mexendo comigo eu não respondo, porque eles vão me matar". Não sem razão, Vinny expressa seu receio; de acordo com o site "Quem a homotransfobia matou hoje"²⁶, que coleta dados compilados pelo Grupo Gay da Bahia com base em notícias publicadas na imprensa, na internet e informações pessoais compartilhadas com o grupo, em 2018 ocorreram 420 mortes de LGBT por crime de ódio. Perguntado como se sentia estando naquele espaço movimentado escolhido para a entrevista (um café no interior de um cinema), responde, "Aqui eu estou à vontade porque eu sei que é um lugar que eu posso falar, mas eu sempre estou em alerta. Não tem uma semana que eu não receba uma buzina ou alguém gritando viado, ou uma olhada torta". Seu discurso mostra uma hierarquização dos espaços públicos. Há aqueles poucos espaços em que se pode exercer uma maior liberdade, ao passo que os demais contribuem "para o

²⁶ <https://homofobiamata.wordpress.com/>

posicionamento dos sujeitos homossexuais em lugares de subalternidade" (PRADO e MACHADO, 2012, p. 11).

"Eu sou masculino", diz sobre a estética corporal que ostenta: "homem cis, alto, barbudo". E continua a interpretação sobre sua própria aparência:

"Passo [à primeira vista] por um roqueiro, mas aí a pessoa começa a te olhar. Ela vê o tênis de bolinha, a pulseira e o anel de Swarovski, florzinhas na blusa, então... 'eu acho que ele é viado'. Essa pessoa vai entendendo lentamente os códigos até pensar que não é um roqueiro, mas um viado. Então eu sinto esse olhar. Das mulheres eu sinto mais um olhar de admiração. Os homens se incomodam mais. Héteros ou gays se incomodam muito".

O que relata sobre seu uso de moda se aproxima do que vínhamos percebendo em outros entrevistados. A roupa, além de uma expressão de gostos, é uma expressão de subjetividade e um meio de afirmação de identidades sociais. Mas ela também é uma camisa de força:

"Uma camisa de força, que limita, cerceia e embota terrivelmente a escolha dos indivíduos pelo que vão vestir. Através da roupa que estão usando, a sociedade exerce uma estratégia de vigilância e controle visando manter os indivíduos submissos aos rígidos discursos que estabelecem o que é um corpo "normal" de homem e de mulher e qual é a vestimenta adequada para esse corpo, em cada ocasião" (LANZ, p. 177, 2015),

Este efeito se materializa nos olhares de reprovação que Vinny sente simplesmente por não se conformar aos padrões estéticos masculinos, heteronormativos, que lhe são impostos. Lembremos que, segundo Joanne Entwistle, "há uma ordem moral para a sociedade que se impõe sobre os indivíduos que geralmente vem a reconhecer que há maneiras certas e erradas de ocupar espaços, formas corretas e incorretas de apresentar-se (e vestir-se)" (ENTWISTLE, 2000, p. 33, tradução nossa), regulando moralmente a vida social e as escolhas vestimentares dos indivíduos.

Um bom exemplo de códigos vestimentares e suas diferentes leituras com consequentes possíveis aceitações é dado por Vinny quando ele nos conta: "Às vezes, eu saio de coque alto. Mas aí eu viro *hipster*, e com isso as pessoas estão acostumadas. Eu passo ileso. Mas um rabo de cavalo ou uma trança já chamam mais a atenção". Chamam atenção por não serem reconhecidos pelo universo de moda masculino contemporâneo, e por conseguinte por se constituírem silenciosamente em instrumento de crítica às normas na sociedade contemporânea.

Vinny sabe que a sociedade cria medidas repressivas aos gays efeminados que afrontam a ordem heteronormativa. Ele acaba por se apropriar desse conhecimento em seu benefício, como fica patente em suas estratégias de adaptação e sobrevivência: "Eu tenho roupas tradicionais que não fazem nenhuma referência ao feminino". Novamente referindo-se ao local do nosso encontro, ele continua: "Aqui é mais aceito este tipo de roupa, então pensei nesta roupa para vir hoje". E conta sobre suas estratégias de segurança para locomoção: "Eu vou para os lugares de Uber, de táxi; não vou usar uma saia no metrô. Mas eu vou sair, eu gosto disso, eu seguro isso. E para mim isso é luta mesmo", referindo-se à escolha vestimentar como uma forma de colocar-se politicamente contra as normas, convertendo-se assim num atuante "sujeito político" (VIDARTE, 2007).

Sobre os gays-padrão que o rechaçam diz, "Eu acho uma hipocrisia. Eles são todos machos na [boate] The Week, andando como o Ken, mas quando toca uma Madonna eles ficam mais viados do que eu!". E relata as normas do padrão a ser seguido, "Você pode ser viada, mas a carcaça não pode ser. Se eu fosse heteronormativo, bem viado, mas gostoso, estaria tudo bem".

Uma vez que Vinny critica os corpos gays padrão e sua relação com os mesmos, acabo por indagar sobre sua vida sexual.

"Quando eu preciso muito [de sexo], eu vou na sauna gay. Eu sempre consigo coisas lá. E lá rola muito bem. Lá também são esses caras que teriam preconceito comigo se estivéssemos na The Week, mas lá eles me pegam. Porque lá é um ambiente fechado, um ambiente de meia luz e todo mundo está lá para isso. Na sauna eu fico com os heteronormativos".

E continua detalhando as interações. "Nas festas dos ursos, na [sauna gay] Chilli Peppers, eu me dou bem, porque eu sou peludo, eu tenho o peito peludo". Esse signo de masculinidade é valorizado naquele ambiente, em que ninguém sabe como ele se veste, como anda na rua ou como usa o cabelo, e onde, portanto sua identidade não-hegemônica encontra-se, ao menos parcialmente, suspensa ou disfarçada. Desta forma, ele consegue burlar as dificuldades de relacionar-se que a sua figura não-hegemônica lhe impõe. É por isso que, como dito acima por Vinny, "lá dentro rola muito bem". Isto nos remete a Foucault:

"Creio que é politicamente importante que a sexualidade possa funcionar como funciona nas saunas, onde, sem que se esteja aprisionado em sua própria identidade, em seu próprio passado,

em seu próprio rosto, encontram-se pessoas que são para você o que você é para elas: nada mais do que corpos, com os quais combinações, fabricações de prazer serão possíveis" (FOUCAULT, 1978, *apud* ERIBON, 1996, p. 168).

Vinny menciona mais de uma vez que as limitações impostas por sua homossexualidade não-hegemônica se aplicam a diversos campos de interação e inserção social:

"Se eu fosse realmente heteronormativo, sem ter que interpretar um papel, eu acho que eu teria uma carreira. Seu eu fosse um gay super discreto, seria mais fácil para minha mãe aceitar, e para mim seria mais fácil como vida. Talvez eu tivesse mais relacionamentos. Mas a configuração que eu fui me sentindo confortável é essa. E eu sei tudo que eu carrego por ser essa configuração. Eu mais do que ninguém sei o quanto é difícil. Eu sei o que é ser olhado de forma preconceituosa dentro e fora da comunidade."

Ao mesmo tempo, tem orgulho de lutar e sair expressando tanto quanto possível no corpo a sua homossexualidade contra-hegemônica, por meio de "uma trança, roupas coloridas, [...] uma camiseta de paetês na Paulista: por mais que ali seja um lugar mais *friendly*, isso ainda choca as pessoas".

"Eu faço isso dentro do que eu posso. Eu me imponho. Eu vou ser o cara feminino dentro de um evento. O cara que tá lá de salto. Vou representar esse pessoal. A gente sofre muito preconceito dentro da comunidade...a gente tem que se impor. Ser viado, gostosão, bonitão, heteronormativo, da tatuagem com o braço enorme é fácil! [...] Ser um gay viado que bate o cabelo comprido no salto 15 e segura esse salto a noite inteira, é diferente. "

E é assim, batendo cabelo, que Vinny encerra a entrevista e se despede. Ele me lembra a *bicha molotov* de Linn Da Quebrada:

*"Ela sempre desejou ter uma vida tão promissora
Desobedeceu seu pai, sua mãe, o Estado, a professora
Ela jogou tudo pro alto, deu a cara pra bater
Pois pra ser livre e feliz tem que ralar o cu, se foder"*
(Mc Linn da Quebrada, *A Lenda*)

5 CRUZANDO AS VOZES: OS ENTREVISTADOS E SEUS CORPOS VIADOS

Depois de termos analisado, no capítulo anterior, as falas, imagens e corpos de nossos entrevistados, podemos agora analisar similaridades e diferenças em seus discursos.

Uma característica de todos eles, acentuada principalmente quando os encontramos pessoalmente (lembramos que os contatos iniciais eram feitos por meio das redes sociais) é a forma como expressam sua virilidade. Homens gays padrão costumam performar uma virilidade que os privilegia para a inserção na sociedade heterossexista. Nossos entrevistados descartam essa preocupação, mas ainda assim têm em comum com aquele grupo uma atuação de gênero: são homens cisgênero, e assim querem ser lidos. Flertam não apenas com uma homossexualidade contra-hegemônica, mas também com uma masculinidade contemporânea, menos tóxica, que questiona a dominação masculina, mas ainda assim é uma masculinidade.

Esta percepção nos remete a uma frase do texto já anteriormente citado de Susan Sontag (1964), para quem "o que há de mais belo nos homens viris é algo de feminino". Nossos entrevistados parecem aderir a essa percepção, ao manifestarem por meio de uma estética que tem algo de Camp "uma predileção pelo exagero das características sexuais e das afetações da personalidade" (SONTAG, 1987, pp. 322- 323).

Todos nossos entrevistados relataram questionamentos ou preocupações relacionadas ao que Butler (1997) descreveu como uma linguagem de ódio que tenta subordinar sujeitos como eles. As tentativas de injúrias, que criam abjeção e subordinação do outro e assim o ferem está presente em todas as cinco entrevistas. Usamos aqui a palavra "tentativa", pois nossos informantes mostram-se em grande medida capazes de reagir. Assumem-se como bichas resolvidas, viados com orgulho, qualificativos cujo sentido original de ofensa conseguem inverter. Nossos entrevistados se utilizam desses xingamentos para referirem-se tanto a si mesmos como aos seus pares. Da mesma forma que se utilizam de adjetivos e artigos femininos não para afirmarem o gênero feminino quando se referem a si mesmos, mas mais para subverterem as masculinidades impostas.

Tulio, assim como João e Vinny, também nos relatam os insultos e violências constantes a que estão expostos nas ruas – inclusive, nos dois primeiros casos, episódios ocorridos no próprio dia da entrevista. Todos se apropriam dos insultos e se fortalecem a partir daí. Vemos Tulio falando sobre "as bichas"; assim como João usando o termo,

"as gay" (sic) quando se referem a si mesmo e a amigos próximos. E não somente se apropriam da ofensa e a ressignificam, mas também a traduzem no corpo por meio de vestíveis que informam, encaram e contestam as normas e suas tentativas de imposições fazendo surgir daí um ato político contra a subordinação. Sou bicha mesmo, afirmam por meio da roupa. Ao fazerem isso, sua própria existência, identidade e visibilidade enquanto grupo social passam a ser fortalecidas a partir do olhar que tenta menosprezá-los. Como diz Butler,

"ao ser chamado por um nome se oferece também a alguém, paradoxalmente, uma certa possibilidade de existência social, iniciando-o na vida temporal da linguagem, uma vida que excede os propósitos prévios que animavam esse nome. " (BUTLER, 1997, p. 2, tradução nossa).

Ao fazer isso, nossos cinco entrevistados comprovam o poder performativo do corpo que resiste. No caso deles, do corpo que resiste ao poder de uma masculinidade hegemônica e de uma homossexualidade aceita.

Entendemos, ao analisarmos as bichas aqui mencionadas, que elas sofrem tentativas de silenciamentos constantes, inclusive por parte de gays-padrão, sobre os quais também acabamos por jogar luz (ou teríamos jogado *shade*²⁷). Gays-padrão se utilizam da moda (mais comercial e "aceitável") para desenvolver um estilo discreto como forma de proteção, tentativa de pertencimento e técnica de sobrevivência, contribuindo para uma normatização da homossexualidade socialmente aceita. Nossas bichas não desejam incorporar-se a essa normatização, e criam resistências também por meio do uso de moda. Como diz Preciado,

"Quanto aos movimentos gays e lésbicos, dado que o seu objetivo é a obtenção de igualdade de direitos e que para isso se apoiam em concepções fixas da identidade sexual, acabam contribuindo para a normalização e a integração de gays e lésbicas à cultura heterossexual dominante, favorecendo as políticas pró-família, como a reivindicação do direito ao casamento, à adoção e à transmissão de patrimônio. Algumas minorias gays, lésbicas, transexuais e transgênero reagiram e reagem contra esse essencialismo e essa normalização da identidade homossexual. Surgem vozes que questionam a validade dessa noção de identidade sexual como o único fundamento para a ação política, e contra isso propõem uma proliferação de diferenças (de raça, de classe, de idade, de práticas sexuais não normativas, de deficiência). A noção medicalizada da homossexualidade pelas práticas sexuais é abandonada por uma definição política e

²⁷ Gíria vinda do inglês muito usada entre drags que se refere a falar mal de alguém, criticar, julgar. O antigo *tombar* alguém.

estratégica de identidades queer. " (PRECIADO, [2003] 2011, p. 17).

A normatização da homossexualidade acima mencionada passa por códigos vestimentares que exigem comportamentos e vestimentas claramente generificadas, que realcem a masculinidade dentro da comunidade gay em busca de assimilação e pertencimento. São estes os comportamentos que, apesar de suas regras claras, não são aceitos ou adotados por nossos entrevistados.

Percebemos em diferentes falas a força política que nossos entrevistados atribuem a essa postura. Por exemplo, quando Alison nos diz "É incrível, é a força, é o poder!", ou na fala de João: "É isso que a gente tem que fazer. Não dá pra ficar se diminuindo mais não". Ou ainda quando analisamos o que Vinny diz, "eu gosto disso, eu seguro isso. E para mim isso é luta mesmo", ou quando Guilherme envia mensagem de texto dizendo, que "a gente tem que fazer política com a cara no sol". Todos se sentem fortalecidos com o uso político da moda e com a adoção dos xingamentos, incorporados e ressignificados como parte de suas viadagens.

Nossos entrevistados também se referem à infância e ao período escolar como uma fase de violências físicas e simbólicas sofridas com frequência. Gui revisita sua "infância de criança viada" ao referir-se ao *bullying* sofrido, da mesma forma que Vinny nos diz sem eufemismos: "eu sempre tive trejeitos e minha infância foi horrível". Essas violências também são relatadas, por todos, como contínuas até a vida adulta.

Infelizmente nossos entrevistados não nos surpreendem ao relatarem violências tanto simbólicas como físicas a que estão expostos. Todos criam, de forma pensada ou intuitiva, estratégias de sobrevivência para ocupar espaços urbanos ou se locomover neles com alguma segurança, Tulio, por segurança, nos diz ter escolhido andar pela cidade de bicicleta; Vinny diz que por precaução "vou para os lugares de Uber, de táxi; não vou usar uma saia no metrô. Mas eu vou sair". João também relata suas estratégias de segurança uma vez que não pretende demover-se de suas escolhas ao vestir. Diz ele, "Eu tento nunca sair sozinho. Eu nunca vou sozinho para uma festa". Estes entrevistados mantêm seus desejos por escolhas vestimentares "não-conformistas", porém são obrigados a pensar estratégias para poder exercê-las. Já Guilherme e Alison são os que demonstram menos preocupação com estratégias de segurança: parecem sentir-se mais seguros em relação ao ir e vir em uma cidade violenta como São Paulo. Coincidentemente, são os únicos que relatam ser comum serem confundidos com

mulheres. Quem sabe essa certa passabilidade feminina não sirva como ferramenta de segurança em relação à violência homofóbica.

Todos os entrevistados relatam a possibilidade de adaptações aos seus modos de vestir em situações específicas. Percebemos isso na fala de João, ao nos dizer: "Se eu for numa entrevista de emprego, se eu vou na casa da minha avó, em certos momentos eu penso que devo dar uma abaixadinha nesse *look*". E também na de Guilherme, quando diz: "Esse ano eu fui padrinho de casamento e ao usar o terno, eu não me reconheci!". Vinny também nos contou episódio semelhante: adaptou-se à formalidade de uma festa de casamento usando uma saia mais longa e discreta, porém não deixou de manter seu modo pessoal de vestir-se e apresentar-se. Tulio, por fim, demonstra ser capaz de usar códigos formais de vestuário, quando nos conta ter seu próprio conceito de roupa corporativa. O que é percebido, comparando as entrevistas, é que raras vezes eles desistem de suas escolhas vestimentares por necessidade de aceitação em ambientes que assim o exijam. Há aqui certa aproximação com o que Duque (2009) chama de "montação estratégica". Embora o autor se refira a jovens travestis e suas negociações para evitar violências, podemos usar o conceito para entender que as adaptações pontuais relatadas por nossos entrevistados também se dariam considerando restrições dadas por situações específicas. Eles também escolhem locais de sociabilidade e ambientes de trabalho em que possam transitar mais livremente com sua escolha de ter "um certo ar queer" (DEL AGUILA, 2008) quando comparados aos ambientes heteronormativos.

Identificam o gay-padrão – e por vezes o desejam – mas não pretendem adaptar-se ao comodismo da estética heteronormativa que luta por direitos enquanto impõe silenciamentos sobre aqueles que não a seguem. Percebemos em todos nossos entrevistados que a sociedade e a própria comunidade gay tentam impor um controle a seus corpos (BUTLER, [1993] 2000) efeminados e suas tentativas subversivas, desafiadoras da masculinidade hegemônica. Identificamos também que, além de usarem da moda e da estética para questionar padrões normativos, nossos entrevistados, mesmo definindo-se como homens cisgênero, também acabam questionando a imposição do binarismo de gênero e suas performances, ao criarem estéticas que dialogam de maneira mais híbrida com os gêneros masculino e feminino.

Ao mesmo tempo, porém, nossos entrevistados demonstram saber utilizar-se de signos de masculinidade dos gays padrão, para seduzir quando e se necessário. Vinny talvez seja o mais explícito nesse aspecto, ao falar sobre suas vivências em saunas.

Exceto por Guilherme e Alison, os entrevistados mantêm – e cultivam – alguns símbolos da masculinidade hegemônica: pelos, bigodes, barba. Ainda assim, são julgados cotidianamente, inclusive pelos gays padrão, pelas escolhas estéticas, o que está presente principalmente nas conversas que analisamos sobre o uso dos aplicativos de encontros nos relatos que nos foram dados: "Você é muito bonito, mas é muito afeminado. Me broxa!". E todos parecem de alguma forma compartilhar o sentimento de João ao desdenhar de gays padrão: "Ah, eu nem quero você!"; mesmo estando muitas vezes abertos aos possíveis encontros com estes tipos mais heteronormativos.

O que certamente podemos verificar, inclusive a partir dessa última fala de João, é que todos nossos entrevistados demonstram por meio de suas vestimentas, corpos e discursos, os questionamentos ao gay padrão, sujeito homossexual masculino "inodoro" (HOCQUENGHEM, 1980), mais facilmente assimilado pela sociedade. Assim, nossos entrevistados, sujeitos viados que são, demonstram por meio de suas diferentes corporalidades (alto, baixo, magro, gordo, *twink*²⁸, urso²⁹, *queer*) as diferentes possibilidades de performatização de homossexualidades masculinas, para além do padrão hegemônico. O que fazem, ao final, é questionar e desmontar identidades homossexuais masculinas idealizadas que frequentemente não levam em conta as singularidades dos sujeitos, muitos dos quais, para alguns, transgressores e disruptivos.

Percebemos também a luta cotidiana por visibilidade, "por sujeitos que se transformam eles mesmos em corpos-bandeira³⁰ e visibilizam a articulação de lugares sociais de opressão para protagonizar a luta no cotidiano" (FACCHINI, 2018, p. 329), São corpos viados que articulam estratégias de sobrevivência e fortalecimento em meio a tentativas de ataque e abjeção.

Por fim, todos relatam dificuldades em criar vínculos e viver relacionamentos amorosos. Guilherme é o que expressa mais claramente a situação, dizendo: "Eu acho que a solidão é um dos principais preços que eu pago", ainda que em sua fala seguinte ele minimize a questão: "Não que não valha a pena. Ainda mais agora, com cabelo mais comprido eu sou muito mais rejeitado dentro do meio gay". E Vinny, por sua vez, confidencia:

²⁸ Expressão inglesa muito usada na indústria pornográfica gay que descreve adolescentes magros e lisos ou adultos com aparência física muito jovem sem pelos no corpo.

²⁹ Hoje o conceito de urso pode funcionar como uma identidade gay cujos corpos peludos, pesados, grandes e o uso de barba são características comuns que auxiliam na projeção de uma imagem masculina de aparência bruta; embora alguns ursos possam apresentar-se como efeminados também. Há diferentes categorias que podem vir a distinguir os tipos de ursos.

³⁰ Termo que se originou do uso dos corpos na Marcha das Vadias do Rio de Janeiro como indicado por Regina Fachini (2018).

"A gente é a Beyoncé dos lugares, mas ninguém pega a gente. [...] A gente precisa dormir com alguém; a gente precisa abraçar alguém; a gente precisa beijar alguém; a gente precisa transar com alguém; a gente precisa ter amor por alguém. "

Alguns relatam mais confortavelmente e outros não; mas todos parecem utilizar-se de uma estética *camp* para criticar a tentativa de fixidez da identidade masculina, perturbando assim "o saber convencional a respeito da aparência que o gênero masculino e/ou feminino deveria ter" (SPARGO, 2017, p. 47). Percebemos, nas falas, que os entrevistados não ignoram os direitos conquistados por lutas identitárias e pelo movimento LGBT, e por vezes os reivindicam. Entretanto, por meio de seus corpos, seus vestíveis e seus modos de vida, objetivam fazer enfrentamentos e buscar mudança social, configurando um uso político do corpo e da moda.

As entrevistas sugerem ainda que estas bichas têm que lutar também contra a solidão, assim como lutam por sobrevivência, como resultado de sua homossexualidade contra-hegemônica. As consequências das escolhas de vida materializadas em seus corpos são sentidas nas ruas, nos espaços de sociabilidade e na vida pessoal. Isto nos remete ao levantado por Márcia Tiburi (2018): as proporções da luta aumentaram com necessidade visível nos últimos tempos, evidenciando agora a necessidade de uma "coragem LGBT" para além do orgulho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO CAMINHO PERCORRIDO À *FECHAÇÃO* DA PESQUISA (NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM!)

Ao chegarmos ao final do trabalho, nos parece conveniente fazer um breve retrospecto do trajeto percorrido. A proposta desta pesquisa foi estudar a homossexualidade não-hegemônica de homens orgulhosamente efeminados, com ênfase no seu uso de moda como forma de questionar padrões normatizantes, lidar com questões de aceitação/não-aceitação social e posicionar-se contra-hegemonicamente. Focamos nossas observações em homens cis gays efeminados que utilizam da moda e suas possibilidades para enaltecer as homossexualidades menos desejadas/aceitas pela sociedade.

A fim de contextualizar a pesquisa, fizemos no capítulo 2 uma discussão sobre a relação entre vestuário e homossexualidades masculinas ao longo da história do Brasil, evidenciando diferentes formas pelas quais a moda contribuiu, ao longo do tempo, tanto para a construção como para o silenciamento de identidades homossexuais. Esta contextualização, feita por meio de revisão de literatura, foi importante para colocarmos em perspectiva histórica o lugar social do homossexual brasileiro, bem como os mecanismos pelos quais diferentes segmentos homossexuais encontram, historicamente, maior ou menor aceitação.

Fomos buscar em seguida em Michel Foucault e Judith Butler, como exposto no capítulo 3, elementos conceituais que pudessem nos auxiliar na análise, para além dos trazidos pela contextualização histórica. Nesses autores buscamos elaborações teóricas que nos ajudariam a interpretar as sexualidades dissidentes e a padronização socialmente exigida de corpos masculinos dissidentes, como os dos sujeitos enfocados por nossa pesquisa.

Pesquisar esses sujeitos envolveu a participação de entrevistados – Tulio, Guilherme, Alison, João e Vinícius – identificados por meio dos procedimentos descritos também no capítulo 3. No capítulo 4 ouvimos cada um deles separadamente, a partir das entrevistas que concederam, ao passo que no capítulo 5 fazemos análise cruzada de suas falas, procurando ressaltar as semelhanças e diferenças que conseguimos identificar.

Nossa pesquisa acaba por reforçar que a identidade gay não é única, demonstrando a pluralidade de suas performatividades. Ressaltamos aqui as diferenças existentes entre o homossexual padrão de masculinidade hegemônica, de virilidade

construída por meio de seus modos de viver e também de vestir, e o homossexual contra-hegemônico objeto de nossa análise. Este segundo grupo, aqui investigado, nos faz reforçar os questionamentos sobre a imagem de um sujeito homossexual massificado e monolítico em suas escolhas vestimentares e modos de viver, frequentemente representado pelo sujeito mais aceito. Ressaltamos aqui o homossexual efeminado que questiona, inclusive por meio da moda, os mecanismos de aceitação e imposição social sobre as homossexualidades. Fazemos isso em coerência ao que diz Butler em *Problemas de Gênero* (1990), sobre os necessários questionamentos políticos à ideia de um conjunto de sujeito pronto, massificado e uníssono muitas vezes representado por aquele sujeito mais aceito.

Nos homossexuais contra-hegemônicos retratados em nossa pesquisa, constatamos a prática de uma transgressão vestimentar, ou inconformismo vestimentar; uma maneira de transgredir os símbolos sociais de masculinidade de uma maioria.

Nossos entrevistados demonstraram não se subordinar forçosamente às normas masculinas impostas pela heteronormatividade majoritária. Quando o fazem, são pontuais em relação a frequência e ocasiões. Também por meio da moda, parecem não seguir regras, ao menos as regras impostas ao vestir masculino padrão, onde a masculinidade precisa ser constantemente afirmada. Questionam a crença em que o gênero deva ser explicitado também nas escolhas vestimentares.

Assim, o que pudemos observar sobre os homossexuais que entrevistamos é o que chamamos de transgressão às normas vestimentares, com ênfase nas experiências pessoais e no uso do próprio corpo, legitimando assim uma luta em prol da visibilidade das diferentes masculinidades e possibilidades de homossexualidades masculinas. O padrão do homossexual mais aceito, ao qual nossos entrevistados não aderem, teria origem nas expectativas de um comportamento específico visto que "a sociedade ainda exige [...] um estilo de vida que mantém a heterossexualidade como um modelo inquestionável para todos/as" (MISKOLCI, 2016, p. 45).

Percebemos assim, na análise empreendida nesta pesquisa, que gays efeminados parecem estar criando um "manual de sobrevivência", composto por práticas que se colocam contra o assimilacionismo, a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade, praticando a viadagem como forma de resistência e comprovando que não há uma única construção que possa totalizar as masculinidades e as homossexualidades. Ocupam espaços com seus corpos viados, sendo cada dia mais bichas e praticando, por meio do corpo, um ato político de contestação.

Quanto às suas contribuições acadêmicas, acreditamos que este estudo promove um melhor entendimento do papel social dos homossexuais masculinos efeminados que se opõem às coerções de uma masculinidade hegemônica e, conseqüentemente à suas repressões e exigências, por vezes tóxicas. Contribui, igualmente, para compreendermos o uso político do corpo e da moda como forma contemporânea de afirmação e de resistência.

Ainda com relação a contribuições acadêmicas, o estudo joga luz nos usos vestimentares escolhidos por estes homossexuais efeminados em relação às imposições vigentes. Por meio da análise pudemos caracterizar o questionamento, por parte desses sujeitos, da tentativa de universalização, ou padronização, da homossexualidade masculina.

O estudo evidencia assim um processo de desestabilização das identidades masculinas tradicionais, processo este que tem se dado por meio dos enfrentamentos diários nas performances de masculinidades e de homossexualidades masculinas diversas. Em última análise, nossos entrevistados pareceram evidenciar as distintas possibilidades nas performances de gênero, criticando a fixidez de identidades e ressaltando a necessidade de luta por visibilidade.

Por fim, acreditamos que nosso estudo, a partir de referências e reflexões originárias da Moda, Artes Cênicas, Sociologia e outras áreas, responde à necessidade ressaltada por Bento (2014) de "estudos transviados" que sorvam das diferentes áreas do saber e que com elas possam dialogar.

Mas além dessas contribuições acadêmicas, há também contribuições que poderíamos chamar de militantes. No momento em que finalizamos o trabalho (início de 2019), é impossível comentar os resultados sem situá-los no momento político brasileiro. Desde as eleições de 2018, as violências contra a comunidade LGBT aumentaram. Importantes jornais noticiam ataques homofóbicos e transfóbicos, e mortes causadas por um discurso de ódio que se fortalece e se institucionaliza. Após o resultado das eleições, o presidente eleito indicou seus ministros, entre eles a homofóbica ministra paradoxalmente responsável pela pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos, que imediatamente à sua posse, em janeiro de 2019, aplaudida por apoiadores, declara repetidamente que o país entrava em uma "nova era", em que "menino veste azul e menina veste rosa". Junto com um discurso de normatização do gênero e sexualidade, o que se percebe é um ataque do Estado brasileiro às sexualidades dissidentes e às identidades, e um endossamento da heterossexualidade compulsória. Uma negação ao

próprio direito de existência dos sujeitos pesquisados neste trabalho era proferida por representantes do Estado justamente no momento em que encerrávamos a pesquisa, o que só corrobora a relevância do uso político do corpo e da moda por estes sujeitos, e a importância de estudá-lo.

No dia 24 de janeiro de 2019, Jean Wyllys, o primeiro parlamentar brasileiro assumidamente gay, desiste do novo mandato por sentir-se ameaçado por grupos conservadores e por um governo que desdenha de pautas da comunidade LGBT. De acordo com entrevista concedida pelo agora ex-deputado, em janeiro de 2019, ao jornal Folha de S. Paulo, o Estado não reconhece a violência homofóbica no país.

Nesse contexto, falar a respeito de homossexualidades viadas nesta pesquisa é de extrema importância, dado que "eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer."³¹ Se por um lado os homossexuais pesquisados atuam politicamente por meio de seus corpos e escolhas vestimentares, o pesquisador também atua politicamente ao pesquisá-los.

Sim, nossa pesquisa também tem limitações. A principal limitação que enxergamos nela decorre do fato de todos os nossos entrevistados, embora originários de históricos familiares diversos, pertencerem ao mesmo estrato social: são todos de classe média. A faixa etária também é relativamente homogênea, variando dos 22 anos de idade, no caso de João, aos 33 no de Vinícius. Com isto, a pesquisa deixou de contemplar a realidade das bichas mais periféricas, negras, pobres ou mais maduras.

Uma sugestão para pesquisa futura decorre diretamente da limitação apontada acima. A inclusão de entrevistados com perfis sociais mais diversos poderá expandir o escopo do presente estudo, trazendo novos pontos de vista às questões sobre aceitação, pertencimento, relações, escolhas criativas vestimentares e repulsa de homossexuais efeminados em diferentes contextos. Uma observação minuciosa sobre homossexuais negros e suas relações com o universo homossexual hegemônico também pode acrescentar elementos relevantes à discussão.

Finalmente, a pergunta do título, inspirada na música *Androginismo*, de Kledir Ramil, gravada pelo grupo Almôndegas em 1978 – Quem é esse rapaz que tanto androginiza? – encontra uma resposta. Os rapazes da pesquisa, viados e bichas, se contrapõem verdadeiramente às normas hegemônicas, hetero ou homo; “enviadesceram”, “são afeminada, das que mostram muita pele, rebolam, saem

³¹ Frase da escritora mineira Conceição Evaristo.

maquiada”, confudem e transgridem as imposições, já que agora “pra todo lado que eu olho, tão todes enviadescendo”. Usam suas escolhas vestimentares como prolongamentos de suas personalidades e identidades. E mandam seu recado: “Se tu quiser ficar comigo, boy (ha-ha-ha), Vai ter que enviadescer! Enviadescer!”³². Se não no corpo, ao menos na alma.

³² Os trechos entre aspas são da letra de “Enviadescer” de Mc Linn da Quebrada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Hamilton. Homossexualismo. **Realidade**, São Paulo, ano. III, n.26, 1968, p. 112-122.
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro): estudo sobre as perversões e inversões do instinto genital**. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1906.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Masculinidade. In: MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Afrontamento, 2005.
- ALVES, Zenaide Gregório. Inquisição e homossexualidade na Colônia. In: **Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais**, Salvador, agosto 2011.
- AMBROSE, Tom. **Heróis e exílios: ícones gays através dos tempos**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.
- BARBOSA, Suzana Corrêa. **Peças fora da engrenagem: capoeiras, lei e repressão na cidade do Rio de Janeiro (1920-1940)**. Dissertação (mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- BENTO, Berenice. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. **Cult**, São Paulo, ano 17 n. 193, 2014, p.20-24.
- BORGES, Theo. **Como eram tratados os homossexuais na Ditadura**, 2016. Disponível em <https://www.nossoamorexiste.com/2016/10/como-eram-tratados-os-homossexuais-na-ditadura/> (acesso em 14 mar. 2018).
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1998.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (1990) 2017.
- _____. **Excitable Speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.
- _____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-166.
- CAMARGO, Wagner Xavier. ‘Vestidos para transar’: notas etnográficas sobre roupas esportivas masculinas e festas de sexo. In: SIMILI, Ivana Guilherme; BONADIO,

Maria Claudia (Orgs.), **Histórias do vestir masculino: narrativas de moda, beleza, elegância**. Maringá: Eduem, 2017, p. 151-174.

CASTELO BRANCO, Guilherme. Vida artista, vida livre. **Revista Dois Pontos**, Curitiba, São Carlos, volume 14, número 1, 2017, p. 115-119.

COLLING, Leandro. Impactos e/ou sintonias dos estudos queer no movimento LGBT do Brasil. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.), **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 515-531.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-274, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X2013000100014>>.

CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino efeminado. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. São Paulo: Autêntica Editora, 2016, p. 73-80.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

DANTAS, Eduardo. Uma praça chamada República. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 13, junho 1979, p.6.

DEL AGUILA, Ursula. A vida não é a identidade! A vida resiste à ideia da identidade. **Têtu** n. 138, novembro de 2008. Disponível em <https://resistaorp.blog/2018/05/08/a-vida-nao-e-a-identidade-a-vida-resiste-a-ideia-da-identidade/> (acesso em maio de 2018).

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência**. Dissertação (mestrado em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

ECHAVARREN, Roberto. **Arte andrógino: estilo vs moda**. Montevideo: Casa Editorial HUM, 2010.

ECO, Umberto. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ENTWISTLE, Joanne. **The fashioned body: fashion, dress, and modern social theory**. Cambridge: Polity Press, 2000.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FACCHINI, Regina. Múltiplas identidades, diferentes enquadramentos e visibilidades: um olhar para os 40 anos do movimento LGBT. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.), **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 311-330

FARO, José Salvador. **Realidade, 1966-1968: tempo de reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: Editora da ULBRA, 1999.

FISCHER, Hal. **Gay Semiotics: a photographic study of visual coding among homosexual men**. Los Angeles: Cherry and Martin, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, [1976] 1988.

_____. **Ditos e escritos IV. Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1994] 2004.

_____. O Que São as Luzes? In: **Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p.364-365.

_____. **O corpo utópico: as heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, [1966] 2013.

GARBER, Marjorie. **Vested interests: cross-dressing & cultural anxiety**. New York: Harper Perennial, 1993.

GODART, Frédéric. **Sociologia da moda**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

GOFFMAN, Erving (1963). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Disponível em <http://www.sabotagemrevolt.org> (acesso em dez. 2018).

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda Editorial, 2018.

GRUNVALD, Vitor Pinheiro. **Existências, insistências e travessias: sobre algumas políticas e poéticas do travestimento**. Tese (doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

FRY, Peter; CURI, Celso; PENTEADO, Darcy; SILVA, Aguinaldo; TREVISAN, João Silvério. Quem deve dormir sobre os nossos lençóis de linho? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, Edição Extra, dezembro 1979, p. 6-7.

FRY, Peter. **Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HIDALGO, André. Pride em São Paulo. In: **Sui Generis**, São Paulo, ano I nº 4, Edição Pride, 1995, p. 23.

HOCQUENGHEM, Guy. **A contestação Homossexual**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário. **Cult**, São Paulo, ano 18, n. 202, 2015, p. 38-41.

KAISER, Millos. **O primeiro gay a gente nunca esquece**, 2010. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-primeiro-gay-a-gente-nunca-esquece> (acesso em set. 2018).

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: an essay on abjection**. New York: Columbia University Press, 1982.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**. São Paulo: Editora Transgente, 2015.

LEVINE, Martin P. **Gay Macho: The life and death of the homosexual clone**. New York: New York University Press, 1998.

LOPES, Denilson. Terceiro manifesto camp. In: GREINER, Christine (Org.), **Leituras de Judith Butler**. São Paulo: Annablume Editora, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.), **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.7-35.

_____. **O corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, [2004] 2016.

MENESES, Emerson Silva; VIANA, Fausto. Moda, vestuário e traje de cena: a passabilidade trans no teatro e no cinema. In: **Anais do Moda Documenta 2017**, São Paulo, 2017.

MENESES, Emerson Silva; VICENTINI, Claudia Regina Garcia. Do unissex ao ‘para todes’: identidades de gênero e uso político da moda. In: **Anais do 13º Colóquio de Moda**, Bauru, 2017.

MESQUITA, Cristiane. O cuidado de si: conexões entre design de moda, processos de subketivação e arte contemporânea. In: **Anais 11º Colóquio de Moda**, Curitiba, 2015.

MIRÒN. Andreia. **Dândi: modo e moda masculina**. São Paulo: Scortecci, 2015.

MISKOLCI, Richard. Nem sempre fomos *queer*, nunca fomos parte da nação. In: BENTO, Berenice, SILVA, Antônio Vladimir Félix (Orgs). **Desfazendo o gênero: subjetividade, cidadania e transfeminismo**. Natal: EDUFRN, 2015, p. 243-260.

_____. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. São Paulo: Autêntica Editora, 2016.

_____. **Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MORAES, Letícia Nunes. **Cartas ao editor: leituras da revista Realidade (1966-1968)**. São Paulo: Alameda, 2007

MORENO, Antônio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. Rio de janeiro: Funarte/EdUFF, 2001.

_____ (1995). Homossexualidades projetadas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 10 n.2, 2002, p. 515-518.

MOTT, Luiz. Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico lusófono negro. **Afro-Ásia**, Salvador, vol. 33, 2005, p. 9-33.

_____. Pré-história da homossexualidade em São Paulo. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v.4, n.1, 2008, p. 23-60.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansaraí Editora, 2003.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1977.

PALOMINO, Erika. **Babado forte: moda, música e noite na virada do século 21**. São Paulo: Mandarin, 1999.

PEREIRA, Carolina. O Vestuário nos anos de silêncio. In: **Anais do 11º Colóquio de Moda**, Curitiba, 2015.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê. Prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. O desaparecimento da homossexualidade. In: LANCETTI, Antonio (Org.). **SaúdeLoucura 3**. São Paulo: HUCITEC, 1992. p. 39-45

PRADO, Décio de Almeida. **História concisa do teatro brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 1999.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2012.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 312, 2011, p. 11-20.

_____. **Basura y género. Cagar/mear. Masculino/feminino**. Disponível em: https://www.scribd.com/fullscreen/79994784access_key=key1kzk7tzxrj9solcq2esc. (acesso em nov. 2018).

PRETES, Erika Aparecida; VIANNA, Tulio. História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. In: LOBATO, Wolney; SABINO, Cláudia; ABREU, João Francisco (Orgs.). **Iniciação Científica: destaques 2007, vol. I**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2008, p. 313-392.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções - Rio de Janeiro, século XIX**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. São Paulo: Editora 34, 1996.

RASPANTI, Márcia Pinna. O que "eles" vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINI, Marcia (Orgs.) **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 185-212.

RODRIGUES, Carla. A filósofa que rejeita classificações. **Cult**, São Paulo, ano 16, n.185, 2013, p.24-29.

ROMANO, Lúcia Regina Vieira. **De quem é esse corpo? A performatividade do feminino no teatro contemporâneo**. Tese (doutorado em Teoria e Prática do Teatro). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ROSENBERG, David. **What it was like to be a gay Man in 1970s San Francisco**, 2015. Disponível em <https://slate.com/culture/2015/03/hal-fischer-gay-semiotics-is-a-tongue-in-cheek-look-at-gay-life-during-the-1970s-in-san-francisco-photos.html> (acesso em 04 fev.2018)

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Editora Ubu, 2017.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **O Brasil por suas aparências: sociabilidades coloniais: entre o ver e o ser visto**. São Paulo: Estação das Letras, 2016.

SANTOS, Jocélio Teles dos. "Incorrigíveis, afeminados, desenfreitados": Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, SÃO PAULO, USP, 1997, v. 40, n. 2 p. 145-182.

SÃO PAULO EM HI FI. Direção: Lufe Steffen. Intérpretes: João Silvério Trevisan, Kaká di Polly, Leão Lobo, Celso Curi e outros. São Paulo, 2013. (1h40min), son. color.

SCALZO, Marília. **Trinta anos de moda no Brasil: uma breve história**. São Paulo: Editora Livre, 2009.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Tendências**. Durham: Duke University Press, 1993.

SILVA, Carmen. O sexo único. **Realidade**. São Paulo ano 5 n.49, abril de 1970, p.72-77.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SONTAG, Susan. Notas sobre o Camp. In: **Contra a interpretação**. Porto Alegre: LPM, 1987, p. 318-337.

SOUTO, Luiza. **Assassinatos de LGBT crescem 30% entre 2016 e 2017, segundo relatório**, 2018. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785> (acesso em 14 de nov. 2018).

SOUZA, Ana Cláudia. Touché. In: **Sui Generis**, São Paulo, ano I, n. 6, out.1995, pp. 30-35.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TAMAGNE, Florence. Mutações Homossexuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs). **História da virilidade 3**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 424-453.

TIBURI, Marcia. Sexologia política. **Cult**, São Paulo, ano. 21 n. 241, 2018, p. 17-21.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TRINDADE, Ronaldo. **De dores e de amores: transformações da homossexualidade paulistana na virada do século XX**. Tese (doutorado Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

VIDARTE, Paco. **Ética marica: Proclamas libertarias para una militancia LGTBQ**. Barcelona: Editorial EGALES, 2007.

VIEIRA, Helena. **Silvia Federici: Transexuais, Bruxas E Xica Manicongo Ou Divisão Sexual Do Trabalho, Acumulação Primitiva E Transexuais**, 2017. Disponível em <https://transfeminismo.com/silvia-federici-transexuais-bruxas-e-xica-manicongo-ou-divisao-sexual-do-trabalho-acumulacao-primitiva-e-transexuais/> (acesso em 1 out. 2018).

ANEXO A - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que concordei em ser entrevistado para a pesquisa de mestrado intitulada "Quem é esse rapaz que tanto androginiza", desenvolvida por Emerson Silva Meneses. Fui informado de que a pesquisa é realizada no Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), e é orientada pela Profa. Dra. Cláudia Regina Garcia Vicentini. Afirmo que aceitei participar sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus, com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que em linhas gerais consistem em compreender os usos políticos da moda por homossexuais masculinos. Minha colaboração se fez de forma não anônima e a entrevista foi gravada com o meu consentimento, assim como consenti com a reprodução de minha imagem no trabalho. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo.

São Paulo, ____/____/____

Entrevistado: _____
(nome) (assinatura)

Pesquisador: Emerson Silva Meneses _____

ANEXO B - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1

Entrevistado: Tulio Costa

Entrevistador: Emerson Meneses

Data: 28/06/2018

Local: Doceira Holandesa - Rua Maria Antônia 231, Vila Buarque, São Paulo

— É muito louco isso! Eu estou... Estou ficando cada vez mais pirado porque eu sou uma pessoa que pensa muito. Essa coisa da apresentação, por exemplo, é muito diferente a apresentação de quando você é da Moda e de quando você é das artes, por exemplo. E essa sempre foi a minha primeira dificuldade. Foi quando descobri que alguma coisa estava errada.

— Mas porque você diz isso?

— Por que eu me apresentava: meu nome é Tulio Costa, eu sou formado em design de moda e acabava aí. Parecia que não tinha mais nada. E eu achava isso um absurdo. E a primeira coisa que eu fiz em artes foi uma espécie de curso montado para jovens artistas experimentar e, aí eu percebi que a apresentação para o pessoal das artes é outra coisa. Eles vão lá no fundo; eles falam, "olha eu nasci em tal cidade, eu estudei numa escola X... ". Mas abreviando (risos): Meu nome é Tulio Souza Costa, eu sou nascido em Herculândia, interior de São Paulo, eu tenho 27 anos; eu me formei em design de Moda na UEL na turma de 2013.

— Como é que você foi parar na UEL?

— Desde muito cedo decidi que eu queria fazer moda. A roupa sempre me interessou muito. Aí no meio do caminho eu me perguntei, "será que é Moda mesmo?". Eu pensei em Arquitetura e Filosofia que eram coisas que me interessavam. Mais Filosofia do que Arquitetura. Aí eu ganhei uma bolsa aqui na Anhembí Morumbi do pró-uni; passei em Filosofia na Unesp, em Marília e, por final, na UEL em Moda. Aí, eu e minha mãe achamos que seria muito ousado vir pra São Paulo direto porque eu era muito novo e eu concordei com ela. Eu tinha passado primeiro em Filosofia e fiquei feliz, mas quando eu passei na UEL eu disse: "É isso. " Porque eu queria muito sair da minha cidade.

— Por que?

— Era porque a cidade estava me dando uns transtornos mentais.

— Causados exatamente por que?

— Porque eu era uma figura muito estranha na cidade. E não só por isso; é uma cidade que tem uma carga negativa muito forte, é uma cidade de 8500 habitantes onde não se tem muito que fazer.

— Você fala que você era uma figura estranha na cidade. No sentido estético? Ou pela sua sexualidade? Você é gay?

— Esteticamente. Sim, eu sou gay.

— Isso era um incômodo na cidade?

— Então, aí a gente precisa voltar um pouco. Eu sempre fui evangélico durante muitos anos.

— De família evangélica?

— Então, mais ou menos. A minha avó era evangélica só que eu comecei indo com minha avó na igreja Assembleia, depois eu fui ficando cada vez mais fissurado pela igreja. Eu pedia para minha avó para ir nos cultos de quarta-feira ver as irmãs cantando. Então era uma coisa que partia quase mais de mim do que necessariamente da minha família. E aí, depois, conforme os anos, a minha mãe se converteu, o meu pai, a família toda foi se agregando. Mas eu comecei com a minha avó, depois eu mudei de igreja e a minha igreja era uma coisa mais autônoma. Partiu de mim. E, fora isso, eu sempre fui um menino muito certinho. Eu sempre fui muito tímido, eu sempre fui um excelente aluno, um menino dentro de casa super tranquilo, na igreja também. Então, quando eu descobri que eu era gay foi com 12 anos, e fiquei ainda quatro anos na igreja fazendo uma negociação do tipo: "quero a vida, ou quero salvação? ". Quando eu me assumi foi meio que uma coisa muito louca porque eu era um exemplo para aquela comunidade. As mães dos meus amigos me tinham como um exemplo. Eu era um exemplo dentro da igreja porque eu cantava, tocava, eu interpretava... E aí, já na igreja eu usava uns acessórios, umas coisas muito diferentes.

— Femininas ou criadas por você?

— Eram coisas de tendências... Daquela moda do emo, por exemplo. Eu comecei usar colares de bolas, pulseiras, munhequeira. E aí o pessoal achou estranho mas eles nunca me falaram nada. Então eu sempre tive esse respaldo, né? De ter cumprido alguns padrões que a sociedade esperava. E aí teve um caso que eu fiquei com um menino na praça, de madrugada e aí chegou no ouvido do pastor e aí ele falou: "Olha, a gente precisa conversar. O seu pecado é moral. E do jeito que está não pode ser! " Aí ele me deu a opção

de ou aceitar um tratamento ou sair lá igreja. E eu decidi sair. Eu tinha 16 anos. Aí, automaticamente eu me assumi pra minha família. Então, eu falo que eu sou um dos primeiros jovens da minha geração que se assumiu na cidade. E como eu sempre fui uma pessoa muito descarada (risos); eu nunca tive muito medo das coisas ou das pessoas. Então, foi aí que eu comecei a explorar a coisa da roupa e de tudo! Aí os outros jovens foram vendo em mim uma... Tipo, olha aquele menino! Eu comecei a influenciar a comunidade ali.

— E foi dessa cidade, aí, que você saiu já para ir para a UEL?

— Foi um pouco depois. Um ano e meio depois.

— Você falou: eu usava da roupa pra poder me expressar de alguma maneira... Foi a partir daí ou era essa sua ideia? Isso foi pensado?

— Olha, eu não sei. E agora, um pouco do meu trabalho do mestrado é sobre a performance cotidiana. Então para mim isso é: "Em qual momento eu comecei?". Porque hoje eu tenho esse repertório, mas em Herculândia eu acho que era mais uma coisa muito atrelada a coisa da moda. Por que foi quando eu descobri o mundo da Moda pela internet, porque a gente não tinha nenhum outro acesso, e aí eu comecei a sentir que isso se tornou importante para mim a partir daquele momento. Foi a partir daquele momento que eu pensei eu preciso começar a usar tais tipos de roupas. Mas isso nunca foi uma coisa muito fechada. Foi uma coisa mais exploratória. E aí depois, mais pra frente, eu comecei a fazer as roupas. Isso eu acho que foi nos últimos meses, antes de eu ir para a UEL. Eu ia, comprava os tecidos, levava na costureira; ela costurava e eu usava as roupas na cidade. Mas aí já era bem diferente do que a comunidade, do que a cidade usava. Eu fui um dos primeiros a levar a calça skinny, calça colorida, camiseta bordada...

— Entendo. Mas ainda ligado à indústria da moda?

— Sim. Quando eu saí da cidade e fui para Londrina, lá eu me dei conta de que o que eu fazia em Herculândia, naquela cidade já não tinha relevância. Então isso já me deu uma abertura para experimentar mais. E aí querido, foi... (risos) Porque eu fui morar sozinho, eu sempre quis sair de Herculândia desde quando eu tinha, acho que uns 13 anos. Fui pra Londrina, morando sozinho numa cidade com 500.000 habitantes; cidade universitária... Aí eu falei, agora acho que é o momento que eu posso brincar mais. E isso foi muito rápido! Logo nos primeiros meses eu falei: "gente, essas roupas não estão fazendo sentido". E aí que eu comecei a comprar coisas que hoje eu posso até chamar de quase uma fantasia que eu usava, nesse período.

— Por que?

— Porque, aí a gente volta um pouco. Eu nunca me achei bonito, nunca me achei sensual, todas essas coisas. Eu sempre me achei um patinho feio.

— Mas você diz isso seguindo quais parâmetros? A medida típica masculina?

— O típico. Todos. E aí eu falei: olha já que eu não posso ser bonito eu vou ser muito interessante. Essa foi uma questão pra mim; então as pessoas vão gostar de mim por outros meios. Então eu era muito fantasiado.

Porque eu levava essa coisa para o máximo, sabe? Então era: vestido curto, maquiagem, salto alto e depois foi quase uma coisa meio Club Kids, sabe? Party Monsters; que eram as minhas referências na época. Então era: jaqueta de paetê, pêlo sintético, cores, um corpet de espelhos. Era uma coisa bem... Aquilo já não era tanto roupa, sabe? E era montagem. Eu sempre tive essa coisa de montar um look, de pensar um look, sabe?

— Mas isso era para causar interesse? Você queria ser uma figura mais interessante do que...?

— Do que o meu natural já era. E foi nesse momento que um amigo me chamou de Tulíssimo. E aí foi quando eu falei: "Essa é minha única possibilidade". Antes eram coisas bem separadas: o Tulio e o Tulíssimo. Eu estou retomando isso porque um colega do trabalho agora falou disso. Eu comecei a brincar: isso é uma coisa que o Tulio faria, mas o Tulíssimo não. Ou vice-versa.

— Mas você está tomando essa separação como um alter-ego?

— Eu não cheguei a uma conclusão ainda. Mas no meu processo, observando... Eu fiquei três anos em Londrina; vim fazer o meu estágio em São Paulo... Aí, aqui em São Paulo, eu vi que o que eu usava lá já não fazia tanto sentido porque já estava sendo produzida uma outra coisa.

— Você está aqui em São Paulo desde quando?

— Eu vim para São Paulo em 2012 procurar estágio. Eu fiquei nove meses depois eu fui pra Portugal fazer intercâmbio. Fui para Guimarães. Aí eu voltei. Mas eu voltei para Marília, onde meus pais moram hoje, porque eu precisava entregar o TCC da UEL, e fiquei em Marília e Londrina e depois vim pra cá em dezembro de 2013. Então estou há quatro anos morando aqui.

— Você falou que estava tendo uma conversa com um cara do seu trabalho? Era sobre tua vestimenta? Onde você trabalha?

— Quando eu vim pra cá eu trabalhei em confecção tanto no estágio quanto depois porque a mesma empresa me chamou para trabalhar. Eu trabalhava com planejamento e controle de produção. Na área de estilo e desenvolvimento. Aí eu estava de saco cheio, falei, "não quero trabalhar mais nisso". Aí eu fiz um

acordo no ano passado e rompi totalmente com a indústria. Aí eu falei: já que eu tenho um tempo livre; eu vou estudar essas coisas das artes e fazer as minhas coisas. Aí, esse ano desandou tudo, né? Porque não existe liberdade sem capital. Nenhuma. Esse ano eu falei: "não, bicha, se localiza, você precisa pagar suas dívidas, de artista!". Agora eu estou trabalhando na Editora Senac, numa vaga temporária. Eu trabalho ali como agente administrativo mas fazendo pesquisas bibliográficas. São umas pesquisas de levantamento e análise de dados de livros da editora. Tanto dos cursos do Senac quanto de outros cursos.

— Você tem um estilo muito marcante no vestir. Eles aceitam de boa lá?

— Então, aí a gente precisa voltar lá atrás. Eu poderia dizer que, eu acho que tudo isso que eu faço é uma coisa de tentar. Eu inventei tudo. Eu inventei uma beleza, inventei uma autoestima, eu inventei uma outra coisa. Porque eu sabia que aquilo não ia dar conta. Só que antes o que eu fazia no começo, em Londrina; eu sentia que era uma coisa de choque e repulsa. A minha imagem já era a própria repulsa. Era uma imagem muito chocante para o contexto. Então as pessoas já olhavam ou elas iam me amar e se aproximar ou elas iam falar: "Ai, é só uma figura estranha. Deixa pra lá! " E ao longo do tempo, principalmente quando eu fui para Portugal, isso ficou mais forte. O que foi também quando eu comecei a misturar mais essa coisa do masculino e do feminino. Porque eu acho que eu poderia dizer que antes era uma imagem mais de um travestismo. Porque eu era todo liso; eu era magro; mais magro. E era uma imagem que se você olhasse era uma coisa feminina. Depois de um tempo eu comecei a falar: "Não. Mas porque isso?". Eu comecei a refletir. E se eu comesse a usar barba? Estou cansado de me depilar. Isso é agressivo. Eu não quero isso. Eu não quero mais fazer a barba. E aí eu fui repensando tudo. E eu sempre tive uma coisa, também pra manter alguns privilégios que eu sempre tive. Como eu sempre fui uma pessoa muito bem aceita em Herculândia, e em todos lugares que eu fui, eu usava deste artifício para minha imagem vir em segundo plano. Então, por exemplo, as pessoas gostavam de mim. De qualquer jeito. Com a roupa que eu estivesse porque elas viam em mim uma pessoa boa, uma pessoa legal. E perante isso é que é imagem quando era muito chocante, as pessoas nem queriam saber. E aí eu pensei: "Porque é isso? Vamos reverter um pouco a lógica". E aí eu comecei a cada vez mais ir para uma coisa de misturar esses dois elementos; do masculino e do feminino. E entrar mais no meio cotidiano e no meio corporativo. Mas eu lembrei o que aconteceu. Teve um momento marcante que determinou isso: uma amiga minha... Porque eu comecei a postar as coisas na época, aí minha mãe ficou indignada, um pouco preocupada, mas sempre me apoiou. Os meus amigos, da minha cidade, eles não acharam muito legal.

— Por que?

— Uma delas falou: "Ah, isso é uma fase. É feio você usar coisas de mulher. Você usa salto e não sei o quê". Uma outra amiga que eu admiro muito por ser muito inteligente falou: "Tulio eu te apoio. Admiro muito o que você está fazendo; só que o que você está fazendo vai atingir um público muito específico. Eu acho que você consegue abranger isso pro mundo inteiro". Ela só me falou isso. Aí no começo eu fiquei putíssimo com ela! Eu falei: "Como assim, sua desgraçada?" (Risos) depois eu tive um período que fiquei totalmente recluso e aí comecei a pensar nisso: "Nossa, é isso mesmo!" E aí que eu comecei a diminuir a fantasia e levar isso ao cotidiano. Eu comecei a introduzir esses elementos na vida real. E aí, agora eu chego na Editora Senac. Na Editora Senac aconteceu a mesma coisa. No começo a gente trabalhava numa sala isolada. A equipe que faz esse trabalho. E eu perguntei umas cinco vezes para diferentes pessoas se havia algum código de vestimenta. Todos falaram, "não, aqui é super livre". Só que isso eu já sabia o meu conceito... Primeiro que aí já entram algumas categorias. O meu conceito de roupa corporativa, primeiramente, porque as pessoas acham que como eu sou essa figura exuberante eu não tenho conceito de nada. Eu sei como me vestir no meu trabalho. Posso optar por não me vestir daquele jeito, mas sei. Então perguntei para várias pessoas; porque o que eu considero como roupa corporativa não é o que eles consideram. Porém eu uso todos os signos que eles usam, por exemplo, eu uso saia sim, mas a minha saia sempre foi abaixo do joelho. Eu não uso saia acima do joelho e é uma coisa que eles aceitam. As bermudas? Uso. É um crime mostrar a canela na indústria, mas eu uso uma bermuda de alfaiataria. Então quando a pessoa olha aquilo, ela fala: "Nossa, a pessoa está bem vestida!". Não tem muito o que fazer. Então, fui pegando estas brechas e me infiltrando por elas e aí, lógico que dentro disso eu faço umas ousadias e algumas eu prefiro não fazer, por exemplo, mostrar o braço é um crime no ambiente de trabalho. Então era uma coisa que eu percebi que não era tão legal. Hoje, por exemplo, é um exagero! Mas eu falei: "Ah, foda-se! É sexta-feira." (Risos) Eu também me apeguei a coisa da sexta-feira casual.

— Você tem barba. Você tem traços masculinos muito fortes. Suas escolhas vestimentares, como você mesmo disse, brincam com códigos masculinos e femininos. Mas você me disse que quando chegou em São Paulo, aquilo que você usava em Londrina já não funcionava mais. Por que as coisas não funcionavam exatamente?

— Na verdade não é que a cidade era determinante para o meu jeito de vestir. Mas ela era quase que uma fonte de pesquisa e um espaço onde eu precisava achar esses lugares para me sobressair ou criar outras provocações. Hummm, acho que essa é uma frase muito boa. Quando eu saí de Londrina eu já não estava

tão fantasioso. Eu estava no meio do caminho. Eu ainda usava salto só que criando uma imagem mais andrógina. Eu estava nesse lugar. E eu ainda usava maquiagem, mas apenas uma maquiagem de correção, não uma maquiagem para propor nada. Mas São Paulo foi absolutamente decepcionante. (Risos) Porque o que a gente fazia em Londrina na época era muito mais interessante do que a gente via aqui. Porque na época a gente acompanhava o Clube Glória e essas cenas, mas pelo que a gente via muito das redes sociais. Acho que era vlogão, devia ser um desses. Ou já era Facebook, eu não sei. Um amigo era fascinado; ele ficava vendo as fotos, vendo referências. E aí quando eu cheguei aqui, isso já não tinha. A primeira vez que eu cheguei em São Paulo e desci do táxi pra entrar na fila do Glória, eu falei: "Será que eu estou na fila certa?" Risos. Me senti muito estranho.

— Você lembra como você estava vestido?

— Se eu não me engano eu estava com uma calça que eu fiz que era de tafetá com um super elastano. Então era como se fosse uma legging futurista, com cintura super alta e uma blusa preta e um sapato preto alto e acho que uma clutch. E a fila com o mesmo que a gente vê hoje nas filas da Augusta. Meninos de camiseta e calça jeans e um desses tênis da moda.

— As relações que você causa ou cria com as outras bichas não faz muita diferença?

— Não existe relação com as outras bichas! Risos Na verdade, hoje existem relações. Esses dias estava pensando nisso, inclusive. Era como se eu usasse minha imagem para repulsar as pessoas, antes. E hoje em dia não. Hoje eu quero conhecer as pessoas. Antigamente eu acho que eu não queria conhecer as pessoas. Analisando hoje e não na época, sempre foi: eu quero vestir isso. E isso causava a repulsa. Olhando pra traz, eu acho que eu não queria ser aceito também. Porque nos lugares onde eu precisei ser aceito, eu fui; mas os lugares onde eu almejava talvez ser aceito, eu não fui.

— Quais eram?

— Que eram essas cenas. Eu queria estar com a galera hegemônica. A galera que fazia as festas; eu queria estar com eles. Mas isso nunca aconteceu; e eu estou muito feliz por não ter acontecido! Isso vale para todos os âmbitos. Porque daqui a seis meses você é uma pessoa de um outro jeito.

— Só esteticamente?

— De pensamento. Eu estou sempre repensando, recriando, fazendo. Eu sinto que essas pessoas ficaram num lugar tão cômodo que é o mesmo lugar dos heterossexuais. Então, é como que você achasse que não precisa fazer nada. É como se fosse o Rio de Janeiro comparado com São Paulo. A cidade é tão bonita que você não precisa fazer mais nada. Hoje, eu olho pra essas pessoas e olho para mim e penso: que legal! Porque, caso contrário, eu estaria vivendo assim até hoje com a galera que está lá ainda. Indo nas mesmas festas e inclusive ouvindo as mesmas músicas. Eu não, eu viajei, eu vim pra cá e já fiz as minhas relações.

— E quais são as suas relações aqui?

— Será que eu tenho as minhas relações? (Risos) Eu estou pensando. Na verdade, eu estou sofrendo um pouco porque eu sempre fui uma figura sem um meio. Eu acho que até hoje eu sou. Eu sou uma figura que conhece várias pessoas, estou sempre intercambiando entre toda essa galera mas eu não me sinto pertencente a nada disso.

— Você não pertence a nenhum desses universos distintos? E por que?

— Por, talvez, interesses. Interesses de conversa, interesse de tudo, sei lá.

— Você tem se relacionado com alguns caras?

— Não. Eu estou sempre me relacionando com todo mundo mas de uma coisa séria, nesse sentido, não.

— E você sofre alguma coisa por isso, inclusive pela suas escolhas?

— Não; porque hoje eu também fui assumindo durante todo esse período alguns privilégios. Como você disse: a barba. Primeiro, eu assumi isso porque eu fico muito mais bonito com barba do que sem barba. Por uma questão estética e segundo pelos privilégios que isso me dá. A quantidade de pessoas que se interessam por mim, se comparado com três anos atrás, saiu de 2 para 200.

— Por que você potencializa um traço de masculinidade?

— Sim. Porque aí que começa o jogo. Eu fui percebendo nesse caminho que quanto mais feminina era minha roupa mais isso ressaltava o que eu tinha de masculino. E quanto mais masculina era minha roupa o que mais se ressaltava era o meu lado feminino. Porque, por exemplo, quando eu uso um vestido de alcinha cavado eu mostro mais os pêlos e aí o meu corpo já cria uma outra forma. Quando eu uso uma jeans, por exemplo, que aliás eu preciso tirar do meu guarda-roupa. (Riso) porque na semana passada, que eu fui para o trabalho de jeans, eu fiquei totalmente depressivo.

— Porque exatamente?

— Porque as pessoas me chamavam pra fazer alguma coisa depois do trabalho e eu não queria sair. Eu não queria sair pra qualquer lugar com essa roupa. Não era eu. Até teve um dia que eu sai pra Roosevelt com os meninos e eu ficava chocado pensando que eu não sabia quem era aquela pessoa.

— Aquela roupa te anulou?

— Me anulou para mim mesmo. É que eu levo isso também um pouco ao extremo, né? Se você não pode apresentar um bom look pra sociedade, você não deve nem sair de casa. (Risos) Porque ninguém é

obrigado!

— Mas o que você chama de um bom look é de acordo com teu repertório?

— Sim. E de proporção. Esses dias o pessoal da pós me perguntou: Mas com que roupa eu vou? Eu respondi: Gente, sempre há a oportunidade de se montar um bom look. Eles já me conhecem um pouco. Mas, nesse ponto eu não estou dizendo que você tem que ir assim ou assado. Não! Mas você tem que ter um pouco de consciência do que é aquilo.

— Do que vai causar?

— Nem é do que vai causar, porque isso varia muito. Mas ter um pouco de consciência sobre o que você está vestindo.

— Tem uma coisa que você faz, que inclusive foi a partir daí que eu encontrei você, que foi do uso da suas hashtags: #Queer, #Gay #Poder...

— Sim, mas se você olhar, foi um período muito curto. Porque não é isso. Eu fui inclusive convidado para o Educa. Não sei se você conhece? É uma plataforma de cursos, um que foi lançado hoje ou ontem, sobre LGBT+; e eles me chamaram para representar o Queer do mais. Aí, logo no começo eu pensei: Acho que não. Não é pra mim isso.

— E por que não?

— Eu aceitei. Eu falei: é melhor eu representar essa coisa do que uma outra pessoa apresentar algo que não é. Por que essas categorias, elas começam a te dominar também, né? Categorizar é uma forma de dominação. Então, chegou um momento, quando foi bem essa coisa do não-binário, a galera estava me colocando nesse lugar. E aí eu falei: OK, eu acho que eu sou. Aí depois eu falei: Não eu acho que eu não sou. Mas aí perguntavam: você é trans? Gente, o que é isso? Eu acho que eu sou não-binário, mas eu não me considero trans. Então eu acho que eu sou cis. Então, eu sou cis não-binário. Não; já não tem lógica isso. Aí eu falei: Gente, não tem nada a ver. O que eu sou: um homem que quer vestir essas coisas.

— E por que você quer vestir essas coisas?

— Por que eu quero criar uma outra coisa! Por que é isso. E porque eu quero.

— Não é porque você está enfretando? Por exemplo, a gente está num ambiente super de direita e conservador aqui e eu fico imaginando você passando...

— Não somente passar por aqui. Porque eu fui convidado, no ano passado, para ministrar junto com outras pessoas um curso de cartografias sensíveis. E aí todo dia eu entrava no Mackenzie com batom vermelho, que eu usava ainda na época e hoje eu já uso menos. E as pessoas perguntavam: Nossa qual é o evento. O evento é a vida, gente! Não tem uma coisa especial? Sim! Eu acordei estou saindo de casa. Mas você falando isso agora... Eu acho que eu faço isso porque essa é a minha maior forma de arte. Eu sinto muito prazer em pegar essas roupas. Primeiro, garimpar essas roupas. Porque o mesmo trabalho que eu faço com os acessórios e outros trabalhos artísticos pegando os metais que eu encontro nas ruas, isso já veio de antes, só que com roupa. Porque eu nunca tive dinheiro pra usar as roupas da moda. E aí que foi onde a coisa começou. Porque eu quero estar na moda, isso desde os 15 anos, mas primeiro, eu não tenho acesso essas lojas e segundo, eu não tenho dinheiro nenhum pra isso. Então pensei: você vai ter que inventar. Inventar uma outra coisa. E aí isso foi descambiando. Então em relação a minha vestimenta é: esse garimpo que eu faço de tentar achar as roupas, roupas que eu acho bonitas e depois montar esse look. Montar essa imagem, sabe? Mas para mim não é uma coisa de styling. Nunca trabalhei com isso e também acho que não... Já passei por experiências de alguns amigos ficarei muito fascinados com isso e pedirem pra usar as minhas roupas. E eu empresto de boa mas a resolução é completamente diferente.

— Porque é muito pessoal?

— Por que para aquela pessoa teria que ser uma outra coisa.

— O que você acha que eles querem quando eles pedem uma coisa tua para usar?

— Eu acho que eles querem a minha autoestima. No fundo, no fundo... Porque eu acho que esses meninos, os que geralmente pedem as roupas eu sei que eles não se aceitaram totalmente na sua sexualidade e na sua apresentação. Ora por si mesmos ora por ter uma família ainda muito tradicional. Então usar uma saia para eles é como se fosse um ato. Não algo como "eu queria ser isso" ou "eu queria ser o Tulio" mas eu sinto que eles tem essa vontade de "nossa, eu queria ser outra coisa também". "Se eu pudesse usaria outras coisas". Mas para eles aquilo é uma coisa muito momentânea e para mim hoje é cotidiano. Agora com trabalho agora com o trabalho eu sinto que essa adaptação para trabalhar é um pouco complicado para mim. Eu estou sentindo mais agora.

— Por que exatamente? Você sente os olhares?

— Sim, mas isso não me incomoda. A única coisa que me incomoda é quando alguém me toque, por exemplo. Se você quiser me violentar verbalmente, eu vou estar cagando e andando para você/ agora se você pegar meu braço... Eu não gosto que as pessoas, quando tentam me violentar, me peguem. Agora, em relação os olhares, foi a primeira coisa que eu abstrai totalmente. Radicalmente. E a segunda, os xingamentos. Até que eu tenho sentido um pouco nos últimos anos; mas é muito raro. É uma coisa tão estranha para eles que eles nem tem, às vezes, o repertório para me xingar. Eles olham e: "Nossa, é uma

travesti barbuda?"; ou "É um homem de batom ou é uma mulher de barba?". Não dá tempo. E aí tem a questão da bicicleta também. A bicicleta me dá uma outra segurança que em andar a pé eu não sinto tanto.

— Você já sentiu violência andando a pé?

— Eu só sofri essa violência em dois momentos. Um momento na feira aqui na Santa Cecília, que eu estava de batom vermelho, mas o look não tinha brilho, não tinha nada, era um look bem senhora. (Risos) Meu amigo, inclusive, fala que o meu repertório é o das irmãs do ciclo de oração da Assembleia, lá do interior de São Paulo, só que um pouco melhorado. (Risos) Porque a saia é sempre abaixo do joelho; o vestido também. Eu tento trazer uma coisa desse tradicional, sabe? Nesse dia, um cara de rua, ele ficou rindo do meu batom e eu não dei trela. Aí, ele começou a gritar para os outros feirantes que compraram a dele. Então, todo mundo ficou gritando e rindo. Eu andando, e o cara correndo atrás de mim e, pegava no meu braço e ficava me apresentando para os feirantes como se eu fosse uma espécie de freak show. Essa foi uma violência dura pra mim. E uma outra que aconteceu, foi quando eu usei um vestido. Hoje, talvez, eu ache que ele seja um pouco ousado. É como se fosse uma combinação de um vestido antigo. Ele era muito fino, levemente transparente, na base do joelho. Um vestido de senhora. Também tem a questão das roupas que vem geralmente de segunda mão. Eu acho que tem uns espíritos nela, da pessoa que usou antes, principalmente. Esse vestido, quando eu saí de casa, eu já fui sendo xingado em todo o trajeto que eu fiz. O dia inteiro. Eu saí de casa, subi para o Minhocão. Estava um sol lindo, então eu falei: "Gente, vou tomar um sol com esse vestido maravilhoso". Aí, tinha uns caras que me xingaram de todos os nomes possíveis. Até que acabou o repertório e um deles me chamou de "lésbica do caralho". (Risos)

— Que genial!

— Genial (risos). Puta que pariu! Isso foi a frase que me falou: "Isso é o Queer!" Quando não encontram categoria mesmo, então... É maravilhoso! Aí depois eu continuei o trajeto até o CCBB; todo mundo olhando, nesse dia, eu senti um incômodo geral. Aí, depois, eu tentei entrar no Shopping Light e eles me proibiram de entrar.

— Você não entrou no shopping por causa da roupa?

— Ahã. Na verdade, eu poderia entrar, mas eu teria que entrar pelo elevador de serviço e ir direto para o lugar; porque no saguão principal tinha crianças. O cara fez um discurso horroroso. Só que; para mim, a sociedade não me aceitar, sinceramente, eu estou cagando. Eu, naquele momento, ia sair fora. Se eu não sou bem-vindo naquele espaço então eu vou pra casa ou vou para outro lugar. Só que eu estava com um amigo e aí ele comprou a briga. O negócio começou a ficar mais tenso. E foi isso!

— Ele entraria?

— O meu amigo? Tranquilamente.

— Por que?

— Porque estava com uma roupa completamente neutra. Camisa cinza, short de alfaiataria e tênis. Enfim... Aí foi isso; esse dia foi um dia que eu fiquei bem assim...(triste). Mas é bom quando isso acontece. Porque eu acho que eu quase me sinto mais vivo, sabe? Da um outro sentido para o que eu faço e vivo. Que é: eu preciso fazer mais. Eu preciso continuar fazendo. Eu preciso disso. Na verdade, não é nem que eu preciso. Eu não sei fazer outra coisa. Hoje em dia não sei fazer outra coisa. (Risos) Nesse dia eu fiquei muito mal. Eu fiquei realmente mal. E eu não sou uma pessoa de ficar mal. Eu não sou uma pessoa acostumada a ficar mal por conta de coisas externas. Eu cheguei em casa e eu tinha um outro evento, no Bom Retiro; na feira de imigrantes. Cheguei em casa super chateado, aí virei e falei: "Você vai fazer o que? Vai ficar chorando em casa? Ou você vai ver a sua amiga? Amiga que quer ver você?" Aí a decisão era: "Vai com a mesma roupa?" Eu vou. E eu conversando comigo mesmo, falei: Eu vou! E eu cheguei lá e foi um outro lugar. Que é um lugar também do exótico; que as pessoas pedem pra tirar foto, geralmente tem meninas adolescentes que vem me elogiar; dizer que eu tô maravilhoso. Que não é um lugar que eu quero também mas é um lugar mais amistoso. É isso: "Vamos ali tirar uma foto com ele porque eu quero registrar este momento". E não é "vamos bater nele porque isso é uma aberração".

— E as outras bichas em relação você?

— Hoje já mudou muito. Eu acho que até eu já estou precisando mudar de cidade. (Risos) Quando a coisa começa a ficar muito assim; há quase uma deixa pra você ir pra outro lugar.

— Por que? São Paulo está encarecendo?

— Não. Pelo contrário. Essa geração, os mais novos? O que eu faço, eu não digo que é nada, porque o que eu faço não tem muito repertório de moda, sabe? Eu fui acumulando umas roupas durante 10 anos. Tenho as mesmas roupas durante 10 anos. Tanto é que, esse ano, eu mudei de casa e pensei: Preciso vender essas coisas. Foi aí que eu abri o brechó e foi difícilimo.

— Vender?

— Claro! Imagina você achar uma jaqueta de paetê dourado em Londrina que você pagou R\$30 e você está usando essa jaqueta há 10 anos? Que pessoa vai usar essa peça? Eu nem quero que ela seja vendida pra qualquer pessoa.

— Bem, eu estava no teu insta de novo e lá você faz uma declaração ao seu pai. Você está numa foto com shorts e sem camisa sentado ao lado dele falando sobre o seus 12 anos e dizendo como deveria difícil ser pra ele...

— Sim; aceitar como eu era. Aquilo é o meu trabalho sabe? Eu disse isso porque eu sei o quanto é difícil pra ele, que era um garanhão do interior de São Paulo que aos 24 anos engravidou minha mãe com 13 anos, ter um filho como eu. Dentro do contexto daquela cidade. Meu pai sempre foi muito excelente, sabe? Eu vejo o esforço dele pra isso. Ali foi mais uma questão de " eu sei como é difícil pra você entender tudo isso." Porque para mim também é. Mas não tem outra coisa.

— Entender?

— Me entender e entender ele. Porque vai virando uma obsessão. Eu sou obcecado pela minha vida; pelo modo que eu construí ela e pelo modo que eu estou construindo.

— Engraçado porque você fala do seu pai e você acaba de usar a palavra garanhão e a palavra garanhão está muito ligada à virilidade masculina e eu te olho e também vejo um homem muito viril muito próximo desse pai que você descreveu.

— Exatamente! No ano passado, eu comecei a pensar; eu acho que inclusive nesse mesmo período e foi por isso que eu escrevi esse texto porque eu comecei a observar as semelhanças que eu tenho com meu pai. Isso foi um choque pra mim. Porque eu vi o quanto nós somos muito parecidos inclusive com os mesmos defeitos e os defeitos que eu menos admiro porque os defeitos também não são coisas pra você condenar. Foi muito chocante. Eu percebi que eu sou muito parecido meu pai. Porque a minha mãe... Eu sempre vou falar da minha mãe porque ela para mim é um ser surreal. Eu não sei o que aconteceu pra ela falar: Esse menino vai ser o que ele quiser. A qualquer custo mesmo que os custos sejam os meus. Foi o modo como ela viveu até agora. E eu decidi criar a ruptura do ano passado pra esse ano, que foi viver a vida de um artista e começar a pagar minhas contas de artista por conta de não ficar exigindo da minha mãe mais do que ela já fez. Financeiramente, principalmente. E no ano passado aconteceram coisas horríveis comigo, primeiro porque eu me envolvi em alguns investimentos que não foram bem-sucedidos e me vi numa situação totalmente sem dinheiro mas ao mesmo tempo super produtivo artisticamente. Comecei a trabalhar de Uber Eats pra conseguir pagar parte das contas e isso pra mim foi uma experiência brilhante. Mas eu fui sentindo que eu estava tão lá no fundo do poço e estava tudo tão fodido que eu falei: "Já que está aqui então vou levar tudo isso ao extremo, sabe?". Chegou no ápice de chegar à conclusão que eu não queria viver. Foi um ano muito pesado. Lá em dezembro eu estava no limite, acho que eu nem ia sobreviver a 2017. Foi um ano horrível. Eu falei: "Mãe eu preciso ir pra casa." Ela falou: "Vem pra cá." Eu deixei meu apartamento, distribuí algumas coisas na casa de uns amigos e eu fui pra lá achando que eu ia ficar um tempo. Mas São Paulo me ama! (Risos) No dia que eu cheguei lá, já tinha uma entrevista de emprego marcada para janeiro. Aí eu conversei com a minha mãe e ela falou: "Vai e depois você volta de novo". E aí quando foi chegando mais próximo surgiu essa entrevista do Senac. Aí eu preferi ficar no Senac.

— Bem, voltando as hashtags eu vi que você já usou, lá atrás, naquele começo, #efeminado e # ladyboy. Por que?

— Faz tempo e foi uma coisa tão específica que eu precisaria repensar. Talvez seja uma tentativa... Porque é muito complicado, você ser uma figura que nunca se encontra. Isso é muito sofrido. Eu achei que eu ia chegar em São Paulo e eu ia ter um grupo lá. O grupo das estranhas. E eu achei que eu ia chegar nesse grupo ia me sentir super incluído. Isso nunca aconteceu. Nem aqui e nem uma cidade que eu passei. Porque o grupo existe. E se existe, eu não conheço. Mas também porque depois vão se criando outras categorias de interesse. Porque às vezes a estética é parecida mas o discurso é outro. Ou a estética parecida e a abordagem com o cotidiano é outra. Mas mais do que isso, eu acho que o que me impede aos relacionamentos é porque eu sou uma pessoa que gosta muito de pensar e de levar as coisas bem ao extremo. E ninguém está a fim de fazer isso. As pessoas querem o leviano, né? Hoje, eu sinto que os meus problemas de relacionamento, de amizade e também afetivos vão mais nesse lugar. Mais na questão do intelecto do que na questão da estética. A estética está super bem aceita. Com gente mais velha com gente mais nova.

— Esses relacionamentos afetivos que você falou são com que tipo de caras?

— Eu sou bem categórico. Existe uma transa e o relacionamento. O pressuposto para um relacionamento afetivo é a aceitação do outro. Isso já elimina 90% das pessoas. Porque é uma das coisas que eu tenho de mais interessante. Se você olhar pra mim e não ver graça nisso, no sentido de interesse, o restante é só uma coisa de complementar isso. Se você não gostar disso, não tem nenhuma hipótese de outra coisa. Então começa a dificuldade. E eu também já tive alguns relacionamentos, na verdade pouquíssimos relacionamentos, mas que foram surreais. E eu mantenho contato com essas pessoas até hoje.

— Surreais?

— Porque são pessoas que superaram isso e são pessoas interessantes, inteligentes, criativas e que me estimulam. Em Portugal, eu tive namorado que está lá até hoje esperando (risos) e eu espero voltar em

breve. Um português. E aqui em São Paulo, eu tive um namorado, mas a gente foi ficando muito fraternal, sabe? Mas é uma pessoa que eu amo até hoje. Hoje é uma das poucas pessoas que eu gosto de conversar, sobre coisas que eu gosto de conversar e que me entende. É um prazer estar com ele. Ele é um pouco mais velho. O português é bem mais velho; 19 anos mais velho. Agora questão sexual é uma outra coisa porque eu não levo essa imagem para cama.

— O que quer dizer isso?

— Quer dizer que se eu estiver de batom você me pediu pra te chupar, isso não vai acontecer, em hipótese nenhuma. Posso te beijar no espaço público, isso acontece mas o pessoal tem medo de batom. Coisas literais mesmo. Eu não levo essa minha imagem, que eu respeito muito. Isso aí eu faço com outras roupas.

— Então há um Tulio da transa que não vai usar essa roupa?

— Claro! É o Tulio que vai usar todos os meus privilégios de corpo, de pêlos, de pele, de interesses também.

— Mas é claro que numa festa, vestido assim, você pode ficar com outra pessoa. Não ?

— Claro. E é legal porque foi acontecendo com o tempo; porque antes isso era uma coisa impossível. Tanto é que a primeira vez que eu saí bem montada aqui em São Paulo, inclusive foi numa festa Priscila, tinha dois amigos do Rio de Janeiro e um deles gostou muito de mim e nós ficamos e aquilo foi um momento mágico porque eu consegui ficar com um cara tão bonito assim, em público, com aquela roupa, era uma coisa impossível antes; dentro do que eu já tinha vivido.

— Explica o que quer dizer " ficar com um cara tão bonito " ?

— O padrão. Depois descobri que ele não era nem tão padrão assim. Depois disso nós ficamos amigos. Aquele foi um momento que eu pensei que fosse impossível. Porque é impossível. As pessoas sempre se interessaram por mim, mas não eram as pessoas que eu queria que se interessassem. Muita gente sem interesse chegava pra ficar comigo porque pra eles eu era única opção. Para eles " o estranho " era o único menino da balada que eles conseguiriam ficar. Como se a gente não tivesse opção. Como se a gente não tivesse gosto. Eu posso ser a bicha mais louca e estranha dessa festa e vou fazer o que eu quiser e eu não quero ficar com você! Lógico que a gente tem alguns padrões estéticos. Mais padrões de gente interessante do que de beleza. De poder olhar pra uma pessoa e pensar que há uma inteligência, uma proposta naquilo, que eu posso gostar daquela pessoa, ela pode ser interessante independente de cor de pele, de corpo e tal. E tem as pessoas que não são interessantes. Mas eu assumo meu papel de arrogância nisso. Porque eu sempre me achei muito especial. Mesmo nessa estranheza, eu sempre pensei: eu sou isso. Eu não sou assim porque foi o que me restou, pelo contrário. Dá muito trabalho fazer isso. Então, não é pra qualquer um. Mesmo.

— Em algum momento parecer este Tulio; ser este Tulio teve algum teor político?

— Isso também foi uma outra coisa que nos últimos tempos eu fui sendo cobrado, sabe? " Por que você não é uma ativista? " Mas pelo contrário, eu me sinto muito ativista. Porque você estar na rua às 11h00 da manhã assim, isso pra mim é ativismo. As pessoas olharem e fazer com que aquilo comece a ficar comum pra eles. Esse é o meu trabalho. Isso é que eu estou me propondo. Tanto é que essas teorias todas eu ainda fico muito confuso, sabe? Entendo um pouco porque é necessário. Mas não é uma coisa que eu me adentre, que eu me debruce não. Admiro as pessoas que fazem e acho ótimo, mas o papel que eu me propus a fazer foi isso, de estar na vida desse jeito. E eu acho que é um papel muito importante também.

— Tem uma frase tua que aparece no insta que na verdade você usa a palavra "corpo-território". Foi por isso que eu te perguntei sobre a questão política. Não só na questão de ser um ativista ou não. Mas o uso do próprio corpo, às 11h00 da manhã, como você mesmo disse, se isso ao teu ver é de alguma forma fazer política?

— Sim. Sim. Nesse sentido sim. Porque depois, no ano passado, foi quando eu comecei a pegar essa coisa do cotidiano que eu comecei a fazer essas coisas das cartografias dentro da arte mesmo de desenhar os mapas... Ali a questão da cidade, do cotidiano foram ficando mais fortes, sabe? Por isso essa coisa do corpo-território ou "o corpo é um templo" que é uma outra frase que eu gosto porque é um referencial bíblico. (Risos)

— Que tem a ver com a tua história.

— E tem até hoje. Às vezes eu posto as músicas que eu estou ouvindo e a galera fica transtornada porque eu amo alguns álbuns de música Gospel dos anos 90 e 2000. Que eu considero álbuns muito bons. Muito bem produzidos. A galera acha que eu estou louco. Só que hoje eu estou sendo desmascarado. (Risos) Esse ano, na verdade, todo tempo, eu tenho que repensar, repensar e re-repensar tudo o que eu tenho feito. E essa volta de um ano sabático artístico e voltar para o lugar de trabalho muito tradicional, que eu nunca trabalhei num lugar assim tão tradicional, sei que tem mais tradicionais, mas ali também tem o seu lugar do tradicional. Esse ano eu falei: Gente, eu não quero fazer mais nada disso. Eu quero performar um homem ordinário. Ele vai para o trabalho cumprir as horas dele, depois vai pro cinema e com sorte vai ter um namorado que vai acompanhar ele nesse trajeto. E aí no meu começo de ano, que foi tão gostoso, eu estava nisso e eu estava gostando. Aí eu comecei a pós-graduação e tudo mudou. Meu Deus do céu! O

que está acontecendo comigo? Mas mudou porque é isso. Não tem como ser diferente, né? Até, umas das frases que eu postei é: A questão não é decidir ser artista ou não, é você não saber ser outra coisa. Você não poder ser outra coisa. E agora está voltando com tudo. Essas reflexões todas. Mas um amigo da pós, também foi um desses que se encantou com essa minha figura, falou que eu sou muito tradicional. E eu concordo com ele. Segundo ele, é como se essa máscara toda fosse um modo de deixar interessante essa pessoa super tradicional que eu sou. Faz muito sentido e eu amei ouvir isso porque é exatamente isso. E aí depois dele falar isso, eu fui observando alguns discursos, alguns modos, como eu lido com os argumentos das pessoas, com os conceitos e com tudo... E eu sou muito tradicional.

— É isso. Muito obrigado.

Entrevista 2

Entrevistado: Guilherme Takahashi

Entrevistador: Emerson Meneses

Data: 28/07/2018

Local: Zud Café - Rua Barão de Tatuí 277, Santa Cecília, São Paulo

— Uma vez, teve um amigo que falou assim: os rótulos, as etiquetas acabam sendo necessárias para você conseguir fazer política. Para você conseguir se expressar.

— Então vamos lá. Eu vi uma coisa que você escreveu. Você me passou um blog. E no blog você se autodenomina de maneiras diferentes do começo do blog para o final.

— É... E no final eu misturo muito a forma, o gênero como me refiro; eu me autodefino no feminino, às vezes no masculino e não é um erro de texto não.

— Mas isso é o Queer, não? O queer é: eu não preciso de um rótulo pra sobreviver. Embora, como você falou, a gente, muitas vezes, precise de um rótulo pra se colocar politicamente.

— Até a publicidade já se apropriou do queer. Do termo. Apesar dele ser incompreensível.

— Mas ela tenta dar uma cara a isso por uma questão mercadológica, não é?

— Sim.

— Mas voltando, eu vejo teu texto, logo no começo você fala sobre ser uma criança-viada e também que você se interessou pelo mercado de luxo. Começa assim. Você fala assim: A relação com marcas de luxo e o preconceito. Nessa frase você se autoproclama uma criança-viada. Você tem rótulo aqui, um rótulo binário. Agora você me diz que você tem mudado...

— Mas a gente nunca se livra desse binarismo. Se você falar que você não é binário, você parte de um binário.

— Quando você vai se definir, como você se apresenta e como você se apresentaria hoje?

— Meu nome é Guilherme Takahashi, eu tenho 31 anos, eu sou jornalista, cubro beleza, profissionalmente; me formei em Direito mas é uma carreira... Nem chegou a ser uma carreira.

— Você é advogado?

— Sim. Porque eu venho de uma família japonesa muito tradicional e conservadora, né? Eu falei pra minha mãe que eu queria fazer Moda ela quase surtou; aí ela falou: não, ou você faz medicina, engenharia ou direito. Dentre as opções que eu tinha eu acho que aquela que sofreria menos seria Direito. Aí me formei, tirei a OAB, mas nunca exerci.

— Você é de São Paulo?

— Sul do Paraná. Estou sozinho em São Paulo.

— E como foi essa sua decisão de vir para São Paulo?

— Foi mais profissional porque Maringá apesar de ser um pólo de confecção eu comecei a trabalhar lá mas eu trabalhava basicamente três vezes por ano. Eu comecei a trabalhar com produção e produzir textos lá mas eu trabalhava lá em lançamento de verão inverno e Alto verão. Quem são os Marcos comerciais dele. E aí eu vi que se eu quisesse tornar a moda uma carreira, eu teria que vir pra São Paulo. Eu vim, trabalhei como assistente de produção e aí fiz um curso de jornalismo de moda na escola São Paulo com a Camila que era editora da FFW e comecei colaborar e depois acabei encontrando emprego na empresa que eu estou até hoje que é um e-commerce de beleza. Hoje eu cobro mais beleza do que moda.

— Em que momento você descobre as marcas de luxo?

— Foi na minha adolescência. Aos 14 anos eu comecei a consumir vou ir aí para mim foi um deslumbramento, aí fui descobrindo design horas me apaixonar quero mais novo e aí eu comecei a desejar muito essas coisas de moda, de longe mas nunca...desde então era algo de desejo porque eu gostava, eu me interessava. Consumir mesmo eu só comecei a consumir quando estava faculdade. Durante a minha adolescência eu assisti muito Sex and the City, então eu me vejo as vezes fazendo coisas como elas porque eu um dia decidi fazer inconscientemente isso. Como, por exemplo, maratonas infinitas de Netflix no final de semana que me remetem muito a Bridget Jones; alguns momentos de impulsividade de compras, como a Carrie...

— Você ainda é impulsivo parar às compras? Isso ainda existe?

— Ainda existe. Geralmente é moda... Beleza também mas beleza você ainda consegue fazer umas barganhas melhores. Eu acho. Você consegue comprar produtos mais baratos. Não que eu não faça barganhas em moda tipo, o meu último rompante foi na Zara durante essa última liquidação. Eu acabei me empolgando...

— E o que você compra? Porque de um texto que fala sobre a sua experiência em consumir moda feminina. Eu li que você quis comprar um shorts e eles não permitiam que você usasse o provador.

— Era um provador feminino, numa loja conceito, só existia provador feminino e aí a primeira informação que eu tive é que eu não poderia provar aquela roupa. Isso foi em 2014. É recente.

— Se acontecesse hoje, qual seria sua reação?

— Então, eu nunca faço barraco. É difícil. Mas se eu não pudesse provar, eu desistiria da compra e talvez on-line eu faria uma reclamação na ouvidoria, no SAC, alguma coisa assim.

— Mas você comprou, não é?

— Comprei mas é porque também teve uma solução. Uma gambiarra que a vendedora fez. Ela me chamou para o provador infantil. E isso pra mim foi muito confuso porque enquanto você tem a cultura do estupro para as mulheres... mas ao mesmo tempo a pedofilia; seria OK? Ela fez isso na melhor das intenções. Talvez, se ela tivesse que procurar os meios oficiais na loja jamais eles me levariam nem para o provador infantil.

— Você mencionou sobre o excesso que você cometeu na Zara. O que você consumiu?

— Eu confesso que eu tenho muito bode, muita preguiça de comprar roupa básica e roupas por necessidade. Então quando eu tenho algum desejo, geralmente são peças um pouco mais extravagantes. Na liquidação eu comprei uma jaqueta caramelo com tachas prateadas na manga, na lapela também; nas costas também; ela tem um corte biker. É uma peça que não passa batido. Chama muita atenção. Eu comprei também um casaco longo de lá caramelo também.

— Masculino ou feminino?

— Feminino. Foi tudo feminino. De masculino o que eu compro geralmente são camisetas e as vezes calça skinny. Até porque o meu corpo é um pouco mais acinturado então geralmente quando eu compro uma calça masculina ela fica sobrando um pouco na cintura. A minha anatomia me ajuda a comprar roupa feminina. Eu calço 38 então é super fácil usar calçados femininos.

— Você usa salto?

— Uso.

— Com que frequência?

— Umas 3, 4 vezes por semana.

— Você vai para o trabalho assim?

— Vou.

— É de boa?

— É de boa porque eu trabalho numa indústria que é mais tolerante, né? Universo de beleza, maquiadores, cabeleireiros... acho que as pessoas também entenderam isso como uma carreira porque eu trabalho muito com maquiadores heterossexuais, com filho e tal mas a normativa até a década passada não era essa.

— Você está me dizendo em outras palavras que é mais simples viver, conviver, andar...

— É. Graças a bolha que eu criei, né? É mais fácil por que eu sei que existe uma bolha e toda vez que eu saio dessa bolha eu fico em choque.

— Onde você sente que está saindo da bolha e como isso te choca?

— Não só pela violência, até porque hoje me afeta muito menos, mas é por uma discrepância de mentalidade muito grande. Hoje me cerquei de pessoas e de amigos que são super esclarecidos com uma série de coisas, são muito mais liberais, de esquerda e quando eu saio desse eixo eu vejo que existem pessoas com mentalidade muito diferente, retrógrada, de extrema direita e de uma intolerância muito grande que é mais do que um lapso geográfico, parece uma distância até temporal, sabe? E você também me perguntou quando eu entro em contato, né? Eu trabalho no Jaguaré que é quase Osasco. E na Avenida Jaguaré. Então, assim, ir montada todo dia para Avenida Jaguaré e fazer uma baldeação de ônibus na avenida Rio Pequeno, tipo, as pessoas olham, não tem como.

— E esse é o teu caminho todo dia?

— Todo dia. Transporte público, o ônibus... E assim, é interessante porque agora que eu estou de cabelo comprido, é a primeira vez que eu consigo deixar o meu cabelo neste comprimento, as pessoas me confundem muito mais com mulher, então eu senti que a violência homofóbica é menor. E às vezes eu fico até com medo do assédio masculino porque já aconteceu mas eu fico com super receio e tento ser o menos responsivo possível porque eu não sei a reação do cara se ele descobre que eu não sou essa mulher.

— Mas em momento algum você procurou por passabilidade? Você alcançou mais não procurou por ela?

— Sem procurar por ela.. É muito engraçado porque apesar de usar roupas femininas é raro, muito raro,

quase nunca... aliás eu não tenho nenhum vestido e nenhuma saia. Apesar do meu blog se chamar garoto de saia eu não consegui ainda comprar uma saia. Eu queria uma saia com modelagem muito específica mais reta, de alfaiataria... E eu nunca achei essa peça. Eu já procurei algumas vezes, inclusive com designers da casa de criadores como o Felipe Fanaia mas eu achei que eram muito amplas; não era o que eu estava buscando.

— Vestidos e saias estão fora?

— Não que eu não compraria uma saia por exemplo. Vestido já acho que é um pouco demais... Depende muito da modelagem. Mas não é um item cotidiano pra mim.

— Eu te perguntei se você usava salto; você me diz agora que você faz baldeação; em algum momento nessa baldeação você está de salto?

— Estou.

— Você mudou muito seu estilo a partir da sua chegada em São Paulo; se aprimorou ou continua a mesma coisa?

— Eu acho que não existe uma ruptura. Existiu um afloramento do meu estilo porque como antes, em Maringá, eu morava na casa dos meus pais; minha mãe me tolhia muito com relação a minha maquiagem, a minha roupa...

— Você é filho único?

— Não. Eu tenho um irmão que também é gay. Mas ele é mais heteronormativo.

— E sua mãe também tolhia seu irmão?

— Não.

— Imagino que é porque ele se moldava ao padrão heteronormativo?

— Sim.

— Você disse que ela te criticava em relação a maquiagem; em relação a vestimenta também?

— Também. Já faz um tempo que a gente tem visto aí slippers femininas e tal... Eu comecei a comprar essas peças e minha mãe fazia questão, quando eu falava dos "slippers", ela me devolvia falando "sapatilha". Você não precisa ficar andando com essas sapatilhas e não sei o quê. Então ela fazia uma chacota, um mini bullying!

— Agora você é um homem de 31 anos, com mais liberdade, em São Paulo; como ficou a relação com sua mãe uma vez que ela não tem mais esse controle sobre você?

— Não, ela não tem; e ela percebeu isso. Ela passou a ver que caso ela quisesse a minha presença na vida dela, ela ia ter que entrar em contato com essa minha feminilidade que incomodava tanto. Então a gente teve algumas conversas, super chorosas no telefone e coisas de levar pra terapia, sabe? E aí ela começou a perceber que o que ela fazia, que na visão dela era para me proteger, na verdade, é uma das maiores opressões. Por que era uma opressão que vinha de uma pessoa que eu amava, que era uma pessoa que eu conhecia.... Porque quando você vê um estranho na rua que é homofóbico, você manda se foder e você segue e o outro dia é o outro dia! Você nem lembra da cara do indivíduo. Quando é constante e dentro do seu seio familiar, aí é mais complicado.

— E a tua relação com teu pai?

— Meu pai... Ele faz ainda algumas caras de desaprovação mas ele nunca foi muito incisivo como a minha mãe. Minha mãe talvez até nesse ímpeto de tentar me proteger ela acaba se excedendo, sabe?

— Engraçado por que você mesmo disse que foi uma criança-viada. Me surpreende isso...

— Ah, mas meu pai tentou forçar uma masculinidade, sim. Eu me lembro que como eu e meu irmão ficávamos muito dentro de casa teve episódios do meu pai colocar a gente no quintal de casa e trancar a porta pra gente brincar de bola ou alguma coisa assim. Então existiu sim esse esforço...risos

— Um esforço pra performar uma masculinidade?

— É!

— Você num texto do blog fala que espera ao se relacionar com uma pessoa que ela tenha uma pegada. Você fala sobre um cara e sua pegada. O que é isso? Me fala?

— Eu acho que é a passionalidade, no momento que você está interagindo com a outra pessoa. Pegada pra mim eu acho que é passionalidade, presença... Eu senti naquele cara, não que ele estivesse ausente...em parte é ausente, vai... É como se ele não tivesse a vontade suficiente naquele momento para estar comigo. Como se estivesse se sentindo inibido, não sei... Provavelmente ele tinha um perfil mais tímido, um perfil mais inseguro...

— Não tem absolutamente nada a ver com essa masculinidade padrão, relacionada a virilidade?

— Não...

— Qual tipo de cara que te atrai hoje em dia?

— Hoje em dia, até mesmo pelo meu histórico tem sido caras mais heteronormativos. Se eu pego a minha média de caras com quem eu fiquei nos últimos tempos, tem sido caras mais heteronormativos.

— Por que te atraem mais?

— Porque ele se aproximam mais, geralmente. Durante um tempo eu fiquei procurando caras mais

alternativos, que lidassem melhor com a própria feminilidade mas eu acho que eu não era appealing suficiente pra eles. Foi a percepção que eu tinha.

— Mas você é atraente o suficiente para os heteronormativos...

— Sim, sim... Existe uma fetichização do efeminado.

— Você sente isso?

— Sinto bastante. Em relação ao jeito que eles se aproximam de mim. De um jeito muito de objetificação; que eu sou objetificado; que eu faço parte de um enredo que já está construído, que eu sou só um personagem, assim, quase, sabe? Pelo discurso e pela forma como eu sou abordado; eu percebo isso.

— Isso te incomoda?

— Me incomoda. Bastante.

— E desde quando você percebeu essa objetificação?

— Eu sempre percebi mas de fato pensar sobre o assunto foi aos 26 anos. Eu comecei a ter mais contato com temas feministas e tal; foi a partir daí. Mas eu sempre percebi desde muito cedo. Eu sempre fui a bicha mais pintosa, a criança-viada...

— Mas em momento algum você tentou mascarar isso? Ou houve alguma tentativa de normatização?

— Uma tentativa de fato, não. Nunca chegou a ser uma tentativa mas sempre foi um questionamento presente nas minhas sessões de terapia. Muito. Logo que eu cheguei em São Paulo, a primeira vez que eu busquei uma terapeuta era a questão minha: se o preço que eu estava pagando por essa feminilidade estava valendo a pena?

— E hoje, o que você sente? Paga-se um preço alto?

— Sim.

— No quê exatamente?

— Eu acho que a solidão é um dos principais preços que eu pago. Não que não valha a pena. Ainda mais agora, com cabelo mais comprido eu sou muito mais rejeitado dentro do meio gay. Se você entrar hoje em qualquer aplicativo gay de pegação... no Grindr, no Hornet, no Scruff, qualquer um deles você vai ver uma quantidade muito grande de padrões e "não curto afeminados", "não curto asiático", gordo, whatever! É muito louco! O que me incomoda muito é que geralmente quando a pessoa vem com esse discurso que gosta de afeminado é através de uma fetichização ou objetificação.

— Claro que sim! O macho e sua relação com todas as figuras femininas...

— Por que o cara, antes de perguntar o meu nome, isso eu te juro, ele me pergunta se eu uso calcinha. Entendeu? Não é uma fetichização de leve como "tenho preferência por pessoas de olhos azuis", sabe? E esses caras se autodenominam héteros.

— Você acha que é por isso que eles querem sair com um cara mais efeminado?

— Eu já ouvi esse discurso: "eu só saio com caras efeminados, com travestis, com crossdressers..." E também é a indústria cinematográfica da pornografia prestando um desserviço para a sociedade porque reforçam essas objetificações, essas projeções, essas fantasias, esses fetiches... eu trabalho com comunicação, eu sei, a gente não sabe trabalhar nichos. A gente ainda não entendeu como fazer dinheiro através dos nichos. Você achar que vai existir uma revista que vai falar com pessoas que fogem do binário de gênero óbvio não é um futuro tão próximo.

— Exceto nas bolhas?

— É, porque aí são os nichos.

— Você viajou a pouco tempo, digo isso porque eu acompanhei o seu Instagram, para o México, o que era aquilo?

— Eu fui a trabalho. Era uma convenção de uma marca de cabelo da América Latina.

— Eu te observei várias vezes nesta viagem, e aí eu percebi que você estava trabalhando e em determinadas fotos, que você estava acompanhado, você se vestia de uma maneira talvez um pouco mais profissional mas mesmo assim muito exuberante. Acho que você usava um terninho preto com garças. Quando eu vi essa foto pensei: mesmo no encontro profissional você mantinha sua característica, sua liberdade para vestir. E agora me vem aqui essa questão do nicho: ele tem uma certa liberdade pra fazer isso porque ali ele pode...

— Exato! Não sei se eu trabalhasse no Bradesco, se eu conseguiria.

— Se você estivesse trabalhando no Bradesco, você está falando "talvez eu não pudesse", mas de qualquer maneira você tentaria?

— Tentaria. Porque até esse ano eu fui padrinho de dois casamentos...

— Eu vi. Mas eu não te reconheci.

— Exato! Nem eu me reconheci! E assim, eu fiz pelas minhas amigas que eram as noivas. Porque eu sabia, eu entendi que não era o meu momento. Era o momento delas. A gente tem muita afinidade e eu não queria... porque eu sei que qualquer coisa que eu pusesse além daquilo, ia chamar muita atenção. Não precisava nem estar de branco, mas ia chamar mais atenção do que elas! Então foi mais em respeito a elas. Mas eu tive muita dificuldade.

— Eu não me lembro se você estava de maquiagem?

— Estava. De maquiagem e de cabelo solto.

— E de gravata. Bem tradicional.

— De gravata porque ela tinha que combinar com os outros padrinhos. Tava numa onda de casamento americano que tudo tem que combinar com a paleta de cor e tal. Mas eu achei um saco! Eu odeio me adequar a padrões!

— Mas você não abriu mão do make?

— Não! Por que era onde eu podia... E no sapato. Era um sapato feminino como um mocassim Oxford mas com umas pérolas incrustadas. Acho que nem saiu na foto. Deve ter cortado meu pé. Tirando a vestimenta exclusiva, estrita que foi do briefing, aí eu tentei me manter o mais fiel a mim mesmo.

— Talvez num outro ambiente, ambiente de trabalho, talvez essa fosse a saída?

— Sim. No make.

— Por que hoje o que me chamou a atenção é que você está com o olho super maquiado. Isso é sempre?

— Sempre. Disso pra mais. (risos) Tirando domingo que eu deixo a pele respirar porque faz bem.

— Você está sempre de maquiagem? Em qualquer ambiente? Você não vai se adaptar ao ambiente?

— Sim. Em qualquer ambiente.

— Você mora só. Como é a relação com os porteiros do seu prédio?

— Todos eles são muito educados e muito gentis. Eu moro aqui vai fazer um ano mas no começo quando eu passava existiam uns olhares, assim, pra ver como eu estava vestido. Que é uma constante na minha vida.

— Uma constante na sua vida e isso não te incomoda?

— Não, não. No começo me incomodava um pouco mas eu pensei ou é assim ou eu paro de me vestir desse jeito.

— Mas você falou hoje que se tem alguma coisa, algum ataque homofóbico, algum insulto, você disse, "eu simplesmente mando a merda e continuo". Isso sempre foi assim?

— Não! Não! Nem um pouco. É bem recente.

— Como é que você lidava com esses insultos, esses xingamentos e quando você mudou essa relação com eles?

— Eu acho que eu passei a lidar melhor depois que eu resolvi as coisas com a minha mãe e aí as pessoas pararam... Assim, os insultos antes reforçavam os argumentos da minha mãe. Então, isso me incomodava muito no nível pessoal, emocional. Depois que eu resolvi essa pendência com a minha mãe, parou de me atingir tanto.

— Em momento algum você pensou: vou me padronizar. O mais fácil seria isso. Vou tentar. Teve isso?

— Teve. Teve. Mas nunca partiu assim de um insulto de alguém que eu não conheço. Teve um momento que foi muito marcante para mim que eu saí com um cara; eu tinha chegado em São Paulo há um ano, mais ou menos; morava com umas amigas; eu era bem mais novo; eu era bem mais inseguro e aí eu saí com um cara que no final do encontro - a gente não ficou durante o encontro todo - aí, no final, ele me questionou porque eu tinha que usar maquiagem?

— Mas ele saiu com você sabendo disso? Você estava maquiado desde o começo?

— Eu estava desde o começo, e nas fotos que eu mostrei; só que acontece que eu acho que nas fotos nem sempre fica tão visível quanto pessoalmente. Até porque antigamente, nas fotos eu tinha um cabelo mais curto, eu usava roupas extravagantes, mas talvez não tão... Não do jeito que eu uso hoje. Talvez eu equilibrasse mais com roupas masculinas, e talvez também não usasse tanta maquiagem quanto eu uso hoje. Porque eu me lembro que foi todo um processo. Eu comecei passando máscara de cílios depois de 2 anos comecei a comprar maquiagem para a pele; aí depois comecei a ir para sombra e lápis. Foi uma construção ao longo do tempo. E aí eu lembro que ele focou mais no rímel, "por que eu tinha que usar rímel?". E aquilo me gerou, tipo, eu não era hábil o suficiente para explicar e era o questionamento que minha mãe sempre fazia. Tipo assim, "tudo bem você ser gay mas por que você precisa se vestir assim?" "Por que você precisa se maquiar?" Eu só sei que não é o suficiente. E eu fiquei muito congelado, tipo, eu me senti extremamente desconfortável, não consegui argumentar, porque eu não conseguia argumentar pra minha mãe, né? Basicamente o que ele quis dizer foi assim: se você não estivesse de maquiagem a gente ficava. Eu te pegava.

— Hoje, mais articulado, com mais informação, se essa pergunta é feita "por que não só ser gay?", Por que isso já não é o suficiente? " Qual é a tua resposta hoje?

— A minha resposta é: porque a minha identidade geral, de gênero ou não, não passa por essa falta de maquiagem. E para eu me sentir... Engraçado isso, o que eu vou falar, eu, para me sentir o melhor de mim mesmo, é foda falar eu preciso... mas, eu preciso estar de maquiagem porque para mim a maquiagem ela tem um significado muito diferente do que para muitas mulheres têm. Maquiagem para muitas mulheres é um aprisionamento, um dever, mulher bem arrumada tem que estar de maquiagem. Existe muito esse aprisionamento da maquiagem em relação às mulheres. Só que para mim não; é exatamente o

oposto. A maquiagem que me dar a liberdade, a maquiagem que me faz transitar por espectros de gênero, a maquiagem que me faz me sentir mais autônomo, mas dono do meu próprio corpo, da minha própria cara. Porque se eu fosse ceder a todas as pressões sociais, eu não usaria maquiagem. Então pra mim, a maquiagem tem esse grito de liberdade. Então eu preciso mas é porque eu me sinto mais livre assim. Eu preciso da liberdade através da maquiagem, não é que eu precise da maquiagem. Acho que é isso.

— Posso entender que as roupas também, da mesma maneira?

— Da mesma maneira. Exatamente da mesma maneira. As roupas também. Eu comecei pelas roupas.

— A roupa veio antes da maquiagem?

— Veio. Veio. Eu lembro que eu soube quem era John Galliano antes de saber quem era Pat McGrath. (risos) Na minha adolescência. Engraçado porque... você já assistiu Glee?

— Já.

— Nos episódios do Kurt eu me via...

— Você se via ali?

— Eu não era tão audacioso como ele pra vestir... Porque na minha época de colégio eu só vestia camisetas largas e calças largas para me cobrir e para me esconder. Para não ser visto, não ser lido, mas eu gostava de Moda já.

— Mas você já devia ser visto ali, não? Pois você me falou que sempre foi uma criança-viada.

— Mas eu tentava atenuar tudo isso, visualmente, através das roupas.

— E conseguia?

— Não com muito sucesso (risos). Ao menos eu não era incomodado.

— Criar uma barreira, um disfarce de alguma maneira?

— Talvez tenha sido o momento em que eu tenha me disfarçado. Você me perguntou se houve algum momento, acho que esse foi o momento. Eu lembro que, até com 13 anos, houve uma tentativa minha de infantilização como recusa da puberdade; do apelo sexual, porque quando você pesquisa um pouco sobre anorexia, por exemplo, tem meninas que usam o distúrbio alimentar como uma fuga da sexualidade. Para mim foi isso. Talvez até por isso eu tenha uma ligação grande com as roupas e com moda porque eu me lembro aos 13 ou 14 anos todo mundo queria usar roupa de skatistas no colégio; eu queria usar roupas tipo Looney Tunes, com cartoons. Eu sabia que não era o que todo mundo estava usando; eu era consciente.

— Era um enfrentamento do grupo?

— Também mas vinha muito mais de um medo. E também porque eu não queria me engajar com roupas masculinas, roupas de skatistas masculinas.

— Por que era uma masculinidade padrão que estava sendo imposta ali?

— É... E a moda infantil, de uma certa forma, não é tão delimitada; tirando o rosa e o azul que é sempre um problema. (Risos)

— Muito bem. Eu marquei muitas coisas do seu blog que a gente já conversou, e algo que eu marquei foi uma frase sua que fala: "eu sinto um prazer enorme em levantar de manhã, me maquiuar, me vestir e sair para encarar a vida"; E você continua e fala, "para a maioria da população esse processo é uma garantia, para as bichas é uma conquista.". E tem a ver com isso, com a liberdade que você falou aqui. Do se sentir fortalecido e liberto. Gui, eu adorei. É isso. Te agradeço muitíssimo.

— Obrigado! Eu que agradeço.

— Se não tiver problema para você, tem algumas fotos do seu insta, como essa do seu terno de garças, que eu vou utilizar. Tudo bem pra você?

— Pode usar.

— Fotos suas com determinadas peças. Eu preciso mostrar usando isso, porque é muito impactante para quem não espera. Para bolha é fácil, como você diz, mas da Alameda Barros pra cá é diferente.

— Eu participei de uma campanha do dia dos namorados...

— Eu vi a foto.

— Tem um vídeo também. Foi uma experiência muito interessante porque quando a empresa pediu para por nas redes sociais teve um backlash muito gigantesco. E aí eu me deparei com o fora da bolha, sabe? Tem no meu Instagram. Eu publiquei o vídeo antes de publicar a foto com os comentários... Deve estar na página das redes sociais da Beleza na web e aí eu vi gente comentando, tipo, dos argumentos desde criacionismo, até gente que se esconde atrás de um moralismo, assim: "não é porque são dois homens"... Isso é engraçado porque eu nem fui percebido como um homem. Eu fui percebido como mulher.

— Eu olhei a foto e pensei: ele vai ser confundido com uma mulher.

— Então... E aí, assim, eu fui mais atacado como lésbica do que como travesti. E eu gostei muito daquela foto por que tem muitas questões raciais, de gênero etc e tinha gente que argumentava que "não é porque são dois homens, mas acho grotesco!" E falavam que esse tipo de sexualização era desnecessário... Só que na novela das oito, tudo bem, né? Na novela das oito a sexualização é extrema...

Entrevista 3

Entrevistado: Alison Carvalho

Entrevistador: Emerson Meneses

Data: 31/07/2018

Local: Restaurante Cantinho da Cecília - Rua Dona Veridiana 17, Santa Cecília, São Paulo

— Você é de São Paulo?

— Eu sou de São Paulo. Sempre morei com os meus pais na zona sul de São Paulo, Santo Amaro. Mais ou menos com 19, 20 anos, eu decidi sair de casa.

— E você está com quantos anos agora?

— 23 mas vou fazer 24. Um menino jovem! (Risos) Mas sai (de casa) por muitos meios. Muita situação!

— Quero saber tudo!

— Você vai adorar! Você não está entendendo... (Risos) Começa pelo seguinte, eu cresci numa família evangélica. Minha família inteira é evangélica. A vida inteira cantei na igreja.

— Você cantava na igreja?

— Canto até hoje! Hoje eu participo de uma igreja inclusiva.

— Eu vi uma foto tua (na igreja).

— A gente chega nessa parte. Inicialmente, lá pelos 17 ou 18 anos eu comecei a conhecer mais as pessoas e aos 18 eu entrei direto na faculdade. Comecei a fazer Biomedicina. Fiz dois anos na Anhembi Morumbi. Na Mooca. Eu morava na zona sul e ia pra Mooca e o traslado era horrível. A pior trajetória que eu já vi na minha vida. Estudava de manhã. Não conhecia nada. Eu evitava de beber, de dançar, de fazer qualquer coisa porque eu frequentava a igreja e queria manter o respeito. Aí, um certo período, eu não quis mais o curso. Não quero Biomedicina. Não é um curso que eu gosto. Não foi o que imaginei para minha vida. Eu sempre fui focado em Moda. Desde o primeiro dia que eu fui pra faculdade de Biomedicina, eu me ligava em coisas relacionadas a Moda. Eu sempre via um look já me programava no dia anterior. Uma semana antes. Os meus amigos me falavam assim: "o que você está fazendo aqui?" Era uma coisa de louco. No domingo à noite eu já criava os looks. Eu já sabia o que ia usar na segunda, terça e quarta.

— Mas já era específico? Já era algo assim?

— Era um pouco menos.

— O que é "um pouco menos"?

— Não era tão feminino. Eu era feminino, sempre fui feminino. Desde que eu nasci. Eu era uma criança muito gay. Eu nunca fui uma pessoa que: "Nossa! Ele sabe tudo sobre moda!" Mas naquela época, 2013, 2014, quando eu comecei a me ver mais focado em Moda... Então eu estava dentro do caminho certo. Nós tivemos, depois, problemas na igreja. Porque eu tinha um amigo que era sobrinho do pastor e a gente fazia tudo juntos. A gente ia pra balada. Mas nunca foi uma balada gay. Só que esse garoto um dia fez algo, contando pro tio que eu tinha feito umas coisas, e isso acabou com a minha vida. Porque chegaram histórias de coisas que eu nunca tinha feito. Porque até então, eu respeitava muito a casa dos meus pais e a igreja. Disseram que eu havia feito coisas gays, na visão conceitual cristã. Estavam totalmente errados. E difamaram meu nome até o último! E aí foi um inferno na minha vida. Eu passei duas semanas visitando familiares em São José dos Campos. Quando retornei veio uma bomba: "você vai sair de casa!" Os meus pais nunca comentaram sobre, mas os meus tios começaram a se envolver dizendo que eu sairia de casa. E foi um inferno porque eu estava dentro de um meio onde eu não sabia o que fazer. Eu comecei a ficar transtornado. Mas eu nunca pensei em tirar minha vida. Eu sempre fui um garoto gay que mesmo com todas as dificuldades de um garoto gay eu sempre tive uma visão positiva pra tudo. Eu sempre via uma resposta. Tudo pra mim que vem como doloroso, vem como uma resposta muito maior. Porque tudo que você pega disso é muito maior do que a dor, entendeu? Gente, eu vim de uma família cristã, onde os meus pais são adotivos, são meus tios de sangue e, a minha mãe biológica me largou.

— Te largou quando?

— Eu era criança. Ela ia pra baladinha e deixava a criança jogada. A tia foi lá e pegou, "vou cuidar. É meu filho". Foi um inferno a vida inteira. Eu tinha tudo pra ser uma criança desestruturada, um jovem bem drogado, bem problemático, bem depressivo. Mas eu acho que quem faz isso na vida é você. Então eu decidi. Eu vou ser o que eu quiser. No dia 27 dezembro eu cheguei para os meus pais e falei: eu estou saindo de casa. Peguei a mala, botei um monte de roupas. Porque eu resolvi mas não sabia como. Mas foi aí que começaram todas as mudanças da minha vida.

— Mas você saiu?

— Eu sou uma pessoa de palavra se eu disser que vou fazer, é porque eu vou fazer. Eu sai de casa. Liguei pra um amigo disse: "me arranje uma casa, pelo amor de Deus". Nesse período fiz a minha mudança, meus pais choraram e minha mãe disse que queria conversar comigo. "Você não pode ir embora assim. Eu quero conversar". Aí eu cheguei nela: "você não queria que eu sáísse? Porque que a gente precisa conversar agora?". Só que essa era a visão que eu tinha pelos meus tios, pelas outras pessoas que se

envolviam na minha saída de casa. As pessoas estavam me tirando de casa. Só que era o melhor pra mim! De uma certa maneira, aquele menino que se envolveu na minha vida dizendo que eu havia feito X coisas; ele não estava atrapalhando a minha vida. E, de uma certa maneira, ele mudou tudo. Ele me impulsionou a fazer algo que eu sempre quis. Fiz essa mudança de casa, aí na primeira semana eu corri pra procurar emprego. Como eu sempre fui voltado pra Moda, nesse período que eu sai da faculdade, eu fui procurar alguma coisa na área de lojas. Porque todo mundo que não sabe o que vai fazer entra nas vendas pra poder crescer. Aí eu comecei na Zara. Aprendi muito com eles. Fiquei três meses porque era temporário. Depois disso fui para a Siberian, também temporário. E fui pra vitrine da Oscar Freire e depois tinha virado tudo naquela loja. O primeiro mês que mudei de casa foi um inferno. Eu tinha o apoio dos meus pais, mas ninguém nunca me ajudava. Todo mundo que falou que eu precisava sair de casa; ninguém colaborou comigo. Mas dali a minha vida mudou. Depois de alguns meses eu mudei de casa. Encontrei uma amiga e fui morar na Faria Lima. Você sai da zona sul de Santo Amaro, que não é um lugar tão ruim porém, sem nada; pra ir pra Faria Lima perto do Iguatemi. Nossa! Eu estava ótimo! Eu conheci essa modelo. Ela me ensinou tudo. Tudo sobre estilo, tudo sobre conviver com pessoas da alta sociedade, sobre se comportar sem que você seja discriminado. Ainda mais sendo gay, o que seria muito mais fácil. Conheci um cara que era economista, artista plástico, psicólogo e tudo mais. Bem mais velho que eu. Ele me tratava como uma filha. A gente teve uma vida incrível durante 5 ou 6 meses. Eu ia pra várias festas. Eu comi em lugares incríveis. Era chamado pra tudo. Porque ali, eu tinha a garota. Não tinha pessoas me olhando. Nisso, eu comecei a conhecer tudo também. Porque você não pega só a parte boa. Conheci um pouco das drogas, um pouco dos drinks mais fortes, um pouco dos contatos das pessoas da alta sociedade...

— Quais drogas?

— Drogas assim, por eles. Como eu vim da igreja, eu tinha esse conceito de respeito. Eu fumei muita maconha já; também tomei as bebidas batizadas. Um dia, eu estava tão louca bebendo que eu não sabia o que tinha e tava lá: "ai meu Deus"! E queria beber mais. Eu sou uma pessoa muito agitada. Se eu bebo eu fico muito agitada. Fico do mesmo jeito, mas mais agitado. Os caras super lindos me dando vários drinks. Até então, eu não usava salto. Não tinha feminilidade como androginia. A minha vida não era baseada em androginia. Eu era um pouco gay. Um pouco extremamente feminino. (Risos) Mas não de usar saltos. As roupas, sim. Eu tinha muitas coisas femininas mas ainda não tinha aderido ao saltos.

— Mas até quando você estava na Zara?

— Até quando estava na Zara. Ela tem um conceito, mas lá eu tinha uma calça (feminina) aqui, uma blusa (feminina) ali, mas nada de salto. Argolas, não. Nem brincos eu usava. Eu conheci uma igreja inclusiva nessa época. Eu vivi três anos maravilhosos nessa igreja. Onde eu pude me aceitar sendo gay. Porque a gente nasce achando que realmente a gente vai direto para o inferno ou que eu não posso constituir uma família. Só que existe a igreja inclusiva onde as pessoas estudam. Porque se um gay tem propriedade pra falar algo ele precisa ter propriedade estudando. Porque a gente já é gay para as pessoas então pelo menos um mínimo de conhecimento a gente tem que ter. E é uma coisa que nunca vão tirar da gente. E nisso, eu vivi nessa igreja e eu visitar os meus pais e eles: e aí? O que você está fazendo? " Eu não estou fazendo nada. Estou trabalhando e frequentando uma igreja X. " E aí começaram a surgir as fotos no Instagram, no Facebook, dessa igreja que eu frequentava. As pessoas não são idiotas e aí minha mãe: " você está indo numa igreja onde vão gays? Você vai pro inferno! Isso é coisa do diabo!" E eu ainda estava morando com essa menina aí. Ela me contou que conheceu um cara super do bem. Dois dias depois ela disse: "eu estou saindo de casa, a gente vai ter que entregar o apartamento e você precisa encontrar um lugar". Em dois dias! Liguei pro amigo e disse: "deixa as minhas malas aí?" Ele me falou: "Ali, vem pra cá. Tem um quarto sobrando". Aí eu conheci uma empresa; porque eu estava vivendo só de eventos. Comecei a trabalhar numa loja na Oscar Freire. Gerenciei essa loja, fiz vitrine... depois de alguns meses me avisaram: "a gente vai ter que te desligar porque não tem como te sustentar". Eu fiquei felicíssimo porque eu pensei: "eu vou pegar essa rescisão e vou investir em coisas legais". Comecei a estudar Marketing. Eu vim pro centro e fui estudar Marketing onde? No Senac Jurubatuba! Puta merda! ¿Que estoy haciendo? A pessoa gosta de correr pra trabalhar! E pra estudar! Louca! Louca mesmo! (Risos) Aí, eu bonitinha, no primeiro dia da faculdade já coloquei dois brincos. Aí visitei minha mãe e minha mãe: "Ah! Dois brincos? Para que que você está usando isso? Um lado é pra gay! E dois lados é demais!" E eu respondi: "Filha, e eu sou o que?" Mas alguns meses antes, a gente foi num casamento, e ela me perguntou: "Pode falar. Hoje em dia é diferente. Eu não vou surtar. Eu não vou morrer se você me contar." E eu disse: "Sim, mãe. Eu sou gay." É difícil assumir uma coisa dessas vindo da igreja. Aí, ela disse: "Você pode se curar. É só orar mais. É porque não bastou a sua oração. A quantidade de oração não deu. " Os três meses que eu fui orar em um retiro para 'melhorar' (faz gestos de aspas); eu não melhorei. Continuei mais viado ainda! Dentro dessa igreja inclusiva eu acabei despertando um lado meu que eu nunca imaginei. Que era a androginia. O que é um ser andrógino para as pessoas? Você fala: "Você está muito feminina hoje". "Amém! Ótimo! Eu gosto". Nesse casamento, a minha mãe virou e falou assim:

"Você precisa contar pro seu pai". Passou uma semana e eu fui pra lá, num domingo. Olhei pro meu pai e embacei, embacei. Fui no quarto e falei: "Pai, preciso falar com você. Sim, sou gay". Comecei a chorar desesperadamente. Meu pai encheu os olhos da água e falou: "Eu te amo do jeito que você é. Termina a faculdade". Eu esperava tudo menos isso mesmo. A minha vida toda foi uma destruição mental com relação as pessoas com essa história de ser gay, de ter que sair de casa... Mudou tudo ali. Pra mim tudo valeu a pena. Tendo o respeito do meu pai por ser como eu sou e por correr atrás das coisas; e da minha mãe por eu ser o filho dela adotivo e gay, meu amor, é muito maior do que qualquer coisa.

— Você falou: "Eu esperava tudo do meu pai mas isso não esperava..."

— Eu não esperava essa compreensão dele. Meu pai veio de uma família evangélica! Meu pai sempre foi: "Ah! E as meninas?" E eu sempre estava rodeado de mulheres, mas nunca era para mim. Claro, que num dia de drinks eu já beijei todas as minhas amigas! Até porque, eu não estou morta! Mas eu não gostava! Era brincadeira! Eu não ia namorar uma garota, eu não ia casar com uma garota. Eu sabia que futuramente no casamento de alguém da família, eu não ia casar com uma garota. E se eu quisesse casar com um garoto provavelmente ninguém viria. Mas tudo bem. Eu só queria ter uma independência mental. Agradecer por tudo. Sempre me falaram: "Nossa! Você tem tanta luz. Por que?" Sabendo que o mundo gay é tão difícil, gente! É tão árduo. E o mundo gay cristão é pior! E eu, plena, sigo firme: agradeço. Aí, beleza. contei para os meus pais; continuei a faculdade; arranjei um trabalho; estava tranquilo trabalhando. Recentemente, depois de três anos, conversando com meu amigo, nós decidimos que não íamos ficar morando ali, e ele saiu e eu vim para outro apartamento aqui próximo. Com uma amiga também. Faz um período de 6, 7 meses que eu conheci a comunidade cristã Nova Esperança que é do pastor Átila e do pastor Rodrigo. É um lugar incrível. Na Vila Mariana.

— E como você chegou neles?

— Um amigo meu mudou daquela igreja (no centro) e foi pra lá. Eu quis ir para conhecer, só que eu amei tanto que eu quis ficar lá. E eu comecei a ministrar os louvores. É sempre nas quartas-feiras; nos cultos, eu canto. E todo domingo também eu canto. Óbvio que você tem que ir. As minhas amigas são trans. Eu tenho uma amiga babado, a Gabriela Kassab, ela trabalha no Bom Retiro, consultora de atacado e varejista. Ela é incrivelmente linda. Você vai conhecer o Tom que também é um arquiteto e faz vitrines no Bom Retiro há anos. Ele conhece todos os lugares possíveis. Ele é lindo! Eles têm uma média de 35 a 38 anos de idade. Eu faço amizade com muita gente de mais idade porque são pessoas mais maduras. Eu, por ter sofrido tanto desde pequeno, acabei desenvolvendo essa maturidade um pouco antes. Foi necessário. E aí, essa igreja me mudou muito. Em tudo. Eu já tinha mudado, mas aí eu melhorei mais ainda. Eu sabia o que era a lei da prosperidade. Mas eu não sabia o que era o retorno para mim. Ou que eu poderia ter de retorno por abençoar outras vidas. O dinheiro, como nós somos pessoas capitalistas, é necessário para que as pessoas façam as coisas que elas gostam. E eu, como uma pessoa que gosta de curtir, de conhecer lugares diferentes, preciso trabalhar e ter dinheiro. Nisso, engraçado, é que nessa igreja, eu conheci muita gente de X meios onde eu acabei criando um networking totalmente estranho na minha vida. Nessa igreja, estava concentrado tudo o que eu precisava. De pessoas, de amor, de carinho, de necessidade espiritual. De necessidade espiritual: é muito difícil você ser suprido. Todo mundo é carente. Principalmente os gays, as gays, as lésbicas, as trans pelo fato da resposta que a gente tem do mundo, né? Então nós somos carentes de amor de verdade. O amor verdadeiro, o amor real. A gente fez um trabalho na Parada Gay onde nós entregamos diversos panfletos. Fizemos um flash Mob da música do pesadão da Iza. E a gente cantou, e a gente dançou e as pessoas vinham até a gente e falavam: "Nossa! Vocês são 10!" E eu estava de salto, saia. As pessoas falavam: "Vocês estão evangelizando?" "Sim, porque todo mundo tem o direito de ter esse amor". E eu digo o que eu disse pra eles: "Sabe o amor do boy que a gente não tem? Existe alguém que da um amor muito maior. E com esse amor eu sou totalmente feliz." E depois essa feminilidade toda, dessa igreja, foi que eu comecei a me conhecer mais. E eu comecei a me ver mais bonito. Comecei a cuidar mais de mim para que eu mostrasse pras pessoas o que é ser um gay andrógino. Foi de onde começaram a surgir outras oportunidades. Conhecer um pouco do Bom Retiro, do movimento mais atacadista e varejista e conhecer mais as vitrines, mais algumas coisas e, um amigo meu que é coordenador de uma ETEC me chamou para auxiliar em alguns cursos e, a partir de agora, eu começo a dar aula nos cursos do Sebrae. Agora vou dar aula de vendas, vitrines, essas coisas. Eu fico chocado! (Risos) O que é superação pras pessoas? Isso é superação. Amor, eu não estou rica, gastando em Chanel, ainda! No dia que eu estiver, eu ainda vou estar ajudando alguém. Porque a minha vida é baseada nisso. Dentro dessa igreja, a gente conseguiu trabalho pras pessoas. E nós ajudamos, nós evangelizamos! Vamos na Cracolândia ... É muito estranho você chegar e ver uma pessoa gay como eu, feminina, andrógino... Eu não posso ir tão absurdamente feminino numa Cracolândia; e se eu for, eu tenho que falar com as travestis, as transgêneras. É difícil você chegar num cara, cracudo, e dizer: "Oi, você precisa de Deus". Deus nunca vai chegar e dizer: "Emerson, pega isso" daqui que vai acontecer. Não! Você vai pegar e vai fazer e no meio do caminho ele está te abençoando. Porque como eu te disse, nada é muito fácil. Tudo é difícil. Maravilhoso! Agradeça. Porque o respaldo, a resposta para

isso é muito maior, gato. Não é a dificuldade que vai te fazer parar no meio do caminho. E nessa igreja com a ajuda dessas pessoas, eu me transformei numa pessoa muito melhor. O amor é o que perdoa. Se somos gays e vamos para o inferno por conta de sermos gays o amor é única coisa que curaria. Como eu sei que a gente não vai para o inferno por ser gay e sim pela promiscuidade que as pessoas acabam seguindo, então, Amor, só faça o melhor.

— Ali, você falou algumas coisas que me interessam... Claro que tudo que você me falou interessa. A história toda é meio filme, né?

— Eu sou muito filme. Mas isso é real. Nêga, isso é real!

— Primeiro, eu fico curioso quando você fala sobre ser um gay andrógino, de ser mais feminina; saber se hoje não há problemas em relação a isso? Porque muitos gays ainda tem problemas quando se veem mais femininos do que o padrão. E não se aceitam exatamente por isso. Essa roupa que você está usando, esse jeito, esse look; isso é cotidiano?

— Isso é a minha vida. Eu acordo coloco um tamanquinho, amarro meu cabelo, ponho um blusão bem grande com um shorts jeans e saio na rua.

— E a rua?

— A rua, hoje em dia; eu me sinto tão bonito, tão confiante que a rua olha... Eu não sou a pessoa mais bonita do mundo mas eu sei da minha beleza e eu sei que as pessoas me veem. Então, se eu saio de casa... Meus amigos comentam muito quando a gente sai juntos. Eles falam: "Nossa! Para, bicha! Todo mundo está te olhando! Da um pouco de homem pra gente!" (Risos) E não é atrativo só para os gays. As gays reclamam muito, questionam muito... O padrão pode ser eu ou pode ser você. O padrão não é só o macho embuste, um cara enrustido. Se eu vejo um cara reclamando, falando alto, provavelmente ele quer alguma coisa. Ele me olha porque ele quer alguma coisa. Ninguém olha à toa. A gente sempre olha ou porque a gente deseja ou porque a gente repudia. Se a gente repudia, a gente quer ser igual ou a gente deseja a pessoa. Não existe outra resposta pra isso.

— Você nunca passou por uma situação de insultos, xingamentos?

— Amor, uma vez eu fui pra uma balada hétero – credo! - heteronormativa, - Blargh! -, embustes! (Risos) Fiquei lá com os heterozinhos. (Risos) Estava lá na Vila Mada, num barzinho bem legal. Era aniversário de uma amiga minha. Com um casal de amigos gays e um monte de gente hétero. Eu bem linda, rindo, cheguei de salto, meti uma argola enorme, uma calça bem justinha, uma cropped rosa que era um moleton babadeiro, incrível, de manga comprida. Cheguei toda menininha! Todo mundo: - "Nossa, Ali, você está linda!" - "Obrigada, amigas!" A gente dançando funk. Ninguém sabia dançar funk; as meninas fizeram fila atrás de mim e eu ensinei elas a fazerem um quadradinho. Chegaram dois caras e falaram: "Viado!" Eu falei: "Glória à Deus!" O dono (do bar) chegou pra falar comigo: "Se alguém mexer com você, me avisa que eu tiro da balada." Os dois sócios. "Você tem acesso livre quando você quiser. " " Amém! Obrigada! " Foi a questão de respeito. De empoderamento. Pra mim foi ótimo. Quando eu me coloco como um garoto andrógino... Eu sou um garoto! Eu vou continuar sendo homem. Só que andrógino. Um gay andrógino. Quando me coloco assim, eu estou colocando a minha cara a tapa por outras pessoas que têm medo de usar uma roupa feminina. Que têm medo de alguém te espancar. Eu não tenho esse medo! Eu já cheguei a andar sozinho aqui de madrugada ou vir da paulista andando, pensando... Eu não estava preocupado em ser morto. "Nossa, você é louco!" Gente, eu não posso perder a minha liberdade de andar, de me expressar de fazer as minhas coisas porque outras pessoas vão destruir, vão deturpar o que eu estou fazendo. Não pode! Essa é a minha vida. Eu escolhi ser um gay andrógino. Foi uma escolha. Ser gay não é uma escolha. Você não é obrigado a ser feminino. Você pode ser um gay masculino. Mas eu não quis. Eu não sou assim. A gente está aqui para por a cara a tapa.

— Você sente isso?

— Sim sinto isso.

— Você sente que você está trazendo junto um outro grupo que não consegue se expressar livremente?

— Eu faço isso. Todas as minhas amigas. Conheço pessoas que conheceram a androginia; que entenderam o que era um salto; que entenderam o que era uma unha postiça, ou o que era uma maquiagem; o que é um brinco maior, que colocaram uma tatuagem porque se sentiam mais bonitas; depois que nós conversamos. Eu acho que tudo que você faz tem um significado. Você precisa ser você. Você precisa se amar. Você precisa se libertar. E ser andrógino é incrível. É empoderamento. A força. O que é ser andrógino? Eu acordar; eu combinar uma coisa com você, nós chegarmos nesse lugar e eu estar feminino sem que as pessoas me olhem com nojo. E se olharem, tudo bem. Eu estou aqui por isso. Eu posso sentir nojo do seu beijo heteronormativo porque eu também tenho direito de beijar. A boca foi feita pra isso. Não, eu não sou obrigado. Não sou obrigada a me retrair ao dar um selinho no namorado. E eu nem tenho; porque eu sou encalhada, para sempre! (Risos)

— Quando foi a última vez que você teve namorado?

— Nunca! (Risos) Eu namorei uma vez com uma garota por três anos. Chilena. Onde aprendi o espanhol fluente. A única coisa que eu aprendi, né? Porque nem aquilo eu fiz. Eu era da igreja. Tinha 14 anos. Eu

não conseguia. Não dava, não dava. Tentei tudo que eu pudesse pra ser mais masculino. Mas gente, eu nasci, realmente uma garota. Não tem como. Hoje em dia, me questionam se eu não sou lésbica. (Risos) Tem uma garota que deu em cima de mim e eu falei: "Ai meu Deus! Querida, você entendeu que eu sou menino? Gay! " Ela falou: "Eu sei. Mas a gente pode tentar." Eu: "Ai, sai! Pelo amor de Deus!" (Risos)

— Nunca questionaram se você era uma travesti ou mulher trans?

— Meu amor, é o que mais acontece! As minhas amigas trans vivem dizendo: "Garota, cadê seu peito? Fico inconformada com você usando essas blusinhas de alcinha sem ter peito. Pelo menos o sutiã, garota!" "Gente, eu não sou trans! Eu não sou obrigada a colocar um sutiã. Eu quero ser livre." Eu fiquei uma vez com garoto que falou: "Se você quiser por peito, tudo bem. Eu não me importo." Eu falei: "Eu não quero por peito, amor. Eu sou gay. O fato de ser feminino não muda nada."

— E esse carinho que você ficou; que te falou isso...

— Eu continuo com ele! Aquelas! (Risos) Eu não namoro! A gente está se conhecendo. Há 30 anos! A gente está se conhecendo. (Risos) É que ele é muito incrível. E eu sou muito incrível. E a gente é muito incrível juntos. Mas a gente precisa de tempo. Nós somos muito jovens. Ele tem 25. Mas eu tinha conhecido um outro antes de 37.

— E como foi?

— Foi maravilhoso. Incrível, lindo, gostoso, tudo!

— O que é "incrível, gostoso e lindo"?

— Ele era lindo! Não sei. Não sei. Ele é incrível. Ele era um sugar daddy maravilhoso. 37 anos, incrível como pessoa, incrível em tudo.

— E esteticamente?

— Esteticamente ele era maravilhoso! Pelo amor de Deus! Nossa! Mas foi muito difícil porque a gente começou a se afastar. Uó! Ele era meio louco.

— E o menino de 25 com quem você está saindo?

— Ele é maravilhoso! Ele é um menino incrível.

— Ele também é andrógino?

— Não. Ele é homenzinho. (Risos) Mas não liga pra nada. Realmente. É bom porque eu falei: "Eu nunca vou mudar por alguém. Desculpa. Ou fica comigo assim ou..." Até porquê, eu nem peço pra namorar. Nem ligo para essa história de " preciso namorar ". Eu não sou uma pessoa que tem essa necessidade. Eu tenho muito amor de amigos, muito amor de pessoas, muito amor da igreja pra pensar em ter que me responsabilizar pela vida de alguém. Que é basicamente isso. Nós decidimos que nós seríamos simplesmente um casal que está se conhecendo por um período determinado. A gente se deu, tipo, uns seis meses pra entender tudo isso. Se a gente se der bem em seis meses, pode ser que a gente esteja namorando

— Você se conheceram onde?

— Foi uma coisa muito engraçada. Eu nunca baixei essas porcarias. Baixei o Tinder. Aí a gente deu Match. Aí, eu cancelei o Tinder. Só que ele já tinha me visto no Instagram. Aí, tá bom! Fiquei só nisso. No Instagram. Ele via minhas histórias, via minhas coisas todas e tudo ele comentava. "Lindo!" "Não sei o que..." Aí, um dia, eu estava trabalhando na vitrine todo estressado com um monte de coisas e ele falou: "Eu estou indo na Vila Madalena. No Beco do Batman". Nunca tinha ido. Ele é do interior. Ele já foi para diversos lugares, mas nunca tinha ido no beco. Não tinha conhecido ainda. Eu falei: "Tudo bem. Legal. Aproveita e toma uma breja porque eu estou morrendo de vontade. Uma breja nesse calor, nossa! Uma delícia!" Ele falou: "Eu vou te esperar e a gente se encontra mais tarde para tomar essa breja." Eu falei: "Beleza!" A gente se encontrou, à noite, na Paulista. Fomos num barzinho. Foi super legal. E depois de uma hora e meia chegou um amigo dele. Eu conheci o amigo, a gente se divertiu e eu já estava quase casada com o garoto porque eu já conheci a família, o amigo, já estava planejando que ia casar, o dia, onde! (Risos) Ontem resolvemos abrir uma conta pra ele num lugar e fomos lá resolver o negócio da faculdade dele. Eu fiquei o dia todo com o menino resolvendo um monte de coisas. Gente, eu estou me relacionando sem saber! Eu acho ridículo rotular as coisas. Isso é fato pra mim. "Você é viado! Você é gay! Você é trans!" Gente, todo mundo é tudo, então não precisa rotular; mas se perguntarem porque realmente querem saber, "sim, sou passiva agressiva!" A louca! (Risos) Mas aconteceu uma história muito péssima sobre essa coisa de ser passiva ou ativa. Estava eu na baladinha de salto.

— Que balada você vai?

— Eu vou na D-edge, eu gostava muito do PanAm clube que tinha ali no Maksoud Plaza, gosto da Tokyo; eu gosto de baladas mais sofisticadas... tem umas muito, eu não vou dizer poc, mas as pessoas não respeitam tanto. E eu não estou afim até porque, o meu estilo de roupa, estilo de Alison de ser já não é uma coisa que eu possa estar me colocando em qualquer buraco. Se me chamam, beleza.

— Essa escolha de vestimenta te leva pra alguns lugares e alguns outros lugares você não pode?

— Em alguns lugares é necessário que eu seja um pouco menos exagerado. Existem algumas pessoas que não conhecem você. Então pra ela você pode ser arrogante. Eu cheguei já em lugares que me falaram:

"Nossa, você está rica?" Gente, é uma calça. "Nossa, uma bolsa?" Existem brechós em São Paulo. Vai no Bom Retiro. As coisas de lá são mandadas para lojas famosíssimas. É só saber onde você compra. Hoje em dia, a gente vive tanto de permuta! (Risos) A gente não compra mais nada, amor! Tem uma balada que tem gente que não gosta, e eu gosto – é a Bubú. É um lugar que eu não vou sempre. Tem a Gringos' party, numa terça-feira; quando eu posso eu vou. Conheci tanta gente, já fiz amizade com tantos gringos. Nossa, minha filha! Uma vez eu conheci um russo que eu não entendia nada! Só ficava: "Kiss my lips! Você entende inglês? Você entende espanhol?" Eu não entendia nada! (Risos) Só porque eu sou evangélico, protestante, eu não sou obrigada a não fazer as coisas. Eu posso ter uma vida normal, só que não é exagerada. Hoje em dia, eu não uso drogas. Porque eu frequento a igreja e eu me respeito. Também não acho que se você usar maconha seja o erro da vida. Porém, eu bebo uns drinks. Eu gosto de Cosmopolitan, eu gosto de mojitos, eu gosto de uísque. Eu não vou deixar de conhecer um lugar porque a igreja me limita. A igreja não me limita. Nas igrejas existe aquele sistema que você não pode transar antes do casamento. Nessa que eu vou agora, nós vemos que se você tem um relacionamento sério você vai respeitar a pessoa. Então aquilo é o amor da sua vida. Qual problema de você fazer amor? O amor é você amar. Você entregar o seu corpo. Você está entrelaçando almas. Agora, você sair transando com todo mundo; não rola.

— Mas você deve ter vários amigos e amigas que são gays e que transam, não?

— Sim, só que eu sou louca. Eu fico anos sem transar.

— Mas nem quando você tinha o aplicativo?

— Eu tive aplicativo mas eu nem sai com ninguém. Eu saí com um garoto que me irritou. Esse cara, de 37 anos, que eu conheci, morava na minha rua. Eu achava ele lindo. Eu não sei o que aconteceu que uma vez eu trombei com o cara; ele olhou pra minha cara e eu olhei pra cara dele e a gente começou a conversar. Porque também não sou morta. Se eu achar o cara gato e ele está olhando pra mim: "Oi, tudo bem? Prazer, meu nome é Alison e eu tenho 23 anos." (Risos) Claro que eu não mando a foto e digo: "Sou passiva! Sou ativa!" (Risos)

— Quem te procurava no Tinder? Que tipo de cara?

— Já vieram diversos. Tinham os Nerds, os doidões, os agitados, os que vinham de balada, os gordinhos, os negros; tinha de tudo.

— Os efeminados também?

— Os afeminados também. Eu falei: "Amore, para!"

— Por que?

— "Eu não vou poder dividir ou emprestar o meu salto!" Porque é um estilo! Não que eu nunca tem pego algum afeminado. Já beijei afeminado porque eu sou afeminado. Então a gente tem que beijar afeminado, as outras, as todas!

— Então ser uma efeminada não corta possibilidades para você?

— Nunca! O cara que eu estava, de 37 anos, era extremamente machinho. Um dia ele falou: "Você não se importa das pessoas te olharem dessa forma? Bem ou ruim, você só anda! Você não está nem aí pra rua!" Sim, gente, porque eu estou plena! Por que que eu vou ligar pra quem está me olhando?

— Você não se sente agredido?

— Jamais! Eu amo! Se olham, é porque me acham interessante. Eu falo: "Nossa, eu estou bonita hoje!" Se não olham, eu vou ficar um pouco chateada. Acontece de olhar e muito mesmo. De uma forma positiva ou negativa também. Não é toda hora que você está de bem e todo mundo está dizendo: "Você é linda!" Tem horas que eu ouço sim. Uma vez eu tava indo pra balada de salto, estava com uma bermuda minha maravilhosa de linho, a louca (Risos) uma regatinha, cheguei bem bonita na festa. Eu tinha descido do Uber; um cara num carro, era gato, muito gato; você via que ele era macho mesmo. Ele abaixou o vidro do carro e falou pra mim: "E aí gostosa?" Eu bem macho, falei pra ele (engrossando a voz): "E aí, mano?" De salto! Ele falou: "Não deixa de ser gostosa." Eu falei: "Tudo bem, então! Tranquilo." Se for positivo e alguém me chamar de viado na rua: amém! Eu sou viado mesmo. Eu só não vou aceitar o desrespeito. Isso é fato. Se a pessoa me respeitar não é vergonhoso pra mim, é pra ela. Se você não entender que existem os enrustidos, você está perdida. Você é hétero, se você ficar com uma pessoa gay e beijá-la, você vai continuar sendo hétero, porque ela tem uma preferência feminina. Não é porque ela queira você que ela é gay. Ninguém tem que ligar pra nada. Pessoas deveriam desmistificar essa história de que ela é hetero ou gay e beijar quem elas quiserem. Se você for assim, você vai ser muito mais feliz e menos preconceituoso.

— Sua mãe falou: "um brinco é pra gay, dois é demais!" Em momento algum ninguém falou: "Alison, não da pra você diminuir? Dar uma baixada de bola?"

— Não. Meus amigos falam: "Bicha, ponha aquele salto mais alto que você vai ficar tão gata!" (Risos) Eu sempre tive um corpo muito feminino também. Por mais que eu seja magro, eu tenho mais bunda, mais coxas, sou mais definido. Se eu uso uma choque, mal se vê o pomo. Às vezes eu ouço dos meus amigos: "Amigo, eu te chamo como? De menino ou de menina?" Eu falo: "Gente, eu não me importo.

Vocês têm que me chamar como vocês me amam. Como vocês me chamam diariamente, Ali. A Ali ou o Ali." Eu ouço muito a Ali mas também almoço o Ali. O Alison ou a Alison não faz diferença.

— Mas você fala sobre si mais " o " do que " a ".

— Não sei. Tem dias que eu estou: " mana ". Hoje, com você, eu falei mais o menino. Eu falo: "Eu estou tão cansada!" Eu sempre acentuo um pouco pra mostrar que androginia está aqui. O andrógino não é um travesti. As pessoas precisam saber essa diferença, gente. Androginia é uma coisa, travesti é outra. Transgênero é outro. A gente precisa entender que a trans precisa de uma redesignação ou não. Ela não é obrigada a fazer uma redesignação sexual para ser uma trans. Ela não é obrigada a por um peito pra ser uma transgênero. Mas se ela se senti como transgênera, amém, ela é uma transgênera. Ela é uma mulher. E você vai ter que respeitá-la com ou sem peito. Quando você pensa no andrógino, ele é um garoto e uma garota. Eu posso dizer que eu sou tudo. Eu sou o que eu quiser ser, mesmo. Hoje estou de menina e amanhã eu posso deixar a barba um pouquinho maior — que não cresce; já é um benefício meu! — (Risos) e colocar uma calça jeans um pouco mais justa. Porque eu sempre vou ter roupas de menino; um tênis - que eu também não tenho, só tenho saltos e sandálias. (Risos) Uma coisa mais masculina, sabe? Pra dar uma amenizada. Uma quebra. Eu jogo um blusão e eu fico parecendo uma lésbica! (Risos) É muito difícil quando você tem basicamente tudo no seu corpo que mostra a feminilidade a toda hora. Eu ouço de alguns amigos: "Você é tão garota, tão garota, que chega a ser difícil falar o menino. A androginia é o fato de você se sentir empoderado quando você se monta ou não. Quando me coloco na frente das pessoas como andrógino: "Caraca, o que é isso para as pessoas?" Elas sempre vão achar que eu sou trans. Que eu sou uma travesti. Mas tá na cara que eu não sou transgênero. Para mim; não para elas. Então, sempre vou te que explicar pra elas o que é ser um andrógino. Tem muitas formas de se ser tudo. Muitos gêneros, ideias de vida. As pessoas têm uma necessidade de: quem come quem, quem faz o que, você é ativo ou passivo? Gente, vá viver. As pessoas podem ser ativas, podem ser passivas, vamos ser felizes.

— E porque você acha que as pessoas precisam tanto desse entendimento?

— As pessoas sempre precisam de um rótulo, né? É a necessidade de vida das pessoas. Eu não quero rotular. Mas se perguntarem: sim, sou andrógino. Sou um gay andrógino. É difícil pras pessoas? É. Você saiu de uma vida tão conturbada pra ser um gay andrógino, e aí? É a cara a tapa pro mundo?

— Você conhece outros amigos andróginos?

— Conheço sim. Tenho amigos que são andróginos, amigos que são drag queens andróginas, amigos drag queen gays. Tenho de todo estilo, de todo tipo. Tenho amigos que são gays machinhos, tenho amigos héteros. Tenho de tudo. E você precisa sempre estar aberto a tudo. É o que eu quero pra minha vida. A gente pode ser o que a gente quiser. Eu sou muito aberto.

— Você usa no seu Insta #Andrógino, #Gay...

— Em algumas coisas, sim. Eu não ponho como alguns (usuários) põem, #Gay, #Boyfriend. Eu nem uso tantas hashtags assim. Eu coloco uma frase. Eu falo sobre a tatuagem. Eu falo sobre minhas tatuagens. Eu me defino como arte.(mostra a tatuagem escrita ARTE).

— E porque você se define como arte?

— Nós todos somos arte. Arte é tudo. Eu sou arte porque o adquirei conhecimento, eu quero respeito das pessoas, porque a cultura é tudo na minha vida; um museu que eu vou, em balada que eu fui ou até uma igreja cristã... Isso é arte! Tudo que a gente tem é a arte. As pessoas precisam entender. Ou você pega pra você ou você joga fora. Eu sou uma pessoa que eu quero pegar tudo pra mim. Que me defino como arte. Eu acho que todos nós somos arte. A gente tem tanta coisa num corpo só. Como que não é arte?

— Muito obrigado. Eu queria te pedir... Tem umas fotos no seu Instagram eu queria saber se posso usar?

— Você pode usar o que você quiser. Você tem liberdade e se precisar assinar alguma coisa, pra que você tenha; não tem problema. Sinta a liberdade para pegar quaisquer fotos que você quiser. Não tem problema. Desde que sejam bonitas! (Risos) Não me vá com foto feia que eu vou dar na sua cara! (Risos)

Entrevista 4

Entrevistado: João Pedro Scatigno

Entrevistador: Emerson Meneses

Data: 09/08/2018

Local: Café do Centro Cultural Banco do Brasil - Rua Álvares Penteado 112, Centro, São Paulo

— Então João, muitas coisas... Na verdade, algumas coisas. Começa falando de você.

— Meu nome é João Pedro Scatigno, S-C-A-T-I-G-N-O, eu sempre tenho que fazer isso porque ninguém entende (risos); eu tenho 22 anos. Eu mudei pra São Paulo há três anos. Eu sou de São Sebastião, litoral de São Paulo. Não parece pelo meu bronze, mas eu da praia. (Risos) Mas antes de vir pra cá eu fui morar em Curitiba. A minha irmã passou na faculdade lá e minha mãe queria os dois (filhos) na mesma cidade. Aí eu fui pra lá também. Só que eu não gostei da cidade. Não rolou. Aí eu me mudei pra cá. Eu fazia

psicologia quando estava morando lá e quando eu me mudei pra cá, eu mesmo mudei o curso para Moda.

— Você faz Moda? Onde?

— Sim. Na FMU. Sabe na Vila Mariana? Eu comecei no ano passado.

— E por que é que você mudou da Psicologia para Moda? Que te levou a isso?

— Eu adorava o curso de Psicologia mas eu não me via fazendo aquilo pra sempre. Não conseguia me ver velho fazendo isso pro resto da vida. Eu tinha um amigo, tenho, (risos) que faz moda. Eu e ele saímos sempre no mesmo horário da faculdade. Eu sempre ficava esperando ele na sala em Curitiba. Ficava esperando por ele no laboratório e via ele costurar, e aí eu fui pegando gosto. Eu sempre gostei, mas não tinha visto isto como uma profissão. E quando eu vi; eu simplesmente me apaixonei. Aí eu falei: "eu vou mudar de curso". Começaram as dúvidas sobre o curso (de Psicologia) e aí eu decidi mudar.

— Você tem mãe e pai?

— Sim.

— E como foi falar pra eles sobre a mudança de curso?

— Eu não falei pra eles no começo. (risos) Tipo, eles agora sabem. Eu troquei de curso, tipo, fiz tudo sozinho, sabe? E falsifiquei assinatura da minha mãe. Porque eu achava que eles não iam querer que eu fizesse o curso. Eu sempre tive esse medo. Aceitação dos pais e tudo mais, e o fato de estar fazendo Moda. " O que meu pai vai achar? " " O que minha mãe vai achar? "

— E teve esse problema?

— Teve. Teve um pouco. No começo; mas hoje eles viram que é algo que eu realmente gosto de fazer. Inclusive, já dei roupa pra minha mãe que eu mesmo costurei. (Risos) Olha mãe, de presente pra você; isso fui eu que fiz! Para eles entenderem... Mas teve todo esse processo por que meu pai tem 68 anos, sabe? Tipo, ele é muito mais velho. Minha mãe tem 48. Eles tem 20 anos de diferença.

— Nossa! Sua mãe é super jovem. Não que seu pai seja velho.

— Meu pai é velho sim! (Risos)

— Com meu pai tudo é com mais calma, sabe? Digo, do que comparado a minha mãe. A minha mãe entende mais fácil as coisas. Com o meu pai é tudo aos poucos. Mas hoje, os dois nem ligam. Eles adoram. Mas eu fiquei com muito medo de contar pra eles. Eu estava precisando comprar uma máquina de costura e aí chegou na casa deles! Eu esqueci de trocar o endereço para entregar aqui em São Paulo! Chegou lá. Minha mãe me perguntou: "o que é isso aqui que chegou pra você?" Aí eu falei: "puta merda! Eu não acredito que eu fiz isso!" Aí eu simplesmente contei: "então mãe, estou fazendo moda. Eu precisava de uma máquina de costura.

— Mas foi um jeito lindo de contar!

— É! Hoje em dia é tudo OK. Eles nem ligam mais pra isso.

— Mas voltando sobre você: você se autoidentifica como menino cis gênero?

— Ahã.

— Qual q tua orientação sexual?

— Eu sou gay, né? (Risos)

— Né? Eu não sei. (risos)

— E aí você fala que teu pai aos 68 anos é uma pessoa mais lenta e tal, por causa de uma distância de geração. Você disse que teve dificuldades para contar pro teu pai que você mudou de curso. E você também teve essa dificuldade pra falar sobre a tua orientação sexual?

— Tive. Eu fui conversar com ele sobre minha orientação sexual só quando eu tinha 19 anos.

— Mas lá (na cidade natal) você já se identificava, já havia descoberto?

— Me identificava já. Eu desde sempre soube, mas eu sou de uma cidade muito pequena. Isso sempre foi visto de uma forma muito errada. Meu pai surfa, tem barriga tanquinho, bronzeado, cheio de tatuagens. Eu tenho dois irmãos por parte de pai que são do tipo machão, sabe? Então nunca teve uma liberdade. Nunca tive ninguém da minha família que eu me identificava ou coisa do tipo. Eu nunca me senti encaixado. Eu sempre soube então; mas eu nunca aceitava para mim mesmo. Eu não queria ser. Porque tudo que estavam à minha volta falava que isso era errado.

— E você tentou se apagar em algum momento?

— Tentei. Eu namorei meninas. Três meninas até.

— Com que idade foi isso?

— A primeira eu tinha 15 anos, a última eu tinha 17; eu acho. Eu fiquei com o primeiro menino, eu tinha 18 anos.

— Você falou " meu pai era todo machão " " Fortão, com tanquinho e os irmãos também do tipo machão ". Você nunca tentou reproduzir esse exemplo de masculinidade?

— Tentei. Mas eu percebi que era algo que eu estava tentando forçado.

— Você é bem magro e alto.

— Sim, eu tenho 1,81 de altura.

— E você é bem magrinho. Você nunca procurou um corpo mais viril musculoso?

— Não. Mas eu surfava, fazia esportes; tudo que meu pai queria que eu fizesse, mas eu sempre sentia que não era algo que eu fazia por mim. Mas pelo que os outros achavam. E eu sempre tinha algo que eu precisava esconder de todo mundo. Eu sempre me sentia assim. E eu nunca me senti totalmente à vontade. E na minha cidade eu nunca encontrava ninguém que havia passado por algo igual, sabe? Ninguém que era gay assumido. Na minha cidade, eu nunca tinha visto uma pessoa gay. Na minha cidade tem uma avenida, pra você ter uma noção. Tem uma avenida na cidade inteira! De um lado da avenida praia, mar; e do outro lado as casas. É só isso. Eu nunca tinha tido contato com alguém pra saber que ser gay era OK. Não tinha um bar. Nada. Isso apareceu depois. Hoje em dia, até tem. Eu fui visitar meus pais na semana retrasada, fiquei um tempo lá... Hoje em dia eu saio na rua e vejo vários viados, sabe? Dando close. Hoje é muito diferente. Mas quando eu estava crescendo, não era desse jeito. Eu só fui entender o que era ser gay, me envolver com alguém, quando eu sai de lá. Quando eu fui pra Curitiba e eu vi um bar gay e outras gays. Enquanto eu tava lá (na cidade natal) eu não conheci. Eu só saía com meninas e não era amigo de meninos. Todo mundo sabia que eu era gay então os meninos não queriam ser meus amigos.

— E o teu pai tinha sacado quando você era criança?

— Eu não sei. Eu nunca perguntei isso pra ele. Mas eu acho que era meio óbvio. Eu acho que é meio óbvio. Porque eu tenho uma irmã também. A gente tem dois anos de diferença. Nós somos muito próximos e ela sempre me defendia, sabe? Mas eu acho que eles (os pais) sempre sacaram porque eu sempre fui muito afeminado; sempre tive muitos trejeitos. Então eu acho que sempre foi meio óbvio para eles. Mas a gente só teve a conversa quando eu tinha 19 anos e foi quando eu tive meu primeiro namorado. Eu estava morando em Curitiba e falei: "quer saber, eu não vou mais ficar pisando em ovos ou me mudando por causa do que os outros acham ou deixam de achar. Eu vou fazer tudo o que eu quero". Aí despiroquei mesmo! Comecei a pintar as unhas, usar maquiagem e usar as roupas que eu queria. E aí eu comecei a namorar e eu postava fotos com meu namorado da época; aí minha mãe um dia perguntou pra mim: "o que é isso que você está postando foto na internet?" Aí eu respondi: "mãe, é o meu namorado"; e ela: "como assim, seu namorado?". E eu falei: "É! Meu namorado!". Aí a gente discutiu. Parou de se falar. Eu fiquei uns três ou quatro meses sem falar com eles; absolutamente nada, depois eu fui falando aos poucos com a minha mãe e a gente foi voltando a falar então a gente teve uma conversa. Mas demorou. A gente ficou uns seis meses sem se falar direito.

— E essa decisão tua? Porque você falou: "Eu despiroquei e comecei a usar maquiagem e outras roupas..." O que te levou a pensar: "eu quero isso eu vou mostrar isso"?

— Na verdade eu não sei o motivo real, mas eu sinto que por muito tempo eu fiquei meu ofuscado, sabe? Não fazendo as coisas que eu realmente queria fazer ou do jeito que eu queria fazer. E aí, eu simplesmente encontrei pessoas a minha volta que falavam: "não é errado você querer fazer tudo isso que você quer", e "É ok fazer isso do jeito que você quer". Aí eu pensei: "quer saber? Eu vou fazer então". Aí eu fiz e não olhei pra trás.

— Então você continua fazendo?

— Sim, continuo, até hoje. E cada vez mais!

— E não teve problema? Você nunca enfrentou situações?

— Já. Já tomei garrafada na rua. Vindo de casa até aqui, mexeram comigo 3 vezes na rua.

— O que falaram pra você? Você veio a pé? Em quanto tempo?

— Vim a pé e levei 10 minutinhos. O primeiro foi ali perto do Shopping Light, ali no teatro (municipal). Eu estava passando por ele; era um vendedor de perfume, sabe? Ele bateu no meu peito e falou: "e aí, está de sainha?" Isso nem é uma saia! Olha isso: é uma bermuda. Antes eu ficava quieto. Aí eu tirei meu fone e falei: "primeiro, você não encosta em mim porque eu não te dei essa liberdade. Segundo, o que está te incomodando em mim? O que você tem a ver com isso?" Ele: "calma, calma! É só um comentário! Eu falei: "fica na tua que eu fico na minha". Aí, eu coloquei meu fone e sai andando. Os outros xingamentos foram de longe, mas aí de fone eu nem escuto. Caguei. Antes eu passava de cabeça baixa na rua. Eu ficava com vergonha. Medo de pegar metrô por causa do jeito que eu estou vestido. Porque pra mim foi mesmo um choque; mesmo vindo de Curitiba que é uma cidade grande também, vir pra São Paulo que é muito maior. Tipo, Curitiba não tem metrô, não tem o que acontece aqui em São Paulo à noite. Não é igual, sabe? Tudo isso de gente. Não é nem um pouco parecido, então pra mim foi um choque; mesmo vindo de Curitiba. E eu fiquei assustado no começo, eu confesso, mas os meus amigos sempre me ajudam. Eu tento não passar por isso sozinho.

— E você tenta não sair sozinho?

— Eu tento não sair sozinho.

— Você vai muito em festas? Você vai sempre acompanhado?

— Eu sempre vou com os meus amigos. A Poros inclusive é uma festa de amigos meus. É do namorado da minha irmã e dela, que moram comigo, sabe? Eu sempre vou com os meus amigos, eu nunca vou sozinho. Eu posso até ir sozinho mas eu sei que lá eu vou encontrar alguém. Eu nunca fico sozinho numa festa porque eu tenho amigos que já foram abusados sexualmente em festas; já sofreram agressões em

festa; já apanharam. Eu tento tomar o máximo de cuidado. Eu tenho um amigo que tomou garrafada; de quebrarem a garrafa na cabeça dele.

— Mesmo com todos esses casos de violência, você nunca pensou em mudar o teu estilo ou criar uma outra masculinidade que fosse mais hegemônica ou mais aceita?

— Às vezes eu sinto que se eu vou numa entrevista de emprego, se eu vou na casa da minha vó, em certos momentos eu falo, "vou dar uma abaixadinha nesse look", "não precisa ir tanto assim". Mas eu não gosto de me ofuscar ou de mudar por causa dos outros. Ainda mais hoje em dia; porque tem tanta gente se empoderando. Usando as palavras que usam para se levantarem. É isso que a gente tem que fazer! Não dá pra ficar se diminuindo mais! Eu cansei de verdade! Não gosto. Eu uso o que eu quero. Eu saio quando eu quero. Você quer sair de vestido? Saia de vestido. Quer sair de saia? Saia de saia. Quer sair com a cara toda pintada de batom? Saia com a cara toda pintada de batom.

— Você acredita que talvez isso fosse uma ferramenta política? Algo como: "Eu posso usar o que eu quiser" e "Eu sou gay e não preciso ser um gay padrão hetero normativo." ?

— Eu não consigo (risos) (ser heteronormativo); eu faço academia inclusive mas não rola. Eu continuo a mesma coisa. Por muito tempo me senti deslocado porque eu nunca via outros meninos que se identificavam como gays porque eu me identifico como menino mas eu gosto de usar roupas femininas, de ter trejeitos. Eu sou um menino feminino e eu me identifico como um menino; eu não me identifico com outra coisa. Eu nunca tinha visto meninos que gostavam de usar saia, de usar maquiagem. Aqui em São Paulo eu vi muito. Isso me deixa muito deslumbrado. Há outras pessoas como eu que gostam das mesmas coisas que eu gosto. Principalmente quando comecei na faculdade e aí eu via meninos da minha sala que iam de saia pra sala, que iam de salto alto! Antes eu nunca tinha visto, sabe? Em Curitiba, eu via outros viados mas se eu sáísse de maquiagem eles falavam: "Ai bicha, você está muito viado!" Mas e daí? Eu escutei até de namorado. Ele não gostava que eu pintasse as unhas. Achava que eu ficava muito feminino. Pensei: "Não vai dar certo isso! (Risos) Porque a vida inteira ouvi dos meus pais me reprimindo e agora vou ter que escutar de você? Não vai rolar". É um dos motivos porque a gente terminou.

— E ele era efeminado também?

— É também! E hoje em dia, eu voltei pra Curitiba faz uns 2 meses, e ele tava lá de unha pintada e saia!

— Você está namorando agora?

— Não.

— Os caras com quem você sai e pelos quais você se atrai, são mais masculinizados, mais femininos ou tem de tudo?

— Tem de tudo. Eu confesso. Não é o visual que me atrai, na real. Nem um pouco.

— E o que te atrai?

— Eu gosto de alguém... Eu gosto de dar risada, sabe? Eu gosto de me divertir. Eu não me importo com visual. Pode ser alta, baixa, peluda, não peluda. Eu já namorei um menino que era bear, o outro que era twink. Meu último namorado era um twink de 2m de altura. Eu gosto de me sentir confortável. Hoje em dia não me envolvo com pessoas que me colocam pra baixo ou que tentem me mudar de qualquer forma que seja. Seja do visual até o sentimental. Eu tento me envolver com gente que, tipo, faz eu me sentir bem, faz eu me sentir à vontade. É isso que importa.

— Relacionar-se com cara que seja mais padrão, rola?

— Rola, sim!

— Mas que exija de você o padrão?

— Isso, não! A pessoa tentar me mudar de alguma forma, não rola. Tem que ser alguém que me aceite assim e que esteja OK comigo sendo assim. Eu tive um outro namorado que era bissexual ele queria me apresentar para os pais e eu não queria. Um dia ele me enganou e a gente foi na casa dos pais. No aniversário da irmã dele. Ele falou que a gente ia no bar encontrar um amigo dele. Pediu o Uber. E eu todo montado, estava de saia e meia calça. A gente chega lá e era o aniversário da irmã dele. Mas os pais dele foram um amor de pessoas. Todo mundo me tratou muito bem. Porque não percebi que talvez o fato dele ser assim... Eu era o primeiro cara que ele tinha namorado. Ele me levantava muito. Não fazia eu me desculpar por ser quem eu sou! Eu não tinha percebido que o fato dele ser assim fosse porque os pais deles talvez fossem assim também. Quando cheguei lá era exatamente isso! Eles foram muito amor comigo. Eu nunca tinha tido isso conhecendo os pais de outro namorado. Nunca tinha acontecido comigo. Sempre tinha que aparecer mais machinho, sabe? Não posso te beijar na frente do seus pais. Ele pegava na minha mão na frente dos pais, me beijava e os pais nem aí. Ficavam conversando com a gente e a gente abraçado, sabe? Eles nem ligando. Foi uma das melhores experiências que eu já tive. De verdade.

— Depois teve uma outra relação tão próxima assim da família, dos pais de namorado?

— Não. Mas eu sou muito próximo dos pais dos meus amigos. E eu tenho uma amiga que mora na rua de casa, às vezes, ela nem está na casa dela eu vou lá e fico conversando com a mãe dela. A gente fica lá conversando. Ela é minha amiga. É tão amiga quanto a filha dela, sabe?

— Você não se fecha em guetos, né? Você fala que sai muito com amigos e me da a impressão que você

sai somente com gays; mas não é isso?

— Não. Eu acho que eu tenho mais amigas, mulheres e héteros. Tem uns bi no meio ali. (Risos) Sempre tem. Mas acho que a maioria ao meu redor é hétero. Os meus amigos, que eu vejo todo santo dia; os três são heterossexuais. São dois homens e uma mulher. Dois moram comigo. Minha irmã e o namorado dela e o outro, Thomas, que é meu amigo, a gente se vê todo dia. A gente se conhece desde pequeno. Ele é da minha cidade. A gente se conhece desde sempre porque os nossos pais são amigos. Eu vejo ele todo santo dia, conversamos todos os dias e ele é hetero. Eu tenho bastante amigo gay também. Mas eu tenho bastante amigas héteros.

— Você falou que não está namorando agora. Mas que tipo de cara vem atrás de você? Você usa os aplicativos?

— Não. Eu terminei o namoro há pouco tempo. Foi um relacionamento meio conturbado. Esse era o twink. Foi complicado. Ele é de Curitiba; também mudou pra São Paulo faz 6 meses. A gente tem amigos em comum. A gente saiu e se reconheceu. Depois a gente ficou conversando pela internet e flertando. Um dia gente saímos pra tomar uma cerveja na Roosevelt porque é do lado de casa e aí a gente começou a ficar. A gente começou a namorar. Foi tudo muito rápido.

— Mas em algum momento você usa aplicativo?

— Já usei.

— E quem vai atrás de você?

— Eu parei de usar porque eu me sinto discriminado nos aplicativos. Quando você vai postar uma foto; eu gosto de postar fotos minhas que eu realmente gosto. A foto que eu estou maquiado, de saia, dando close na festa e quando eu posto essas fotos, tipo, não ganho um match; nenhum cara vem falar comigo. E se eu falo com alguém a pessoa não me responde porque eu sou muito efeminado.

— Alguém já chegou a te mandar uma mensagem...

— Dizendo que eu sou muito efeminado? Já mandaram: "você é muito bonito, mas você é muito efeminado. Isso me broxa." Eu fiquei, tipo: "Ah, eu nem quero você, bem!" Esse foi o Hornet, que a pessoa pode te mandar mensagem. Simplesmente só mandou isso: "Nossa, te achei muito gato! Mas você é muito afeminado e isso me broxa!". Mas se isso te broxa porque é que você está vindo falar comigo? Fica na tua! Era só isso. Mas eu me sinto muito discriminado nos aplicativos.

— Esse exemplo que você me deu, do cara fala "você é muito gato, mas me broxa". Como ele era? Ele é um gay padrão?

— Era. Era forte, barbado, assim sabe? Padrãozão. Tipo, cabelinho. Bonitinho. Parecia até hétero; se não estivesse no aplicativo poderia se passar por hétero.

— Esses caras padrão, com visual mais hétero, te procuram bastante?

— Não. Eles não vêm atrás de mim. Já fiquei com um só que era bem padrãozão; mas foi uma só vez. Foi ok. Mas eu já escutei muito: "você podia ser menos gay ou menos afeminado". E eu pensei: "não vai dá! Eu não vou ficar tendo isso ainda na cabeça de não poder ser eu mesmo com a pessoa que eu gosto ou com quem eu estou me envolvendo".

— Foi isso que te fez desistir dos aplicativos?

— Sim. Eu desisti porque eu sempre me sentia excluído e discriminado de alguma forma.

— Mas aí você foi procurar um grupo que te aceita?

— Hoje em dia, eu flerto no Instagram. (Risos) É mais fácil, sabe?

— Sei. Só dar 6 curtidas seguidas.

— Exato! (Risos) três curtidas e pronto. Lindo! Já é algo, sabe?

— E resulta?

— Às vezes! É meio difícil. Tipo, eu não fico com alguém faz um mês e meio. De beijar!

— Mas você vai em todas essas festas!

— Eu não fico com ninguém em festa porque eu não me sinto confortável com gente que não conheço. Eu não consigo só sair, beijar alguém que não sei quem é. Alguém que eu não sei o nome. E eu não sei de onde essa pessoa é. Eu não consigo. Não rola comigo. Já tentei ser a "pirigueti do rolê", mas não rola comigo. Eu não me sinto confortável.

— Mas eles chegam em você nas festas?

— Não chegam. Eu acho que eu não dou liberdade também. A minha cara de eu nas festas não deixa. E quando eu estou em festa eu sempre quero ficar com os meus amigos e curtir aquele momento, sabe? Eu não fico mexendo no celular. Às vezes eu mexo para tirar uma foto com os meus amigos, né? Mas eu não fico mexendo no celular, na internet; eu quero estar ali curtindo o momento. Vamos beber, gente! Vamos subir no palco pra dançar! Vamos lá na frente do DJ, sabe? Eu gosto de curtir essas coisas assim. Não que eu me fecho com meu grupo de amigos. Que ninguém pode chegar e conversar. Pelo contrário, a gente fica mexendo com os outros: "gata, você está linda!" Mas a gente sempre está em bando. Eu acho que isso simplesmente não dá liberdade dos outros chegarem em mim, sabe? Porque eu sempre estou com muita gente. Eu sinto que muita gente acredita que eu namore alguns dos meus amigos. Porque a gente

sempre está muito junto. Todo mundo ve a gente no rolê; todo mundo junto. Chegando junto, indo embora juntos. As pessoas acham que a gente é, tipo, casal. Mas nem é, sabe? Se você olhar, os meus amigos todos namoram, menos eu.

— Você falou uma coisa interessante lá atrás: "se eu tiver uma entrevista de emprego ou se eu tiver que encontrar a minha avó..."

— Porque isso aconteceu recentemente. Foi aniversário dela e aí, tipo, eu tinha colocado uma camisa minha, muito colorida, uma calça roxa; aí me olhei no espelho e falei: "nossa, eu estou indo no aniversário da minha vó! Calma, né?" Aí coloquei o macacão preto. (Risos) Aí eu falei: "vou assim, básica! De brincos e cheia de anéis."

— Aí você encontra uma brecha de exercer isso?

— Ahã. Eu não consigo colocar uma camisa pólo, uma calça jeans e um tênis.

— Entendo. Eu trouxe aqui essas três peças pra você...

— Eu vou assessorar diferente. Inclusive tenho camisa pólo. Tenho calça jeans. Mas eu misturo com outras coisas que façam eu me sentir mais à vontade.

— Essas outras coisas são sempre acessórios ditos femininos?

— Basicamente. Eu adoro um brinçã, assim. Eu tenho umas sete argolas, uma maior que a outra. Colares, anéis; é que hoje eu preciso fazer a minha unha. (Risos) Eu estou sempre de anel e unhas pintadas. E é algo que meu pai odeia. Ele fala: "que coisa feia!" Ele só fala isso. Ele não fala para eu tirar nem nada. E eu fico ainda "nananananana". Ele nunca falou para eu tirar ou para eu não usar.

— Mas é a geração. Porque hoje, homem hétero ou gay fica bonito de...

— Unha pintada! Eu acho muito bonito. E de unhas pintadas você presta muito mais atenção no movimento das mãos, sabe? É tão bonito! Estava na casa dos meus pais e eu estava com a camisa assim, para dentro da bermuda,. Aí meu pai falou: "Tira! É tão feio para dentro". Aí eu falei: "pai, pra você é feio. Eu gosto assim. Você pode achar que fica melhor do lado de fora mas eu me sinto mais confortável com ela para o lado de dentro. Você pode falar que prefere mas eu não vou deixar de usar por causa do que você acha". Eu não vou discutir mais vou te explicar o porquê. Você não pode simplesmente chegar em mim como ele: ele chegou simplesmente tirando a camisa. Aí eu falei: "para". Eu expliquei pra ele. Eu percebi que o meu papel é ter que explicar e eu vou explicar. Para qualquer pessoa. Se eu tiver que parar e explicar o porquê, eu vou parar e explicar.

— Que foi aquilo que você fez no meio do caminho?

— Exato. Eu falei: "eu não te conheço, você não me conhece, você não tem esse direito". Ele veio bater no meu peito. "Não encosta em mim!" Eu vou parar com a maior calma do mundo e se a partir daí a pessoa quiser subir o tom de voz ou quiser partir para algo físico, a gente vai pra algo físico. A gente sai na porrada mesmo. Eu não estou nem aí!

— Você já saiu na porrada por isso?

— Já. Na rua. Em festa.

— A troco de quê?

— De mexerem com amigos. De mexerem comigo. Já levei garrafada na rua.

— Mas sempre em relação aos ataques homofóbicos?

— Ahã...

— Você estava fazendo algo?

— Passando na rua! Só sendo, assim. É isso. É foda. Isso me deixa triste às vezes. Hoje em dia é algo que me deixa triste também porque não é todo mundo que tem um meio que deixe pessoa confortável, sabe? Tem muita gente que não é confortável em casa; não é confortável ao redor dos amigos; como ele queria ser. E eu sou! Os meus amigos me empoderam. A gente sai na rua e eles falam: "vai, viado!" Eles não me deixam pra baixo, sabe? Se alguém mexe comigo eles me defendem. E aí, isso que me deixa vontade, porque eu sei que qualquer coisa que acontecer eu tenho um meio que me entende, que eu vou poder correr e falar: "olha gente, isso aconteceu comigo! Estou triste por causa disso!" Eles vão conversar comigo. Me deixa triste porque não é todo mundo que tem esse meio que você possa conversar. Porque durante muito tempo eu também não tive, sabe? Eu só tive quando eu mudei pra cá. Comecei a conhecer pessoas que gostavam das mesmas coisas que eu; não necessariamente eram gays ou femininos ou gostavam de usar saia. Mas pessoas que entendiam tudo isso. Que são os meus amigos hoje em dia. Os meus amigos do rolê, acho que só tem eu e mais dois que usam saia, por exemplo, ou usam maquiagem. O resto não usa mas eles entendem, sabe? Entendem a liberdade de expressão. A gente tentar ser a gente mesmo no máximo. É isso que eu tento sempre. Tentar ser eu mesmo cada dia mais um pouquinho, sabe? Mas eu sinto que isso ainda tem que ser muito trabalhado.

— E você sente que você contribui para os outros também?

— Eu tento ao máximo ser aberto a esse tipo de conversa mas eu sinto que muitas vezes as pessoas não vem conversar por vergonha. Quando eu me mudei pra cá eu só usava jeans e preto. Aí eu comecei a sair e fui vendo outras pessoas usando coisas que eu gostaria de usar. Até eu chegar nas pessoas e falar: "meu,

como você veio para cá? Onde você arranhou essa roupa?" As pessoas me explicavam: "eu gosto de me vestir assim. Eu gosto de me expressar dessa forma." O menino numa festa uma vez falou pra mim: "toda vez que você sair de casa é uma nova forma de causar um impacto. Nunca você pode ir na padaria... Vá do jeito que você quer. Você pode ir usando moletom ou com um look montado na padaria, mas vá do jeito que você quer." E é isso que eu penso. Quando ele falou isso eu pensei: "caralho, é isso! Ele falou tudo que eu precisava ouvir. Não deixar de ser eu mesmo porque os outros estão pensando". Isso foi numa festa de rua, tipo uma Mamba. Eu fiquei abismado com a roupa. Ele estava muito closeiro e maquiado e tudo mais! Ele realmente parou e conversou comigo, sabe? Ele falou eu gosto de sair de casa assim mesmo. E, eu não me moldo...

— Nessas festas, você fala muitas vezes "meninos". É sempre essa faixa etária de 20 anos?

— Não. Tem gente mais velha nas festas. Sempre tem. Nessa estética. E tem muitas meninas.

— Vejo muitas meninas também. Eu estava no metrô um tempo atrás; eu estava de cintura alta jeans, camisa, óculos, boné amarelo e olhei para o lado onde tinha uma menina igualzinha a mim. Idêntica. Ela estava de All Star, igual a mim, meia na canela, shortinho assim, camisa pra dentro, boné amarelo e óculos. Aí eu olhei pra ela e acenei. Ela acenou também. Cheguei em casa o Thomas, meu amigo, disse: "migo, olha isso! Essa mina tirou uma foto sua no metrô". Aí eu fui olhar e ele me mostrou aquela menina dizendo: "olha esse menino vestido igualzinho a mim". Era a menina que eu tinha encontrado! Eu achei foda de eu acenar pra ela e ela entender que a gente estava vestidos igual. Sem preconceito nenhum.

— Eu imagino que assim como eu cheguei em você, você deva receber mensagens de outras pessoas falando sobre moda, sobre isso, sobre aparência...

— Acontece.

— O que eles falam e como é que você recebe isso?

— A pouco tempo recebi uma mensagem de um fotógrafo falando que tinha me visto numa festa também e ele falava que ele estava fazendo um projeto sobre pessoas que se expressam através da moda na cidade São Paulo. Só que no começo eu sempre fico com um pé atrás. Eu sempre escuto histórias de amigos que dizem que o fotógrafo só queria dar em cima, sabe? Eu tento dar abertura pra conversar mas não pra outras coisas. Porque eu sinto que sempre é algo que se confunde no meio. Mas sempre que falam comigo sobre formas de expressão. (Por exemplo) Eu fico fazendo maquiagem o dia inteiro se eu puder.

— Eu vi no Insta umas fotos tuas e imaginava que você ficava o dia inteiro fazendo maquiagem depois tomava banho e fazia tudo de novo.

— É exatamente isso! (Risos) Eu tomo um banho e pronto! Eu vou lá fumar meu baseado, pronto acabou, sabe? Se eu tenho duas ou três horas sem fazer nada, eu vou fazer uma maquiagem. Porque eu sempre faço isso. É algo que me dá prazer. É algo que eu gosto mesmo. Eu sempre recebo mensagens por isso. Recebi uma mensagem de um menino esses dias que tem 16 anos e ele mora numa cidade pequena. Ele falou que se identificava comigo só que ele não podia se expressar na cidade dele da mesma forma. Eu falei: "bicha, se joga. Não olha pra atrás, infelizmente, na cidade pequena você não vai achar tanta gente como você."

— Bom, você sabe disso.

— Exatamente. Eu contei pra ele que também era de uma cidade pequena e que infelizmente eu só me encontrei quando eu sai da cidade (natal). Mas eu disse: "pra você pode ser diferente. Não fica se moldando. Se você quer fazer suas coisas, faça dentro do seu quarto com a porta trancada. Se você não quer que ninguém veja, faça as coisas dentro do seu quarto. Ninguém precisa saber por enquanto. Até você se sentir confiante consigo mesmo." Porque você vai ter que dar a cara a tapa, sabe? Porque se você não se sentir confiante com você, as outras pessoas vão perceber isso. Quando eu visto algo que eu sei que eu estou me moldando para o que os outros vão pensar, sempre é quando mexem mais comigo. Sempre quando eu passo de cabeça baixa. Quando eu estou vestindo algo que eu gosto e como eu quero, eu estou de cabeça erguida, sabe? Estou na minha. E não há nada que falarem que vai me afetar. E era isso que eu queria falar pra ele. Mas também não sei se ele entendeu.

— Entendeu. Com certeza.

— É. Eu acho que ele entendeu porque eu dei o meu exemplo de ser de cidade pequena. Mas todas as vezes que vem falar comigo, qualquer coisa do tipo "eu me inspirei em você" eu fico "para, calma aí"; mas se o fato de eu sair do jeito que eu quero, te da coragem de sair do jeito que você quer também; isso me dá muito prazer. Eu comecei a performar em festa faz dois meses. Eu performei só em três festas ainda. Eu fui numa de Balaclava que estava de máscara e quase ninguém me reconheceu. As pessoas não sabiam que era eu e enquanto eu estava no palco eu olhava para as pessoas e todo mundo olhava pra mim e me incentivava. Isso me dá uma energia muito boa. Eu olhava e pensava: "olha essas pessoas! Elas nem sabem quem eu sou. Elas não me conhecem e falavam: 'vai! Vai mesmo! Já isso que você quer, então vai!'" Isso me dá uma energia tão boa que eu nunca achei que ia acontecer. Eu fiquei emocionado. Real! Lembro de ter chorado depois. Os meus amigos foram. Um amigo de Curitiba veio no sábado de manhã. Ele tinha que voltar na segunda de manhã e ele voltou no domingo às 6h00 da manhã. Ele só foi pra me

ver. Meu coração encheu. Eu fiquei muito emocionado. Foi uma troca de energia boa. A primeira vez que eu fui numa festa aqui em São Paulo me encontrei de verdade. Pode ser muita besteira mas eu sempre estava indo em balada gay. Eu falava: "tem que ir na balada gay. A balada dos viados". Só que eu nunca me senti encaixado. Eu sempre me senti excluído. Eu sou uma pessoa super desengonçada. Eu não sei dançar. Eu não sabia as coreôs. Quando eu fui na minha primeira festa tecno/ eu me encontrei. Eu vi outros viados iguais a mim. As pessoas dançando do jeito que queriam dançar. Se você não está fazendo mal pra ninguém, é isso que importa. Você está respeitando a pessoa que está do teu lado, é isso! Eu comecei a me cercar de gente que te respeita. Que respeita quem você é. Porque as vezes no mundo gay a gente é excluído de alguma forma. Porque você é muito feminino, porque você é muito masculino, porque seu cabelo é assim, por sua cor de pele... Tem tudo isso também. Você já é discriminado por todos os héteros a vida inteira, aí você chega no mundo gay e você ainda é discriminado! Isso era um saco pra mim! Não é possível que não importe o meio que eu for, vai ser sempre assim! Demorou, mas eu consegui. Eu achava que precisava estar cercado de gente que se vestia igual a mim, que gostavam exatamente das mesmas coisas. Percebi, que não era. Eram só pessoas que me respeitam e eu respeito elas. Elas não se incomodam com nada que eu faço por ser eu mesmo, sabe? Eu posso ser eu mesmo ao extremo e elas vão continuar falando: "vá ser você mesmo". E eu vou falar pra eles: "vá ser você mesmo também! " Eu sempre achava que precisaria ser amigo só de gays ou de gente que se veste igual a mim. E não é. São pessoas quem tem a mesma ideia de respeito ao outro. Demorou pra eu achar. Mas eu achei! Inclusive, os meus amigos, são a minha família. É com eles que eu converso, falo dos meus problemas; choro. O meu vínculo é total com eles. Eu sou muito mais ligado a eles do que a minha própria família.

— João, muito obrigado.

— (Risos) Eu falei demais!

— Não! João você deixar eu usar tudo que foi gravado e umas fotos do seu Instagram?

— Eu deixo. (Risos)

— Uma outra coisa: eu vi várias fotos no seu Instagram que percebi que não era só pra festa. E você comprovou vindo me encontrar vestido assim.

— Não, não era. (Risos) Às vezes, dentro de casa eu troco de roupa. Antes, eu guardava as roupas para festas; hoje não. Depois que você se veste... como o cara disse, é uma forma de causar uma nova impressão ou de se expressar. Eu penso nisso todo dia. Toda vez que estou abrindo meu guarda-roupa, eu penso nele falando isso. Meu, você foi na parada gay esse ano?

— Não, João. Esse ano eu não fui.

— Lá, eu fiquei num trio e uma hora eles pararam a música e todo mundo ficou só gritando. E eu achei isso muito emocionante! Eu olhei e falei: "olha o tanto de bicha, de viado, de travesti, de trans, tudo junto pelo mesmo motivo, sabe? Eu achei muito foda! No outro ano eu cheguei muito atrasado. Eu cheguei só no finalzinho. Nesse ano eu decidi ir cedo.

— E foi? A parada toda?

— Fui. Eu disse: "eu quero ir cedo!" A gente passou por vários trios e por várias partes. Eu queria ir. Eu nunca fui cedo. E quando eu fui, eu fiquei atrás, no fundo. Eu falei: "eu quero estar lá no meio. Quero ver. Quero ver todo mundo, sabe?" E a gente foi. E foi muito foda. Eu achei muito daora. Eu senti que tem certas pessoas que perdem o real motivo mas não é todo mundo que se perde nisso, sabe?

— Eu tenho muitos amigos que decidiram não ir mais e eu acho isso um erro. Porque eles são muito heteronormativos e esquecem que essa masculinidade toda, não é todo mundo que quer.

— Exatamente! Não é todo mundo que quer! Eu concordo totalmente. Eu adorei ter ido lá no meio. Achei muito foda. Eu adorei. Eu fui com muitos amigos que nem era gays. Estava no meio com todos os outros, gritando. Eles apoiam a diversidade. Tem muita gente que não gosta que tenha hétero. Mas pra mim tem que tem apoio diversidade, não necessariamente quem se identifica como gay ou bissexual. Ela pode ser hétero e apoiar a diversidade. Respeitar a gente. Querer que a gente tenha todos os direitos que eles tenham. Eu levei os meus amigos porque eles pensam assim, sabe? Eu disse: "vocês vão sim!" E eles: "a gente vai!" Um deles até acordou antes de mim e falou: "e aí gente! Vamos? Vocês já estão prontos?" E eu falei: "calma! Eu preciso me maquiar!" (Risos)

— Querido, é isso!

— Arrasou!

Entrevista 5

Entrevistado: Vinícius Pariz

Entrevistador: Emerson Meneses

Data: 23/08/2018

Local: Café do Espaço Itaú de Cinema (anexo) - Rua Augusta 1470, Cerqueira César, São Paulo

— Bom, Vinny, vamos lá. Qual a sua formação ?

— Eu sou pós-graduado em Styling de Moda e Criação de Imagem no Senac. No campus Lapa Faustolo. O campus de moda e beleza. A graduação é em Comunicação Empresarial. Era bem interessante porque tinha (no curso) uma área de eventos. A graduação foi na Uniban e a pós no Senac. Eu escolhi esta (pós) aí, porque eu não sou estilista. Foi incrível, foi maravilhoso, mas eu não consegui fazer coisas, financeiramente interessantes, na moda. O mercado é desse tamanho (pequeno) ou você ganha muito pouco ou ganha muito dinheiro. São Paulo Fashion Week eu já fiz quatro temporadas e ganhava R\$50 por dia. O chefe ganhava R\$3000 em uma semana. Difícil. Por que depois você escuta dos seus pais: Oi, você fez uma faculdade e você tá ganhando R\$50 por dia durante uma semana a cada seis meses. É isso que você quer pra sua vida?

— Você é filho único?

— Tenho um outro irmão que é casado, mais velho, dois filhos, bem família Dorian. Empresário. Que também é uma sombra pra mim. Um filho lacra; tem uma casa na Serra, dois carros; é maravilhoso e o outro com 33 anos que nada dá certo. E aí viado, afeminado...

— Mas foi aí que eu cheguei em você. Porque agora você fala "viado, efeminado"... Mas você é super de boa com isso. Eu te encontrei no Insta assim; inclusive, em todas as suas hashtags você se autodenomina orgulhosamente viado.

— Bicha, Queer e tal.

— Então, você falou orgulhosamente sobre isso. Já teve a tentativa de se moldar à uma coisa mais heteronormativa?

— Já.

— Quando?

— Há uns 10 anos. E aí, foi interessante porque eu pensei "eu acho que eu vou ter que virar homem pra pegar homens".

— Você tem traços masculinos muito fortes. Você tem barba e você brinca bem com esses signos.

— Eu gosto.

— Eu imagino. Da pra ver. A estética da pra ver. Você usa uma pulseira mais dita feminina, anel... Mas você acabou de falar: eu tentei ficar uma coisa mais heteronormativa para pegar os caras. Porque os caras não chegam até você na figura mais feminina?

— Não.

— E por que?

— Porque eu acho que é o machismo e o preconceito que tem internamente porque eu realmente peguei mais caras quando eu estava mais heteronormativo.

— O que é ser mais heteronormativo?

— É cabelo curto e tentar reduzir florzinhas, bolinhas, pulseirinhas e trejeitos e qualquer código gay.

Então numa conversa, não pode falar uma gíria gay, uma coisa tipo, "Ai, bi! "; porque os caras falavam: "Então, não, obrigado. Não vai rolar." E levantavam e iam embora e me deixavam sozinho. Então eu era esteticamente o que ele queria, mas quando abre a boca não era o que ele queria. Aí eu falei, não adianta fazer isso porque eu não vou viver numa máscara; não vou viver num armário. Vou sofrer. E eu não quero isso; ser abandonado no meio de um café. E não que isso tenha mudado depois que eu tenha saído desse armário. (Risos) Eu deixei o cabelo crescer; eu assumi a roupinha que eu quero usar; a pulseirinha que eu quero usar; só que isso me afastou ainda mais dos caras.

— Você tem uma figura muito interessante; e mesmo com essa figura mais exuberante; mesmo assim os caras não chegam em você?

— Não. Principalmente em Grindr, Scruff e esses aplicativos-açougue em que você é só carne... Que eu recebo mensagens do nada: "Oi, você é muito bonito mas eu não gosto de afeminados". "Oi, você é muito bonito mas corta esse cabelo! "; "Manda foto de você". Aí por algum motivo uma luz que pega na minha unha: "Você passa base na unha? Sim, passo base na unha. Não, não saio com caras que passam base na unha". Eu mando print às vezes para as minhas amigas gente, é real. Mas elas falam: você está exagerando! Vocês estão andando no lugar errado; é o que eles falam. Gente, pelo amor, é só vocês darem um Google. Você abre o aplicativo na Paulista, porque na Paulista bomba, e começa olhar é "casado discreto", "não-sei-o-que discreto": "se eu quisesse pegar afeminado pegava mulher"...

— As frases são essas?

— São essas. É muito cruel. Eu posso até entender de gostos. "Não gosto de sair com com mais velhos", "com mais novos"; mas tem jeitos de você falar isso. E os textos são muito cruéis. Eu acho que não é gosto; é uma repulsa, uma coisa patológica; não sei, porque tem jeitos de falar. "Se eu fosse pegar mulher eu pegava uma mulher porque eu sou casado", por que tem lá "casado discreto", "casado ativo"... Então, ele mostra que ele é casado porque falar que ele é casado e sai com homens mostra que ele é mais macho do que você que é solteiro gay. Sempre tem a diminuição do homem feminino dentro da comunidade gay. E é sempre assim se você é feminino é porque você é feminino; se você é gordo o problema é que você é gordo. Eu sou gordinho, daí pro mundo gay ser feminino e gordinho, eu sou combo do horror! Entendeu? Eu vou tentando... Eu converso com os caras mas isto me afasta muito deles. Parece que se um cara sair comigo e eu estou muito feminino, parece que ele vai ser colocado nessa caixa: "olha lá o bonitão saindo com o viado!". Porque ele é gay mas eu sou viado. É diferente. Os adjetivos são diferentes. O homem que é heteronormativo é gay. Ele é homossexual. Agora, o Vinicius de cabelão, com base e pulseira da Svarovski é viado. É bicha. E todos os adjetivos pejorativos que se tem. Isso foi me cansando, mas eu não desisti e não desisto. Quando eu quero colocar uma saia, eu coloco. Eu sou feliz. Assumo que eu sou. Tenho minha vida; só que a vida amorosa é completamente destruída.

— Você não tem relacionamento desde quando?

— Eu não tenho um relacionamento há meses. Eu nunca namorei. O máximo foi três meses, um caso e fim... Mas eu estava me tornando muito afeminado e ele disse: "não podemos mais ficar juntos. Está difícil pra mim lidar com isso."

— Entendo. O que era? Quanto tempo você levou pra teu o cabelo desse tamanho por exemplo?

— Cinco anos. Há cinco anos eu estou assim. Tem um processo de crescimento desse cabelo então eu diria 10, 12 anos vindo nesse processo de crescimento. Se eu cortar vai ser pra vender pra Beyoncé por 2 milhões de dólares. (Risos) Mas eu falei: o que eu vou fazer? O que quer que eu faça? Que cuspa no chão? Que coce o saco? Não sei, gente!

— O que você acha que o cara queria que você fizesse?

— Eu não sei! É esse padrãozinho. Eu acho bonito também os homens sarados. Todo mundo acha. O padrão da cultura gay. Mas eu não sei o que ele queria. Que eu malhasse, que estivesse mais sarado, que cortasse o cabelo e não tivesse trejeitos. Aí eu falei: quer saber, beijo, foi ótimo, então não vamos continuar porque eu vou sair cada vez mais do armário. Estava decidido a isso. De tudo que eu tinha passado e vim passando e tudo mais.

— Anteriormente a isso? Quando você era mais ou menos o padrão?

— Quando eu era mais ou menos padrão que eu vi que não era isso, entendeu? Não era isso que eu queria. Eu não me via naquilo.

— Você sempre teve trejeitos?

— Desde criança.

— E como foi a infância?

— Foi horrível porque eu estudava no colégio tradicional de São Paulo, na zona norte que é um colégio católico. Meu pai tinha poder aquisitivo de colocar os filhos no melhor colégio da zona norte. E foram anos apanhando na escola católica.

— Você sofria bullying?

— Bullying. Muito bullying. Diários. Vindo dos alunos homens, e professores que fingiam que nada acontecia. Eles são super despreparados. Não sei se eles são até hoje. Na minha época era: "não estou vendo você ser rechaçado no meio da aula de matemática". Era horrível. Eu apanhava no intervalo, apanhava na hora da saída e só apanhava. Eu passava muito mal porque eu tinha bronquite e ela era aumentada com o nervosismo; então a cada três meses eu era internado com bronquite e aí depois com uns 20 poucos anos eu falei para os meus pais que o momento que eu tinha mais paz, na minha infância, era quando eu estava internado no hospital. O que é horrível! Eu nunca repeti de ano. Meu irmão repetiu duas vezes. Porque eu queria passar pra ficar menos 1 ano lá, entendeu? Era como num presídio. Riscava, oitava série. Falta mais três. Primeiro colegial. Falta mais dois.

— Isso nunca mudou? Nem no colegial?

— Não. Mudou pouco. Porque os caras são adolescentes e eles têm que mostrar que eles são mais machos ainda. E eu era amigo das meninas, era afastado do futebol porque eu tinha bronquite; então eu só era zuado. Foi bem horrível. Eu fui jogado da escada pelos meninos na escola. Por isso eu tenho esse dedo torto aqui. E falei que quebrei no vôlei. Minha mãe soube disso quando eu tinha uns 20 anos. Que eu, na verdade, fui jogado da escada. Porque eu era viado. Eu rolei a escada. Poderia ter morrido. Mas eu só quebrei o dedo.

— Essas violências físicas você sofreu quando adulto de novo?

— Não. Quando eu saí do colegial eu falei pro meu pai: "eu sofri muito. Você sabe que eu sofri muito. Mas você não sabe o quanto". Porque eu não tinha me assumido ainda. Eu me assumi com 18 anos. Eu falei: "eu preciso de um tempo pra minha vida e eu não quero estudar". Ele queria que eu já emendasse a

faculdade e daí eu falei que precisava de um tempo. Ai com 20 anos ele falou: "já deu dois anos. Vamos estudar?" Eu falei: "vamos". Mas voltando aos 18 anos; eu tenho amiga que falou pra mim: "vamos numa balada gay".

— Você nunca tinha ido?

— Nunca tinha ido. Fui na Blue Space, num domingo. Quando eu entrei lá eu falei: "nossa! É aqui! É isso! Eu me encontrei. Eu posso andar na rua sem medo. Eu posso ser viado aqui". E daí eu me encontrei. Foi a melhor noite da minha vida. Não havia WhatsApp. Então, eu escrevi uma carta pra minha amiga falando como tinha sido minha noite e passei um e-mail pra minha amiga. Eu deixei o rascunho em casa. Saí, e quando eu voltei estava um fuá na minha casa. Porque meu pai leu (a carta) e falou pra minha mãe. Minha mãe começou a chorar; achou que eu ia virar travesti. Meu irmão falou pra me mandar pra Europa, pra eu virar travesti lá. E meu pai foi o que mais me aceitou e falou: "filho, vem morar comigo porque aqui está um caos". Eu fiquei sem falar com a minha mãe por um ano. E com meu irmão menos ainda. Eu voltei a falar com meu irmão há uns três anos porque ele é homofóbico; e porque ele não aceitava que eu era gay; e ele achou que eu influenciaria os meus sobrinhos a serem gays. Eu voltei a falar com meu irmão 3 anos atrás. Porque ele foi pro Canadá e o chefe dele no Canadá era gay. O Canadá tem bandeira gay pra todos os lados. Até dentro da igreja tem bandeira gay. Ele até mandou uma foto pra minha mãe. Aí teve um impacto de que os viados são pessoas normais e que ele tem um irmão viado e que precisa apoiar porque o irmão dele vai ser morto no Brasil, que é o país que mais mata gays. Daí, com 20 anos eu entrei na faculdade morrendo de medo, claro, porque eu falei: "eu vou apanhar aqui também!". Mas aí eu cheguei lá na classe e tinha o viado de 50 anos, a lésbica de 40, tinha recém-adolescentes que tinham acabado de sair do colegial... Tinha tanta gente diferente, com outras cabeças que eu pensei: "Não é como a escola. Aqui é diferente". Daí eu não sofri preconceito. Às poucas vezes que eu sofri (preconceito) os meninos da classe, da faculdade, me defendiam: "não mexe com ele!" Eu era defendido. Aí foi outra coisa. Tipo: ninguém mexe com o Vinny aqui. E daí ninguém mexeu com o Vinny. E daí foi ótimo. Me formei. Daí, quando eu saí (do colegial) com 18 anos, eu fui trabalhar no McDonalds. Foi meu primeiro emprego. Foi o que eu fui atrás. Eu não precisava trabalhar na época mas eu falei, "eu preciso ter uma vida". E foi uma ótima experiência lá. Porque eu fui super aceito e era divertidíssimo. Eu desfilava no caixa; o pessoal zuava mesmo, mas eu não estava nem aí. Era maravilhoso. E daí eu fui levando a minha vida. Aí não sei...

— Eu tinha te perguntado sobre violências. E você me diz que não sofreu nenhuma na faculdade mas e na rua? Te xingam? Mexem contigo?

— Muito. Não tinha esse problema na faculdade. No trabalho também não tinha. Mas na rua sempre teve. Tem até hoje. Quando meu cabelo foi crescendo e eu fui ficando mais feminino; então tem muito. Eu ouço, dia sim, dia não, alguém na rua, o moto boy que grita: Viado! Viado tem que morrer! Gente que abaixa o vidro do carro para falar comigo. E grita. E assobia. E é sempre pejorativo.

— Você veio aqui me encontrar e você veio de metrô? Olharam? Você sentiu os olhares?

— Então, hoje não. Hoje nenhuma coisa que seja ofensiva. Mas os olhares sempre têm. Eu sempre chamo atenção. Pela minha figura, eu sou alto, eu sou grande, o cabelo; são coisas que eu ponho em mim que chamam atenção.

— Mas você não tem problema em vestir coisas que chamam a atenção?

— Não. Não tenho problema nenhum.

— Na verdade, não são coisas que chamam tanta a atenção mas são coisas ditas femininas num corpo masculino. E por isso... Não?

— É. A pessoa olha e dá uma buggada. Ela dá uma olhada; primeiro toma um choque porque eu tenho barba, o cabelo (muito comprido); é muita coisa. Pode-se ler como um roqueiro, mas aí ela começa a te olhar; aí ela te mede e ela vê o tênis de bolinha, a pulseira e o anel de Svarovski, florzinhas na blusa; aí: "acho que ele é viado". A pessoa vai entendendo os códigos. "Acho que ele não é roqueiro. Acho que ele é viado". Aí eu sinto esse olhar. Das mulheres é mais um olhar de admiração. Porque sempre falam: "seu cabelo é lindo! Sua unha é linda". Uma cutuca a outra. Eu vejo mas eu fico fazendo a discreta. "Olha a unha dele. Olha a pulseira dele. Olha o cabelo dele." Mas os homens ficam em choque. Eles se incomodam mais; heteros ou gays não aceitam isso. Eles se incomodam muito.

— E qual a tua resposta? Você disse: "o motoqueiro passa e grita; um cara abre a janela do carro e grita". Você chega a responder? Você ignora? Qual a tua reação em geral?

— A maioria das vezes eu ignoro. Porque eu acho que é uma energia que eu não mereço. Mas às vezes, você não está bem e uma pessoa mexe com você, aí eu xingo também. Mas eu tenho aquele milésimo de segundo pra saber se a pessoa não está sozinha. Se são três motoqueiros mexendo comigo, eu não vou mexer porque eles vão me matar. Teve um motoqueiro que me xingou e eu xinguei também. A gente fala coisas que a gente nem deveria falar. De cunho preconceituoso até. Enfim, ação e reação. Não vou falar: seu bobo! A gente dá uma destruída. Em metrô, já teve casos na passarela. Eu descendo e a pessoa no sentido contrário e ela mexe comigo. Teve um cara que passou por mim e falou: "você está rebolando

demais"! E eu falei: "você está olhando pra minha bunda porquê?" E daí ele não teve reação. Aí ele rosnou, falou alguma coisa e eu virei, joguei o cabelo e saí andando. Rezando para ele não vir atrás de mim; pra me bater. Eu fui rápido e falei. Eu nem pensei se tinha mais alguém. Mas eu acho que o gay, que é como eu; ele sempre está no alerta. 24 horas. Eu sempre estou em alerta. Eu nunca estou tranquilo.

— Você sai sozinho?

— Saio muito sozinho.

— À noite?

— À noite não. Sempre de dia. Eu sempre estou com uma amiga ou saio com alguém. Por estar com alguém. Não por ter medo. Aqui, por exemplo, eu estou à vontade porque eu sei que aqui é um lugar que eu posso falar e tal. Mas eu sempre estou em alerta. Nesse momento, em que esse cara mexeu comigo eu dei essa resposta porque eu estava no metrô. Se eu gritar por alguém, algum segurança, tem uma câmera. Não estou numa rua fechada, sozinho, numa rua escura que não posso me defender. Eu acho que, como eu estava num ambiente, no metrô, aí eu dei essa resposta. Mas é direto isso. Eu sinto. Não tem uma semana que eu não passe sem ouvir alguma coisa. Um "viado", uma buzinação, um olhar.

— Tem fotos tuas no Instagram que você está de cabelo preso. Você sai de rabo de cavalo, por exemplo?

— Saio. De rabo de cavalo, trança de lado, coque alto. Mas coque alto eu viro hipster e as pessoas estão acostumadas. Com coque eu sou super bem recebido. Um coque e óculos, eu sou um Nerd. Se eu estiver com uma roupa que não tem nenhum detalhe feminino, eu passo ileso. Mas o rabo de cavalo ou uma trança já chamam mais a atenção.

— Você acabou de me dizer que um coque você se passa por um hipster. Em algum momento você veste coisas que não tem traços de feminilidade?

— Sim. Total. Eu tenho roupas tradicionais, para não falar normais e que não fazem nenhuma referência ao feminino. Eu tenho camiseta do homem aranha, da Marvel, do Homem de Ferro e tênis sem detalhes de bolinhas. Tênis preto. Eu tenho roupas normais; camisas xadrez.

— E você escolhe quando usar e onde usar? Quais você pode usar? Isso é pensado?

— Eu acho que não. Então, aqui hoje... Eu sabia que viria pra cá, que ia ficar pra cá então aqui é mais aceito esse tipo de roupa. Então eu pensei nessa roupa pra vir aqui hoje. Mas normalmente eu estou mais tradicional. Mas não qualquer coisa. Porque eu tenho alguma coisa de sentimental com essas roupas que me lembram o feminino. Para mim é uma coisa especial isso.

— Por que?

— Porque eu gosto. Eu ponho algumas peças quando eu vou para a Paulista; quando eu vou numa festa de alguma amiga, quando tem um monte de mulheres. Porque elas adoram minhas roupas. Eu não usaria essa camiseta pra ir lá na zona norte, pra ir no shopping center norte para comprar uma camiseta da Hering. Então, roupas que me lembro mais o feminino são as minhas roupas de sair, sabe? Eu escolho essas roupas para determinados momentos.

— Você tem 33 anos e usa essas roupas mais femininas. Você sente que garotos mais jovens te olham e se sentem encorajados. Você acredita que encoraje outros meninos gays? Ou você nem pensa nisso?

— Eu acho que sim. Eu tenho amizades que vieram por outros amigos. Pessoas que me seguem. Os gays de 18, 19, 20 anos que adoram a minha imagem. Me seguem. Falam que eu sou uma diva. Eu sou maravilhosa. E que adoram ver meu Insta. Então eu acho que de alguma forma quando eu ponho uma saia e uma camiseta escrito "bem gay" – da Renner; uma referência a esse mundo gay mais livre e colorido. Eu compro essas coisas porque eu acho o máximo e eu acho que é meio luta. Eu gosto de usar e daí as pessoas, no meu Instagram pelo menos, tem essa relação super legal. "Está lindo! Está maravilhoso! Nossa, que divônica!" São coisas que eles gostam de usar. Perguntam: "Onde você comprou sua roupa? Onde você comprou essa saia?" Eu estava num casamento de uma super amiga coreana de uma família tradicional e ela falou: "vá do jeito que você quiser". Eu perguntei: "eu posso ir de qualquer jeito?" Ela disse: "eu te conheço e você não vai de qualquer jeito. Pode ir e ficar tranquilo". "Se você quiser que eu vá de terno social eu vou". Mas ela falou: "fique à vontade". E daí eu fui de camisa gravata, blazer, saia e um sapato social. E foi um choque porque a família dela inteira amou. As pessoas vinham falar comigo no casamento: "Eu preciso falar com você e dizer que você está lindo!" Todo mundo veio falar comigo. Eu não senti preconceito de maneira nenhuma. Foi ótimo. Teve uma convidada, que não me conhecia, e que me mandou uma mensagem falando uma coisa super legal: "é bom que pessoas de outra geração vejam você. Pessoas assim têm que ser vistas. Você precisa mudar o olhar". Eu já entendi alguns gays, alguns deles até amigos meus que eu já me afastei... É muito legal ter o Vinny pra amigo. Vinny é muito divertido, maravilhoso, ele arrasa. Pra ir num jantar no restaurante ou num café, mas nunca me convidaram pra ir na The Week juntos. Entendeu? Porque eles são heteronormativos, todo sem camisa, gostosos, maravilhosos e eu vou chegar com meu cabelo batendo lá e uma camiseta de brilho e daí eu vou desfocar do grupo.

— Engraçado porque esses gays heteronormativos veneram as divas. Que é a representação máxima do feminino.

— Sim! Eu acho muito hipocrisia... Eu já fui na The Week com outros amigos e outras amigas, então, eles são os machos lá, andando como o Ken; maravilhosos, mas toca uma Madonna, eles ficam mais viado do que eu! Se jogam no chão! Eu falo: "eu sou viada e não estou fazendo isso!" Então qual que é? Você pode ser o mais viado do mundo mas a carcaça não pode ser. Se eu fosse um heteronormativo por fora mas eu desse piruetas no meio da pista ninguém ia ligar. Porque eu ia ser o machão abrindo espacate, de tatuagem e forte e maravilhoso. Aí o cara fala: "ele é divertido, mas ele é gostoso. Eu vou pegar ele". Agora, chega eu, viadíssimo, aí não pode. Porque se eu for visto com o Vinny eu vou ser da viadice também. É muito louco esse mundo. Eu tinha uns amigos que moravam na Rego Freitas. Rua de travestis. Que são maravilhosas. Eu passava lá, elas mexiam comigo. Uma vez eu estava olhando pra uma delas e ela veio gritando: "está me olhando por que?" Eu falei: "meu, seu salto é maravilhoso, viado." Daí ela já desarmou. "Obrigada!" Aí eu falei: "posso falar com você?" "Você quer fazer programa?" "Me respeita! Eu não sou lésbica." Daí a gente brincou e aí eu fiz uma pergunta para algumas que se aproximaram: "como é que funciona?" Elas me falaram que elas são pagas para serem mais ativas do que passivas. Eu acho que os caras se sentem menos gays por estarem dando para uma mulher do que para um homem. Isso é muito louco. Mas o mesmo homem que tem preconceito comigo, que me xinga de viado, é o mesmo que dá pra travesti.

— Mas é que ele está saindo com uma mulher.

— É. Ele está transando com uma mulher. É, tem um monte de coisas. Quando eu preciso, porque a gente tem necessidades fisiológicas, pois eu estou precisando muito ter um contato sexual eu vou na sauna gay. É na Chilli Pepper e daí eu sempre consigo coisas lá. É na Santa Cecília.

— E aí?

— E lá dentro rola muito bem. Que também são esses caras que talvez teria um preconceito comigo na The Week, mas lá eles me pegam. Porque é um ambiente fechado. É o ambiente em meia luz e lá está todo mundo pra isso. É diferente de você estar nada The Week dançando com um cara super gostoso. "Olha, o que ela está com gostoso ali" é um cartão de visitas. É um troféu pra você. Na Chilli Pepper você não vai pra perder tempo. Você vai pra fazer o que tem que fazer. Que são exatamente esses caras que tem preconceito comigo. Os mais heteronormativos, os fortes, os sarados.

— Na sauna você fica com os heteronormativos?

— Sim. Eu fico com os heteronormativos. Já fiquei com um cara que eu nem acreditei até! Era daquele padrão de você falar "meu deus!". Gostoso, lindo, peludo. Esse novo homem que é o ursão-gostoso que todo mundo quer. Eu tava lá, ele chegou próximo de mim e a gente ficou. Num momento, eu olhava pra ele falava: "gente, como assim?" Sabe quando você não acredita?

— E esses caras que procuram você, mesmo a meia luz, eles sacam o cabelo, o trejeito porque vocês têm algum contato...

— Sim. Tem algum contato, em algum momento eu faço algum gesto com a mão e tem a voz ou faço alguma gíria e ele sacam.

— Sim, ele sacam. Necessariamente eles querem ser ativos ou eles querem ser passivos?

— Eles são ativos. Sempre. Porque é uma condição minha de sempre ser passivo, mas isso é perguntado ou é automaticamente entendido e vai rolar. E se algum momento isso não é entendido e eu percebo...

— Sim; porque pode acontecer do cara querer o contrário?

— Sim. Já aconteceu.

— E daí?

— E daí que eu tive que falar! Não é bem assim. Mas não rola; infelizmente não é uma questão de ser alto ou baixo; gordo... Eu não consigo fazer. E daí é entendido; e aí tem momentos que a gente da risada. Se beija. Fica se beijando por 2 horas; tem várias pegações mas não vai pro match porque não encaixa. Porque os dois querem a mesma coisa. Daí faz sabão, né? (Risos) Bunda com bunda faz sabão! (Risos) E daí a gente não continua mas é interessante principalmente quando às vezes tem festa de ursos na Chilli Pepper.

— Você deve fazer sucesso entre os ursos.

— Então, nestas festas é quando me dou mais bem. Porque eu mantenho o peito peludo e tal. Eu sou peludo. O braço, o peito, então eu deixo aparado. Mas um dia eu fui e falei, "tá (peludo) demais". Peguei super! O cara chega no teu peito e adora. Porque aí eu acho que é outra coisa de masculinidade que ele entende. É um traço. E eles continuam mesmo... Eu sempre estou de coque lá. De coque ou cabelo preso. Porque não dá pra deixar solto. É suor, é a sauna... Então não dá. E também porque eu cuido do meu cabelo. Vai desgrenhar inteiro. Tem a parte feminina que eu tenho que manter o meu cabelo bonito! Eu já passei um creme no cabelo que é pra ficar meia hora na sauna hidratando e depois a gente vai piriguetar. E fica lá no vapor, maravilhoso; o cabelo fica sedosíssimo e daí a gente faz o coque e vai piriguetar. Porque a gente também cuida na hora da piriguetação. Mas tem caras que gostam do cabelo preso, e eu consigo manter ele preso enquanto eu estou lá e já teve caras que falaram, "solta esse cabelo que eu quero te ver de cabelo solto". E acha lindo, pega, puxa e daí é uma outra coisa.

— Mas você deve ter encontrado, repetidamente, o mesmo cara que você pegou na sauna?

— Já. Raramente, mas já encontrei. E fiquei de novo.

— Mas nunca daria uma proposta...

— Não. Nunca dali... Foi ótimo. Beijo ótimo. Um bom sexo. Maravilhoso. A conversa foi incrível. Porque normalmente eu converso com as pessoas que eu estou transando. Não é: "obrigado." Gozou e vai embora. "Vamos para o próximo. Próximo!" Bruna, surfistinha. Lá é parede vermelha, bem "Bruna, surfistinha" mesmo. Você chega lá, conversa, faz tudo, fala da vida. Uma conversa tipo (conversa) de café. Enquanto estão os dois nus numa banheira, mas daí não tem: "passa seu Whats? Vamos nos ver de novo?"

— Nunca teve?

— Nunca teve.

— Louco. Porque se o sexo foi muito bom. A conversa foi boa. O sexo foi bom. Você imagina...

— Acho que esse cara vai me ligar de novo. Mas daí nã; não sei. Acho que em algum momento ele percebeu e, porque a gente percebe numa conversa se está rolando ou não, mas eu acho que ele pensa: "lá fora a realidade vai ser outra. Lá fora eu não sei como ele se veste, eu não sei como ele se comporta, eu não sei como é o cabelo dele, se ele deixa o cabelo solto, se ele faz trança." Não sei se passa essa insegurança. Deve passar porque nunca teve esse convite de nos encontrarmos lá fora. Pode ser o medo dele ter pego alguém dentro da sauna, mas ele não quer pegar um viado lá fora. Para pegar o Vinny na sauna e ficar 6 horas com ele lá dentro é maravilhoso, mas será que eu tomo café com ele na Paulista? Vou ter coragem de ser visto com ele? E se um amigo do trabalho aparece? Eu não sei.

— Você acha que algum momento isso vai mudar? Você se vê, se enxerga com alguém? Você se imagina com alguém?

— Eu me imagino, mas é algo como um "dia ganharei na Megasena". Eu não acredito que isso seja real.

— O que? Você não acredita na possibilidade de ter um relacionamento? É isso?

— Eu acho que não. Não sei. Eu fico muito preocupado com isso. Porque todo mundo me pergunta: "você já namorou? Você já namorou, né? Como assim você nunca namorou com 33 anos?" Eles falam: "eu estou com 19 e já tive 10 namorados!" Nunca teve um cara que disse, "eu quero namorar com você". Nunca teve isso. E daí eu fico preocupado com isso. Eu já ouvi coisas até da minha mãe.

— Sua mãe agora te trata numa boa?

— Foi só um ano que a gente ficou nesse buraco negro de não entender o que estava acontecendo. Mas depois a gente se situou. Hoje nós somos super amigos. Ela já foi comprar salto comigo. Ela sabe da minha vida sexual. Tipo: "filho, você vai onde hoje?" "Mãe eu tenho que sair. Mãe, eu vou na sauna!" "Posso dar uma?" Aí ela falou: "ah, entendi". Aí acabou assunto. "Quando você chegar em casa você me avisa?" "Ta bom, mãe. Quando chegar em casa eu te aviso". Então a gente é super livre nisso, mas já teve conversas sobre esse negócio de ficar desempregado e tal. Algumas vezes sobre não dar certo na moda não dá certo em alguma coisa... de um dia ela me falar: "Será que se você fosse menos viado, você não continuaria no trabalho?" Eu falo: "mãe, essa pressão você não pode jogar em cima de mim. Não é culpa minha". Já teve essa pressão também de: "filho, você queria ter uma família?" Todo mundo quer, eu acho. Casar, ter uma família, alguma coisa... Eu falei: "queria". Ela falou: "então, você sendo viado assim você não vai conseguir". Eu falo: "mãe..." ela fala: "se você fosse um advogado, um médico, um empresário, um arquiteto e cortasse o cabelo, não tivesse essa barba, não usasse essas pulseiras, não pintasse a unha"; e daí tem uma lista de 50 itens. E aí eu falo: "Han? Eu sou cobrado na comunidade LGBT, fora da comunidade LGBT, e agora eu sou cobrado dentro de casa?" Ela falou: "não. Eu, mais do que ninguém, sou sua mãe, te amo, e quero que você tenha um marido e tenha o que você quiser ter". Eu falei: "eu também quero ter tudo que eu quero ter! Só que não depende de mim". Tipo, eu não vou cortar meu cabelo, não vou tirar minha barba, não vou aparar a barba e deixar a barba mais hétero porque eu não sei deixar a barba mais hétero, não vou deixar de cuidar da minha unha, do meu pé, de fazer depilação, de cuidar da minha higiene pessoal do que jeito que eu decido cuidar... me maquiar porque eu tenho rosácea, tenho a cara toda vermelha; então eu não vou deixar de me maquiar porque quem se maquia é viado. Eu tenho um problema de pele. A rosácea. Com rinite ainda. Que me deixa todo vermelho. Eu não vou sair no meio da rua assim, porque antes quando saía me perguntavam: "você está gripado?" Eu era parado a cada cinco minutos! Isso irrita você. Pessoas perguntando: "você está bem? Você está gripado?" "Não! Eu tenho rosácea. Eu tenho rinite." Tem que contar toda uma história. Eu falei: "olha! Maquiagem. Vamos usar?" Eu decidi com uns 20 e poucos anos, usar maquiagem para evitar perguntas que eu não estou a fim de responder. As pessoas me paravam na rua, porque eu fico muito vermelho. Óbvio, porque se eu estou atacado (da rinite e da rosácea) eu fico mais vermelho do que essa planta. (Risos) É um monte de coisas que eu sou cobrado, que eu acho que é muito peso pra mim. É muita pressão. A minha mãe me pressiona: "porque você não vira mais homem? Talvez você consiga arranjar um marido e morar num apartamento no Jardins e viajar para Nova Iorque uma vez por ano", sabe?

— Usando a frase da sua mãe, não exatamente com essas palavras, mas se ela diz que se "você fosse

menos viado, seria mais fácil"?

— Sim. Para ela sim.

— E pra você?

— Pra mim não. Seria fácil. Eu tenho certeza que se eu fosse heteronormativo... Porque eu tenho amigos que adoram ser machões. Eu não sou macho, eu não quero ser. Não que eu tivesse que fazer o papel, mas se eu realmente fosse heteronormativo, e fizesse Direito ou qualquer outra coisa, eu acho que talvez tivesse uma carreira, um emprego, um cargo. Eu seria alguém que todo mundo sabe que é gay mas é mais discreto. Aquele da novela. Sabe? O médico, o diretor da empresa... Eu acho que pra ela seria mais fácil. Para ela aceitar e para mim também seria mais fácil como vida. Eu acho. Talvez eu tivesse mais relacionamentos com mais homens ou eu acharia um cara super legal, estaria com ele há 10 anos; casado. Não sei. Só que a configuração que eu fui me sentindo confortável é essa! E eu sei tudo que eu carrego por ser essa configuração. Eu mais do que ninguém sei o quanto é difícil. Sei muito bem o que é ser olhado de forma preconceituosa de todos os lados.

— Mas, ao mesmo tempo, adorado por uma outra parte da comunidade?

— Sim! Adorado por uma parte da comunidade; adorado por pessoas incríveis que são minhas amigas héteros e os maridos, e os namorados que também adoram. E assim, eu tive um casamento em março, onde eu fui padrinho e, o noivo, na festa, teve um momento que falou pra mim: "eu te chamei pra ser padrinho com muito carinho e você mudou a minha visão do que é ser um gay. Conviver com você mudou a minha ideia do que é ser uma pessoa gay". Ele é muito hétero padrão. E, ouvir isso no casamento dele, sendo padrinho de casamento dele, foi muito especial pra mim. Então, tem uma parte que me dá muito apoio, embora eu sofra muito preconceito; muitas coisas que eu não me sinto confortável; é bom ter essas pessoas que me apoiam, sabe? Mas eu sei o peso que eu carrego por ser quem eu sou. Amigas que são próximas, quando eu posto uma foto, dizem: "nossa Vinny, você é muito corajoso por usar uma saia!" Mas gente, eu vou para um lugar de Uber. Eu vou de táxi. Não vou usar uma saia no metrô. Mas se eu quero sair, eu vou sair, eu gosto disso eu seguro isso. E pra mim é tipo luta mesmo! No desfile que eu estava lá de trança, com uma camiseta escrito "bem gay", de saia, as pessoas me paravam. "Você está maravilhoso! Parabéns!" Num desfile de moda, onde todo mundo se monta e todo mundo está maravilhoso! Eu estava com uma camiseta da Renner. Entendeu? Mas eu estava segurando.

— Eu estou querendo entender o que que é heteronormativo pra você? Porque tem um espectro de masculinidade também. Porque tem uns exemplos de muito machões, que imagino que seja o exemplo que você me deu sobre o cara da sauna que fica entre o urso e o forte, mas a gente tem variações.

— Como o Helden, o modelo, ele é heteronormativo, mas o heteronormativo de boa. Mas eu também acho você um heteronormativo. O seu padrão, o cabelo, a barba, homem grisalho e tal. Você tem um padrão heteronormativo. Mas é tranquilo.

— Tem um cara do programa da Netflix, do Queer eye for a Straight guy, Jonathan Van Ness. Vocês são muito parecidos. Essa coisa do cabelo longo... Você me falou que as pessoas acham interessante sair com você pra se divertirem, mas pra casar, não. Isso me remeteu a imagem dele, do apresentador, todos o adoram, o grupo o adora...

— Ele é a diva do programa. Todo mundo o venera. Mas quem pega ele?

— Então, ele é o mais lindo, ele é o mais maravilhoso ele usa roupas incríveis, ele é a diva nas festas, ele arrasa com aquele cabelo. Ele é a personificação da palavra. Tipo eu! A gente é a Beyoncé dos lugares mas ninguém pega a gente. E daí você fala: "porque?" Eu acho, no caso dele eu não sei, quem sabe um dia não sejamos amigos! (Risos) A gente faz um vídeo com cabelo voando; porque eu adoro os vídeos dele com cabelo voando! (Risos) Então, isso tudo é legal, mas e daí? A gente precisa dormir com alguém, a gente precisa abraçar alguém, a gente precisa beijar alguém, a gente precisa transar com alguém, a gente precisa ter amor por alguém. As pessoas só querem isso; que você seja a diva da festa. Eu sei que eu sou. Eu sei o que eu causei numa festa. As pessoas me esperam. Eu tenho amigas que fazem festa de aniversário, casamento e já tem 100 pessoas e elas: "cadê você?" Eu falo: "gente, tem quantas pessoas na festa? Cem? Então aproveita essas cem! Me deixa viver!" E aí quando eu chego parece que eu sou a aniversariante. É maravilhoso? É maravilhoso, mas e daí? Cadê a pessoa que vem me paquerar? Que fala: "vamos trocar WhatsApp?" Cadê alguém falando: "você é lindo; eu quero pegar você?" Não tem isso. Todo mundo ama essa coisa feminina que está entre a drag, o gay efeminado, a poc - eu adoro essa palavra, POC! Amo! Amo isso! É legal porque foi ressignificada, porque antes era um xingamento como viado, poc-poc, e é maravilhoso - mas ninguém quer estar com a gente. Querem estar com a gente mas de uma outra forma. Mas a forma que a gente precisa que as pessoas queiram estar com a gente também não é feito isso.

— Eu te joga a mesma pergunta. Você pegaria um cara efeminado?

— Eu pegaria. Não só um cara como o Jonathan Van Ness. Um cara como você?

— Sim. Na verdade já fiquei com um afeminado numa balada.

— E?

— Foi ótimo! Mas os dois eram passivos e a gente ria. Eu não sei, mas eu não fecho a porta. Tipo, "o viado do aplicativo eu não quero". Eu não faço isso. Tem um cara que é extremamente maravilhoso. Ele é um cantor de heavy metal no Japão. Só que ele usa roupa de universitária japonesa. Ele se chama Lady Baby, eu acho. Ele faz muito sucesso. Ele é a Beyoncé do Japão. Vou te mostrar aqui. Eu casaria com ele. Ele é assim. (mostra a foto no celular) Você pergunta: "você pega esse homem?" Eu pego super! É claro, ele tem um corpo incrível, a gente dá uma buggada porque a gente vai pesquisar se tem uma foto sem camisa! (Risos) porque eu sou viado e viado desse nível! (Risos) Ele é peludo, ele tem o peito todo peludo, ele é super gato e ele só se veste de mulher. Ele é incrível. Ele é super feminino. Ele é gato pra caralho. Então, eu já peguei um afeminado, não tanto quanto eu, na verdade era um menino esteticamente mais heteronormativo mas a gente conversou e eu vi que ele era afeminado mas era gato e vamos nos beijar, então vamos nos beijar. E foi ótimo.

— Você falou que o Jonathan Van Ness é a personificação do queer. O que é o Queer pra você? Você se diz queer? E por que?

— Sim. Você já viu o grupo de rap Queer chamado Quebrada Queer?

— Hum, não. Não sei. Eu conheço o Rico Dalasam.

— Eu já fiquei com o Rico Dalasam, ele foi o primeiro rapper gay a se assumir; ele tem uma pegada do feminino, ele usa roupas femininas, passa batom. A gente já ficou. Foi incrível. Por questões de agenda a gente não conseguiu ficar junto. Porque é muita loucura. Muita fama. Eu estava em outro momento. Eu estava na polícia. Não dava. Mas somos amigos até hoje. E tem então a Quebrada Queer, você já viu? Eles são incríveis.

— Ah! Já vi, sim. É um grupo jovem?

— Jovem. Eles são maravilhosos. As letras são incríveis. É muita luta. É muita representatividade que é o que a gente precisa. Eu acho que eu sou Queer porque o Queer é isso também; como um homem que não é a travesti; porque as pessoas não entendem, mas vão entender um dia; que é um homem feminino que gosta de usar um salto ou usar um tênis diferente. Usar um Glitter, passar batom. É ser homem e ser feminino ao mesmo tempo. Não é ser mulher que é diferente da travesti. E nem ser um homem padrão. Está bem longe disso, na verdade. Pra mim ser Queer é muita luta. Pra usar uma roupa colorida, um paetê, ao meio-dia, uma camiseta de paetê na Paulista. Por mais que pareça ser um lugar mais friendly, isso choca as pessoas. A lâmpadada foi na Paulista, não foi na zona leste, não foi na zona norte, não foi no centro, foi na Paulista. Que é o lugar mais friendly e onde ocorrem todas as paradas gays. Sempre que eu posso, de forma pensada, porque eu tenho que prezar pela minha vida, eu uso uma roupa mais diferente, que seja fora do padrão, um brilho, alguma coisa assim porque isso me faz bem. Para a mulher, fazer uma escova faz com que ela se sinta poderosa, pra mim, poder usar uma camiseta de margaridinhas me deixa feliz. Embora seja uma coisa masculina, desenhado para homens. Da coleção do Pharrell (Williams). E Pharrell usa coisas femininas. Usa Chanel feminino. Mas ele segura aquilo e ele é hetero. Diferentemente do Brasil, quando eu fui pra Europa; eu fui num cabaré de homens que vestem roupas femininas. E lá, eu pensava, já que é pra ser (viado) vamos ser. Eu andava de salto de dia no metrô na Champs-Élysées. As pessoas cagavam pra mim. Em Londres, eu fui no Crazy Horse e foi o dia que eu fui mais viado da minha vida! Eu estava no metrô de saia, meia arrastão, uma bolsa de veludo que uma amiga me deu, bem viado. Sentou um senhorzinho, abriu o jornal do meu lado e cagou para mim! Aqui, eu seria morto. Olha essa foto. (mostra foto) Eu estava lá na primeira fila. E eu tirei foto com todos eles. Olha esse homem de barba com uma hot pant. Maravilhoso.

— Ah, que legal. Que ótima foto. Aliás eu vou pegar fotos tuas do Insta. Posso?

— Pode. Fica à vontade.

— Então, eles rodam Europa fazendo esse show. E é um show tipo Cirque de Soleil. Depois você pode olhar o meu Instagram. Fica à vontade no meu Instagram. Eu encontrei com eles e eles me amaram. E eu sai assim no meio da rua. Não peguei um táxi. Sai do hotel, peguei metrô e fui andando. Era em frente a Londo Eye. Isso pra mim é muito poder. Porque aqui a gente tem medo e a gente foge do preconceito. Lá, eu procurava. Eu andava assim, e eu pensava: "porque ninguém me olha? Porque ninguém me olha torto? Porque ninguém mexe comigo?" E como eu fiquei um mês, depois de um tempo fui entendendo, as pessoas cagam. As pessoas cuidam das suas vidas. Isso é tão maravilhoso. Poder andar sem medo. Andar sem medo para mim foi um choque. "Como assim eu posso andar de salto nos lugares e ninguém vai tentar me agredir?" Foi uma libertação pra mim. Porque eu não incomodava. Eu não me sentia com medo. "Porque não mexam comigo?" E quando mexiam, em geral eram mulheres que gritavam: "está maravilhoso!" Eu não senti preconceito. Tem casos de homofobia na Europa como em qualquer lugar do mundo, mas eu particularmente não senti isso.

— Contradiz aquilo que você falou, que aqui você teria que estar alerta.

— Sim, tudo que eu sou aqui eu não fui lá. Eu não precisei ser. Eu procurei mais ainda. Vou usar saia. Vou comprar pão com saia. As pessoas não olhavam para mim. Em Londres, eu estava todo perdido, de bolsa, cheio de sacolas e não conseguia encontrar moeda pra ir no banheiro. Um cara me deu uma moeda

pra poder ir no banheiro porque eu não estava achando. Ele foi gentil. Aqui fariam: olha esse viado! Uma louca causando no banheiro.

— Então foi muito importante porque você voltou fortalecido?

— Eu voltei muito fortalecido. Minha mãe falava: "aqui não é Europa, filho! Espera aí! Calma aí!" Eu sei que não é; mas eu faço isso dentro do que eu posso. Mas eu me imponho. Se tem um evento eu vou ser o cara feminino do evento; eu vou ser o cara que está lá de salto; eu vou representar esse pessoal aí. Como a gente sofre muito preconceito principalmente dentro da comunidade a gente tem que se impor. Então, ser um viado gostoso, bonito, heteronormativo, com tatuagem, com um braço enorme é fácil. Na SmartFit você encontra milhões. Agora, você ser gay, viado, que bate o cabelo comprido, no salto 15 e que segura esse salto 15 a noite inteira é diferente.

— Você tem fotos na academia e você está de cabelo solto.

— Soltíssimo. E lá é super tranquilo. Tinha uns caras que olhavam sim, mas caguei. Lá me sentia protegido pra ser o que eu queria ser. Eu ia fazer aula de glúteos no meio das 15 meninas. E eu, nem aí. Mandava a menina da recepção aumentar quando tocava uma Britneyzinha. A gente fazia uma coreô lá com as meninas e foda-se! Os caras não gostavam, mas eu estou pagando academia tanto quanto vocês. Eu não estou te atrapalhando. Você pega seu peso aí e fica quieto. Fica na sua. Eu não tirava espaço de ninguém. Então eles tinham que me respeitar. Mas eu estava lá de cabelo solto. Uma época que eu corria na academia. De cabelo solto na esteira. Eu fazia trança e corria de trança. De legging. Nada de calça de tãtel. Eu uso o shorts da Carla Pérez mas não uso shorts de tãtel. (Risos) Eu ia de legging mas eu também usava um camiseta para evitar. Para não falarem que o viado tava querendo mostrar a bunda. Eu tento fazer as coisas para não dar margem para que alguém fale alguma coisa. Agora no dia que eu saio de saia, um cropped, uma saia alta, se falam: ele está com uma saia e ele quer mostrar. Eu estou mesmo. Eu saio de casa para isso. Dentro do que eu posso, eu tento evitar coisas e tal e saber onde eu vou. Eu tenho um amigo gay heteronormativo que mora em Recife e ele fala que lá é uma coisa bem difícil. Ainda bem que não moro lá porque eu teria que ser bem discreto. Nas festas, beleza, mas aí eu poderia ser o Vinicius só lá. Mas, essa é loucura da minha vida.

— Eu adorei.

— Se você tiver mais perguntas, eu estou aqui.

— Eu te agradeço.